



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia

SOFIA GONÇALVES REPOLÊS

**RECALCULANDO ROTAS: uma etnografia sobre trânsitos de corpos, afetos e sexualidades em vivências transmasculinas**

Belo Horizonte  
2017

SOFIA GONÇALVES REPOLÊS

**RECALCULANDO ROTAS: uma etnografia sobre trânsitos de corpos, afetos e sexualidades em vivências transmasculinas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Área de Concentração: Antropologia Social.

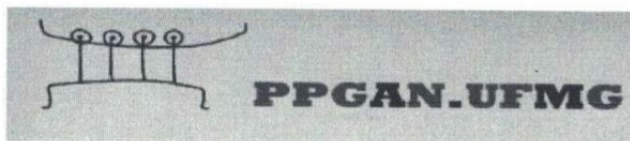
Linha de Pesquisa: Sistemas Simbólicos, Socialidades e Gênero.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Érica Renata de Souza

Belo Horizonte  
2017

306	Repolês, Sofia Gonçalves.
R425r	Recalculando rotas [manuscrito] : uma etnografia sobre
2017	trânsitos de corpos, afetos e sexualidades em vivências transmasculinas / Sofia Gonçalves Repolês. - 2017. 199 f. Orientadora: Érica Renata de Souza.
	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Inclui bibliografia.
	1. Antropologia - Teses. 2. Transexuais – Teses. 3. Identidade sexual – Teses. I. Souza, Érica Renata de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390



**ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ANTROPOLOGIA DE SOFIA GONÇALVES REPOLÊS (MATRÍCULA N.º 2015651106)**

Aos 24 (vinte e quatro) dias do mês de agosto de 2017 (dois mil e dezeseite), reuniu-se na sala de videoconferência do Departamento de História - F-4136 - 4º andar do prédio da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais a Comissão Examinadora, para julgar, em exame final, a Dissertação intitulada: ***“RECALCULANDO ROTAS: uma etnografia sobre trânsitos de corpos, afetos e sexualidades em vivências transmasculinas”***, requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Antropologia, Área de Concentração: Antropologia Social - Linha de Pesquisa: Sistemas Simbólicos, Socialidades e Gênero. A Comissão Examinadora foi composta pelos professores e doutores: **Érica Renata de Souza – Orientadora (PPGAN-FAFICH/UFMG); Leandro de Oliveira (PPGAN-FAFICH/UFMG); Erica Dumont Pena (Dept. de Enfermagem/UFMG) e Lino Alves Arruda (Doutorando/UFSC - videoconferência)**. Abrindo a sessão, a Presidenta da Comissão, Profa. Dra. Érica Renata de Souza após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à mestrande Sofia Gonçalves Repolês, para apresentação de sua Dissertação. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após a arguição dos examinadores, a Comissão se reuniu, sem a presença da mestrande e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Concluída a reunião, os membros da Comissão Examinadora aprovaram a Dissertação por unanimidade e o resultado foi comunicado publicamente a candidata pela Presidenta da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidenta encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 24 de agosto de 2017.

  
Profa. Dra. Erica Dumont Pena

  
Lino Alves Arruda  
(por quem assina a presidente da Comissão, Profa. Dra. Érica Renata de Souza)

  
Prof. Dr. Érica Renata de Souza (Orientador)

  
Prof. Dr. Leandro de Oliveira

Dedicado a todes nós que acreditamos nas  
potências dos afetos e das energias de  
resistências.  
Aos que nos dão forças e proteção nesse e em  
outros planos.  
Aos que se foram, mas seguem presentes em  
nós e em nossas trajetórias, e aos que virão.  
A todes vocês que me convidam todos os dias  
a sentir os sabores das reinvenções de  
corpos-sunetividades, das alianças, das  
alegrias e lutas compartilhadas.  
Agradeço pelo que criamos, pelas histórias que  
re-fazemos, re-contamos, e pelos caminhos  
que re-traçamos nessas estradas que tampouco  
sabemos onde vão dar. Pelas transformações,  
gargalhadas e lágrimas compartilhadas a cada  
dia neste cruzar de fronteiras sem fim.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Érica Renata de Souza, pela confiança em meu trabalho e na potência de corpo-mente dos experimentos realizados com dedicação e certas doses de rebeldia. Pela liberdade com que me presenteou e desafiou, possibilitando-me integrar as faces da autonomia, responsabilidade, criação e transgressão ao trabalho antropológico.

Seu suporte e sua orientação permitiram que os fios de curiosidade, teoria e experiência pudessem ser trançados pelas minhas - e tantas outras - mãos, dando origem a esse trabalho. Agradeço pela paciência com a errância de meu caminhar, e pela sabedoria partilhada com generosidade.

Agradeço pelo suporte, encorajamento amoroso, paciência abundante e pela excelência profissional de Ana Lúcia Mercês, fada madrinha e secretária do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFMG.

Às professoras e professores que fizeram parte dos meus caminhos pelo ensino formal, ao longo de toda a vida escolar e acadêmica. Em especial àqueles que gentilmente aceitaram participar das bancas de qualificação e de defesa desta dissertação. Agradeço pela leitura atenta, pelas contribuições e indagações que me estimulam a complexificar pensamento e prática no universo da pesquisa e produção de conhecimento.

À Capes, pelo financiamento que possibilitou a realização desta pesquisa.

Agradeço, com amor e respeito, a todos aqueles que me abriram as portas de suas vidas e me conduziram pelas rotas de suas trajetórias, partilhando narrativas, elaborações, conhecimentos, conflitos, invenções, receios, indagações, desejos e sonhos. Os interlocutores diretos e indiretos deste trabalho são coautores do mesmo e também de partes do meu caminho, que tornaram-se possíveis e imagináveis graças a cada um destes encontros. Com todos vocês aprendo constantemente sobre a preciosidade da errância rumo ao encontro de si mesmo, sobre a força da ação guiada pelo coração, e sobre como transmutar em força vital e motriz a vulnerabilidade que nos constitui.

Meu imenso carinho e gratidão à Bub, Lau, Nines e Pietro, por se lançarem nas estradas que ligam Porto Alegre (RS) à Itambé do Mato Dentro (MG), onde me encontraram nos últimos dias de escrita e revisão deste trabalho. Vocês me nutriram de afeto, conforto e comidas deliciosas preparadas com amor. Naquela zona autônoma temporária vivemos e criamos a potência alegre dos vínculos comunitários que nos unem e nos ajudam a redesenhar nossas rotas de fuga da Cisheterolândia. Agradeço pela leitura atenta e revisão destas páginas. Pelas prosas todas que tecemos a partir delas, preenchendo de sentido a realização de tudo isso. E também pela realização espontânea de *Sequência 1 - Sagrado ex-feminino*, nosso experimento audiovisual de transmutação e magia.

Aos meus companheiros e amigos de mestrado da turma de 2015 do Programa de pós-graduação em Antropologia Social da UFMG, em especial, Daniel Baptista, Giovanna Silva, Eduardo Costa, Lorena Oliveira - amiga de longa data e parceira de investigações de passado-presente-futuro, Pâmilla Vilas Boas, Ricardo de Oliveira, Tiago Nascimento, pelo apoio mútuo, pela singularidade e coragem de suas pesquisas, que não deixam fugir da Antropologia a responsabilidade política de seu fazer. Agradeço pelas instigantes trocas de tantas ordens, pelas partilhas cotidianas de saberes e afetos. À Paula Berbert por tudo isso e

pela irmandade e acolhimento incondicionais que me permitem lançar-me em novos mares com a segurança de contar sempre com o porto seguro de nosso vínculo.

Aos colegas e amigos do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (Nuh/UFMG); e aos companheiros e interlocutores da pesquisa Transexualidades e Saúde Pública no Brasil: entre a invisibilidade e a demanda por políticas públicas para homens trans. Com vocês iniciei meus caminhos de investigação acadêmica a respeito do universo das transmasculinidades.

Às minhas amigas e amigos, agradeço pela escuta, pelas leituras, pelo companheirismo, pelas trocas que movem corações e mundos, e pela partilha da vida em seus (des)caminhos: Gab Lamounier, Maya Quilolo, Marcos Martins, Júlia Elisa, Mohamed Azambuja, Juliana Bavuzo, Mariana Vasconcelos, Ziza Tatu, Kono Constanza, Barbara Aguilar, Júlia Diniz Piratinha, Isa Doro, Raul Capistrano, João Maria Kaisen, Rafaela Vasconcelos, Leo Tenório, Tiago Lopes, Van de Michelis, Laura Martello, Lizia Caetano, Duds Figueiredo, Gabby Hartemann, Jialu Pombo, Marina Murta, Jullie Utsch, Tom Nóbrega, Fernanda Fortes, Viviane Vergueiro. E tantos mais que fazem parte da afortunada constelação de amores amigues que habitam e nutrem, abundantemente, meu coração aquariano.

Aos meus amores amigues animais não humanos, generosas espécies companheiras de toda a vida, Frida, Titico, Antoninho, Lelekson, Tifson, Izi, Raposinha, Gatilene, Mião, mestres das emoções e amor genuínos.

Ao Pedro Pires, pelo acompanhamento terapêutico que me fortalece e contribui para uma jornada mais alegre de cultivo de mim mesmo e dos desejos de meu coração.

À Cami Macek, pela parceria e companheirismo no processo de revisão deste texto. Agradeço pela leitura cuidadosa, pelo manejo hábil e atencioso das palavras. Suas considerações e dedicação foram fundamentais para a composição e finalização destas páginas que entregamos ao mundo e seus leitores.

Aos meus pais, Denize Macêdo Gonçalves e Pedro Paulo Repolês, por abraçarem o desafio de gerar e cuidar, oferecendo-me sempre o melhor que podem e tão mais do que puderam acessar. Agradeço pelo amor e dedicação que possibilitaram minha existência e que são fundamentais aos meus caminhos e meu caminhar. Seus ensinamentos florescem em meu coração, e me acompanham em tudo que é tempo-espço.

Às minhas tias e primas que acompanham de perto minha jornada e as transformações de meu ser. Ao meu irmão, com quem aprendo e cresço através do exercício radical de compaixão e alteridade. À minha madrinha, Jussara Macêdo Gonçalves, pela presença amorosa ao longo de toda minha jornada.

Aos meus ancestrais e aos meus “transcestrais”.

Agradeço a Èsù e a todos os orixás pelos caminhos e ensinamentos constantes. Agradeço ao meu Orí, a meu pai Òsàlùfàn e minha mãe Oşun pela vida, pela companhia fortalecedora, pela guiança, cuidado e amor. À família de santo que me abriu as portas e os corações. Às plantas e todos os seres e forças da natureza, manifestações do divino que nos ajudam a seguir. Ao povo negro em diáspora, pela preservação e partilha generosa de seu conhecimento, sabedoria e tecnologia ancestral de cuidado, orientação e cura.

## RESUMO

Essa dissertação versa sobre trânsitos de corpos e afetos, que traçam (des)caminhos e compõem trajetórias de vida marcadas pela transidentificação com as masculinidades. Trata-se de um esforço em mapear possibilidades e estratégias de vivências e resistências transmasculinas, que dão origem a múltiplas corporalidades e formas de identificação de gênero em um mundo mediado e regulado pelas normatividades cisgênera e heterossexual. Nosso objetivo foi compreender, sempre parcialmente, como as transidentificações produzem efeitos em nossas relações conosco e nossos próprios corpos, assim como em relações sexuais e/ou afetivas, e em nossas práticas e desejos sexuais. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, assim como pesquisa de campo em eventos como encontros, rodas de conversa e outras atividades elaboradas por e para pessoas que vivenciam a transmasculinidade, entre 2015 e 2017. Os trânsitos de corporalidade, subjetividade e gênero de pesquisadore também são trazidos ao texto como elementos constituintes da pesquisa e concomitantemente constituídos por ela. Esses são apresentados através de elementos analíticos e reflexivos a respeito dos processos de transidentificação e dos afetos que se produziram em campo e nas relações com es interlocutores.

**Palavras-chave:** transmasculinidades, sexualidades, corporalidades, cisheteronormatividade, transidentificação



## ABSTRACT

This dissertation is about bodies and affections that go through ways and routes of life marked by transidentification with masculinities. It is an effort to map possibilities and strategies for transmasculine living and resisting, which give rise to multiples corporalities and gender identification in a world mediated for cisgender and heterosexual standarts. Our objective was to comprehend, always partially, how transidentification produces effects in our relations with ourselves and our bodies as well in sexual/affective relations and in our sexual practices and desires. For this, semi structured interviews were conducted, as well as fieldwork in events such as meetings, talkgroups and others activities done for and by people who experience transmasculinities, between 2015 and 2017. The researcher body transits, subjectivity and gender are also brought to the text as constituent elements of the research and concomitantly constituted by it. These presented here by means of analytics and reflexives elements about the processes of transidentification and affection that were produced in field and on the relations with the partners.

Key-words: transmasculinities, sexualities, corporalities, cisheteronormativity, transidentification

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>1 UMA INTRODUÇÃO ÀS DES/AVENTURAS EM SÉRIE NA CISHETEROLÂNDIA</b>	<b>19</b>
1.1 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE SEXUALIDADES E(M) EXPERIÊNCIAS DE TRANSMASCULINIDADE	22
1.2 ALGUNS CAMINHOS E CRUZAMENTOS ENTRE SUBJETIVIDADES SEXUAIS E IDENTIFICAÇÕES DE GÊNERO	26
1.3 CONCEITOS DE CISGENERIDADE E CISNORMATIVIDADE E SUA IMPORTÂNCIA PARA NOSSAS CONSTRUÇÕES CRÍTICAS DE ESTUDOS E TEORIAS TRANS	32
1.4 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O CAMPO E OS PROCESSOS DE AFETAR-SE	34
1.4.1 Descaminhos e conflitos nos fazeres antropológicos	41
<b>2 TRANSVIANDO CORPOS, GÊNEROS E SEXUALIDADES – NORMATIVIDADES EM JOGO</b>	<b>50</b>
2.1 DESNATURALIZANDO FICÇÕES DE GÊNERO	50
2.2 MULTIPLICIDADE DAS IDENTIFICAÇÕES E CORPORALIDADES TRANS	56
2.3 IDENTIFICAÇÕES DE GÊNERO	60
2.3.1 Sobre múltiplas e transitórias formas de identificar-se	60
2.3.2 Entre pólos binários de oposição: trans não-binário.	66
2.3.3 Trajetórias de identificação	69
2.3.4 Pensando fronteiras: lésbica – sapatão – trans	71
2.3.5 “Vamo, sapatão!” Sapatão como outro lugar de gênero	77
2.4 “MULHERIDADES ESTRATÉGICAS”: SOBRE AMBIGUIDADES E ACESSOS A PERFORMATIVIDADES E PASSABILIDADES FEMININAS ENTRE PESSOAS TRANSMASCULINAS.	86
2.5 NOSSOS CORPOS EM TRÂNSITOS – SOBRE TRANSIÇÕES E ALGUNS ASPECTOS DE NOSSAS RELAÇÕES COM NOSSOS CORPOS	88
2.6 NÓS E OS OUTROS – ALGUNS ASPECTOS SOCIAIS DA TRANSMASCULINIZAÇÃO	95
2.7 FEMININO E MASCULINO – NEGOCIAÇÕES COM CÓDIGOS E PERFORMATIVIDADES DE GÊNERO	102
<b>3 SEXUALIDADES TRANSMASCULINAS</b>	<b>110</b>
3.1 NOSSO CORPO, NOSSA MORADA	112
3.2 EXOTIZAÇÃO DOS CORPOS TRANS	114
3.3 ISOLAMENTO, SOLIDÃO E AUTOESTIMA	116
3.4 CORPO MARCADO – COMO NORMATIZAÇÕES DE GÊNERO ATRAVESSAM NOSSOS CORPOS	120
3.5 DESCONEXÃO E RECONEXÃO COM NOSSOS CORPOS – O QUE A SEXUALIDADE TEM A VER COM ISSO?	122
3.6 ATRAVESSAMENTOS SOCIAIS E DINÂMICAS RELACIONAIS	125
3.6.1 Consenso e consentimento sexuais – é preciso pensar e falar sobre limites	125
3.6.2 Estereótipos de gênero – correspondências e quebras de expectativas.	128
3.6.3 Relacionamentos sexuais e afetivos	132

3.7 IMPACTOS DOS TRÂNSITOS DE GÊNERO EM NOSSAS VIDAS SEXUAIS	141
3.8 PRÁTICAS SEXUAIS	148
3.8.1 Masturbação	162
3.9 IDENTIFICAÇÕES SEXUAIS	166
3.9.1 Notas sobre algumas possíveis configurações interesse sexual e relacionamentos	166
3.9.2 Por quem nos atraímos	169
3.10 Sexo Seguro	179
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>183</b>
<b>SOBRE VIVÊNCIAS, ALEGRIAS, REDES E AFETOS TRANSMASCULINES.</b>	<b>183</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>189</b>
<b>ANEXO I - REFLEXÕES SOBRE ASPECTOS POSITIVOS DA TRANSIDENTIFICAÇÃO.</b>	<b>192</b>
<b>ANEXO II – TABELA DE ENTREVISTADES</b>	<b>198</b>
<b>ANEXO III - FANZINES</b>	<b>199</b>

## INTRODUÇÃO

*Acho que a nossa conversa contigo pra mim foi muito foda, tem sido muito massa conversar sobre isso com alguém que tem uma vivência parecida (...) sessões terapêuticas mesmo de contar a vivência e saber que é foda, que tudo é foda, é muito foda, é pesado, são histórias pesadas mas ao mesmo tempo é muito bom assim, é tipo uma sensação de liberdade total (...) sei lá... de... de... sentir que é possível viver dessa forma, (...) é difícil mas ao mesmo tempo é muito massa, é muito bom (...) é lindo maravilhoso e se juntar com galeras que só fortalecem mesmo a gente, que são essas pessoas massa que a gente vai conhecendo na vida mesmo assim...tombando mesmo assim, esbarrando nos rolês.*

Rubens<sup>1</sup> - pessoa sapatrans não-binária

Quando comecei a me dedicar à pesquisa sobre as formas de identificação e construção das experiências de transmasculinidades, deparei-me com duas perspectivas bastante diferentes. Por um lado, discursos e produções, inclusive acadêmicas, e algumas delas antropológicas, sobre as trajetórias e experiências de pessoas a partir desse do recorte da vivência trans, feitas em sua maioria por pessoas cisgêneras<sup>2</sup>; por outro, os atravessamentos produzidos nas minhas relações com pessoas que experienciam essas vivências marcadas pela inconformidade de gênero, das quais compartilho a partir de meu próprio corpo<sup>3</sup>.

Muitas daquelas produções acadêmicas que em geral se propunham a pensar ou gerar material para elaboração de políticas públicas voltadas para LGBTQIA+ nos presenteiam com ricas contribuições para tais políticas, além de trazerem o aprofundamento dos debates a respeito das questões de gênero e sexualidade no Brasil. Entretanto, simultaneamente, geraram-me certo pesar, pois construíram narrativas focadas em sinalizar e destrinchar as dificuldades e problemas enfrentados por essas pessoas em seus contextos sociais e institucionais. A sensação que prevalecia ao fim de certas leituras, algo que compartilho com outros transmasculinos. interlocutores dessa dissertação, era de que as narrativas atribuíam às experiências trans a um espaço onde estariam fadadas a infortúnios, decepções, precariedades, frustrações, impossibilidades de acessos, negação de afetos, de amor, ausência de vínculos

---

<sup>1</sup> Transcrição direta de entrevista em campo; os nomes des entrevistades foram trocados de modo a preservar suas identidades e anonimato.

<sup>2</sup> Pessoas cisgêneras são aquelas que se identificam com o gênero que lhes foi compulsoriamente atribuído ao nascerem.

<sup>3</sup> Os lugares que habito/habitei, tanto desde minha corporalidade como minha identificação em termos de gênero também sofreram diversos processos de rearranjos e deslocamentos no decorrer da produção desse trabalho, assunto sobre o qual tratarei no decorrer do presente capítulo. Sendo assim, os “graus” de compartilhamento também foram se modificando.

comunitários etc., e de que a “transição de gênero” talvez trouxesse, quase exclusivamente, efeitos negativos para a vida das pessoas.

De fato, existe um sem-fim de desafios, dificuldades e abismos com os quais temos que lidar, não se trata tampouco de ignorar isso. Mas, por outro lado, as perspectivas que encontrei nas relações com as pessoas que vivenciam a experiência trans, e os materiais por elus<sup>4</sup> produzidos, traziam uma outra dimensão muito significativa, relativa aos aspectos e momentos de alegria, perseverança, conquistas, e ressignificação dos efeitos produzidos por intempéries habituais das vidas e existências em inconformidade com a cisheteronormatividade. A convivência e a troca com as pessoas transmasculinas me mostrava a *experiência dos trânsitos de gênero como uma possibilidade desejável* – inclusive para mim mesmo – onde em meio aos desafios da vida cotidiana na Cisheterolândia<sup>5</sup>, podemos encontrar meios de resistência, apoio mútuo, retomada e celebração de nossas vidas e nossos corpos.

Essa contraposição aos discursos sobre as dores, os sofrimentos e as dificuldades que cercam as nossas experiências como pessoas transgêneras e dissidentes de gênero – que muitas vezes se configuram como ponto central da discussão desde as novelas de TV a muitos grupos de estudos e grupos de trabalho em congressos e simpósios acadêmicos – me afetou fortemente. Esse atravessamento produziu em mim um desejo e questionamento sobre como elaborar um trabalho que tratasse de nossas vidas, de nossas possibilidades, das estratégias que criamos e acionamos para lidar com os desafios que as dinâmicas de poder colocados pela Cisheterolândia e dissesse, também, sobre nossas alegrias, nossos desejos, nossas estratégias de resistência e celebrações; que não tivesse como foco central os desprazeres e reverberações

---

<sup>4</sup> Para manter a linguagem em gênero neutro, optamos pela substituição do artigo de gênero pela vogal “e” e pelo uso do sistema Elu. Mais informações podem ser encontradas em Almeida, Gioni Caê. Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa. 2020.

Disponível em

[https://www.academia.edu/43853544/Manual\\_para\\_o\\_uso\\_da\\_linguagem\\_neutra\\_em\\_L%C3%ADngua\\_Portuguesa](https://www.academia.edu/43853544/Manual_para_o_uso_da_linguagem_neutra_em_L%C3%ADngua_Portuguesa)

<sup>5</sup> Cisheterolândia é uma categoria êmica, que formula uma imagem elaborada e acionada por pessoas que vivem em não-conformidade com as dinâmicas de produção e efeito das normas gênero e sexualidade, e que diz dessa territorialização de corpos, subjetividades e possibilidades de existência social. Essas, instituem uma relação de causalidade entre as atribuições de sexo, gênero e sexualidade, categorizados de maneira binária, pré-discursiva, fixa e mutuamente excludente, como masculinos ou femininos. Habitamos a Cisheterolândia, em suas dimensões simbólicas e materiais, desde lugares compostos também por diversos outros atravessamentos interseccionais que marcam nossos corpos e trajetórias de vida em sociedade. Vivencia-se, nesse território, constantes processos de reapropriação, subversão e/ou reafirmação, dos códigos que sustentam tais dinâmicas cisheteronormativas, também racistas, classistas, colonialistas, capacitistas, etc. Nesse contexto ocorrem processos de contínuo recriar das relações que temos com nós mesmos, nossos arredores e as dinâmicas socioculturalmente impostas, que exercem supervisões e interpelações permanentes em nossos corpos, nossas escolhas e criam mecanismos cerceadores de nossas possibilidades de autodeterminação e autonomia.

negativas de nossas recusas em seguir as normatividades de gênero que nos são impostas pelas dinâmicas de poder no CISTema<sup>6</sup> capitalista, colonial, militarizado, racista, heteronormativo, capacitista, gordofóbico, classista, patriarcal, que se materializam interseccionalmente, conforme as marcações sociais de diferença e hierarquização de corpos e vidas que nos atravessam.

Minha intenção foi produzir um texto que levasse em conta também um dos lugares que habito, como uma pessoa que passou a identificar-se como transgênero durante o processo de construção desse trabalho; um lugar transgressor da normatividade binária que me impôs, ao nascimento, a feminilidade como único caminho possível para meu corpo e subjetividade. Esse texto se coloca como uma cartografia, certamente incipiente, de algumas das potências, das estratégias de agenciamento de nossos corpos, nossas sexualidades e nossas autonomias em meio a CISTemas produtores de normas e leis opressoras, que tentam nos ceifar as possibilidades de vida e resumi-las a pressupostos de manuais diagnóstico de transtornos mentais.

Assim, busquei elaborar uma sistematização inicial que se propõe a sinalizar alguns dos caminhos pelos quais pessoas transmasculinas passamos ou podemos passar, trazendo a maior diversidade de perspectivas e leituras que me foi possível acessar, organizar e mobilizar para compor essa pesquisa durante seu período de realização. Não foi minha intenção, de forma alguma, produzir uma análise restritiva das experiências de transmasculinidades; pelo contrário, meu interesse foi de abrir portas e janelas com base nas possibilidades de experiências múltiplas que conheci durante o processo de pesquisa e produção desse texto. Certamente esse meu empreendimento apresenta várias falhas e lacunas, a começar por aquilo que minha corporalidade – atravessada por privilégios de branquitude, de magreza, de uma trajetória de escolaridade e acessos de classe média – produz em termos de deslocamentos sociais, interesses e possibilidades de análises. Isso certamente é algo que desejo aprimorar em oportunidades posteriores, a partir das reverberações produzidas pelo texto tal como se encontra no momento.

Também sabemos que as formas de se entender e identificar-se trans, assim como as vivências que surgem a partir daí, estão em constante produção, com movimentos de

---

<sup>6</sup> Adotarei ao longo de todo o texto algumas estratégias de subversão, ou insubordinação linguística, no sentido visibilizar e localizar certas dimensões da cisheteronormatividade no [c]istema sociocultural no qual estamos imersos e que legitima, institucionaliza e garante a manutenção da cisheteronormatividade através da qual se sustentam lógicas de controle e formatação dos corpos através de processos de violência que precarizam nossas vidas. Um recurso frequentemente utilizado por comunidades trans falantes do português é a substituição de vogais que atribuem gênero pela vogal “e”, em busca de promover um efeito de neutralidade de gênero na língua escrita e falada.

desconstrução e reconstrução, dando vida a um constante processo de cocriação de nós mesmas e de nossas vidas. As análises e leituras aqui presentes, tanto minhas como de outras, que participaram dessa pesquisa como interlocutores, trazem diferentes pontos de vista de nossas experiências trans. Muitas vezes, há passagens dolorosas de certos momentos de nossas trajetórias, leituras e sentimentos contraditórios sobre aspectos de nossas vivências trans, processos e temas ainda em disputa entre as comunidades, discussões em aberto etc. As experiências transmasculinas são muito mais diversas do que fui capaz de condensar nesse trabalho com os recursos que dispunha. Essa dissertação materializa o resultado final e, ao mesmo tempo, parcial de uma pesquisa que, possivelmente, seguirá se desenvolvendo por outros caminhos após o encerramento do meu curso de mestrado. Me coloco à disposição para receber comentários, críticas, contribuições, e de antemão agradeço àqueles que tenham a disposição de ler e conversar com as páginas que se seguem.

Desejo imensamente que surjam cada vez mais trabalhos, pesquisas, produções de memórias, de narrativas diversas, músicas, filmes, documentários etc., feitos por e para pessoas trans, como formas de irmos aos poucos preenchendo as lacunas geradas por séculos de políticas de extermínio socioculturais, epistêmicos e estatais de nossos corpos e de nossas formas de vida. E assim, subvertendo as políticas de autorização discursivas que dão manutenção a “privilégios epistêmicos da branquitude e da cisgeneridade de se comunicar e de estabelecer regimes de inteligibilidade, falabilidade e escuta política.” (MOMBAÇA, Jota Não vão nos matar agora, 2021). Isso não quer dizer que pessoas cisgênero não possam produzir pesquisas a respeito das experiências trans, mas sim que serão questionados, assim como temos visto acontecer no cenário brasileiro, ao isentar-se do exercício de escuta das vozes e teorizações trans e da localização de seus posicionamentos, de corpo e subjetividade, em meio aos [c]istemas de marcação social da diferença, de forma a alimentar um lugar de neutralidade das vozes hegemônicas.

Nossas histórias de vida vêm sendo negadas, assim como nossas possibilidades de contá-las, e essas produções dão vida e criam memórias de nossas existências e resistências na Cisheterolândia. Passa-se a elaborar epistemologias desde outros lugares, com estratégias narrativas outras, a partir de marcos diferentes daqueles que se produzem, por exemplo, pelos saberes biomédicos, que têm definido as interpretações de nossas experiências e que, conseqüentemente, orientam as normativas estatais que organizam boa parte de nossas possibilidades de acesso à saúde e a outros direitos básicos.

Falar de como vivemos, do que desejamos, das estratégias que encontramos e criamos para enfrentar os desafios que se colocam diante de nós e da busca de construção por laços

comunitários de apoio e resistência, pode nos ajudar tanto a entender e dar sentido ao passado e ao presente, como a projetar luzes sobre o que nos interessa para o futuro. Com esse trabalho, desejei esboçar uma cartografia de nossos trânsitos transviados, para podermos também localizar e refletir sobre aquilo que nos diferencia e aquilo que pode nos unir, se desejarmos criar certas pontes entre nossas múltiplas experiências. Também para que possamos encontrar registros de trajetórias e percepções de como se dão nossos caminhares no decorrer de nossas vidas, quando muitas vezes nos sentimos sozinhos ou demasiado perdidos nas trilhas da Cisheterolândia.

A linguagem utilizada ao decorrer desse texto buscou adequar-se de forma mais próxima possível aos recursos utilizados por diversas pessoas trans e outras corporalidades não normativas, que inclusive contribuíram com a construção desse trabalho, de modo a desestabilizar as normas de gênero e assim produzir outros efeitos a respeito das possibilidades de se materializar expressões de gênero através do discurso falado e escrito.

Esse é um trabalho feito por uma pessoa trans que, desde uma perspectiva e metodologia antropológicas, buscou realizar uma pesquisa sobre processos de identificação de gênero com o espectro do gênero masculino por pessoas que foram, ao nascer, biopoliticamente designadas como mulheres. Processo que chamo aqui de transidentificação com o (gênero) masculino, que produz uma série de masculinidades não cisgêneras. Essa pesquisa é, portanto, uma pesquisa feita por e entre pessoas trans e voltada, especialmente, para pessoas trans; além de demais leitores/as e pesquisadores/as que possam se interessar pelos temas aqui tratados. Por tal motivo, optei como estratégia narrativa, utilizar o pronome pessoal oblíquo na primeira pessoa do plural “nós” para referir-me ao coletivo de pessoas transmasculinas, no qual me incluo como pesquisador e um dos autores desse texto, que é composto também por transcrições de trechos de entrevistas com os interlocutores. Com os quais compartilho autoria das idéias e experiências, traduzidas em palavras, que compõem essa dissertação que teve como um de seus objetivos mapear os trânsitos e (des)construções de corpos, gêneros, sexualidades e afetos materializados às margens da cisheteronorma. Essa estratégia foi inspirada pelo livro *Trans bodies, trans selves. A resource for the transgender community*, de 2014, é um amplo estudo sobre diferentes âmbitos e questões relativos à população trans, organizado por Laura Erickson-Schroth, nos Estados Unidos. Trata-se de um estudo realizado por pesquisadores e pesquisadoras transgênero, a fim de promover educação e acesso a informações sobre as questões trans neste contexto. A interlocução com esta publicação teve também importância central no processo de elaboração de categorias para



organização e interpretação de dados obtidos a partir de entrevistas semi estruturadas e observações registradas em caderno de campo.

Desejo que esse trabalho sirva, portanto, como mais um espaço onde haja diálogo e acolhimento, em especial para pessoas trans, que por terem a força e coragem de serem quem são, tantas vezes experimentam o fechar de portas, de vínculos e de escutas para suas questões, desejos e sonhos. Que essa dissertação possa ainda servir como mais uma referência possível para pesquisadoras/es (trans e cis) e demais aliadas, interessadas em conhecer, indagar e complexificar narrativas, teorias e práticas (de cuidado, atenção à saúde, educação, de afeto e afetação, dentre tantas outras) em torno à riqueza e multiplicidade de experiências, de narrativas, de processos de subjetivação e materialização de (inúmeras) expressões e performatividades de gênero, sexualidade e desejo, que podemos corporificar e vivenciar a partir de nossos trânsitos e afetos.

Esse trabalho é, também, o resultado parcial de uma pesquisa etnográfica realizada entre os anos de 2015 e 2017, atravessada por múltiplos trânsitos e transições, tanto meus como de outros interlocutores que a compõem. Um de meus principais objetivos foi sinalizar multiplicidade de experiências trans, com as quais entrei em contato por muitas vias e afetos diferentes. Sobre os processos de interlocução que compõem essa pesquisa, esse talvez possa ser organizado em duas frentes. A primeira diz respeito a minha participação em eventos, encontros, rodas de conversa, palestras etc. a respeito de experiências trans, em especial das transmasculinidades. Foram diversos momentos em espaços coletivos de produção de reflexão sobre nossas experiências e trocas de ideias e informações; listo aqui alguns deles. Entre os dias 20 e 23 de fevereiro de 2015 participei do I Encontro Nacional de Homens Trans, ocorrido na cidade de São Paulo; a I Conferência Sexx Boxx, na mesma cidade, entre os dias 17 e 22 de novembro de 2015; uma roda de conversa sobre transmasculinidades, sexualidade e relacionamentos, também em São Paulo no dia 21 de agosto de 2016; uma roda de conversa sobre masculinidades não-cisgêneras, em Porto Alegre, em algum dia da primeira semana do mês de setembro de 2016; uma roda de conversa sobre transmasculinidades convocada autonomamente em Belo Horizonte, durante o II Congresso de Diversidade Sexual e de Gênero, na Faculdade de Direito e Ciências do Estado da UFMG; o encontro autônomo Suspirin Feminista ocorrido entre os dias 11 e 15 de novembro de 2016, na mesma cidade.

Além desses, houve também uma série de outras ocasiões corriqueiras e informais, durante as caronas nas beiras de rodovias, nas casas das amigas, em bares, festas, feiras, nas trocas de materiais (filmes, músicas, zines, textos, entrevistas, vídeos etc.) em que surgiam

discussões, análises e conversas sobre os temas abordados neste trabalho. Seria impossível mencionar exatamente quais e quando ocorreram todos esses processos de encontros e trocas, assim como os nomes ou a quantidade total de todos envolvidos. Muitos dos registros desses processos coletivos não possuem [essas] referências, pois em alguns casos eu não conhecia todas as pessoas presentes e, em outros, não me parecia necessário ou possível fazer esses registros em função do volume e da intensidade dos temas debatidos. Optei então, muitas vezes, por registrar trechos de falas quando possível, ou anotações posteriores com aquilo que mais me recordava junto a alguns comentários pessoais. Esses dados recolhidos ao longo de minha participação nessas ocasiões também são parte do material etnográfico, registrado em caderno de campo, considerado para a produção das reflexões desenvolvidas nos capítulos posteriores.

O outro recurso metodológico utilizado foi a elaboração de um roteiro semiestruturado, que passou por modificações ao longo desse processo, e realização de entrevistas com alguns dos interlocutores. Foram realizadas, ao todo, 11 entrevistas entre abril de 2016 e maio de 2017. Em função do pouco tempo disponível para o encerramento desta dissertação de mestrado, e de limitações e questões de ordem pessoal que surgiram ao longo desse percurso, lamentavelmente não tive possibilidade de transcrever e trabalhar todo esse material da forma que gostaria e havia planejado anteriormente. Sendo assim, foram transcritas integralmente somente sete destas, e uma foi parcialmente transcrita. Posteriormente à transcrição, realizei um processo detalhado de leitura e categorização analítica desse material através da plataforma online de análise de dados qualitativos *Dedoose*. Parte de outros registros obtidos em campo também foram categorizados e incorporados a essa base de dados. Por se tratar de uma proposta de entrevista longa e que abordou conteúdos muito densos e delicados, optei por convidar para participarem desse momento aqueles interlocutores com quem eu tinha mais proximidade e abertura. As entrevistas, muitas vezes, tornaram-se conversas em estilo “bate e volta”, em que eu fazia minhas perguntas que eram respondidas por interlocutores que também me questionavam, seja sobre o assunto sobre o qual havia perguntado antes ou por qualquer outro atravessamento que se produzia ao longo da conversa. Isso acontecia certamente em função do lugar que ocupo enquanto uma pessoa que também passou e está passando por esses trânsitos de gênero. Ao mesmo tempo em que eu tinha interesse em saber como vinha sendo a caminhada de meus interlocutores, muitas vezes eles e elas também se interessavam em saber sobre meus caminhos pessoais. Aciono, ao longo da argumentação, trechos das conversas registradas em gravações de áudio e anotações em caderno de campo, trazendo também

minhas trajetórias e análises pessoais como mais um elemento de interlocução a respeito das vivências transmasculinas.

Os processos de entrevistas e conversas informais – essas não registradas em áudio – produziram muitos afetos e afetamentos, tanto em mim quanto nos interlocutores. Muitos deles são ou tornaram-se meus amigos ao longo dos encontros de conversas sobre a pesquisa, aos quais serei eternamente agradecido pela disposição em contribuir com a construção desse trabalho, assim como pelos atravessamentos e afetos que produziram em mim, com suas trajetórias e leituras sobre modos de vida que transgridem as prescrições normativas de gênero. Optei por trabalhar o máximo possível com as contribuições geradas a partir das entrevistas, evitando sobrepor minha voz e minhas interpretações às das outras pessoas que participaram desse processo de construção de registros, memórias, análises e conhecimento sobre as transmasculinidades e nossas sexualidades. Minha preocupação foi ampliar o cenário de debate através de reflexões a partir de diferentes experiências trans. Os dados trabalhados permitem a realização de análises de grande potencial para as comunidades transgêneras, para estudos ligados às temáticas de corpo e gênero, e para a capacitação de profissionais que atuam com as populações trans, visando melhorias nos serviços de atenção integral à saúde trans. Os caminhos percorridos sinalizam a necessidade da realização de mais pesquisas a fim de complexificar saberes e suas aplicações práticas, bem como de se elaborar materiais educativos que visem a autonomia das pessoas transgêneras.

## 1 UMA INTRODUÇÃO ÀS DES/AVENTURAS EM SÉRIE NA CISHETEROLÂNDIA

*A gente quer poder viver igual a todo mundo vive e tipo poder ter essa expressão livre do nosso corpo. Porque também que que adianta a gente não passar tantas merdas, tantas dificuldades ficando preso num corpo que a gente não quer ou numa identidade que a gente não se identifica porque vai ser mais fácil o acesso às coisas a aceitação das pessoas e aí por dentro a gente fica péssimo ou então, eu vejo que essas coisas que a gente passa de dificuldade elas são válidas porque eu tô fazendo uma coisa que é por mim, que é minha mesmo. Aí eu fico bem mentalmente, eu me olho no espelho e gosto mais também, e eu sou muito feliz, eu tenho orgulho de ter essa identidade, de quebrar essa norma cis eu não vejo dor nisso. A dor que existe é o outro que me traz porque ele não compreende não respeita, só.. mas tem muita alegria, nossa, é babadeiro demais, é bom também dar também uma sacudida nessas coisas que tão enraizadas, que tão seguindo uma reta que parece que é imutável e inflexível e não é né.. Nós somos corpos, tantas coisas mudam, tecnologias avançam, ciências, porque nossos corpos também não podem ser questionados, reivindicados, se essa é a nossa vontade, necessidade.*

Francisco - pessoa trans não-binária

Com o desenvolvimento desta dissertação, pretendo produzir um registro de alguns trânsitos e modos de vida de pessoas que foram biopoliticamente designadas<sup>7</sup> como meninas/mulheres ao nascer e que encontram nos usos e performatividades do campo das masculinidades, e em alguns códigos culturais que as constroem, um lugar mais confortável para existir e construir seus corpos e subjetividades. A partir de diálogos com a multiplicidade das experiências dos interlocutores e também da minha própria, assim como de outros atravessamentos experienciados com o trabalho de campo, pretendo analisar, em sua diversidade, trajetórias de construção das transmasculinidades, também relacionadas à questões de sexualidade. Procuro considerar também as formas pelas quais criamos estratégias de resistência, de re-construção dos corpos, de redes de apoio mútuo, processos de elaboração e divulgação de saberes e trocas de informações. A relação dos interlocutores e seus modos de vida com a normatividade de gênero e suas interpelações, assim como as implicações decorrentes disso para a vida social dos mesmos são também alvos de investigação e reflexão. Com o primeiro capítulo pretendo (i) traçar os caminhos dessa pesquisa, desde o projeto inicial submetido ao processo seletivo, que os levaram a sua atual

---

<sup>7</sup> O termo refere-se à imposição biopolítica de designação sexual colocada por instituições e saberes médico-jurídicos aos corpos que alimenta e reitera uma concepção binária de natureza dos corpos social e politicamente construída.

configuração, (ii) apresentar o campo e minha inserção, caminhos e afetações no/pelo mesmo, para então (iii) tecer algumas considerações metodológicas e teórico-políticas que norteiam a construção desse trabalho.

No capítulo 2 – Transviando corpos, gêneros e sexualidades – normatividades em jogo, apresento algumas reflexões teóricas sobre processos instituem as corporalidades cisgêneras, de pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído ao nascimento, como via natural, pré-discursiva e única forma possível e desejável de se habitar e acessar os códigos de feminilidade e/ou masculinidade. Como efeito, produz-se um apagamento [cis]temático e patologizante de vivências inconformes com as coerências de gênero, ceifando nossas possibilidades de autodeterminação e autonomia com relação ao Estado e seus aparatos médico-legais. Como contrapartida, a perspectiva patologizante e normalizadora, busco trazer perspectivas diversas sobre a multiplicidade dos corpos, processos de identificações e trânsitos de gênero. Estas perspectivas se mostram em constantes movimentos de transformação, sobre os quais temos diferentes percepções, formas de interpretação, expressão e identificação. Abordamos também alguns aspectos socioculturais de nossos trânsitos e vivências de gênero, que estão em permanente relação com os parâmetros cisnormativos; tratamos de algumas das múltiplas formas de identificação e construção das vivências de transmasculinidades. E, por fim, abordamos as relações que estabelecemos com “o olhar do outro”, que se constitui como um mecanismo de regulação e manutenção da cisnormatividade.

No capítulo 3 – Sexualidades transmasculinas, apresentamos reflexões a partir e sobre nossas relações com nossos corpos marcados pelas incongruências com a cisheteronorma; processos de isolamento, solidão, e exotização que se produzem a partir de dinâmicas cisnormativas de interação social; e reflexões sobre como a transidentificação produz efeitos em nossas relações conosco e nossos próprios corpos, assim como em relações sexuais e/ou afetivas, e por fim em nossas práticas e desejos sexuais.

É importante salientar que não pretendo trabalhar com uma ou outra categoria identitária rígida como foco deste trabalho (por exemplo categorias como homens trans, ou lésbicas masculinas, ou trans não binários), mas sim entender os processos de experimentação, vivência e construção de masculinidades não-cisgêneras<sup>8</sup>, compreendendo que esses processos são sempre plurais e únicos na experiência de cada pessoa, sendo

---

<sup>8</sup> O termo cisgênero diz respeito a pessoas que se identificam e se reconhecem, em termos de corporalidade e subjetividade, com gênero que lhe foi designado ao nascer. Esse termo busca marcar o caráter igualmente artificial e construído das identificações cisgêneras em oposição a ideia de naturalidade que estas trazem com relação às identificações transgêneras. O conceito será melhor desenvolvido posteriormente no corpo do texto.

também marcados por eixos múltiplos de diferenciação (BRAH e PHOENIX, 2004). Acredito que um recorte identitário cercearia uma série de discussões e possibilidades de análises neste trabalho, que preza também pelas ambiguidades, pelos trânsitos imprecisos, pelos entre-lugares e pelas fronteiras existentes entre masculinidades e feminilidades, e entre expressões de gêneros e sexualidades.

Meu projeto inicial propunha analisar as relações entre pessoas transmasculinas que tivessem uma trajetória de identificação como feministas ou com o campo feminista<sup>9</sup>, e as possíveis influências desse campo em suas trajetórias de construção das suas transmasculinidades. Refletia também sobre como a participação desses sujeitos nos espaços e discussões feministas tensionam certos limites do campo, questionando certas concepções e posicionamentos teórico-políticos que o constituem. Entretanto, ainda no início de minha trajetória no mestrado, com essas questões em mente, percebi, durante e após algumas imersões em campo, que este debate se encontra demasiadamente acalorado e tenso, tanto em espaços feministas como em espaços dos movimentos de transmasculinidades. Dada a complexidade do tema e do contexto atual, e tendo consciência do curto prazo de desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado, optei por mudar minhas perspectivas.

Mantendo o foco nas experiências de dissidência da cisnormatividade por parte de pessoas biopoliticamente designadas ao gênero feminino, redirecionei-me a outros questionamentos que já faziam parte, de alguma forma, das reflexões iniciais. São essas questões relativas à interseção entre o âmbito da sexualidade e o das construções de masculinidades não-cisgêneras, considerando experiências de transmasculinidades e masculinidades lésbicas/sapatão que não se identificam como mulheres. Buscando refletir sobre como se integram e se diferenciam os processos de identificação de gênero e de constituição do campo do desejo e das práticas sexuais.

Proponho-me, então, a trabalhar questões relativas à sexualidade com o intuito de problematizar e desconstruir discursos hegemônicos e do campo do senso comum relativos às sexualidades e corporalidades trans, dissidentes da cis-heteronorma, tendo como foco aquelas experiências que se constituem no âmbito das masculinidades não-cisgêneras, que rompem com a imposição do ser mulher. É também de meu interesse investigar as relações entre as

---

<sup>9</sup> O termo “campo feminista” é uma proposta teórico-analítica de Sonia Alvarez (2014) que sugere “(...) pensarmos os feminismos como “campo(s) discursivo(s) de ação” em que linguagens, sentidos e visões de mundo são parcialmente compartilhados e quase sempre disputados. Diferentemente da noção de movimentos sociais como um aglomerado organizações voltadas para uma determinada problemática, a ideia de campos discursivos de ação sugere redes político-comunicativas, constitutivamente perpassadas por poderes e conflitos, que se estendem para além de um espaço consagrado como “sociedade civil”. (apud Martello, 2015, p.20)

identificações e práticas de sexualidades e os processos de identificações e construções de gêneros e corporalidades nessas experiências. Tais processos de identificação e masculinização dos corpos e subjetividades, quer envolvam intervenções corporais hormonais e/ou cirúrgicas ou não, tendem a gerar diversos impactos nas vidas das pessoas que ousam aventurar-se por esses caminhos, inclusive no âmbito da sexualidade. Nesse contexto, certas práticas sexuais e categorias de identificação, assim como as dinâmicas de interações sociais, podem se reconfigurar.

Abordarei também discussões levantadas por teóricas e pesquisadores trans acerca da insuficiência do conceito de heteronorma para dizer de experiências trans, trazendo a necessidade de se pensar outras categorias analíticas tais como os conceitos de cissexismo e cisnormatividade (SIMAKAWA, 2016), desenvolvidos por Viviane Vergueiro Simakawa em sua dissertação de mestrado. Tenho a preocupação de também apresentar reflexões e problematizações a partir de minha experiência e corporalidade em campo, refletir sobre como tem sido essa troca de afetos e afetações entre pesquisadores, interlocutores, campo, teorias e outros escritos, que tem me trans-formado e orientado os caminhos trilhados na construção desse trabalho.

## 1.1 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE SEXUALIDADES E(M) EXPERIÊNCIAS DE TRANSMASCULINIDADE

Quando iniciei minhas leituras e investigações sobre as vivências transmasculinas, em meados de 2012, encontrei um número razoável de produções acadêmicas escritas em inglês, realizadas nas grandes metrópoles do saber. E de lá toda uma sorte de produções científica, autobiográfica, musical, audiovisual, cinematográfica, etc. E por aqui? Bom, por aqui o cenário era bastante diferente. O movimento social de homens trans começava a se articular, e esses sujeitos davam então início a uma luta por visibilidade e conquistas de direitos e políticas públicas no Brasil. Obviamente não foi aí que essas experiências surgiram, mas com um olhar atento facilmente nota-se um crescimento dessa população em termos de visibilidade, e também de expressividade, por meio da autoidentificação.

As produções acadêmicas nacionais, que tratavam essa experiência como um tema de pesquisa, ainda se encontravam incipientes. Algumas teses de doutorado, dissertações de mestrado, comunicações orais em congressos começavam a aparecer tratando especificamente o "tema" da transmasculinidade no Brasil (ÁVILA e GROSSI, 2013; ÁVILA, 2014;

ALMEIDA 2012,2013; FREITAS, 2014; NERY e MARANHÃO, 2013), a maior parte delas realizadas por pesquisadores cisgêneros. É também recente o desenvolvimento de pesquisas sobre as experiências trans e, especialmente, sobre a cisnormatividade como um regime político, realizadas por pessoas que experienciam a dissidência da cisnormatividade identificando-se como trans e travestis.

Nesse período inicial de envolvimento teórico e político com as masculinidades não cisgêneras, eu recentemente consolidava uma compreensão consciente de minha experiência-corporalidade-subjetividade *sapatão* como algo não pertencente a mulheridade, que não representava uma identificação enquanto mulher. E em função da escassez de bibliografias locais que tratassem das experiências de transmasculinidades, minhas buscas passaram a se orientar pela procura de espaços onde pudesse encontrar e estar com pessoas que pensavam, existiam e produziam conhecimento a partir dos lugares que habitavam, de dissidência da cisheteronorma. Almejava encontrar pessoas com quem pudesse trocar experiências, saber como viviam essas experiências, construía seus corpos, suas identificações político-subjetivas e materiais, com quem pudesse aprender e descobrir possíveis caminhos a traçar. Com o tempo, fui encontrando não só esses espaços e pessoas como, através delas e também de pesquisas autônomas, uma vasta variedade de produções sobre essas experiências, realizadas por pessoas que as viviam. Só aí senti que poderia investigá-las em busca de melhor compreendê-las, o que também abriu caminho para meus trânsitos e experimentações particulares. Foram os vídeos compartilhados na internet, zines<sup>10</sup> diversos que passavam por histórias em quadrinhos sapatrans, teorias lésbicas e trans, poesias e prosas, receitas de formas naturais de se estimular ou evitar a produção de certos hormônios, livros autobiográficos, oficinas e rodas de conversa sobre masculinidades não-hegemônicas, transmasculinidades, cine-debates etc. Esses foram meus principais canais de diálogo e investigação ao longo de todo esse tempo, que trouxeram uma profundidade de reflexões e análises sobre a cisheteronormatividade, e as formas com que a masculinidade e feminilidade circulam em nossa sociedade, que dificilmente poderia ser alcançada somente através das etnografias, dos

---

<sup>10</sup> Um fanzine, ou zine, é uma publicação não profissional, não oficial e muitas vezes autônoma, produzida por entusiastas de uma cultura particular (como um gênero literário, político/ideológico ou musical) e difundido para o público em pequena escala. Normalmente, editores, escritores e outros contribuidores de artigos ou ilustrações para fanzines não são pagos. São tradicionalmente divulgados gratuitamente ou por um valor simbólico e acessível para custear as despesas postais ou de produção. Sua reprodução livre é incentivada assim como modificações dos textos originais, questionando as normas de direitos autorais, o acesso à informação e o direito a produzir e difundir conhecimento.



estudos de gênero, ou mesmo de dissertações ou teses elaboradas no contexto acadêmico. De certa forma, o desafio a que me proponho aqui é de sistematizar alguma parte de tudo isso, como forma de registrar as nossas formas de existir e resistir, de produzir sistemas de trocas e criação de conhecimento, de apoio mútuo, e também de divergências e tensões.

Preocupo-me em não criar uma narrativa de descrição com o objetivo de satisfazer a curiosidade acadêmica cisgênera sobre o que leva uma pessoa a querer modificar seu corpo, cruzar as fronteiras dos gêneros, transformar-se e, em alguns casos, mudar seu nome e documentos. Narrativas essas são geralmente construídas de uma perspectiva demasiadamente centrada nas dores, nas dificuldades, no sofrimento, e no desespero, de ver-se e fazer-se trans em uma sociedade que exige que se cumpra certas [cis]normas para que se possa “fazer parte do jogo”. Será mesmo que as pessoas fazem essas escolhas, de cruzar essas estradas e pontes, o fazem para viver uma vida de sofrimento? Em grande parte dos trabalhos, sentia falta das narrativas sobre os prazeres, as alegrias, os desejos, as motivações positivas e as conquistas de se cruzar pontes e romper barreiras para se viver de forma mais coerente com nossos desejos e necessidades.

Com o decorrer do tempo e do desenvolvimento das novas questões propostas para essa dissertação, uma série de novas indagações e algumas outras mudanças se colocaram em meu caminho; essas “novas” inquietações demandaram uma série de buscas por aportes teóricos, que pudessem me instrumentalizar melhor para refletir sobre questões que emergiram do campo e de minha cabeça. A busca de textos na Antropologia que abordassem questões relativas à sexualidade, em especial produzidos no contexto nacional foi, em certa medida, frustrante e pouco frutífera.

A maioria dos textos que encontrei, com o intuito de tentar situar-me sobre os caminhos dessas discussões na Antropologia Brasileira, como as coletâneas *A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas* (LOYOLA; HEILBORN, 1999) e *Sexualidade: o olhar das ciências sociais* (HEILBORN, 1999) trazem textos que abordam questões relativas à heterossexualidade, genitalidade e reprodução, erotismo e prazer. As discussões teóricas acerca das abordagens essencialistas, construtivistas autonomistas e construtivistas relacionais, destacam a importância de, naquele momento, trazer para a antropologia e para as ciências sociais de modo geral a sexualidade em nossa sociedade como um objeto de análise dos estudos da vida e organização sociais.

Estas obras propõem e analisam uma série de questões bastante pertinentes ao campo. Entretanto, não trazem uma abordagem crítica e reflexiva sobre sexualidades de pessoas não cisgêneras, ou tampouco problematizam em profundidade as construções e normatizações de gênero desde uma perspectiva que contemple as experiências e questões que perpassam as vivências de pessoas trans, travestis e outras corporalidades não cisnormativas desde esse aspecto. Seguramente essas pessoas e experiências já existiam nesse período, e certamente antes também, mas suas vivências e dissidências da normatividade sociocultural que regula o gênero e a sexualidade, ao menos aparentemente, ainda não representavam um tema de interesse para pesquisadores. No Brasil, a produção acadêmica existente sobre o tema – experiências de sexualidade na trajetória de pessoas trans – na maior parte daquilo que pude encontrar, diz respeito a estudos sobre sexualidade de mulheres trans e travestis. relacionados às epidemias de HIV/AIDS e ao contexto do trabalho sexual. E, no que diz respeito à sexualidade de pessoas transmasculinas, encontra-se muito pouco, para não dizer quase nada.

Já em publicações mais recentes, Berenice Bento (2012) indaga se esses corpos trans se tratariam de “corpos sem desejo”, e aponta que “[e]xiste uma vasta literatura sobre a sexualidade de mulheres trans (trabalhadores sexuais) produzidos principalmente com o foco em HIV/AIDS.” (p. 2660), realidade com a qual igualmente me deparei nas buscas por referenciais teóricos e outras produções acadêmicas sobre o tema. Bento (2012, p. 2660) expande a análise sobre essa lacuna crítica e teórica a um contexto global, mencionando um artigo francês<sup>11</sup> no qual foi realizado um levantamento de textos publicados que abordam e analisam os impactos das doenças sexualmente transmissíveis em populações trans em diferentes lugares do mundo e aponta:

Em nenhum dos 58 artigos citados há referência ao campo do desejo e das práticas sexuais. Não é, portanto, exatamente uma bibliografia sobre a sexualidade, mas estudos epidemiológicos, ou sobre as melhores técnicas de previsão e adesão ao tratamento farmacológico para o controle do vírus HIV/AIDS. Essa “população” só se torna, de fato, importante para a política pública por representar um risco à sexualidade dos casais heterossexuais.

Esse contexto, no qual a produção de reflexões sobre a sexualidade de pessoas trans é praticamente inexistente, sugere uma série de questões: como a sexualidade vem sendo discutida na Antropologia? Porque ainda hoje se mantém essa lacuna teórica, crítica e analítica com relação aos processos de construção, experimentação e vivência das sexualidades de pessoas trans e outras corporalidades dissidentes da cisnormatividade, fora de

---

<sup>11</sup> Giami A, Bail JL. HIV infection and STI in the trans population: A critical review *Infection à VIH et IST dans la population « trans »: une revue critique de la littérature internationale. Revue d'Épidémiologie [serial on the Internet]; 2011 Aug [cited 2012 May].*. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com>

um enquadramento mediado pela patologização e/ou pelo saber médico-epidemiológico? Pode-se dizer que há um certo modo de olhar cisnormativo e heteronormativo nas produções sobre pessoas trans e com outras corporalidades-subjetividades não cisgêneras, tanto lançado sobre a sexualidade quanto a outros âmbitos e aspectos da vida social desses sujeitos?

Pretendo trazer alguns mitos e discursos hegemônicos sobre a sexualidade de pessoas trans e outras corporalidades não cisgêneras, trazidos tanto pelos discursos médicos e das disciplinas Psi (psicologia, psicanálise e psiquiatria) como do senso comum, que corroboram e reiteram concepções cisheteronormativas, constituindo dispositivos de controle e normalização destas experiências. Para tanto, acionarei tanto narrativas e análises de meus interlocutores quanto minha própria experiência.

## 1.2 ALGUNS CAMINHOS E CRUZAMENTOS ENTRE SUBJETIVIDADES SEXUAIS E IDENTIFICAÇÕES DE GÊNERO

Com relação às experiências de transmasculinidades, Halberstam nos chama a atenção para uma relação entre lesbianidade e transexualidade masculina, destacando a permeabilidade existente entre algumas expressões de ambas as identidades:

Certamente que os homens transexuais e transgênero foram erroneamente incluídos na história lésbica, também é verdade que as distinções entre algumas identidades transexuais e algumas identidades lésbicas, são, às vezes, muito difusas. Muitos FTM saem do armário como lésbicas antes de fazê-lo como transexuais (e devo dizer que muitos não). (HALBERSTAM, 2008, p.174, tradução minha)

Tal questão nos direciona para uma possível relação ou, ao menos, uma dificuldade de se separar de maneira objetiva e concreta as fronteiras e influências entre o âmbito do desejo sexual, experienciado e elaborado em relação ao outro, e a identidade de gênero como categoria de autoidentificação e construção de si. Acredito que o deslocamento performativo operado tanto por lésbicas masculinizadas (*butch*, caminhoneiras, sapatões, mulher-macho) quanto por homens trans e não-binários, onde corpos biopoliticamente designados do sexo/gênero feminino materializam os deslocamentos entre sexo, gênero e desejo através de atos performativos e códigos culturais compreendidos como masculinos, pode lhes conferir significativa similaridade de experiências e vulnerabilidades sociais, embora, seguramente, haja especificidades correspondentes a cada uma destas experiências.

A menor visibilidade das identidades transmasculinas aparenta também ser um fator de fundamental importância para a compreensão desta correlação entre essas categorias de experiências sexo-generizadas. A experiência lésbica talvez se configure como uma forma

inteligível de existência que seja mais próxima a transexualidade masculina, categoria ainda por muitos desconhecida. Como sugere Guilherme de Almeida (2012):

Em seus relatos [de homens trans], há alívio diante do encontro com uma unidade semântica capaz de oferecer inteligibilidade a suas trajetórias pessoais até então inomináveis e, por isso mesmo, mais abjetas. Eles encontraram o termo após uma deriva em que eram assignados ora como ‘lésbicas masculinizadas’ (aceitando ou não essa classificação em algum período de suas vidas), com toda a pecha a ela associada, ora como loucas, ora como ambas. (p.517)

É importante ressaltar que muitos transmasculinos nunca se identificaram como lésbicas, ou seja, não se trata de um caminho pelo qual toda pessoa transmasculina passou ou tem que passar, como se tratasse de um *continuum* linear entre a experiência lésbica e trans, conforme nos sugere (HALBERSTAM, 2008). Diversos termos são utilizados para fazer-se referência à experiência de pessoas designadasdesignadas como mulheres ao nascerem e que passam a identificar-se com gêneros masculinos: homem trans, trans homem, *FTM (female to male)*, *MAH (mujer a hombre)*, *AFAB: assigned female at birth* ou *AMAN* (assignado mulher ao nascer), homem, homem transexual, transgênero, trans não-binário, sapatão, sapatrans etc. Supõe-se que, principalmente devido à menor visibilidade da identidade trans masculina, quadro que vem se transformando nos últimos anos, possa haver muitas pessoas que em alguma medida compartilham desta experiência, mas desconhecem referidas categorias de autoidentificação, e/ou identificam-se com outras categorias. Estas diferentes categorias são, em muitos casos, acionadas com distintas intencionalidades e dizem de formas de auto identificação também distintas, e mesmo de compreensões políticas diferentes sobre tais experiências. A forma de nomear sua própria experiência, que acredito acontecer de maneira reflexiva (por não se tratar de uma experiência coerente com a norma e, portanto, não naturalizada), se mostra como parte dos processos de construção da identidade e masculinidade, que podem ser muito diversamente elaborados e vivenciados por cada pessoa.

Especificidades que dizem respeito à raça e etnia, classe social, escolaridade, geração, questões geográficas e identificação sexual também são relevantes pois, além de questões relacionadas à construção da própria identidade, esses marcadores influem também nas relações sociais com outros, bem como, obviamente, na perda e/ou conquista relativas de acesso a determinados privilégios.

Para Halberstam (2008), a análise de masculinidades sem homens cisgêneros (ou masculinidades femininas, conceito que utiliza para nomeá-las) nos dão informações sobre como a masculinidade, enquanto tal, é construída. Essas masculinidades, em especial, são consideradas “sobras depreciáveis” da masculinidade dominante, ou, nas palavras de Miguel

Vale de Almeida (2000), das masculinidades hegemônicas<sup>12</sup>, a fim de que as últimas sejam identificadas como uma suposta forma “real e verdadeira”, portanto natural, de masculinidade.

O autor se propõe, então, a analisar especificamente as masculinidades que estão para além dos corpos de homens cisgêneros (embora não utilize esse termo), e argumenta que esses deslocamentos geram impactos nas relações de poder, assim como na própria ideia de poder relacionada ao masculino, posto que se trata de masculinidades que não estão necessariamente ligadas à virilidade e à dominação sobre as mulheres: “O sexismo e a misoginia não são necessariamente uma parte e uma parcela da masculinidade, ainda que historicamente resultou-se muito difícil, senão impossível, separar a masculinidade da opressão às mulheres.” (HALBERSTAM, 2008, p.25, tradução minha). Conforme vivenciado em campo, essa dificuldade e seus conflitos decorrentes também se apresentam nos processos de identificação com as transmasculinidades.

Halberstam compreende as “masculinidades femininas” fundamentalmente como formas marcadas de citações descontextualizadas do gênero (BUTLER, 2006; 2010; CARRILLO, 2010), ou seja, marcadas pela desobediência às prescrições binárias e cisheteronormativas que as interpretam como gêneros incoerentes com os corpos que estavam “predestinados” à feminilidade e que, portanto, configuram um modo específico, porém não homogêneo, de ser e habitar o mundo.

Pessoas que ao nascimento foram designadas como mulheres, mas que assumem identidades e performatividades por meio de representações simbólicas lidas como masculinas, são identificadas pelo imaginário social brasileiro sob designações tais como “sapatão”, “maria-homem”, “machorra” e “mulher-macho”. Estas denominações produzem efeito pejorativo ao marcarem a “incoerência” entre corpo e identificação de gênero, e reforçam a interpretação destas como masculinidades impostoras (PLATERO, 2009), ilegítimas e, portanto, desautorizadas. Sobre as fronteiras entre as dimensões de identificação de gênero e das práticas do desejo sexual, é importante considerar que estas dimensões foram separadas inicialmente pelo saber/poder médico a partir do fim da década de 1980. Passa-se, a partir de então, a considerar as variações de gênero em relação ao “sexo anatômico” como uma outra posição subjetiva, e patologizada sob o diagnóstico de “desvio de identidade de gênero”, diferente das homossexualidades, que até então também eram patologizadas

---

<sup>12</sup> Modelo de masculinidade viril, que tem como forte traço a heterossexualidade e a dominação, tem o poder de subordinar e definir as outras variações de masculinidades, bem como seus limites e restrições.

(BENTO, 2008; FERNÁNDEZ, 2009; TEIXEIRA, 2013; HALBERSTAM, 2008). Segundo Halberstam,

Isso produz o estranho efeito de apagar das homossexualidades ocidentais a importância central que tem a identificação com o outro gênero, e de projetá-la em outras formações sexuais, como um fenômeno ‘pré político’. (HALBERSTAM, 2008, p.11, tradução minha)

Que gera também como consequências a desqualificação da legitimidade de homossexualidades que são atravessadas também por assimilações com gêneros outros inclusive dentro de grupos e comunidades homossexuais.

Em um texto chamado “*Che, vos te diste cuenta que sos una mujer?*” (Cara, você se deu conta que é uma mulher?), publicado em um fórum da RedTrans<sup>13</sup>, Fabi Tron (2003), uma lésbica que não se identifica como mulher, argumentando, baseado nas teorias desenvolvidas por Wittig (2006), que esta categoria é *insuficiente* para dizer das múltiplas experiências da lesbianidade:

(...) Não posso me denominar mulher porque o termo “mulher” faz parte dos discursos e práticas sobre nossos corpos, identidade de gênero e sexualidade que nos limita, nos oprime e não são suficientes para descrever a vasta e rica diversidade da experiência das lésbicas. Porque não podemos como “mulher” abarcar a todas que podemos compreender dentro de “lésbicas” *lipstick* (batom ou lápis labial) ultra femininas, as *stone butch* (as mais masculinas), passando pelas *femme*, as *butch*, maria-homem, machonas, as andróginas, as que estão em algum ponto entre os extremos ou se deslocam por muitas possibilidades, as que jamais deitaram com um homem, as que tiveram ou tem alguma relação amorosa e/ou sexual com um homem (hetero, bi, gay) e/ou com uma pessoa transgênero ou transexual (AMAN/AHAN) [designado mulher ao nascer/designado homem ao nascer] (com ou sem cirurgia), travestis, drag queens, drag kings ou com uma pessoa intersexo, as sadomasoquistas, as que preferem sexo baunilha, as que utilizam brinquedos sexuais incluindo dildos, as que vestem couro, as sapatão, as gays, as homossexuais, as que têm cromossomos XY (H/M) com ou sem redesignação, as que têm papéis fixos, as que têm papéis simétricos, as que formam casais com mulheres bissexuais ou heterossexuais, as que tomam testosterona, as celibatárias. (TRON, 2003, p.2-3, tradução minha)

Tron (2003) argumenta que tampouco se identifica como homem, categoria reivindicada pelos homens trans e que, portanto, habita um outro lugar, indefinido diante dos parâmetros binários; transgênera de mulher à lésbica, reivindicando a lesbianidade como uma experiência que diz respeito não somente à sexualidade, mas também de um modo de identificação e expressão de gêneros próprios. Outro aspecto que nos traz é sua identificação enquanto lésbica *butch*<sup>14</sup>, ou lésbica masculina/masculinizada.

Tron nos chama atenção para a multiplicidade de experiências e formas de identificação e apropriação dos códigos culturalmente compreendidos como masculinos feitos

<sup>13</sup> “Red de personas trans de Latinoamerica”, sediada na Argentina.

<sup>14</sup> O termo *butch* surge em contextos lésbicos norteamericanos em meados da década 1950 e refere-se a lésbicas masculinizadas.

por lésbicas masculinas, de relação com o próprio corpo e de intervenções realizadas nos mesmos e ressalta a liminaridade e transitoriedade das fronteiras entre essas vivências e as de trans masculinos.

A identificação com a masculinidade por parte de lésbicas que não se consideram mulheres ou por homens trans nunca se deu de maneira tranquila em meios feministas, e vem promovendo intensos debates, conflitos e tensionamentos, tanto em espaços políticos e de sociabilidade como de ordem teórico-política. Halberstam problematiza investigações teóricas acerca das identificações transgêneras com a masculinidade que argumentam que tais identificações se dariam por “ausência de um contexto feminista” (HALBERSTAM, 2008, p.12, tradução minha) e sinaliza que “se segue mantendo uma suspeita sobre a masculinização nas mulheres”; eu diria: sobre a masculinidade de pessoas designadas como mulheres.

Ávila e Grossi (2013) também identificaram na literatura essas resistências por parte de algumas feministas, justificada como uma “rejeição de identificação com o opressor” (p.8). Essa interpretação acerca das transmasculinidades revela seu forte caráter essencialista, e que segue associando de maneira fixa e obrigatória a masculinidade a corpos de homens cisgênero. Esse gesto desautoriza as apropriações e manifestações das mesmas por corpos designados como de mulheres e atua, deste modo, reforçando a ideia do corpo como destino, criticada desde os primórdios do feminismo, bem como das ordens de gênero binárias e heteronormativas, pilares articuladores das opressões de gênero e sexualidade.

Contradizendo a generalização, presente em diversos textos canônicos na área, de que todos querem modificar seus corpos para alcançarem um corpo com o qual se identificam, o contato com pessoas trans em meu trabalho de campo mostra que há aqueles que, com ou sem administração hormonal, com ou sem cirurgias, estão satisfeitos com seus corpos, ou que buscam outros tipos de modificação corporal. É necessário debater a fundo a ideia de ódio ou rejeição ao próprio corpo nas experiências da transgeneridade como efeito perverso do binarismo e cisnormatividade, assim como buscar compreender melhor os motivos que levam algumas pessoas a desejarem certos tipos de intervenções.

Tentando contemplar, da melhor forma possível, a multiplicidade e complexidade das relações de pessoas trans e outras corporalidades não normativas com seus corpos, nos atentamos à fala recorrente de pessoas que, mesmo que se sintam bem com os próprios corpos, se veem quase impelidas a realizar uma intervenção cirúrgica para que possam viver

vidas menos restritas, mais confortáveis e seguras, em uma sociedade que tem valores e referenciais estruturados num ideal cissexista e normativizado.

Buscamos, portanto, como parte de nossa metodologia, interpelar, criticar e questionar as regras opressoras cisnormativas a partir da riqueza e diversidade das narrativas e experiências trans, que não cabem nas clínicas, nos manuais de psiquiatria, nos consultórios psicológicos ou, e ainda menos em prisões e hospitais psiquiátricos. Interpelar a norma a partir da experiência vivida, do que se constrói na experiência de vida no mundo cisnormativizado, em busca de estimular e fortalecer sentimentos e iniciativas de autonomia das pessoas trans. Romper com anos de tradições disciplinares de construções de saberes normalizadores e patologizantes que insistem em seguir colonizando corpos e experiências incompreensíveis e ininteligíveis perante as prescrições da norma. Ao longo do texto, nos valem de expressões que atestam valores positivos ou negativos a determinadas situações e experiências pelas quais meus interlocutores e eu eventualmente passamos. Faz-se então necessário e importante salientar que não se trata de uma simplificação maniqueísta, que objetiva reduzir a complexidade das experiências sociais, relacionais e corporais nas quais tecemos os fios da vida.

Tampouco é minha intenção aqui romantizar situações de violência, que podem e por vezes deixam marcas que carregamos por muito tempo ou mesmo ao longo de toda a vida - e que, em casos mais severos, acabam por interromper precocemente nossas vidas. Por vezes, por exemplo, experienciar uma situação de violência intra-familiar, ou uma situação de discriminação no trabalho, pode levar uma pessoa a romper com um ciclo de abusos e violências e a buscar e estabelecer outros vínculos de afeto, amizade, família ou mesmo profissionais, em ambientes que sejam mais salubres e salutares que aqueles anteriores. Minha intenção, portanto, é apenas sinalizar a complexidade das experiências relacionais, seus possíveis efeitos, e as formas de agenciamento e atribuição de valor às mesmas.

A construção de outras sexualidades e modos de se relacionar que não cabem nas normas cisheteropatriarcais implica em visibilizar outras experiências e construções de transmasculinidades que passam por outros caminhos e formas de se relacionar sexualmente consigo e com outras pessoas-corpos. Pretendo, portanto, buscar abordar essas interrelações de maneira complexa em questões que surgem do cotidiano das experiências transmasculinas tais como: diversidade de práticas sexuais, BDSM, amor livre, pornografia trans y feminista; hormonização faça-você mesmo, veganismo. Homens trans que desenvolvem tecnologias como *binder* e *packers*, elaborados por e para pessoas transmasculinas; o uso de testosterona;



exotização do corpo trans; masturbação; relação com o próprio corpo; saúde sexual integral e ginecologia; relações afetivas; reconfigurações ou negociações com categorias de identificação sexual; e autoestima.

### 1.3 CONCEITOS DE CISGENERIDADE E CISNORMATIVIDADE E SUA IMPORTÂNCIA PARA NOSSAS CONSTRUÇÕES CRÍTICAS DE ESTUDOS E TEORIAS TRANS

Há no colonialismo uma função muito peculiar para as palavras: elas não designam, senão que também encobrem.

Silvia Cusicanqui, tradução minha

Descolonizar o conhecimento é encontrar e explorar formas alternativas e emancipatórias para sua produção, que estejam fora dos parâmetros clássicos. Então já começa com os formatos. Considero muito importante criar um espaço híbrido em que o acadêmico e o artístico se dissolvam. A interdisciplinaridade é um modo de descolonizar e transgredir as formas clássicas de conhecimento, porque penso que é o que os discursos atuais mais futuristas fazem, como os estudos transgêneros, queer e pós-coloniais.

Grada Kilomba

Porque parece que as mulheres e homens têm gênero e as pessoas transexuais têm identidade de gênero?

Mauro Cabral

Em sua dissertação de mestrado, Viviane Vergueiro Simakawa (2016) argumenta em favor do conceito de cisgeneridade como fundamental a uma “proposição teórica e política por descolonizações de corpos e gêneros inconformes” (p.43). E o define brevemente da seguinte forma:

[A] cisgeneridade pode ser resumida como sendo a identidade de gênero daquelas pessoas cuja “experiência interna e individual do gênero” corresponda ao “sexo atribuído no nascimento” a elas. Em outras palavras, o termo “cisgênero” é um conceito que abarca as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento, ou seja, as pessoas não-transgênero”(JESUS, 2012); (SIMAKAWA, 2016, p.44)

E então o caracteriza a partir de três eixos principais: (i) pré-discursividade, (ii) binariedade, (iii) permanência, que se articulam de forma a sustentar o dispositivo de cisgeneridade que naturaliza e normaliza expressões corporais e de gênero que se constituem em congruência com a lógica normativa e, por outro lado, patologiza, anormaliza, inferioriza e extermina, interseccionalmente, as multiplicidades corporais e de gênero que questionam a norma cis. (SIMAKAWA, 2016) O grande giro e potência desse conceito residem no fato de agora nomearem com uma categoria conceitual e política uma experiência que sempre havia sido compreendida como natural, biológica; uma simples decorrência de um suposto dado da natureza. Já, há muito, havíamos sido alertades com relação a isso. Esse conceito, produzido

por teóricas e ativistas trans, busca evidenciar e marcar o caráter igualmente construído das identidades e corporalidades cisgêneras, evidenciando que homens e mulheres cis(gêneras) também têm uma identidade de gênero tão artificial e construída como as identidades de gênero de pessoas trans, com a grande diferença de que certas experiências se alinham mais e outras menos às prescrições normativas.

A recepção desse conceito por grande parte de acadêmicos das áreas afins aos estudos de gênero e sexualidade não foi nada tranquila. Sendo por muitos descrita como uma “categoria de acusação”. Oras, pensemos então no que foi a criação do conceito de heterossexualidade, que assim como o conceito de cisgeneridade foi pensado posteriormente ao surgimento e implementação massiva do conceito de homossexualidade. Seria a heterossexualidade também uma categoria de acusação? Ou um conceito que busca marcar certas posições de poder e privilégio, e desnaturalizar aquilo que o discurso hegemônico constrói e defende como sendo o normal, sadio e natural? Segundo Viviane,

[o] conceito de cisgeneridade, formulado principalmente a partir de vozes gênero falhas (que implica, frequentemente, em outros ‘fracassos’ normativos relacionados a marginalizações sociais), tem a potência das resistências dos corpos e identidades de gênero inconformes. (...) É isto não acontece porque nossas vozes, falhas e inconformes, sejam necessariamente ou ‘essencialmente’ mais críticas em relação a estas questões de diversidades corporais e de identidades de gênero.(...) Grosfoguel(2008, 119) observa criticamente as limitações deste exercício, ao apontar a distinção entre ‘lugar epistêmico’ e ‘lugar social’: O fato de alguém se situar socialmente no lado oprimido das relações de poder não significa automaticamente que pense epistemicamente a partir de um lugar epistêmico subalterno. Justamente, o êxito do [c]istema-mundo colonial/moderno reside em levar os sujeitos socialmente situados no lado oprimido da diferença colonial a pensar epistemicamente como aqueles que se encontram em posições dominantes.(SIMAKAWA, 2016, p.46-47)

Deste modo, Vergueiro Simakawa (2016) destaca a importância e a necessidade de se ler e ouvir essas vozes, analisando-as em suas potências críticas que produzem reflexões teórico-políticas desde outros lugares. Esses conceitos (cisgeneridade, cisonormatividade, cissexismo) nos ajudam também a repensar o conteúdo político-analítico, assim como usos e empregos de certas expressões tais como “sexo verdadeiro”, “biohomem”, “biomulher”, “homem/mulheres de verdade”, “homens que nasceram mulheres”, “mulheres que nasceram homens”, amplamente empregados por grande parte da literatura dos estudos de gênero e sexualidade, assim como vemos em Bento (2012) em diversos momentos do texto anteriormente citado:

Considero homens trans as *pessoas que nascem mulheres* e que demandam o reconhecimento social ao gênero masculino e como mulheres trans as *pessoas que nascem homens* e que reivindicam o reconhecimento social ao gênero feminino. (p. 2656, grifos meus)

Já há muito tempo não há quem diga que não se nasce mulher? (BEAUVOIR, 2009) Há também quem diga que não podemos olhar as produções teóricas com olhares anacrônicos, certamente. Mas também não podemos deixar de realizar uma análise crítica do conteúdo de expressões como “homem/mulher ‘de verdade’”(p.2658), “mulheres biológicas” (p.2659), e afirmações de que pessoas trans nascem com um determinado gênero. Essas construções textuais geram um sentido de apagamento do caráter artificial e socialmente imposto das designações de sexo e gênero. Tratando-as fora de um marco cultural, como se fossem verdades ontológicas trazidas pelas pessoas em seus corpos. Como se tratasse de uma verdade última do sujeito que, posteriormente, será por ele modificado artificialmente. Os usos desses termos reforçam, seguramente, um status ontológico e pré-discursivo do gênero, hierarquizam experiências segundo a cis-norma, na qual uns corpos são mais de verdade e mais “biológicos” que outros. E apaga o caráter ficcional das identidades e corporalidades cisgêneras, que se constroem com tanta artificialidade quanto as identidades e corporalidades transgêneras. A diferença crucial que notamos aqui é que a artificialidade cisgênera se produz, em geral, em congruência com a norma, o que produz efeito de naturalidade. Enquanto as artificialidades transgêneras se produzem através de rompimentos com a mesma, sendo interpretadas como anormais, anti-naturais.

Daí, mais uma vez, a importância de que produzamos, inclusive desde nossas experiências, narrativas e autoetnografias, novos conceitos e categorias que se mostrem úteis e mais eficazes em termos epistêmicos e de nossas políticas de resistência às normalizações dos discursos hegemônicos – acadêmicos, jurídicos, médicos, socioculturais – que tentam nos definir, enquadrar e cristalizar com suas categorias “colonialmente construídas”. Processos que reiteram violências e que não serão ignoradas por nossas análises críticas e perspectivas epistêmicas em construção (SIMAKAWA, 2016).

#### 1.4 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O CAMPO E OS PROCESSOS DE AFETAR-SE

É – parece-me – urgente, reabilitar a velha “sensibilidade”...

Jeanne Favret Saada

Basta que os etnógrafos se deixem afetar pelas mesmas forças que afetam os demais para que um certo tipo de relação possa se estabelecer, relação que envolve uma comunicação muito mais complexa que a simples troca verbal a que alguns imaginam poder reduzir a prática etnográfica.

Márcio Goldman, 2005, p.150

Ao longo de toda a feitura desta pesquisa, desde o primeiro momento de escrita do projeto apresentado à banca de seleção do programa no ano de 2014, a dicotomia e os limites que separam entre pesquisadore de seu “objeto de pesquisa” têm revelado fronteiras borradas. Os deslocamentos, produzidos no decorrer do tempo da pesquisa, fizeram com que essa relação assumisse diferentes contornos e perspectivas, e que seguem, de uma maneira ou outra, mudando.

No ano de 2013, quando durante o final de minha graduação, no curso de Ciências Sociais, iniciei minha participação como bolsista em uma pesquisa sobre demandas e acesso à saúde por homens transexuais<sup>15</sup>. Apesar de algumas similaridades, a separação entre eu (que me entendia como lésbica e ainda me identificava como uma pessoa cis, feminista, estudante de ciências sociais) e os outros (homens trans, com diversos posicionamentos ético-políticos, e sujeitos interlocutores da pesquisa) estava, ao menos para mim, bem delimitada.

Em junho de 2013, na cidade de João Pessoa (PB), foi realizado o I Encontro de Homens Trans do Norte e Nordeste, que também, que se tenha registros, foi o primeiro encontro no Brasil pensado e realizado por uma organização de homens trans, a hoje extinta Associação Brasileira de Homens Trans (ABHT). No momento, a pesquisa havia se iniciado havia poucos meses, e foi a primeira vez em que participei de um evento pensado e criado por e para pessoas transmasculinas. Segue um registro em caderno de campo escrito no segundo dia do referido evento:

*Ontem à noite, do hotel em que estamos hospedades todes participantes inscrites no Encontro, partimos para a UFPB, onde aconteceria a cerimônia de abertura do evento. A van estava cheia e além de Joici, que também é bolsista da pesquisa coordenada pela profa. Érica [Souza], conhecia apenas Douglas<sup>16</sup>, coordenador da ABHT e colaborador em nossa pesquisa. Ele estava radiante de alegria, com algumas pitadas de ansiedade. O clima na van era um tanto tímido – eu e Joici não éramos as únicas não enturmadas ali, aparentemente muitas eram desconhecidas para muitas – mas alegre e bastante festivo por parte daqueles que faziam parte ou eram próximos a ABHT. Em algum momento, em meio às conversas e risos, Douglas se dirige a mim, em tom de “brincadeira” dizendo 'E você, Sofia? Que nome social você vai usar?' Eu, um tanto desconcertada pela pergunta, respondi, com uma risada amarela, que iria usar “Sofia mesmo”. Em pouco tempo chegamos e nos encaminhamos ao*

---

<sup>15</sup> Pesquisa Transexualidades e saúde no Brasil: entre a invisibilidade e a demanda por políticas públicas para homens trans, coordenada pela profa. Érica R. Souza, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, de 2013 a 2015. Financiamento CNPq.

<sup>16</sup> Nome fictício.

*credenciamento. Lá uma moça cis me estendeu um crachá em branco e com um sorriso atencioso me disse “pode colocar o nome social”. E algumas outras vezes ao longo da noite me perguntaram sobre minha identificação de gênero e algumas pessoas reagiram com algum estranhamento quando dizia meu nome. (Caderno de campo, João Pessoa, junho de 2013.)*

Essa, que é uma de minhas primeiras notas de campo, marca também o início, ainda confuso e talvez inocente minha parte, da minha relação com esse campo de estudos, pesquisa e de reflexões mais conscientes e mais ou menos sistematizadas sobre as transmasculinidades. E esse tipo de interpelação, mencionada no trecho acima, era uma grande novidade, bastante estranha por mim, e que me afetava de um jeito que não soube, e continuo não sabendo traduzir em palavras. Sentia-me constantemente sacudida. Portas e janelas de reflexões se (re)abriam em minha pessoa-corpo-mente. Tudo aquilo vinha como um forte golpe na minha ideia, antes bastante segura, de que estaria ali investigando apenas a experiência dos outros. As fronteiras entre minha experiência enquanto lésbica masculinizada e a de pessoas transmasculinas, apesar de conseguir identificar certas proximidades, eram para mim, naquele momento, muito bem demarcadas. “Só que não, querida!”, me disseram várias das interpelações, verdadeiros sacolejos de minhas certezas e categorias.

Com o passar do tempo e o caminhar das relações e afetações geradas em campo, as fronteiras entre esses dois pólos foram assumindo novas configurações, tornando-se cada vez mais complexas, assim como também tênues e sutis. A proximidade gerada em função de ambos (eu, que durante maior parte do tempo me identifiquei apenas como lésbica masculina, e eles, pessoas trans-masculinas), se daria, a princípio, pelo fato de experienciarmos, embora desde lugares distintos, a vivência de masculinidades não-autorizadas pela cisheteronormatividade. Em campo tive a oportunidade de entrar em contato com diversas narrativas acerca das experiências das transmasculinidades e de ser constantemente interpelada pelos meus interlocutores com relação à minha identificação de gênero e, conseqüentemente, com relação ao meu lugar de enunciação.

Ser afetado pelos interlocutores, pelas leituras, pelas conversas despreziosas em festas e bares, pelos encontros feministas e trans, pelos atos e manifestações, pelas rodas de conversa, pelas “pegações”, pelos envolvimento diversos, pelas reflexões, pelas histórias, pelas pessoas e suas trajetórias, que vez ou outra se esbarravam nas minhas próprias, vindas de trajetórias muito distintas e particulares. Uma afetação que produz em mim, sobretudo, infinitos deslocamentos, ao passo que me revela o quão múltiplas e surpreendentes são as maneiras pelas quais os códigos de gênero e sexualidade podem ser criativamente manejados

e corporificados, encarnados e performativizados. E a partir de muitos desses deslocamentos, se fizeram também muitos pontos de encontro. Acessar memórias esquecidas, lançar outros olhares sobre mim mesmo e minha trajetória de vida com relação aos atravessamentos marcados pelas expressões de sexualidade e gênero, me identificar com esses interlocutores, com suas histórias, suas memórias, com suas estratégias de resistência. Tudo isso vem me balançando e quebrando muros, borrando fronteiras, assim se dá o rearticular certas aproximações e distanciamentos. Processo esse que tem algo como sugere Roy Wagner:

Ao experimentar uma nova cultura, o pesquisador identifica novas potencialidades e possibilidades de se viver a vida, e pode efetivamente passar, ele próprio, por uma mudança de personalidade. A cultura estudada se torna “visível” e subsequentemente “plausível” para ele; de início ele a apreende como uma entidade distinta, uma maneira de fazer as coisas, e depois como uma maneira segundo a qual ele poderia fazer as coisas. (WAGNER, 2012, p.43)

A pesquisadora, investigando em campo, é também constantemente interrogada, questionada, analisada, afetada, atravessada e constantemente interpretada por seus interlocutores. E em meio a esses processos, pude ver nas transmasculinidades maneiras de existir e “de fazer as coisas” (idem) que eu talvez pudesse e quisesse acessar desde meu próprio corpo. E no transcurso dessas conexões e identificações foram formando-se algumas interessantes reflexões antropológicas, éticas, pessoais, políticas e teóricas.

A relação com o campo, assim como as questões e mudanças por ele colocadas – algumas gritantes e outras que surgiram quase como sutis sugestões ou intuições – tem transformado ampla e profundamente a pesquisa iniciada na escrita do projeto de mestrado, reconfigurando focos e questões sobre as quais me propus a refletir, bem como seus arranjos e suportes teóricos, e os tons da escrita dessa dissertação. Junto a esse processo, se transformaram também minha corporalidade e subjetividade, assim como a forma com que as algumas relações em campo são, por estas, balizadas.

Essas interpelações de meus interlocutores, a respeito dos modos de vida transmasculinizados, tensionam a separação entre pesquisadora/antropóloga e sujeitos de pesquisa/interlocutores, desestabilizando e reconfigurando os lugares do “nós” e do(s) “outro(s)”. E assim redefinindo os contornos dados ao que se constrói como “objeto” de pesquisa, como no caso a minha compreensão acerca das transmasculinidades, e das relações sociais envolvidas nos processos de construção e expressão das mesmas. Mergulhar, por exemplo, em reflexões sobre as possíveis relações existentes, de aproximações, distanciamentos e intersecções entre os âmbitos da identificação sexual-afetiva e os da

identificação de gênero, em especial entre as experiências lésbicas-sapatonas e transmasculinas, configurou-se como um exercício de diversas frentes.

A carência de acesso a instrumentos teóricos na literatura antropológica, que pudessem me auxiliar a viabilizar meios de desenvolver as questões que se construíram com o decorrer da pesquisa, foi um outro desafio que se colocou. Tornou-se indispensável uma investida interdisciplinar e, em certa medida, também indisciplinada, que não se limitasse somente a produções acadêmicas feitas sobre, e em especial aquelas feitas por, pessoas que experienciam vivências de dissidências corporais e subjetivas da cisnormatividade – com maior foco em registros sobre transmasculinidades e masculinidades lésbicas. Sendo assim, os fanzines, charges e tirinhas, vídeos *selfmade*<sup>17</sup>, publicações em blogs e redes sociais, entrevistas em vídeo ou texto, filmes, músicas, histórias em quadrinhos, documentários e poemas tornaram-se grandes fontes de diálogo e reflexão, de interlocução e de inspirações e ousadias analíticas. Além do bom e velho “botar a cara no sol” e o corpo na roda, o que envolve tanto autoexperimentações de montarias *drag king* e autoaplicações hormonais, como também a proposição e participação em espaços de construção e troca sobre as des/aventuras em série na Cisheterolândia.

Tal carência de instrumentos, a que me referi anteriormente, tornou-se então mais um fator de estímulo para que eu experimentasse “esse [c]istema, expondo-me a mim mesma nele” (FAVRET-SAADA, 2012, p.158 – alteração minha), tornando-me, como sugere Preciado (2008), o experimento de meu próprio laboratório. Também para que reconhecesse em meu próprio corpo, em minha trajetória e experiência, antes e durante a pesquisa, as formas com que atuam os [c]istemas normalizadores do corpo, gênero e sexualidade, sentindo e resistindo cada vez mais com minha própria pele e subjetividade. Por muito tempo me vi resistente a aceitar o fato de que já havia sido afetada dessa forma pelo campo e pelo desejo de materializar esses trânsitos em meu corpo, mas a essa altura já não tinha mais volta. Restava-me então aceitar e encarar os desafios que se colocavam, assumir meus interesses e desejos, e compreender que, já há muito, tudo aquilo vinha afetando, transmutando, rearticulando minhas compreensões e sensações com relação à lesbianidade, à transgeneridade, às experiências de transfobia, o desejo de experimentar com meu corpo,

---

<sup>17</sup> Vídeos feitos pelas próprias pessoas trans, com diferentes níveis de acesso e requintes tecnológicos, em que narram suas experiências, processos de transição, compreensões e vivências sobre temas e acontecimentos relativos a experiência trans em sociedade, a qual me refiro em alguns trechos desta dissertação como Cisheterolândia.

testar suas potências e até mesmo, minha compreensão de mim mesma, enquanto pessoa, pesquisadore e também enquanto *sapatrans*.

É nesse (entre)lugar(es) – um tanto sapatão, um tanto transviado, e desejosa de “me jogar” ainda mais nesses fluxos e *trâns*-itos; um tanto “objeto” de minhas próprias análises, um tanto pesquisadore-curiose a respeito das tecnologias e territórios de gênero e sexualidade. Em muitos momentos, me via como um *hacker* desses códigos, estudioso dos seus alvos, de suas normas de funcionamento e das possibilidades de recombinar tais códigos, sabotando-a por completo. Estudioso de um campo marcado tanto por ambiguidades e fronteiras encruzilhadas (ANZALDÚA, 1999), como essas em que me encontro atualmente, quanto pela busca incessante de regulação e padronização.

Transitar e observar os entre-lugares, que conformam e fundamentam parte de minhas leituras e interpretações daquilo que vejo, escuto e sinto em campo. Fazer, como sugere Favret-Saada, “da 'participação' um instrumento de conhecimento” (idem, p.157) e experimentar como uma possibilidade de se aproximar dos afetos, ou em outras palavras, das “intensidades específicas” que perpassam as experiências des interlocutores. E também trazer elementos de meus percursos e experiências pessoais também como material de reflexão e análise crítica teórico-política.

Essa relação envolve uma série de riscos, angústias, obstáculos, inseguranças e desafios. Como construir uma narrativa que se forja com tons auto-etnográficos, valendo-se também de elementos de minha participação-existência como recursos reflexivos e metodológicos, mas que não se tornem relatos narcísicos e/ou egocentrados, que menosprezem a multiplicidade que compõe as existências transmasculinas? E em meio a isso, como também não forjar um distanciamento artificial, que não se verifica no campo do real, buscando viabilizar a utilização de minhas experiências e relatos também como material de análise e reflexão dos questionamentos que movem esse trabalho? Essas foram algumas das questões que me balizaram os caminhos desse trabalho.

De certo, existem diferenças entre a minha posição como pessoa que, de certo modo, tem alguns poderes definidores dos caminhos da pesquisa e de sua escrita, e as dos interlocutores que dela participaram, que seguramente – embora com mais sutileza ou de forma menos direta – também definem os lugares de reflexão por onde passaremos. E as diferenças não param por aí; também dizem respeito às nossas corporalidades, às nossas trajetórias sócio-culturais e de identificação de gênero, mas também essas conversas e



encontros são feitos de muitas proximidades, que não são necessariamente dadas, mas que se constroem com o caminhar da pesquisa e de nossas relações de troca e amizade que estão para além dessas páginas.

É importante dizer que não acredito e nem busco um ideal de representatividade, de alguma suposta totalidade ou universalidade das experiências de transmasculinidades; mas sim me comprometo com a busca e preservação, na medida do possível, da multivocalidade e a pluralidade de formas de ser, viver e se entender como uma pessoa trans, que não seja essencialista e colonizadora de experiências; que tenha ética, respeito e cuidado durante processos analíticos e de construção da narrativa etnográfica com as contribuições de meus interlocutores. Penso constantemente sobre como “preservá-los”, em como tratar o que me dizem, até que ponto expor suas histórias e narrativas, ao mesmo tempo em que agencio a exposição de mim mesma, de minhas des-a-venturas em série na Cisheterolândia – que também é racista, patriarcal, especista, gordofóbica, capitalista, militarizada, capacitista, fundamentalista, e terceiromundista.

Retomando, meus trânsitos, seus acessos e localizações, pensando aqui a partir da noção de saber localizado de Haraway (1995), são perpassados por diversos privilégios que me garantem ou facilitam uma série desses fluxos e acessos, assim como são também marcados por trajetórias de negações e opressões que privam ou restringem outros. O mesmo ocorre com meus interlocutores, materializando-se diferentemente em cada caso, segundo as especificidades de cada pessoa e sua trajetória de vida. Essa complexidade conformada pelo que Brah e Phoenix (2004) conceituam como “múltiplos eixos de diferenciação”, que produzem efeitos nas relações sociais e na vida material das pessoas. Esses eixos de diferenciação operam interseccionalmente, e exigem uma análise comprometida com a investigação das correlações produzidas por essas intersecções que se entrecruzam e justapõem, configurando arranjos particulares nas vidas e trajetórias de cada interlocutor.

Estas reflexões são fundamentais para que se possa pensar sobre como conformamos, transitamos e experienciamos as transmasculinidades e outras expressões de masculinidades e feminilidades, dissidentes da cisnormatividade, desde as especificidades de nossos corpos e subjetividades. Em função de algumas das precariedades que me atravessam e mediam as possibilidades de elaboração deste trabalho, assim como o tempo disponível e também a limitação outros recursos dos quais disponho para operacionalizar a análise do volume de dados coletados se colocaram como fatores de fato limitadores. Infelizmente, não pude me debruçar e concentrar esforços em toda a riqueza de especificidades e detalhes que cada uma

das trajetórias trazidas por meus interlocutores. Busquei considerá-las ao longo dos processos de construção das análises, que serão apresentadas nos capítulos posteriores, mas certamente deixarei muito a desejar nesse quesito, em termos políticos e analíticos, motivo pelo qual, de antemão, peço a compreensão dos leitores, principalmente àqueles que participaram desse trabalho.

#### **1.4.1 Descaminhos e conflitos nos fazeres antropológicos**

Durante as disciplinas que cursei no programa de mestrado em Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFMG, foram inúmeras as leituras e discussões que tratavam de como desenvolver uma pesquisa antropológica em seus diversos momentos e etapas. A necessidade de criarmos um posicionamento, um olhar e uma escrita distanciados dos nossos objetos era algo constantemente dito e reiterado por alguns de nossos professores e professoras – e por boa parte dos textos indicados nas bibliografias dos cursos, em geral cânones antropológicos, em sua grande maioria composta por textos e teorias escritos homens (e algumas mulheres) cisgêneros, heterossexuais, brancos e do norte global<sup>18</sup> – como um requisito indispensável para que concluíssemos bem (desde qual perspectiva?) as nossas pesquisas. Mas o que significa essa construção de "distanciamento metodológico necessário para o desenvolvimento da disciplina", dita imprescindível? Quais as implicações disso, teórica e politicamente, para o desenvolvimento de nossos trabalhos? Foram também alguns dos debates ocorridos em sala de aula. A relação entre pesquisador e seu tema de pesquisa e com os grupos ou comunidades envolvidos, a criação de um "outro" a ser pesquisado, analisado e compreendido, as relações entre "nós *versus* eles" e a observação participante como método por excelência da pesquisa antropológica, configuram uma série de temas clássicos já exaustivamente debatidos pela disciplina, porém, obviamente, sem conclusões definitivas ou cristalizadas, o que faz com que estas discussões sigam, todavia, em movimento – talvez um tanto mais lento do que muitos de nós gostaríamos.

Com o caminhar da pesquisa e o desenvolvimento do trabalho de campo, fui atravessada por uma série de interpelações de meus interlocutores e por outros acontecimentos que provocaram deslocamentos em mim, e em meu posicionamento frente ao trabalho. Alguns efeitos desses deslocamentos foram se (re)colocando, ou melhor, foram

---

<sup>18</sup> Do norte global, em sua maioria europeus e norte-americanos – assim como boa parte dos autores que fazem parte de minha bibliografia nesse trabalho. Considero isso como um ponto de autocritica e de reflexão teórica, metodológica e política a ser melhor trabalhado.

(re)colocados como problemas, no sentido negativo da palavra. Tais "problemas" me renderam diversos apontamentos que, na maioria das vezes, mais direta ou indiretamente vinham me alertar sobre possíveis transtornos ou complicações que eu poderia enfrentar em função do borramento de fronteiras e distanciamentos, com os quais eu deveria "tomar cuidado". É interessante também mencionar que foram raras as demonstrações de interesse, durante o curso das disciplinas de parte desses professores e professoras, pela riqueza epistêmica que encontramos com o desenvolvimento de investigações e análises sociais e culturais a respeito das experiências dissidentes de gênero e sexualidade. A respeito de como problemas de gênero e sexualidade também se configuram como problemas antropológicos. Tampouco havia espaço suficiente para exercitar certos mergulhos nessas questões, aprofundar e complexificar questões que me foram colocadas pelo campo e se construindo a partir da minha relação com interlocutores. Nesse cenário, mediado por algum desinteresse com essa antropologia por alguns considerada *menor*, um dos temas que não deixavam de ser abordados recorrentemente eram a necessidade de distanciamento de dito "objeto de pesquisa", que eu violava a cada passo, e a necessidade de se compreender as diferenças entre um trabalho antropológico e um texto politicamente posicionado, um texto militante demais. Algo que, sinceramente, até hoje não compreendo de fato, pois a suposta ausência de posicionamento político representa, ao meu ver, uma "militância" a favor da manutenção do *status quo*. Reconhecer e assumir, principalmente textualmente, meu lugar no campo e nas relações que eu estabelecia com meus interlocutores, tornou-se então um problema com o qual eu deveria ter cautela, tendo em vista a necessidade de se manter o "distanciamento metodológico necessário para o desenvolvimento da disciplina" – para que esse texto de fato se configurasse como uma produção antropológica. E caso tal distanciamento não fosse preservado, poderia me gerar infortúnios entre os "pares" avaliadores de meu trabalho.

Foi bastante solitário o processo de reflexão sobre meus deslocamentos e os efeitos produzidos por esses em minha relação com o campo e com a escrita etnográfica, e nesses caminhos ainda restam muitas trilhas, pedras e buracos a serem melhor analisados. De certo modo, trocando em miúdos, o nó que encontrei em minha frente se assemelha, resguardadas as devidas especificidades e contexto de cada trabalho, ao descrito por Favret-Saada: "se eu 'participasse', o trabalho de campo se tornaria uma aventura pessoal, isto é, o contrário de um trabalho; mas se tentasse 'observar', quer dizer, manter-me a distância, não acharia nada para observar"(2012,p.157), ou seria quase obrigada a desconsiderar importantes pontos de investigação a respeito de minha relação com o campo e os interlocutores e interlocutoras. Eu

difficilmente conseguiria dar passos adiante, desenvolver e aprofundar as relações que tecíamos, e também as investigações dos debates propostos através dessas trocas. E certamente alguns de meus interlocutores não iriam se dispor a conversar sobre os temas sobre os quais venho pensando e perguntando insistentemente e, menos ainda, a serem entrevistados, caso a pesquisadora em questão não compartilhasse de um ser/estar no mundo com uma corporalidade dissidente da cisnormatividade, realizando uma pesquisa desde esse lugar. O que foi em algumas ocasiões manifestado por alguns dos interlocutores, tanto por meio de comunicações diretas e verbalizadas como reveladas despreziosamente e espontaneamente em outras situações e/ou entrelinhas. Não quero dizer, de forma alguma, que essa pesquisa seria inviabilizada nas mãos de outras pessoas com outros posicionamentos corporais e subjetivos, apenas acredito que teria outros contornos, acionaria outras estratégias narrativas e, provavelmente, seguiria por outros caminhos.

Pensando sobre como viabilizar uma etnografia em meio a sua “aventura pessoal”, Favret-Saada (2012,p.160) sugere quatro traços relevantes, que me parecem estratégias inspiradoras para pensar e como também viabilizar o texto de minha aventura; A primeira delas diz respeito a comunicação etnográfica, a atenção não deve se limitar somente àquilo que é verbalizado, voluntária e intencionalmente. Sugere-se a percepção assídua daquilo de aspectos não verbais e involuntários das trocas e da experiência vivida. Fazendo-se indispensável a concentração de esforços etnográficos acerca dessas outras formas de comunicação. Sendo assim, para além das entrevistas realizadas, e mesmo de perguntas pontualmente realizadas em outras ocasiões, procurei também sempre me atentar àquilo que vez ou outra se diz sem dizer, outras formas de comunicações sutis que muitas vezes passam despercebidas ou como algo de menor importância, inclusive os silêncios que diversas vezes também comunicam intensamente. O fato de compartilhar certas experiências e/ou posições de corporalidade com relação à cisnormatividade também garantiram, em algumas ocasiões, trocas comunicativas involuntárias e não premeditadas, muitas vezes repletas de significados. Acredito terem sido fundamentais as diversas imersões, não só em eventos pensados especificamente para compartilhar e debater questões relacionadas à transmasculinidade, mas também proporcionadas por relações cotidianas, mediadas por afetos, amizades, situações informais compartilhadas, de construção de saberes acerca das experiências vividas, encontros balizados por outros fatores pouco ou até nada diretamente relacionados à pesquisa mas que, de diferentes formas, me informaram vez ou outra sobre assuntos de meu interesse também para esse fim.

A segunda consideração de Favret-Saada (2012) refere-se à forma com que tratamos os dados e registros de campo, sendo importante “faz[er] justiça àquilo que na etnografia é afetado, maleável, moldado pela experiência do campo, ou então àquilo que nele quer registrar essa experiência, quer compreendê-la e fazer dela um objeto de ciência”, permitindo-se mudar de perspectivas, abrir mão daquilo que em um momento parecia servir mas que o campo revela não ser tão útil ou relevante assim. Também a permitir afetar-se por novas questões, problemas, que demandem novos arranjos, que se trilhe diferentes caminhos dos antes planejados, permitir que o campo nos diga e de fato ouvir o que nos diz, repensando-o e reelaborando-o, nos distintos momentos da pesquisa. Movimentos que constantemente me convidavam a refletir sobre o desenhar da relação entre o campo e a materialização do processo de pesquisa, que se dá através desse texto.

A terceira consideração é relativa à temporalidade envolvida na experimentação do campo e dos afetos deste, de suas reverberações, tempo durante o qual torna-se inviável a construção narrativa do mesmo, o que demanda um outro momento, um outro deslocamento com relação ao campo que possibilite a realização de conexões mais amadurecidas, complexificadas e, portanto, menos óbvias. Uma temporalidade cara, da qual dispomos apressadamente durante o curso de um mestrado. A melhor compreensão analítica das narrativas ocorreria, então, num momento posterior à realização do trabalho de campo, nos decorrentes processos e operações de elaboração das análises dos materiais. Processo esse que, por fim, leva aquele que investiga a compreensão da “densidade particular” dos materiais e reflexões advindas do campo, que levam a uma série de rompimentos com certezas e cristalizações científicas estabelecidas e, de alguma forma, hegemônicas nos campos dos saberes.

Em meio a essas escolhas metodológicas, junto a todo cenário descrito seria impossível seguir com a pesquisa sem a possibilidade de trazer o meu corpo para o texto, assim como as reflexões que surgiram em função dos processos de afetação e trans-formação que vivi em campo. Confesso que em alguns momentos de maior insegurança e receio pensei em seguir aquelas orientações de “deixar isso pra lá”, omitir essas questões na escrita da dissertação e talvez, no máximo, trabalhar essas discussões “separadamente em um artigo depois de você terminar sua dissertação”. Pensei até em frear meus processos de trans-formação corporais e subjetivas como uma estratégia para conter essa avalanche de problemas antropológicos que estavam se colocando diante de mim.

Entretanto, em certo ponto dessa caminhada, me dei conta de como esse contexto agia sobre mim como um dispositivo de cisnormatividade institucional, que pesava tanto sobre meus ombros e me impedia de tomar as decisões sobre minha própria vida para evitar "problemas" teórico-institucionais com minha pesquisa de mestrado. Decidi então não ceder e assumir os riscos, afinal de contas, se não fosse assim, nenhuma dessas páginas e da minha dedicação ao desenvolvimento desse trabalho fariam o menor sentido. Como me distanciar de algo que também me afeta completamente em todos os âmbitos de minha vida social? É possível, ou melhor, necessário, operar dessa forma para se produzir reflexões antropológicas? Existe lugar na antropologia para que "o outro" torne-se e produza conhecimentos sobre realidades dos grupos aos quais "pertence"?

Talvez a forma com que me relacionei com o campo se aproxime mais de uma "participação observante", no sentido de que me envolvi e fui envolvida ativamente em diversos acontecimentos, relações, eventos e atividades que aconteceram durante o período de trabalho de campo que, na verdade, tornou-se mais uma das esferas de minha vida social em tempo integral. O trabalho antropológico, que media minhas relações com o que compreendo como campo da pesquisa, funcionou como uma espécie de guia para certos direcionamentos dos meus olhares, reflexões e de minhas análises decorrentes da seleção e construção dos dados enquanto tal, assim como o próprio campo e suas forças guiaram os fazeres do trabalho.

Retomando o recurso metodológico de observação participante, ao qual atualizei em minha prática através de minha participação observante, Favret-Saada (2012) argumenta que a ideia de "participar", termina por carecer de conteúdo empírico, posto que para grande parte dos antropólogos a observação era o que, de fato, convertia-se em conteúdo relevante para a reflexão e escrita etnográfica, "participando apenas o mínimo necessário para que seja possível uma observação" (idem, p.156). Escolha que revela uma postura reservada e comedida – e muitas vezes colonizadoras da experiência alheia, temerosa de envolvimento e atravessamentos que questionem ou esvaziem de sentido certas categorias analíticas e até mesmo a lógica do distanciamento. Tal metodologia, para a autora, pode falhar com relação ao campo das percepções – para que posteriormente se produza registro – fechando os sentidos a toda uma sorte de conteúdo "inobservável". Algo que se relaciona àquilo que passa diretamente pelo corpo e pela subjetividade de forma profunda, e que em grande parte envolve formas de trocas e comunicações para além do que o verbal é capaz de transmitir ou mesmo do que uma observação exterior, ainda que atenta, possa captar.

O fato é que os acontecimentos, as conversas, as interpelações de meus interlocutores e as reflexões provocadas pelas pesquisas e leituras me atingiram com tamanha intensidade que eu mesmo jamais imaginava quando no início desse caminhar. Em decorrência desse impacto, sucederam-se giros e deslocamentos subjetivos e físico-corporais que rearticularam não só os trilhos pelos quais tem passado o presente trabalho como também minha vida pessoal e social de maneira mais ampla. Acredito ser também esse tipo de contágio que culmina em deslocamentos tanto imprevisíveis como determinantes, a que Favret-Saada (2012) se refere com sua proposição da noção de "ser afetado". Tais deslocamentos, junto ao borrar de fronteiras entre campo e vida cotidiana, permitiram-me acessar diferentes lugares de observação, atuação e inflexão a respeito dos temas de relevância para esta pesquisa, assim como acessar informações, as escolhas a respeito de como analisá-las e apresentá-las em texto. Assim como o acesso a espaços e formas de constituir relações, trocas e comunicações que muito dificilmente pesquisadores – ou eu mesmo – em outras condições poderíamos aceder.

As redes e fluxos de relações e comunicações se constituem, em alguns casos, de formas bastante distintas das que se pressupõe em uma relação entre pesquisador e pesquisadas quando esta é mediada, por parte de pesquisador, exclusivamente pelos interesses da pesquisa. É preciso ponderar também que o fato de eu estar realizando um trabalho de investigação acadêmica também influi nessas relações e, vira e mexe, meus próprios interlocutores me fazem lembrar – ou não me deixam esquecer – através de interpelações diversas que variam desde questionamentos com relação aos meus objetivos e intenções a piadas e comentários recheados de ironia e sagacidade.

Durante a realização da pesquisa etnográfica que nos trouxe, por seus descaminhos e rotas redesenhadas, à materialização desse texto, a errância do pesquisador assume grande importância. De início, eu me identificava como uma pessoa cisgênera e lésbica, que já experimentava as dores e delícias proporcionadas por habitar o espectro da masculinidade não autorizada pela cisheteronorma; trocando em miudos, por carregar em meu corpo os códigos de masculinidade que faziam de mim uma sapatão caminhoneira, masculina, maria-homem, e por aí vai. E ao longo dos meses, e do desenvolver de questionamentos ao gênero e suas leis normalizadoras que padronizam e limitam a experiência corporal e subjetiva das pessoas, vi tais indagações reverberando também internamente.

Fui, constantemente, interpelado por mim mesmo, pela realização do meu trabalho, pelas horas de leituras, entrevistas, encontros e conversas em torno a estas questões. Nessa

jornada, a princípio acadêmica, tive a oportunidade de encontrar-me, em diversos momentos, comigo mesmo. Com meus desejos, meus fantasmas, meus anseios por mudanças, e por materializar, em mim mesmo, um trânsito de gênero que promoveria a ruptura com a experiência de cisgeneridade rumo à inauguração de uma existência enquanto pessoa transgênero. Um giro corporal e subjetivo que me reposicionou em minha jornada de vida como um todo, assim como, certamente, no meu trabalho de pesquisa etnográfica entre pessoas transmasculinas.

Agregou-se, então, uma dimensão daquilo que podemos chamar de autoetnografia, por passar a se tratar de uma investigação que possivelmente leva à elaboração e articulação de ideias, interpretações e conceitos justapostos, a partir de elementos, narrativas e observações de um grupo ao qual eu mesmo, também enquanto pesquisador, passo a habitar. Notei também que houve uma mudança na forma com que minha proposta de entrevista e observação era recebida e valorizada.

O rompimento de fronteiras produzido pelo trânsito de gênero vivenciado pelo conjunto corpo-subjetividade do antropólogo em questão, e os efeitos gerados a partir daí são, certamente, terreno fértil para que germinem sementes de frutíferas reflexões que podem ser cultivadas a partir de questões com raízes fundamentalmente antropológicas. Trabalho sobre o qual pretendo me dedicar com mais atenção e tempo em oportunidades futuras, posteriores ao encerramento da dissertação de mestrado, dadas as urgências de sua curta disponibilidade de tempo e recursos.

Aqui, limito-me a partilhar reflexões breves, e ainda incipientes, dada a complexidade e intensidade das questões que - como dito anteriormente - demandam considerável tempo de maturação e elaboração. Uma delas diz respeito ao fato de que indentificar-me como uma pessoa transmasculina, possibilitou que eu acessasse espaços criados como exclusivos, ou seja, dos quais poderiam participar somente pessoas que partilhassem de uma identificação enquanto transmasculinos, homens trans, trans não binários; espaços nos quais antes, quando me posicionava como lésbica, sequer considerarei comparecer.

Na medida em que passei a experienciar em minha vida cotidiana, com ou sem a presença de meus interlocutores, processos de ser afetado e atravessado por algumas mesmas forças, com diferentes especificidades, que lhes afetam em função de suas existências que incorporam códigos de gênero e expressões de sexualidade transgressoras das normas. Por compartilhar com eles e elas tais vivências, fui experimentando um outro lugar que permitiu o estabelecimento daquilo que Favret-Saada (2012) e Goldman (2003) chamam de *comunicação involuntária*, que estreitam certos vínculos e pontos de permeabilidade mútua.



Acredito que isso, de certa forma, tornou-me mais acessível a alguns dos interlocutores, assim como de perspectivas outras e análises diferenciadas, assim como eles a mim. Durante grande parte das entrevistas, assim como em outros momentos de trocas, as interpelações não tinham uma única direção, partindo de mim em direção a eles e elas. Constantemente as perguntas que eu fazia voltavam para mim, e da mesma forma que eu buscava conhecê-les e conhecer suas trajetórias e compreensões sobre suas experiências, os meus caminhos e minhas percepções da transmasculinidade também despertavam interesse como mais um ponto de vista sobre essa experiência, construindo redes de relações de conhecimento mútuo e muitas vezes de apoio e troca comunitária entre nós.

Estar envolve em um processo de produção e construção de uma pesquisa antropológica que envolve denso contato com literaturas de teoria antropológica, estudos de gênero e sexualidade, teoria feminista, intensos debates em sala de aula, um certo treinamento no âmbito acadêmico mais ou menos incorporado pela pesquisadore; o desenvolvimento de questões para guiar o trabalho investigativo, a busca de estabelecer conexões, nexos e eixos analíticos, reformular perguntas, buscar respostas e caminhos para refletir sobre as respostas encontradas e sobre as não encontradas ou compreendidas. As preocupações éticas, metodológicas, a problematização do meu lugar de escrita e análise, e toda uma série de preocupações e interesses que também afetam a mim e constituem o desenvolvimento e elaboração do texto, muito mais que a criação totalmente arbitrária e artificial de um falso distanciamento, é que, acredito eu, tendem a configurar esse trabalho como um texto antropológico.

Atribuir somente ao “nós”, enquanto sujeitos envolvidos com a academia, o saber, a elaboração crítica, a construção de conhecimento e de compreensão da realidade, ao passo que se constrói uma representação de um “eles” como despossuídos de instrumentos ou vocabulário necessários para dizer e analisar sua própria experiência, além de reiterar uma postura de colonialidade do saber, cria também, segundo Favret-Saada, uma redoma que acaba por “proteger o etnólogo [e demais antropólogos, acredito] contra qualquer contaminação pelo seu ‘objeto’”, consolidando uma fronteira que muitos ainda defendem como fundamental para exercício antropológico da relação de alteridade e a decorrente produção do texto etnográfico.

Pretendo desenvolver algumas das reflexões e análises aqui sinalizadas sobre os agenciamentos de diversos afetos, ligados a minha história e trajetórias pessoais, a

posicionamentos políticos teóricos e éticos com relação à pesquisa e ao tema pesquisado, e ao meu envolvimento com o campo e aos processos decorrentes dessa imersão. E também relativos aos desafios, possibilidades e limitações do desenvolvimento do trabalho proposto dentro do campo de conhecimento e saber que estamos construindo na Antropologia. Somado a isso, é de meu interesse contribuir elaborando aqui alguns possíveis “modelos de compreensão” (GOLDMAN, 2003, p.459), sempre relativos, parciais, incompletos e em eterno movimento, de alguns fenômenos relativos a experiências de vidas transmasculinas nos contextos estudados, relacionando elementos concretos do campo a abstrações minhas e de meus interlocutores, buscando dar sentido e inteligibilidade a certos processos e atravessamentos destas experiências. Buscando assim elucidar e, simultaneamente, complexificar nossas compreensões relativas a estes processos.

## 2 TRANSVIANDO CORPOS, GÊNEROS E SEXUALIDADES – NORMATIVIDADES EM JOGO

### 2.1 DESNATURALIZANDO FICÇÕES DE GÊNERO

Os processos de significação e simbolização do masculino e do feminino em nossa sociedade que se dão com base em supostas “verdades” ontológicas dos sujeitos, inscritas em seus corpos desde o nascimento. Os gêneros e seus códigos nos são, então, apresentados como algo pré-discursivo, como um dado na natureza, que se constitui a partir de estrutura supostamente fixa, binária e auto excludente – um gênero não pode ser ou conter outro(s). Opondo-se a tais concepções, Butler (2010) sugere que gênero não é algo que se possua “(...) o gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é *performativamente* produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero.” (BUTLER, 2010, p.48, itálicos originais). A esse sistema que organiza e regula as (in)coerências de gênero Butler nomeia como matriz sexo-gênero, que opera de maneira normativa heterossexual, circunscrevendo suas leis em nossos corpos antes mesmo de nascermos.

Segundo a autora, esse mecanismo cria um [c]istema de linearidade causal e compulsória entre o que entendemos como sexo, gênero, e os desejos e práticas sexuais, afim de instaurar uma coerência normativa aos corpos, às suas expressões e práticas. De acordo com a qual um corpo marcado por determinado sexo deve expressar-se de acordo com o gênero que lhe corresponda, e ter relações do campo do desejo e das prática sexuais com um indivíduo ao qual foram atribuídos sexo-gênero opostos. Esse modelo, que organiza os códigos de gênero, é constantemente parodiado, incessantemente repetido nas práticas cotidianas e nos modos de ser e estar no mundo. Dessa forma busca-se, consciente ou inconscientemente, adequar-se a certos padrões de feminilidade e masculinidade. A repetição de performatividades em coerência com a norma, é que, segundo a autora, produz o efeito de naturalização desse padrão, que é socialmente, portanto artificialmente, construído como o normal, nas palavras da autora:

[o] gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser.” (Butler 2010, p.59).

Os corpos e subjetividades trans são, majoritariamente, tidos como ininteligíveis pois produzem, em si e a partir de si, combinações de códigos de gênero incoerentes com a lógica cisnormativa da matriz [cis]heterossexual. Dão vida e movimento a formas ilegítimas de apropriação desses códigos. Assim, convertem-se em transgressores de normatividades compreendidas como naturais e ontológicas em nossa sociedade, e são como consequência dessa insubordinação, muitas vezes relegados a abjeção, a precariedade, a desumanização e a marginalidade social. Nossas experiências contradizem os modelos de gênero e sexualidade normativos que exigem e naturalizam uma conformidade entre o corpo, identificações e expressões de gênero e desejo. Revela-se a plasticidade de categorias tais como masculino e feminino, homem e mulher, que são desterritorializadas, reterritorializadas, ressignificadas e reconstruídas por meio de nossas experiências, atravessando nossos corpos e subjetividades ao passo que esses também as atravessam.

Para se pensar nossas experiências e corporalidades, parece-me fundamental situar e contextualizar alguns conceitos e categorias úteis para refletirmos sobre gêneros e sexualidades fora dos marcos normativos que definem certas expressões como naturais e normais e outras, como anormais ou patológicas. É preciso que nos perguntemos sobre como certas “verdades” são naturalizadas através de processos socioculturais e materiais que as constroem enquanto tal. Esses movimentos de questionamento e historicização de construtos sociais tomados como verdades da natureza e utilizados como justificativa para a produção e reprodução de processos de exclusão e violência configuram, ao meu ver, algumas das mais belas e potentes contribuições de ordem teórica e política dos fazeres antropológicos.

Recorro a algumas formulações propostas por Paul Preciado (2008) para instrumentalizar algumas reflexões sobre nossas experiências trans no contexto ocidental de normalização e produção de corpos marcados pelo sexo. Preciado (2008) propõe que pensemos categorias como masculino x feminino, homem x mulher, homossexual x heterossexual, transexualidade e intersexualidade como ficções políticas vivas, encarnadas nos corpos, associadas a um conjunto de técnicas políticas de normalização do corpo e das subjetividades, com o intuito de produzir uma ordenação do mundo de forma regular e regulável (Butler, 2012). O autor busca, com o desenvolvimento de sua proposta teórica, traçar uma cartografia de como aparecem historicamente esse conjunto de ficções políticas vivas através dos quais se gerem corpos e subjetividades. Para tanto, recorre ao método genealógico de Foucault.

O empreendimento foucaultiano de desenvolver uma genealogia da racionalidade político-sexual do ocidente se constrói em dois principais eixos que se entrecruzam: a história da sexualidade e a história da relação entre corpo, poder e verdade, que se configuram como pilares centrais da governamentalidade social<sup>19</sup>(Preciado, 2008). A transição do regime soberano, de poder sobre a morte, para o regime biopolítico, em que se passa a gerir a vida da população, prepara o terreno para o aparecimento das novas ficções políticas com as quais seguimos, de certo modo, nos identificando até os dias atuais. Este processo envolve também um giro no que diz respeito ao que Foucault nomeia de “aparatos de verificação”, ou seja, aqueles conjuntos de sistemas que têm o *poder de produção da verdade*. Durante o regime soberano este aparato se apoiava na moral religiosa, que vê o corpo como subalterno às leis divinas, como pecador por excelência, e por isso em dívida eterna com a moral religiosa e seus decretos. A partir dos séculos XVIII e XIX, a produção da verdade passa a se dar com mais força no âmbito dos aparatos e discursos técnico-científicos, o que causará, segundo Preciado (2008), uma série de impactos em nossas formas de compreender as formas de produção, normalização e controle da subjetividade sexual.

O modelo monossexual – no qual o sexo masculino é tido como ontológico e o feminino como uma variação deteriorada deste – entra em crise e cria-se nesse contexto uma noção de diferença sexual anatômica, portanto, científica, que vem para estabelecer partições de poder que definem a normalidade e a patologia. A noção de gênero será criada nos anos 1950 em um laboratório de psicologia e psiquiatria infantil, junto a noção de intersexualidade, e se casam no contexto médico-científico para sinalizar a possibilidade de se modificar o corpo dos bebês para direcioná-los à masculinidade ou feminilidade e assim normalizar seus corpos de acordo com os parâmetros binários, que reconceituo, ao longo desse capítulo, como “parâmetros cis-heteronormativos”, considerando uma junção estratégica de atuação das normas que organizam e instituem tanto a cisgeneridade como a heterossexualidade como padrões de produção de corpos e modos de vidas humanos a partir de uma economia do gênero e da sexualidade..

Desde o século XVIII, como propõe Foucault (2014), a modificação dos processos de governo social implicou que o corpo esteja no centro da gestão do político. A reprodução sexual se torna uma das maquinarias privilegiadas de controle e administração social na

---

<sup>19</sup> Segundo Foucault, governamentalidade diz respeito à investigação e análise das formas, modos e técnicas de se governar. Que se constituem a partir de dois eixos correlacionados, o governo de si e o governo dos outros. Com intuito de aprimorar esses modos de exercício do governo desenvolve-se diversos saberes, técnicas e instrumentos (Castro, 2009).

industrialização que tem como base produtiva a família cisheteronormativa. Nesse sentido, toda sexualidade não reprodutiva se torna objeto de controle, vigilância, disciplinamento e normalização – com a ajuda de uma série de campos de saber e das técnicas e instrumentos desenvolvidos por estes. O sexo passa a ser compreendido enquanto algo que, em constante transformação ao longo da história, produz efeitos na maneira com que as corporalidades são produzidas. Assim, a administração dos intercâmbios sexo-afetivos entre os corpos torna-se um dos enclaves estratégicos na arte de governar. Cada corpo, para tornar-se sujeito no seio do Estado moderno, deve passar pelo processo de fabricação que o converterá em um ser humano sempre marcado pelo gênero, disposto a formar um casal e reproduzir-se.

Para pensar as formas de gestão da sexualidade na contemporaneidade ocidental, a partir do pós II Guerra, Preciado escreve ser necessário inventar um conjunto de contraficções para se pensar sobre esse conjunto de técnicas e tecnologias de gênero (LAURETIS, 1996) e poder, que denominará Regime Farmacopornográfico. Nesse contexto, as três formas de produção de corpos e governabilidade se articulam, podendo até simultaneamente entrar em contradição. As novas técnicas se dão no âmbito da bioquímica, da mídia, dos aparatos digitais, e de técnicas que podem ser engolidas ou implantadas e transformar os sujeitos desde dentro para fora, como no exemplo da pílula anticoncepcional, trabalhado pelo autor. A pílula, que foi desenvolvida como técnica de eugenia para controle de natalidade de populações não brancas, foi apropriada pelas mulheres brancas de classe média como instrumento de liberação sexual e logo passa a ser apropriada pelas travestis e mulheres trans como tecnologias de modificação corporal. A mudança consiste então no fato de que o conjunto de enunciados que determinam o verdadeiro e o falso não são apenas definidos pelo discurso científico, mas sim em sua interação com os meios de comunicação, pelo mercado financeiro e pela indústria farmacológica (Preciado, 2008). Está imbricado na industrialização do processo de produção capitalista, no qual se encontra o sistema heterossexual em sua industrialização dos processos de reprodução humana. Sexo e gênero são, portanto, dispositivos inscritos em um sistema tecnológico complexo, em histórias das tecnologias biopolíticas como negociação de fronteiras humano-animal, corpo-máquina, órgão-plástico (Preciado, 2008).

Preciado então conceitua sexopolítica como a ação biopolítica em que os chamados órgãos sexuais, as práticas sexuais, os códigos de feminilidade e masculinidade e as identidades sexuais “normais” e “desviantes” *entram no cálculo de poder*, ou seja, tornam-se estratégicas no campo das disputas e exercícios do poder.

[D]enominei sociopolítica, seguindo as intuições de Michel Foucault, Monique Wittig e Judith Butler, a uma das formas dominantes dessa ação biopolítica que emergem com o capitalismo disciplinar. O *sexo*, sua verdade, sua visibilidade suas formas de exteriorização, a *sexualidade*, os modos normais e patológicos de prazer, e a *raça*, sua pureza ou sua degeneração, são três potentes ficções somáticas que obsecionam o mundo ocidental a partir do século XIX até constituir o horizonte de toda ação científica e política contemporânea. São ficções somáticas não porque não tenham realidade material, mas sim porque sua existência depende do que Judith Butler denominou como *repetição performativa* de processos de construção política (Preciado, 2008, p.58. Tradução minha)

Nela, os discursos sobre o sexo e as tecnologias de normalização de identidades sexuais se tornam um agente de controle da vida, sendo a heterossexualidade, conceituada por Wittig (2010) como regime político, transformada em uma tecnologia biopolítica destinada a produzir corpos heterossexuais – e cisgêneros – e com isso institui-se um ciclo de retro-alimentação entre as lógicas binárias cisnormativas que dividem seres humanos entre homens (cisgêneros) e mulheres (cisgêneras), cada qual com seus atributos de masculinidade ou feminilidade, e a sustentação da heterossexualidade compulsória e reprodutiva.

Adotando uma perspectiva biopolítica que distingue poder e potência, Preciado compreende os corpos e as identidades dos “anormais” como potências políticas, e não simplesmente como efeitos dos discursos sobre o sexo. A sexopolítica não diz respeito apenas à regulação das condições de reprodução da vida ou os processos biológicos que se referem à população, mas também a uma divisão do trabalho da carne, de nossos corpos, na qual cada órgão é definido por sua função, discussão que retomaremos no capítulo seguinte.

A ficção cisnormativa que define uma “verdade” última de nossos corpos baseadas em um modelo que classifica a existência de apenas duas genitálias possíveis, e, como uma derivação construída como natural dessas genitálias, atribui-se uma série de expectativas e exigências a respeito dos códigos e identificações de gênero que aquele corpo pode, ou não, acessar, e de como deve organizar e desenvolver sua sexualidade e sua corporalidade. Em outras palavras, define-se que a leitura sociocultural do genital, que define compulsoriamente as formas e limites de expressões de gênero, identificações e práticas sexuais.

...uma das características do regime biopolítica [cis]heterossexual era o estabelecimento, através de um sistema científico de diagnóstico e classificação do corpo, de uma linearidade causal entre sexo anatômico (genitais femininos ou masculinos), gênero (aparência, papel social, isso que depois Butler denominará *performance* feminina ou masculina), e sexualidade (heterossexual ou perversa)(...)qualquer desvio dessa cadeia causal é considerada como uma patologia. (Preciado, 2008, p.96. tradução e alteração entre chaves minhas)

Como consequência desse processo ficcional e performativo, elaborado como uma leitura desinteressada de simples fatos da natureza, comumente acredita-se que existam

somente dois gêneros possíveis, que são definidos para nós em função da genital com que viemos ao mundo. Quando essa genital não se enquadra nos parâmetros classificatórios de masculinidade ou feminilidade, os corpos se encontram sujeitos a intervenções cirúrgicas arbitrárias que buscam “corrigir o problema”<sup>20</sup>, produzindo uma adequação ao [cis]tema binário. É também desse tipo de sistema de produção de verdade sobre os corpos que deriva a necessidade de se legitimar identificações de gênero trans através de processos que patologizam nossas experiências e que são mediados pelo Estado e aparatos médico e jurídicos.<sup>21</sup>

Com o presente capítulo, pretendo endossar uma crítica à cisheteronormatividade e seus mecanismos perversos e excludentes que, a partir de suas prescrições, objetivam normalizar corpos e subjetividades. Algo que já vem sendo feito por muitos pesquisadores, militantes, e sujeitos que têm experiências e corporalidades que divergem daquilo que é definido. Busco também produzir um registro de outras possibilidades existentes de vivências e corporalidades que não se adequam a tais prescrições. Não tenho a intenção de mapear e registrar todas as possibilidades de vivências de gênero existentes, são infinitas as potencialidades de nossos corpos e subjetividades de articularem e ressignificarem códigos de masculinidade e feminilidade. Tampouco anseio produzir um material com o qual todas as pessoas trans se identifiquem plenamente.

Desejo apenas registrar algumas das possibilidades existentes, com base nas experiências de meus interlocutores que participaram dessa pesquisa diretamente através de entrevistas e/ou conversas informais, ou indiretamente em outros espaços de trocas e discussões sobre nossas experiências dissidentes da cis-heteronormatividade. Trata-se de reunir e traçar algumas distintas trajetórias e formas de identificação de gênero incoerentes com a norma e mais coerentes com nossos desejos, registrar possibilidades de ser e existir que estão para além dos marcos binários, fixos e naturalizados do gênero. O capítulo posterior tratará de alguns aspectos de nossas sexualidades e práticas sexuais, a partir desse mesmo recorte. É minha intenção também, ao sinalizar a maneira com que nos são colocadas as possibilidades de acesso a códigos e expressões de gênero consideradas legítimas, Refletir sobre os contextos, possibilidades e estratégias de negociação que temos ou criamos com esse jogo, do qual não participamos da criação das regras mas somos obrigades, de diferentes

---

<sup>20</sup> A respeito de questões médicas e sociais relacionadas a intersexualidade ver Machado (2005; 2008)

<sup>21</sup> Para saber mais sobre discussões acerca da despatologização das identidades trans a partir de experiências de transmasculinidades ver Oliveira, A. L. G. (2015). “Somos quem podemos ser”: os homens (trans) brasileiros e o discurso pela (des)patologização da transexualidade.



formas, a lidar cotidianamente. Em outras palavras, refletir sobre como negociamos e disputamos com a cisheteronorma que orienta e organiza códigos e símbolos marcados pelo gênero, tendo consciência de que não existe exterioridade completa à norma, e que de alguma forma ou outra nos relacionamos com ela, traçando nossos diferentes caminhos e escolhas que reverberam produzindo distintos efeitos em nossas vidas.

Com isso, espero contribuir, pensando nas comunidades trans e gênero dissidentes, para que possamos nos reconhecer, em alguma medida, naquilo que nos aproxima e também gerar material para que pensemos na diversidade de nossas experiências, respeitando aquilo que nos diferencia em nossas formas de construir nossos corpos, identificações de gênero e modos de vida. Cada um de nós, conforme nossos desejos e possibilidades, definimos como expressamos e materializamos expressões de gêneros em nossos corpos, assim como cada um de nós se movimenta e lida de diferentes formas com as consequências sociais que enfrentamos em função de nossas escolhas por vivermos em conformidade com nossos desejos e necessidades.

As questões aqui abordadas, bem como os caminhos analíticos traçados, surgiram tanto a partir do material gerado pelas entrevistas e de registros etnográficos realizados em situações diversas em campo, com pessoas que ao nascimento foram designadas ao gênero feminino e que vivem experiências de dissidência da cis-heteronorma. E assim constroem seus corpos e subjetividades no sentido de identificações com a masculinidade. Considero também reflexões geradas a partir de minha própria experiência nesses caminhos, assim como de minha interação com os amigos e interlocutores ao longo da construção dessa pesquisa.

## 2.2 MULTIPLICIDADE DAS IDENTIFICAÇÕES E CORPORALIDADES TRANS

*[...] sei lá, essa coisa de, de ter uma figura de sapatão na cabeça desde nova... disso que a gente tava falando né, de sapatão, e desconstruir esse lugar da feminilidade, de você se ver enquanto mulher também é nesse lugar assim, sei lá... é... sei lá desconstruir mesmo esse binarismo, acho que tem sido muito libertador pra mim, tanto a figura da mulher quanto do homem assim, e isso pra mim tem me valido muito na real, me desprender de tudo que a gente já nasce com essas coisas impregnadas na gente assim mesmo. E sinto que é um role de libertação muito foda assim mesmo, tem sido um lugar de conforto e, sei lá...acho que essa coisa da saúde mental, de você viver com menos noia, dessas relações de poder assim...acho que,*

*sei lá...acho que é meio isso, essa desconstrução dos gêneros com o passar dos anos ela vem se intensificando de uma forma muito massa assim, em mim.*

Rubens - pessoa sapatrans não-binária

A partir da compreensão de que existem múltiplas maneiras de se experienciar, construir, narrar e compreender nossas experiências trans, esse capítulo se dedica a abordar e refletir sobre algumas dessas formas e percursos. A trans-identificação pode acontecer com qualquer pessoa que viva imersa em uma cultura em que haja um sistema binário de divisão e imposição de gêneros. Identificar-se e materializar no corpo códigos de gênero compreendidos, desde uma perspectiva normativa, como atribuições do gênero oposto ao sexo anatômico é um fenômeno que pode dar-se em diferentes momentos da vida, seja na infância, juventude ou durante a vida adulta. Meus interlocutores afirmam esses processos de trans-identificação e os trânsitos corporais e subjetivos como movimentos em busca de tornar suas vidas mais vivíveis, como um movimento que amplia as possibilidades de se habitar a vida (Butler, 2006) através de um corpo no qual se reconhecem. Os deslocamentos com relação às prescrições normativas de gênero é que, para muitos de nós, possibilitam que haja vida e desejo de viver.

Entretanto, o desvio com relação às leis sociais que regulam o gênero e suas expressões acarreta, no mais das vezes, uma série de sanções sociais que se intensificam quanto mais afastado da norma uma pessoa se apresenta. Sendo assim, ao apropriar-se de si mesmo e decidir materializar no corpo as suas próprias verdades, as pessoas trans muitas vezes se vêem obrigadas a despossuir toda ou boa parte de seus laços de sociabilidade (Butler, 2006, p.21), que passam por intensas transformações e, muitas vezes, acabam por dissolver-se. Observamos, então, um movimento de duplo sentido que, por um lado, torna essas vidas possíveis de serem vividas e por outro produz, simultaneamente, significativa precarização das mesmas. Por precarização compreendemos processos que impossibilitam ou dificultam o acesso a diferentes fases e lugares que permitem a uma pessoa ter estabilidade para desenvolver-se e integrar-se à vida social. No caso de pessoas trans alguns processos de precarização da vida que observamos frequentemente dizem respeito à evasão escolar, à ruptura de laços familiares e de amizades, à exposição à situações de violência física, simbólica, psicológica, patrimonial e sexual, à dificuldade ou impossibilidade de acesso ao mercado de trabalho, dentre outros abusos e negações que potencializam a marginalização social e econômica.

Retomando a questão da multiplicidade de experiências trans, gostaria de mencionar algumas das variáveis que compõem esse cenário. Em meio às vivências e trocas experienciadas, durante o período de meu trabalho de campo, a rica pluralidade de corporalidades, subjetividades, trajetórias e de compreensões sobre as transgeneridades foi verificada. As pessoas dissidentes de gênero manifestamos diversas práticas e afinidades políticas. Alguns de nós apresentamos vínculos religiosos, outros expressam práticas de fé e espiritualidade sem esses vínculos, outros se identificam como agnósticos ou ateus, e tudo isso pode mudar, assumir diferentes formas e expressões no decorrer de nossas vidas. Temos também distintos modos de vida, diferentes interesses e habilidades. Alguns vivem em grandes centros urbanos, outros em cidades menores ou comunidades rurais. Nascemos, vivemos e transitamos por diferentes lugares e contextos socioculturais, expressamos nossas sexualidades de múltiplas maneiras, temos diferentes pertencimentos e identificações étnico-raciais, temos origens e trajetórias em diferentes classes sociais e econômicas. Alguns apresentam condições crônicas que afetam a saúde e bem-estar. Há aqueles de nós que temos a possibilidade de acessar profissionais de saúde que ofereçam atenção qualificada e especializada, outros nos encontramos às margens desses acessos. Há pessoas trans que são acolhidas e apoiadas por suas famílias de origem, outras que fazem de outros vínculos e laços afetivos suas relações familiares verdadeiras. Alguns dentre nós fazemos partes de redes de apoio e afeto, outras se encontram em jornadas mais solitárias, em busca ou não de tecer redes com esse tipo de relações.

Todas essas variáveis, e muitas outras, podem influenciar na composição de nossas percepções de nós mesmos e na forma com que compreendemos, construímos e narramos nossas vivências e constituímos nossos caminhos como pessoas trans. Influenciam também na compreensão que se tem acerca do feminino e do masculino, seus códigos, suas formas de expressão, suas possibilidades de composição e justaposição performativas. Embora esse binarismo seja algo recorrente e corriqueiro em culturas ocidentalizadas, marcadas pelo processo de colonização, existe uma grande variação em torno a sua compreensão, valoração e possibilidades de expressão. As referências de feminilidades e masculinidades com as quais dialogamos e produzimos nossos corpos e identificações variam muito conforme o contexto em que se localizam.

Termos como “masculino” e “feminino” são notoriamente mutáveis; cada termo tem sua história social; seus significados variam drasticamente, dependendo dos limites geopolíticos e das restrições culturais sobre quem imagina quem e com que finalidade. O fato de os termos serem recorrentes é bastante interessante, mas a recorrência não indica igualdade, mas sim a maneira pela qual a articulação social

do termo depende de sua repetição, o que constitui uma dimensão da estrutura performativa do gênero. Os termos para designar o gênero nunca são estabelecidos de uma vez por todas, mas estão sempre no processo de serem refeitos (Butler, 2006, p.25)

A materialidade da multiplicidade das experiências e corporalidades trans se opõe radicalmente à noção de “transexualidade verdadeira” (BENTO, 2006; TEIXEIRA, 2013) um dispositivo de cisnormativo regulador de experiências transgêneras e gênero dissidentes, elaborada pelos saberes médicos e psi. Esse dispositivo institui haver uma forma única, padronizada, de habitar a experiência de transgeneridade. Os manuais de psiquiatria, que fundamentam essa perspectiva, ainda hoje orientam os profissionais encarregados de atestar e legitimar nossas existências enquanto pessoas trans, rubricada por um diagnóstico de transtorno mental.

A construção dessa ideia de “transexualidade verdadeira”, criada a partir de uma série de leituras normalizadoras e compreensões cis-héteronormativas das experiências gênero-dissidentes, constrói uma forma de existência trans que, para ser considerada verdadeira ou legítima, descarta uma enorme diversidade de possibilidades e potencialidades dos nossos processos de desconstrução e reconstrução de gênero em nossos corpos e performatividades. Esse modelo diagnóstico em momento algum se propõe a questionar a norma que é tida como algo fixo, natural, verdadeiro e imutável (Butler, 2012). E de forma alguma a interpela como uma definição arbitrária sociocultural e uma materialidade social e culturalmente produzida, que gera exclusão e sofrimento àquelas que não se adequam.

A compreensão desse quadro nos mostra que nos encontramos em permanente diálogo, ou disputa, com a normatividade de gênero em ao menos duas frentes: (i) a que cria a experiência cisgênera, que busca coerência de gênero e sexualidade como natural, normal e portando referência de expressão de gênero que se compreende como saudável, e (ii) a existência de um discurso que lê e explica e produz, na materialidade de nossos corpos, a transgeneridade como uma experiência de re-enquadramento ou reordenamento do corpo-gênero-sexualidade que fora desordenado em função de uma patologia mental.

Esse tipo de leitura cria uma série de normatizações e controles das nossas experiências – no âmbito familiar, nos consultórios médicos, nos órgãos que zelam pela burocracia estatal... – com as quais somos forçados a dialogar em diversos âmbitos e momentos de nossas vidas. Seja quando buscamos atendimento médico e ou psicológico, ou mesmo em nossa própria comunidade, tendo em vista que muitas vezes nós mesmos, pessoas dissidentes da normatividade de gênero, podemos introjetar estas interpretações sobre nossas

experiências. Uma decorrência verificada em campo é o entendimento que existem maneiras mais ou menos corretas de ser trans e, assim, que existem expressões trans ou gênero dissidentes mais ou menos legítimas umas que as outras.

Em diversas ocasiões, tais como encontros presenciais de homens trans e pessoas transmasculinas articulados por movimentos sociais, encontros universitários de diversidade sexual, fóruns e redes sociais online, e outros espaços de ativismo e militância, não era incomum que surgissem debates e disputas acerca das definições e limites que buscam estabelecer, fixar, circunscrever as experiências trans. Debates e disputas sobre critérios e requisitos que fazem de uma pessoa mais ou menos transgênero, algo como uma semente do *modus operandi* dos saberes e tecnologias de normalização, da produção de padronização que institui formas “certas” ou “erradas” de ser, plantada em nossas comunidades e que buscam legitimar práticas que vão na contracorrente da autodeterminação de nossos corpos, subjetividades e formas de identificação.

## 2.3 IDENTIFICAÇÕES DE GÊNERO

### 2.3.1 Sobre múltiplas e transitórias formas de identificar-se

As entrevistas com os interlocutores diretos desse trabalho sobre suas trajetórias de identificação de gênero e as observações realizadas em campo sinalizam a existência de múltiplas possibilidades de formas e termos com os quais podemos nos identificar desde a dissidência da cisheteronormatividade. Foi possível observar também que a forma de compreensão acerca das categorias identitárias, assim como as estratégias com que são acionadas, apresentam mudanças ao longo de nossas vidas, mesmo após o início da transição. A própria noção de “transição” se manifesta de diferentes maneiras. Para algumas pessoas transmasculinas, a transição de gênero é compreendida como um processo que apresenta início, meio e fim. Outras pessoas a compreendem como um processo contínuo e cotidiano, sem um ponto de chegada determinado. Podemos nos identificar, em um primeiro momento, com determinada categoria e posteriormente compreender que esta deixa de ser a mais adequada com relação à forma como nos compreendemos e nos sentimos, passando então a acionar outras. Muitas pessoas transmasculinas encontram bastante dificuldade em eleger uma categoria que seja suficiente para dizer de nossas experiências corporais e subjetivas com relação ao gênero e a sexualidade. É recorrente também que se prefira definir-se por aquilo que não se é (por ex.: não sou uma pessoa cisgênera) do que por uma categoria de

identificação já existente. Muitas vezes essa necessidade surge por meio de uma demanda externa, que exige a definição de um nome ou classificação para essas experiências, seja perante o Estado e seus serviços e aparatos, ou diante de nossas relações sociais mais íntimas.

Abaixo seguem alguns trechos de entrevistas nas quais alguns dos interlocutores que participaram da pesquisa falam sobre a forma com que se identificam, e suas relações com algumas categorias de identificação a partir de suas compreensões sobre suas corporalidades e experiências.

*[Ronei]<sup>22</sup> Aí, ultimamente assim, por conta de fazer, de dar rolê, que eu começo a falar assim: como homem trans, como uma pessoa trans; eu me identifico, acho como transgênero. Assim, acho que o mais próximo do que eu acho que é uma pessoa que também... Porque meu corpo também não dá muito conta das coisas assim, né? Não tem aquela masculinidade que o pessoal olha “ah é um homem!” sabe? Sou um menino, sei lá, faz 3 anos que eu me hormonizo e, e é aí que vai chegar... É aí que eu vou chegar, entendeu? Não vou conseguir ser aquele que é interpelado só como homem, não sou... Não é isso que tá acontecendo. É... minha auto-imagem é mais masculina e... mas eu acho que eu me identifico como transgênero; FTM [Female To Male], né? Alguma coisa assim, talvez mais com o T do que com o F ou com o M. Mas, sei lá, é meio confuso não é muito claro pra mim também... é esquisito, sei lá... mas é isso assim, acho que é meio que a história né? O percurso da coisa, não o meio que é a coisa, sabe? Aonde que eu vou. <sup>23</sup>*

xxx

*[Celestino] Ai, esse negócio de autoidentificação é muito complicado porque, é... porque eu não me identifico como homem, né? Às vezes até no rolê internet e pá, que os fulanos, os fulanos e os fulanos... homens trans e pá e aí eu não me identifico como homem trans, mas eu não me identifico como uma pessoa trans não binária. Nem como binária (risos). É... então assim, por necessidade de às vezes ter que, você ter que se auto-identificar como estratégia política eu, nesse, eu me identifico como pessoa trans. É... mas isso sempre, obviamente, pela minha passabilidade né? de... de um rapaz então é... muita gente acaba quando vê né? “ah o fulano é trans” aí rola uma identificação forçada de homem trans, mas*

<sup>22</sup> Os nomes originais dos interlocutores foram trocados por nomes escolhidos por eles mesmos. Os pseudônimos são uma forma de protegê-los e garantir seu anonimato.

<sup>23</sup> Com relação a formatação dos trechos de entrevistas, como não existe uma prescrição normativa específica que diga respeito a forma com que estes devem configurar, optei por diferenciá-los das citações bibliográficas. Essa formatação tem o intuito de destacar suas contribuições e torná-las mais orgânicas ao restante do texto. Essas falas, relatos e análises aqui transcritas configuram-se como contribuições argumentativas tão relevantes quanto as reflexões que apresento e as bibliografias citadas.

*eu não me identifico como homem trans não. É mais fácil dizer como não me defino do que como eu me defino. Mas no geral assim diria que como pessoa trans. Mas por, mas eu acho que todas essas coisas aí é forçação de barra também porque... não consigo dizer tipo “ah, sou isso”... ainda mais porque as coisas vão mudando, vou conhecendo coisas novas, aí né? de mim né? partes de mim, então tipo isso...*

xxx

*[Júlio](...)[E]u me defino como pessoa transmasculina mesmo. Ultimamente tá simples assim. [A categoria transmasculino] ela é um pouco menos rígida que homem trans. Normalmente com a identidade de homem não me sinto contemplado por ela, mas tem hora que sim...*

*[Sofi<sup>24</sup>]: Quando você se sente contemplado por essa categoria e quando você acha que ela não serve pra você?*

*[J]: Acho que o problema é mais questão... questão de, dos padrões de gênero assim mesmo. Mas ultimamente eu tenho trabalhado mais essa questão toda, enxergando a categoria homem diferente. Me identificando mais... O que eu to pensando é que é bem diversa, tem vários tipos diferentes de pessoas que se identificam como homens.*

xxx

*[Nilton] Pois é, eu achei que ia ser muito tranquilo quando, assim, depois da transição eu ia falar sou homem, é, só homem, tá. Sexo masculino, sou homem. Mas eu vejo tanto problema em ser homem, tanto problema vindo de quem se diz homem que eu não me sinto muito à vontade de falar. Sou homem mas como não é uma coisa que me é exigida cotidianamente, porque o meu estereótipo é o estereótipo de um homem “ponto”, não é uma coisa que eu penso o tempo inteiro.*

Entretanto, quando precisamos negociar com os aparatos médico-psiquiátrico-psicológicos para realizarmos as mudanças que desejamos em nossos corpos e obtermos laudos que possibilitem esses processos, etc, surge a necessidade de criar formas estratégicas para lidar com tais perspectivas normativas. Jogar com categorias de identificação e códigos de masculinidade de forma a ampliar as chances de conseguirmos o que desejamos sem sermos deslegitimados pelas abordagens e perspectivas padronizadoras das experiências trans que orientam os profissionais encarregados de atribuir legitimidade e veracidade ou não àquilo que dizemos que somos.

---

<sup>24</sup> Sofi é o nome que utilizo para fazer referência às minhas próprias falas durante as entrevistas.

(...) o diagnóstico da disforia de gênero requer que a vida tome uma forma mais ou menos definitiva ao longo do tempo; um gênero só pode ser diagnosticado se supera a prova do tempo. Se deve demonstrar que durante longo tempo desejou-se viver a vida do outro gênero; também se deve demonstrar que se tem um plano prático e viável para viver a vida do outro gênero durante muito tempo. Dessa forma o diagnóstico quer estabelecer que o gênero é um fenômeno relativamente permanente. (Butler, 2012, p.121)

Deste modo, não são raras as vezes em que nos vemos impelidos a enquadrar nossas experiências em algo que se mostre mais regular e coerente do que muitos de nós somos e/ou desejamos ser. Esse mecanismo desconsidera a possibilidade de vivenciarmos experiências marcadas pelo gênero enquanto processos devir<sup>25</sup>, e nos cobra desejar ou apresentar a passabilidade como homem cisgênero, e muitas vezes heterossexual, assim como construir nossos corpos e masculinidades somente a partir desse marco referencial, o que para alguns transmasculinos não é algo desejado e/ou tampouco possível. Entretanto, muitas vezes, acionamos ou buscamos certas passabilidades cis como estratégias de sobrevivência e resistência em certas situações e contextos (SIMAKAWA, 2016).

*[Nilton] Essa nossa entrevista aqui, que a gente tá falando de sexualidade e que você tá me perguntando algo que eu me sinto confortável em dizer, sabe? Agora se você me colocar dentro de um consultório, na frente do médico e me perguntar “qual que é o seu gênero, como você se identifica”, eu sou um homem, cara. Jamais eu vou querer abalar isso porque isso vai dizer se eu vou ter ou não um tratamento de qualidade, isso não vai acontecer lá.(...) Parece que a gente perde credibilidade se a gente não dizer que a gente entende onde a gente tá, se disser assim “ai eu não sei o que eu sou” parece que se você não sabe o que você é por essência você não sabe de mais nada, então como que eu posso confiar em você?*

*[S] É, “como eu vou te dar um tratamento se você ‘não sabe’?”[dizer]. E aí tem a ver com a forma com que esse “tratamento de saúde” é colocado também, né. Que é uma perspectiva assim que cria um estereótipo de vivência trans, de entendimento enquanto trans e ou você faz parte disso ou você não faz parte disso. Se você faz parte disso, você pode acessar, senão não. Então cria todo esse rolê de que todo mundo pra acessar isso, mente.*

*[N] Todo mundo mente.*

---

<sup>25</sup> Vivências em constante processo de criação e transformação a partir de nossos próprios desejos e possibilidades de agenciamentos, concretizando-se em experiências singulares (Zourabichvili, 2004, p.24). marcadas pelas especificidades que atravessam nossos corpos e trajetórias.



*[S] Inventa um monte de discurso sobre si que não é o que bate na realidade mas é o que você precisa fazer pra você ter acesso à parada.*

*[N] Eu preciso mentir pra poder resolver um cisto no meu ovário. Eu preciso mentir pra eu poder resolver uma anomalia que tá acontecendo no meu saco. Sabe tipo assim... eu preciso mentir porque eu tenho uma gastrite muito forte e... e... é meio que absurdo mesmo.*

*[S] Mas é isso né a forma com que... sei lá, não sei muito como definir, mas eu penso mais ou menos que essa forma cisnormativa de entender a experiência trans obriga a gente a fazer essas coisas, pra acessar, porque o poder não tá na mão da galera trans. O poder de dizer se você é ou não, se você pode ou não, se você vai ter um laudo ou não, se você vai ter acesso ao hormônio ou não... tá na mão das pessoas cis que entendem a nossa experiência do jeito que elas construíram e que querem ficar enfiando na guela da gente o tempo inteiro. Ah se você é então você tem que ser isso e isso, e isso, e fazer isso, isso e isso, é muito doido né? Porque é isso tipo assim: não tem uma pessoa, Nilton, com quem eu troco ideia que a pessoa responde essas perguntas numa boa, sabe? Ai é isso, ai é aquilo.*

As categorias acionadas variam e os significados que atribuímos a elas também, de modo que uma mesma categoria pode assumir diferentes formas e sentidos. Alguns dentre nós se identificam apenas como homens, e a dimensão trans de nossa existência não se faz tão relevante como uma forma de identificação que precisa ser nomeada. Para outros de nós, a experiência trans é algo muito significativo, em alguns casos até mais que a identificação como homem ou qualquer outra categoria.

*[Júlio] Ser trans faz parte da minha identidade. Tem gente que não quer... que acaba que é uma coisa que eu acho que me diferencia muito, que é uma coisa que eu não quero, não quero ser a pessoa mais próxima do cis possível. Eu... gosto da... de algumas particularidades.*

Para algumas pessoas que se identificam como homens trans ou com mesmo com outras categorias, há momentos e situações permeados por dificuldades em lidar com a categoria “homem”. Isso acontece em função do que essa categoria carrega, simbolicamente, em relação às noções e expressões hegemônicas relativas ao ser homem, o que seguramente não é algo infundado, mas acaba por tornar-se uma essencialização da masculinidade e da própria noção do “ser um homem”. Sendo assim, nós, transmasculinos, encaramos de certa forma como um desafio ou algo a ser trabalhado, em processos de reapropriação e ressignificação da categoria homem.

*[Rubens] É... cara eu tenho usado muito “ééé” enquanto identificação, são bem termos né? Transexual não binário seria talvez a mais próxima até agora que eu cheguei assim. Mas enfim, também ainda rola essa confusão tipo, ah.. você, as pessoas chegam me perguntando “ah você quer que eu te trate com “o” ou com “a”? Como é que é isso?” E eu acabo dizendo “não sei” mas hoje em dia como eu to tentando desconstruir esse masculino “pode me chamar como o, o Rubens assim” (...) Tateando assim esse masculino, tentando desconstruir ao máximo. Sentir menos essa culpa né? que é colocada na gente quando você escolhe estar enquanto um homem trans.*

Muitas vezes não nos reconhecemos nas terminologias existentes, e em função dessa insuficiência de certas categorias identitárias criamos outras estratégias, como recombina-las, incorporar de outros idiomas, ou mesmo inventar termos que nos pareçam mais adequados a como nos entendemos. Podemos também optar por não criar nenhuma categoria como forma de nos auto definirmos, fazendo ou não usos estratégicos de outras categorias conforme nossas necessidades ou demandas de ordem externa. Isso pode gerar uma série de dificuldades de compreensão, inclusive entre as pessoas que fazem parte de comunidades trans e LGBTQI+. Entretanto, com certa dose de boa vontade e paciência podemos buscar formas de nos entendermos em nossas diversidades “internas” e criar laços de apoio e respeito mútuo às múltiplas formas de auto-identificação, pois nenhuma forma de identificação é mais ou menos válida que outras.

Utilizo, ao longo deste trabalho, os termos trans\*, transgênero e transgeneridade, como termos guarda-chuva, que aqui buscam abarcar uma infinidade de possibilidades e termos de identificação de gêneros inconformes às prescrições cis-heteronormativas. Essa é uma estratégia de linguagem que busca apenas facilitar a fluidez do texto, de forma alguma com intenção de invisibilizar ou negar categorias de identificação acionadas ou criadas por pessoas que vivenciam essas experiências. Da mesma forma utilizo o termo “transmasculinidade(s)” para dizer de experiências de pessoas que foram designadas femininas/mulheres ao nascimento e recusam essa atribuição compulsória, identificando-se como pessoas masculinas, como por exemplo, meninos trans, trans não-binários, homens trans, sapatões<sup>26</sup>, sapatrans, transviados, demi-boys, FTM (*female to male*), etc.

---

<sup>26</sup> Muitos de nós nos identificamos com a categoria sapatão e a compreendemos como um local de identificação de gênero diferente do de mulher cisgênero. Entretanto, não são todas as pessoas que se identificam como sapatão que reivindicam a dimensão trans desta identificação, portanto, identificam-se como mulheres e utilizam esse termo como forma de nomear identificações e práticas associadas à sexualidade somente. Esse tema será discutido com mais profundidade mais adiante nesse mesmo capítulo.

Algumas pessoas trans nasceram com órgãos e estruturas genitais que não se encaixam aos requisitos instituídos para que sejamos definidos como meninas ou meninos, e para que nossos genitais sejam nomeados como vaginas ou pênis. É bastante provável que se tenha sofrido intervenções médicas e cirúrgicas compulsórias, muitas vezes antes que houvesse possibilidade de consentir autonomamente sobre as mesmas, realizadas com intuito de adequar os corpos intersexo a um ou outro gênero em acordo com a matriz binária.<sup>27</sup>

Muitos de nós compreendemos que não se cobrar uma rigidez ou forçar uma identificação com determinada categoria e se permitir experimentar uma, outra ou várias, até encontrarmos aquela com a qual nos sentimos mais confortáveis, sem nos cobrarmos coerência ou fidelidade, foi fundamental para caminhar rumo à auto compreensão. Muitas vezes podemos nos sentir coagidos por outros a nos definirmos ou nos adequarmos ao que se compreende por estas categorias, o que pode nos causar certa angústia e outros sentimentos difíceis como de inadequação, mesmo entre pessoas trans.

### **2.3.2 Entre pólos binários de oposição: trans não-binário.**

As identificações de gênero que se denominam não-binárias partem de um questionamento às compreensões estáticas e essencialistas sobre os gêneros feminino e masculino, assim como a respeito dos trânsitos entre eles e suas formas de materialização performativa nos corpos. Questiona-se também o modelo de experiência trans instituído pelo saber-poder biomédico. Buscam explorar performatividades de gênero e seus códigos de maneira fluida e criativa, diluindo as ficções de gênero e suas fronteiras. Aqueles de nós que se identificam como trans não-binários, em geral, compreendem que suas identificações de gênero não são contempladas de maneira exclusiva pelas categorias feminino-mulher ou masculino-homem, compreendidas em pólos em oposição. Deste modo, preferem identificar-se com expressões e categorias de gênero que habitam no espectro entre esses dois pólos, podendo configurar-se de diversas formas e com distintas intensidades de masculinidade e/ou feminilidade para cada pessoa. Isso não quer dizer que as pessoas trans que se identificam com um dos pólos de gênero, organizados de forma binária, sejam pessoas essencialmente binárias, nestes termos. Tampouco que outros de nós que não nos

---

<sup>27</sup> As vivências de transgeneridade marcadas pela intersexualidade podem trazer especificidades, para um maior aprofundamento em reflexões a respeito da intersexualidade ver: Cabral, M. (2003). Pensar la intersexualidad, hoy. *MAFFIA, Diana (Comp.). Sexualidades migrantes: género y transgénero. Buenos Aires: Feminaria*, 117-126.

identificamos, por exemplo, como homens trans, identifiquemo-nos necessariamente como trans não-binários.

Parte das pessoas transmasculinas passamos por momentos de nos identificarmos como trans não-binários e, depois de certo tempo, passamos a nos identificarmos como homens trans, com outros de nós aconteceu o processo inverso. Como já mencionado anteriormente, os processos de identificação de gênero não se dão de maneira fixa e imutável, os trânsitos entre duas ou mais categorias acontecem com frequência em função de diferentes motivadores.

*[Taylor] Ah... eu sou uma pessoa não binária, eu me identifico como demi guy, ou demi boy, tem essas duas nomenclaturas.(...) Eu fui designada mulher ao nascer devido a minha genitália mas eu me identifico com a masculinidade, com a estrutura corporal e com papel social masculino. A minha masculinidade, ela é forte mas ela não é forte o bastante pra eu me identificar como um homem trans. Então se fosse pra dar um nome a minha identidade seria demi guy, é o mais próximo que eu consegui me identificar. (...) [É] uma categoria dentro da não binariedade, demi guy é uma transmasculinidade. (...) [E]u sou uma pessoa masculina, eu não me identifico como mulher, eu não consigo, não faz sentido pra mim... mas eu também não me identifico como um homem, apesar de eu ser uma pessoa masculina e sentir muito isso, de, de, às vezes pertencer muito mais é... estar muito mais próxima de ser um homem do que ser uma mulher, mas eu não chego a cruzar a linha e me identificar como um homem trans, fico no meio do caminho.*

xxx

*[Francisco] Na minha fase de transição, eu transicionei também isso né? Porque num primeiro momento eu reivindiquei o termo homem trans, mas aí depois ele começou a me incomodar também. Que essa palavra homem, ela vinha com um peso e eu senti que eu não tava sendo representado também. Não tava me sentindo à vontade com isso. Aí eu comecei algumas desconstruções porque eu percebi também que ao longo da minha transição era exigido assim de mim meio que uma passabilidade que me incomodava assim, tanto de papel social quanto de modo de expressão do meu corpo ou modo de vestir e tinha dia que eu não queria me enquadrar naquele estereótipo do homem cis “oh grande viril”, sabe? Então eu comecei a questionar a minha identidade de novo e eu cheguei num lugar de me ver enquanto uma pessoa tipo, não me interessa assim mais essa coisa binária que vem desse mundo cisgênero e acabou sendo transferido pra grande parte do mundo trans que a grande maioria*

*reivindica esse binarismo. Mas eu prefiro hoje me identificar quanto pessoa não binária, eu sinto que eu tenho mais liberdade de expressão corporal, sei lá, roupa.. tudo... Pra mim não tem isso de “ah, isso eh uma coisa de mulher ou isso é uma coisa de homem...” Sei lá, isso tá tudo pra ser usado por pessoas e eu sou uma pessoa então, sei lá... quando eu sinto que eu quero fazer alguma coisa, usar alguma coisa eu me dou essa liberdade, por me entender somente ser humano mesmo. (...) Definição pra mim, pessoas não-binárias são pessoas que não acreditam nesse corte, se você for pensar, tem tanta gente no mundo, tem tanta possibilidade de expressão, de ser, estar, de tudo; e só de ser uma coisa binária você já limita muito. Então eu acho que o não-binarismo ele tá também reivindicando essa coisa de poder ser plural, de poder ser diverso, de não ter essa limitação de ser homem ou mulher.*

Lamentavelmente, ainda é bastante comum que entre nós, pessoas transmasculinas, haja práticas de deslegitimação de nossas auto-identificações, em função de uma ideia de que existiriam maneiras mais adequadas ou mais reconhecíveis de expressarmos nossa transmasculinidade. Com frequência podemos observar tanto em grupos de discussão *online* em redes sociais, como em encontros de militância e ativismo, práticas de regulação dos corpos e identidades entre nós mesmos, seja através de um não reconhecimento das categorias de autoidentificação reivindicadas pelos sujeitos, seja como de enunciações jocosas ou coercitivas sobre as mesmas.<sup>28</sup> Essa coerção, em geral, age no sentido de cobrar dos sujeitos posturas e práticas que sejam coerentes com os padrões normativos de masculinidade (ou feminilidade) para que sejam reconhecidos e compreendidos.

*[Taylor][N]o geral as pessoas desconhecem é... a não binariedade e... no geral, eu tenho que explicar às vezes... ou. ou só “ok...” mas entendem como se eu tivesse me identificando como homem. Então acontece muito de... de começarem a me tratar no masculino. É.. sendo que não é necessariamente isso, a questão não é essa. As pessoas são de boa no geral, [uma] pessoa trans que virou pra mim e falou que não existia isso de não-binariedade, que em algum momento eu ia ter que escolher: ou um ou outro. Já me falaram isso mais de uma vez: “algum momento você vai ter que escolher uma coisa ou outra. Em algum momento você vai transicionar, não existe isso.” É... mas hostilidade mesmo eu vejo na internet. Tipo, de... sei lá, de julgarem que a gente não existe ou que a gente é só...*

---

<sup>28</sup> Alguns aspectos das disputas identitárias em meio ao movimento social de homens trans e pessoas transmasculinas foram abordados no texto “Abrindo O Guarda-Chuva Da Diversidade: O Debate Das Transmasculinidades” (Repolês e Souza, 2015). Disponível em: <http://seminarioamericalatina.com.br/wp-content/uploads/2015/07/Abrindo-o-guarda-chuva-da-diversidade-o-debate-das-transmasculinidades-Sofia-Gon%C3%A7alves-Repol%C3%AAs-e-%C3%89rica-Renata-de-Souza.pdf>

*sei lá, um povo que cada hora tá inventando uma coisa, entendeu? É... é, de que a gente não tem legitimidade nenhuma, de que a gente não existe.*

A experiência trans, ao contrário do que postulam as teorias biomédicas canônicas e suas práticas decorrentes, não se pautam necessariamente em uma busca de readequação de um gênero a outro. Cada um de nós encontra sua maneira de expressar sua identificação de gênero e constrói sua corporalidade conforme seus desejos e em busca de auto-realização, e são igualmente legítimas e positivas, independente das exigências normativas de coerência de gênero, corpo e sexualidade. Para muitos de nós, tentar entender essa diversidade de experiências e de formas de construir e viver as transmasculinidades se configura como uma estratégia política que pode nos ajudar construir vínculos comunitários que nos permitam estar juntos naquilo que nos afeta em comum e a respeitar aquilo que nos diferencia em nossas especificidades.

### **2.3.3 Trajetórias de identificação**

Para alguns de nós, é possível definir um determinado momento ou acontecimento em nossas vidas em que passamos a nos identificar como uma pessoa trans. Seja a partir de uma tomada de consciência da possibilidade de se transicionar rumo a uma corporalidade masculina que contemple nossa identificação com este gênero, ou de iniciarmos determinado processo de transformação dos nossos corpos, seja através de hormonização ou de outras técnicas do corpo (MAUSS, 2003). Para outros de nós, é difícil ou não é possível, ou mesmo não é de interesse, demarcar um momento preciso em que isso aconteceu. Alguns sentimos e entendemos que não escolhemos ser trans, embora tenhamos escolhido viver e materializar essa experiência por meio da transição. E outros compreendemos que decidimos, em algum momento, viver a experiência trans.

Para outras dentre nós, a experiência trans passa diretamente pela questão da hormonização, já para outros não, e essa intervenção pode acontecer apenas como parte do processo, posteriormente ou anteriormente à identificação como trans, ou mesmo nem acontecer. Há também pessoas que foram designadas ao feminino ao nascer que fazem uso de testosterona e não se identificam como transgêneras. Alguns sentimos que crescemos, desde a infância, carregando sementes de um devir trans, embora não necessariamente a nomeássemos dessa maneira desde sempre. Para outros essa questão surge em algum outro momento específico da juventude ou da vida adulta.

Não somos todos que temos a compreensão de termos nascido no corpo errado, alguns compreendemos essa experiência a partir de uma chave que localiza na estrutura cisnormativa a causa de nossos desconfortos, por sermos cobrados a corresponder com prescrições de gênero femininas com as quais não nos identificamos. Ou ainda devido ao fato de certos signos de nossos corpos serem socialmente interpretados como correspondentes ao gênero com o qual não nos identificamos, determinando-nos um lugar fixado à feminilidade. A vontade de realizarmos modificações corporais não surge então, necessariamente, como uma necessidade de correção de um corpo que é em si equivocada, mas como uma forma de modificarmos nossos corpos de forma a nos sentirmos mais identificados e/ou para que nos traga a leitura social que se adeque a esta auto-identificação.

*[Ronei] O meu corpo é diferente... o meu... o meu rolê trans teve muito a ver com hormônio. Teve sim, eu sei que tipo, não é a história de todo mundo, saca? Mas meu rolê trans teve a ver com hormônio. As primeiras vezes que eu falei que era trans era pra médico e foi bizarro e eu me senti super esquisito... Assim, porque ah, sei lá, porque eu achava que era uma sabotagem assim, né? Tipo assim, tu vai querer... É muito louco isso né? Nas narrativas da nossa vida. Que eu sempre senti assim que era lésbica, que era uma coisa desde criança assim. Desde adolescente, criança, que é uma coisa que era imutável, não tinha o que eu fazer a respeito, era lésbica. E era bem precarizador, mas era tipo assim, nasci assim sabe? E aí que a coisa do trans tá muito marcado pra mim que foi uma coisa que eu escolhi, né? Eu que escolhi ser trans. Que não é nasci no corpo errado, nanana. E é bem diferente né? das narrativas da patologização por exemplo, né? Até as lésbicas que meio que escolhem ser lésbicas, nunca senti que eu escolhi ser lésbica, mas eu sei que eu escolhi ser trans; que foi no dia que eu comecei a injetar, que eu comecei a fazer essas alterações mesmo que mudaram meu corpo né?*

xxx

*[Celestino] Eu não tenho um registro, assim... na memória desse momento exato, sacou? É uma coisa que vem comigo desde muito tempo. É... tipo... de criança mesmo... então tipo eu não consigo pensar num momento, como que isso chegou a ser... tipo eu acho que isso foi fluindo com as minhas necessidades, sacou? Tipo, tu... tipo, aqueles momentos de crise mesmo né? e que depois cê... e que demorou muito tempo pra depois se transformar em outra coisa, mas durante um tempo foi um espaço de crise, tipo “ah e aí...”, né? Também ficar buscando se identificar com as coisas e... e até por isso que eu não consigo me*

*identificar com uma coisa tão específica como homem trans. Transexual de jeito nenhum, transgênero pode ser.*

#### **2.3.4 Pensando fronteiras: lésbica – sapatão – trans**

As fronteiras ficcionais, criadas social, política e culturalmente, que marcam a diferença entre as diversas identificações de gênero possíveis, são constantemente desafiadas, apresentando rearranjos e até mesmo borramentos de seus limites. Por meio das auto identificações, reivindicamos lugares para nossos corpos e subjetividades através de processos que ocorrem de modo relacional, marcando diferenças entre os distintos posicionamentos. Para Halberstam (1998) cada identidade é lida e construída em oposição à alguma outra, ou então em uma chave de continuidade entre um pólo e outro. Sua leitura se torna possível contra e através do outro. Ao explorar o que chama de guerra de fronteiras entre as experiências de lésbicas butch (lésbicas masculinizadas) e as experiências de homens trans, o autor se recusa a alimentar um antagonismo entre essas formas de identificação e busca analisar os modelos de masculinidade que são colocados em disputa nesses debates. Para Halberstam, a guerra de fronteiras se estabelece em função de uma compreensão limitada, por ambas as partes, da masculinidade como um recurso escasso, disponível para alguns e indisponível para outros, e com códigos e regulamentações predeterminados. Como se fosse uma fonte esgotável e monolítica, o que impede que esse território seja coabitável para diferentes corporalidades, identificações de gênero e subjetividades sexuais (Halberstam, 1998, p.287).

O contato com diferentes pessoas transmasculinas e suas diferentes trajetórias e compreensões a respeito dos trânsitos de gênero, como já mencionado, revelam múltiplas formas singulares de se acessar e corporificar as masculinidades e seus códigos, frequentemente recombinaos criativamente, possibilitando que tais multiplicidades tomem vida. Nesse cenário de solo fértil e habitado com imensa criatividade encontrei também algumas disputas fronteiriças. Apresento brevemente algumas dessas questões territoriais, identificadas durante o período de realização do trabalho de campo, com o intuito de sinalizar possíveis espaços de diálogo que surgem dos movimentos de aproximação e distanciamento identitário.

Nas trajetórias de algumas pessoas transmasculinas, como na minha própria, encontramos nas categorias e nas experiências compreendidas pelos termos lésbica ou sapatão



um lugar com algum grau de conforto, e também de diferenciação com relação ao modelo cisgênero e heterossexual de feminilidade compulsoriamente atribuído a nossos corpos. Para alguns, esse conforto se dava em função da possibilidade de se corporificar (*embodiment*) códigos e performatividades masculinas, tornando nossos corpos e vidas mais possíveis de serem habitados. Para outras pessoas transmasculinas, essa identificação se deu mesmo sem que houvesse conforto em habitá-la, a lesbianidade e a “sapatônica” podem ser demasiado insuficientes. Mas esse caminho não é uma marca comum entre todas transmasculinas posto que, para alguns, essas categorias e modos de vida lésbicos nunca fizeram sentido. As aproximações e distanciamentos entre as experiências lésbica, sapatão e transmasculina são geralmente cercadas de tensões, muitas vezes marcadas pela necessidade de se marcar as diferenças, justamente por habitarem lugares muito próximos, e muitas vezes circular entre esses lugares em diferentes momentos ou mesmo simultaneamente. Entre experiências cis e experiências trans, ou as diferenças entre masculinidades que são aceitáveis e desejáveis e aquelas que não o são.

As fronteiras entre essas formas de identificação são bem menos delimitadas do que muitas vezes aparentam ser em muitas narrativas e discursos. Para algumas pessoas, é importante marcar essas diferenças, enquanto outros não o desejamos ou mesmo não conseguimos separar essas dimensões, e acreditamos estar habitando os entre lugares, com diferentes apropriações dos códigos e experiências que caracterizariam cada uma dessas categorias de identificação. Muitas vezes algumas situações ou posicionamentos podem nos parecer contraditórios, mas de fato não há uma coerência predeterminada ao qual devemos seguir, sendo a autodeterminação e a autonomia a respeito de como nos identificamos e como nos localizamos em nossas trajetórias o fator que melhor demarcaria o trânsito entre um lugar e outros. Por esse motivo, fazer distinções rígidas e fixas, com regras arbitrariamente impostas e imóveis entre esses diferentes posicionamentos nos territórios das identificações se mostra pouco produtivo e demasiado limitante (Halberstam, 1998). Que nos impede de explorar criativa e dialogicamente as variações performativas e corporais-subjetivas que se produzem desde as incorporações não normativas de masculinidade e feminilidade.

*[Celestino] Então pra mim foi como se eu não tivesse escolha que não fosse ser sapatão, entendeu? Não existia outro tipo de possibilidade né? Na minha cabeça. Por mais que a relação com meu corpo... tudo isso assim fosse uma coisa confusa eu tipo... era o mais próximo de, de... de conforto né, um cantinho... tipo, enfim era mais confortável, tipo assim “sou caminhoneira caralho! Mulher macho, sim senhor!” E aí... acho que pra mim, não pra*

*todo mundo né? óbvio, porque né? cada pessoa tem seu caminho aí, mas acho que pra muitos de nós assim, é... é outra, outra, outro link inevitável assim... É um corpo que ele é marcado... o corpo da sapatona né? sapatona bofe, caminhão, é marcado tipo... tipo, em qualquer lugar que ele se apresente ele é marcado como um desvio da cisnormatividade né? então acaba que vira um... e aí tipo vira uma questão de autoidentificação assim, é a linha que vai dividir entre uma pessoa dizer que é sapatona e dizer que é trans; e tem as pessoas que vão fazer os dois né? sou sapa e sou trans, me hormonizo tarara, mas continuo me identificando como sapatão. Não é o meu caso né?*

xxx

*[Júlio][L]embra de... quando eu era novinho e tava no orkut ainda e tinha a comunidade de pessoas que gostam de bofinhos, e as bofinhas. E aí tinha um monte de meninas que falavam ‘ah, sou bofinho e gosto de ser chamado no masculino’, eu penso... hoje eu fico “uhhhmmm!!” tinha umas vibe dessas tipo aí: “gosto que chama de lindo” É né? hoje em dia o que que deve ter acontecido com essas pessoas né?*

Alguns transmasculinos não se sentem ou sentiam completamente ou confortavelmente identificados com a categoria sapatão ou lésbica e, ao entrar em contato com a possibilidade da identificação enquanto homens trans ou trans não-binários, encontramos um lugar de maior identificação e conforto, nos desidentificando assim com as categorias anteriormente acessadas, e nos reposicionando no território das masculinidades não hegemônicas.

*[Caderno de campo, verão de 2016]*

*Durante essa semana pensei bastante sobre a figura da Cássia Eller. Quando criança e adolescente eu sentia um mix de admiração, desejo e repulsa por sua figura. Sua força e presença disruptiva nos palcos mobilizaram muitas coisas dentro de mim. Talvez tenha sido a primeira pessoa não homem cisgênero que vi usando cabelo moicano e tocando o terror nas normativas com seu corpo e performatividade. A admiração e o desejo me inspiraram e ainda me inspiram, de certa forma. A repulsa vinha junto pois sempre captava essa frequência com que as pessoas ao meu redor julgavam seu corpo e suas atitudes, era para muitos um corpo feio, nojento, demasiadamente fora do eixo. Eu me identificava com muito do que Cássia manifestava e representava. Talvez fosse minha “protomasculinidade” moleque, desde muito cedo suprimida e engessada pelos valores sociais e familiares. O cultivar dessa masculinidade que me habitava e que eu habitava foi por muitos anos algo inaceitável e alvo*

*de muitas investidas repressivas. Nos últimos anos os movimentos de resgate desse desejo de incorporar e exercer esses códigos que me foram negados me fazem visitar muitas memórias. E com muita gratidão e afeto penso em Cássia Eller e agradeço a ela e a todas as sapatonas caminhoneiras anônimas, com quem cruzei nas mais diversas situações e momentos, por terem me apontado caminhos possíveis para existir, para habitar meu corpo, para cultivar minha subjetividade em movimentos de libertação com relação às normas e expectativas sociais que tentam nos sufocar, suprimir nossas potências de vida. Agradeço àquelas e àqueles que já foram, às que estão aqui, e às que virão. E me comprometo em colaborar para que tenhamos cada vez melhores condições de viver, de existir com alegria, saúde e bem estar. Me comprometo em trabalhar, coletivamente, para que tenhamos condições de habitar, florescer e frutificar em todos os territórios que desejarmos ocupar.*

*x x x*

*[Júlio] Eu acho que... eu tava pensando nisso outro dia... Eu acho que hoje em dia tem muitos pontos em comum, principalmente o pessoal da minha idade assim, casa dos 20, até porque a gente não tinha referência nenhuma de homem trans, então o que a gente tinha referência de... é, masculinidade desviante era sapatão. Todo mundo, a maioria das pessoas teve vivência... se não se identificou com, pelo menos teve uma leitura social assim... Eu tenho a sensação de que essas, essas, esses pontos vão acabar diminuindo um pouco agora com os... porque os meninos mais novos vão ter referência né? Eles tão se identificando cada vez mais cedo, se percebendo cada vez mais cedo. Imagino que... mas tem, assim uns seis anos que eu tive me identificando como, como sapatão.*

Júlio nos chama a atenção para dois pontos interessantes para análise. A frequente identificação com a lesbianidade/sapatonice, como um dos caminhos pelos quais muitos transmasculines passaram, associado a uma questão geracional. Uma passagem que marcava um contexto em que as identificações transmasculinas eram muito menos visíveis e acessíveis do que nos últimos anos. É possível que as próximas gerações de pessoas transmasculinas tenham contato mais amplo e cada vez mais cedo em suas vidas com essa possibilidade de identificação, que é hoje em dia, bem mais disseminada e conhecida do que foi até o início-meio da década de 2010, nos quais surgem marcos de visibilidade tais como o surgimento de movimentos sociais e diversas outras organizações e associações entre pessoas transmasculinas em luta pela visibilidade e garantia de direitos básicos. Júlio também observa que muitas pessoas estão se identificando como trans e realizando suas transições mais jovens

que a nossa geração de nascidos entre os anos 1980-1990 e, certamente, mais que as gerações anteriores. Isso não significa que não haja pessoas pertencentes a estas gerações que passaram por esses processos ainda bastante jovens. Tampouco que os trânsitos entre identificações lésbicas, sapatão e transmasculinas se findem.

A categoria sapatão, sobre a qual trataremos um pouco mais adiante, é um lugar de identificação confortável até certo ponto em alguns processos de transidentificações. Para muitas pessoas, é compreendida como uma outra categoria de identificação de gênero diferente de mulher cisgênero, portanto, dissidente com relação a cisnormatividade. Para alguns, desde a singularidade de nossos corpos e subjetividades, chega um momento em que as experiências de sapatão e da transmasculinidade se diferenciam muito, desencontrando-se, e esta identificação passa a não fazer mais sentido, a não contemplar nossas vivências e situações decorrentes de seus processos de corporificação. Esse trânsito corporal e subjetivo, em geral, nos traz certas implicações nos meios sociais que frequentamos, tendo em vista que certos elementos e características de nossas corporalidades, como a masculinização de nossos rostos e nossas vozes por exemplo, que passam a carregar diferentes conotações ou acionar diferentes interpretações por parte de outras pessoas, distintas de como eram vistas antes. Nesses momentos se revelam muitos dos limites às vezes subentendidos noutras colocados com veemência – e em constante disputa – acerca de que corporificações de masculinidades dissidentes são aceitáveis ou não em determinados espaços de sociabilidade.

Esse tipo de mudanças, em especial para aqueles que frequentam e frequentaram espaços e circuitos feministas e/ou lésbicos, gera diversos deslocamentos em nossas possibilidades de nos fazermos presentes nos mesmos. A associação imediata da masculinidade aos homens cisgêneros, ao machismo e suas estruturas e mecanismos opressores que configuram o que se compreende como masculinidade hegemônica, deslegitima as apropriações desta por outras corporalidades não cisgêneras. Essas que potencialmente podem dar vida e materialidade a outras formas de se viver e constituir masculinidades que não necessariamente se vinculam ao machismo e a misoginia para existirem. Que não necessariamente se constituem a partir da diminuição e desvalorização do feminino. Não pretendo, com essa afirmação, encobrir ou negar a existência de comportamentos e ações violentas por parte pessoas transmasculinas e de lésbicas (cis ou trans) tampouco. Participei, durante a realização de trabalho de campo, de espaços preocupados em abordar essas questões, de forma despersonalizada, como uma questão comunitária que exige dedicação e atenção coletiva. Silenciar o debate ou mistificar

determinadas posições identitárias e de subjetividade sexuais não solucionam essas questões de perpetração de modos de se relacionar violentos e opressores, que precisam ser enfrentados com responsabilidade e dedicação.

Em diversas ocasiões, durante o campo, entre diferentes grupos e espaços feministas, encontrei situações em que mediante propostas de espaços como rodas de conversa para se debater vivências de masculinidades não-cisgêneras (masculinidades lésbicas, sapatão e/ou transmasculinidades) houve bastante resistência por parte de muitas feministas cis, em grande parte lésbicas. Os argumentos levantados comumente giravam em torno de uma leitura essencialista da masculinidade como algo necessariamente associado ao patriarcado, à misoginia, e a outras formas e dispositivos de opressão que nos afetam, em especial às mulheres cis e trans, travestis, pessoas transmasculinas e outras corporalidades dissidentes da cis-heteronorma. Alguns desses espaços e debates, por fim, acabaram não acontecendo, pois o foco da conversa tornou-se a questão de ser legítimo ou não falar sobre masculinidades, e códigos e vivências que se compreendem como a ela associados, em espaços feministas.

Outra situação recorrentemente encontrada em meio a debates lesbo-feministas são os processos de associação da trans-masculinidade a situações de violências entre parceiros em relacionamentos sexo-afetivos, acompanhados de processos de invisibilização desses mesmos processos quando ocorridos entre casais de mulheres lésbicas. Além de gerar um estigma e essencialização da violência associada à transmasculinidade, esse tipo de postura e argumentação, recorrentemente acionado por algumas abordagens feministas, promove um apagamento e desresponsabilização de situações e práticas de violência entre lésbicas, que em nada contribuem para que essas questões sejam problematizadas e, menos ainda, que se elabore estratégias para lidar de forma coletiva e política. Os vínculos e laços de solidariedade se desfazem, pessoas transmasculinas passam a ser lidas como traidoras ou pecadoras diante de alguns dogmas que orientam certas vertentes e agrupações feministas.

Muitos transmasculines, assim como eu, têm ou tiveram fortes vínculos com espaços de sociabilidade feministas e/ou sapatão, e somos cis-tematicamente expulsos ou repelidos dos mesmos<sup>29</sup>. Esse fenômeno marca a trajetória de alguns de meus interlocutores, e se configura como algo que pode nos levar a vivenciar processos de solidão e ostracismo, gerando certa sensação de abandono dos coletivos dos quais fazíamos parte quando nos

---

<sup>29</sup> Uma discussão mais aprofundada sobre alguns processos de exclusão sistemática de pessoas trans de espaços feministas pode ser encontrada na dissertação de mestrado intitulada: Tensões e desafios na construção de espaços e encontros entre feministas autonomistas no contexto brasileiro e latinoamericano (2011-2014), Martello (2015)

identificávamos como lésbicas ou sapatão, perdendo vínculos e espaços de troca e interação social que para muitos de nós foram e são muito importantes em termos de sociabilidade e prática política.

*[Ronei] Agora tem isso também, que tá, eu não me identifico lá com as sapatão porque as experiências não tão batendo: tem um monte de piada que eu não posso fazer; tem um monte de coisa que elas falam que eu não posso falar, porque é diferente. Da minha voz, o tom da minha voz, o jeito, a, a ... que representa minha imagem, é diferente né? Então aí tem isso que é, fiquei meio órfão disso, ao mesmo tempo que os caras trans também não me vêem como um deles, saca? Por vários motivos, assim, tipo muito lugar diferente né? não sei. Mas tem, eles, tem esse clã deles que, que meio que também não... então é meio estranho assim. (...) Enfim, e aí que eu tive que começar a repensar isso. Na verdade assim pra mim pessoalmente – que eu sei que é diferente pra cada pessoa, né? Pra mim passa muito pelo, pela interpelação, pela experiência do que as outras pessoas me trazem, do que eu passo a representar pra outras pessoas, e não tanto assim, eu não tenho um gênero pra mim, sabe? tipo, o lance sapatão sempre teve a ver pra mim com não ser mulher, uma coisa que eu nunca me identifiquei com ser mulher. Mas ao mesmo tempo não me identificar com ser homem. Não tem homem na minha vida, não tenho amigo homem, não tenho uma referência de homem pra falar assim “sou um homem é isso, me identifico com isso.” Não tem, né? E aí tinha... meu gênero era esse né? sapatão e tal, aí perdi esse, nesse momento. Aí fiquei meio órfão assim.*

Tampouco são raras às vezes em que não encontramos espaços de acolhimento entre grupos e a comunidade trans, que muitas vezes torna-se pouco receptiva ou mesmo excludente àqueles que vivenciam a experiência trans por caminhos diferentes dos mais comumente percorridos. Muitas vezes através da reprodução de modos de operação cisnormativos dentro da própria comunidade trans.

### **2.3.5 “Vamo, sapatão!” Sapatão como outro lugar de gênero**

Como mencionado anteriormente por Celestino (2016), o corpo sapatão é sempre um corpo marcado pela dissidência da cisnormatividade, e também da heteronormatividade, interseccionalmente. Trata-se de corpos que desautorizadamente se apropriam da masculinidade, socialmente compreendida como propriedade dos homens cisgêneros.

Apropriamo-nos (e reinventamos) de tudo que queremos, das roupas masculinas, dos cortes de cabelo, das motos, das ferramentas, dos bonés e das pochetes, da possibilidade de relacionar-se com mulheres, dos pelos corporais, das profissões e ofícios. Existem sapatões que, mesmo com todas essas apropriações, identificam-se como mulheres, mulher macho, donas do “jeitão”, mas muitos de nós entendemos e construímos a experiência da sapatonicidade<sup>30</sup> como um outro lugar, um lugar de não-mulher, uma linha de fuga da sina cisnormativa que muitas vezes tenta nos enquadrar na mulheridade compulsória. Esses corpos habitam lugares que são como frestas, um emaranhado de entre coisas, de entre corpos e entre códigos que, justapostos e recombinaados, dão vida a algo criativamente diferente dos legítimos donos dos elementos que expropriamos.

Pode-se vivenciar e compreender a sapatonicidade através de perspectivas diversas. De fato existe uma dimensão da existência sapatão que, muitas vezes em função da compreensão social ampla do termo e dos corpos, nos vê e tenta nos classificar em meio às mulheridades cisgêneras. E muitas vezes pode ser difícil reivindicar-se enquanto sapatão não mulher, pois somos constantemente colocados nesse lugar ou em algo que nos remeta a ele de maneira compulsória. Muitas vezes por isso a categoria sapatão nos deixa de ser suficiente para dar conta de expressar a dimensão trans que compreendemos nela.

Para alguns transmasculinos a categoria, como um artifício de linguagem, “sapatrans”<sup>31</sup> talvez se coloque como um recurso interessante por associar a experiência sapa a dimensão trans, para que essa seja percebida e reconhecida. Fato é que a leitura social que fazem de nós e de nossos corpos traz grande impacto para nossas vidas e, muitas vezes, cria problemas onde, para nós, estando nós e nós mesmos, não há nada de errado ou incoerente.

*[Pez] Eu acho que nos últimos tempos achei que era importante, ou achei que era confortável tá me entendendo enquanto sapatão (...) daí começou essa treta de que a gente não podia ser só sapatão porque sapatão era só sexualidade mas achei que era importante a gente... eu achei que eu entendia meu rolê de vida e de como tava construindo minhas coisas... não era um rolê onde tipo, sei lá, tô dando meu rolê todo assim, entendendo que meu corre é sapatão, que é a sexualidade mas que posso também criar uma identidade em cima*

---

<sup>30</sup>Muitas vezes utiliza-se essa expressão para se referir aos modos de vida marcados pela vivência e corporalidade *sapatão*, que pode assumir tantas configurações quanto a quantidade de pessoas que se identificam enquanto tal. Em geral, a *sapatonicidade* passa por compartilhamentos de certos códigos e referências, formas de ser, estar, transitar e se relacionar socialmente.

<sup>31</sup> Esse termo é também reivindicado e significado por mulheres trans e travestis lésbicas.

*disso e que talvez sirva pra preencher esses dois lugares da sexualidade e do gênero, ou não (risos) mas por enquanto tá servindo.*

*[S] É o que a gente tá sempre conversando né? Acho que a gente compartilha essa visão de que não existe bloco de existência no mundo que você pode escrever “sapatão” nele e colocar ali, mas que a gente tá sempre construindo a sapatonic e tal. Mas eu queria sacar como é pra você esse rolê de identificação de gênero sapatão*

*[P] Eu acho que esse meu rolê sapatão eu construí ele dentro de um monte de outras coisas e que vários desses lugares não tem nada a ver com a sexualidade em si. Meu rolê sapatão é atravessado por várias outras coisas, por um rolê anti-capitalismo por exemplo, enfim, é muito louco falar que ser sapatão é também isso aí mas acho que também é isso; ser sapatão é também os lugares que frequento, os lugares onde moro – por exemplo, lá na [nome da ocupação], é um lugar onde eu sou sapatão, sabe? tipo ser sapatão é também morar na ocupação? É muito doido falar isso mas acho que tem vários lugares pra entender e produzir o que é ser sapatão, sapatrans. Tipo, sou sapatão quando me relaciono com pessoas e não só as com quem me relaciono sexo-afetivamente. [grifo meu]*

x x x

*[Pez] Sinto um desconforto meio geral na relação com as pessoas com quem troco por tá sempre sendo colocada no lugar de mana, de mina, de miga... bem poucas pessoas me perguntam como prefiro ser chamada.(...) Sei lá, tava ajudando na festa a pinta me chama pra ajudar a servir uma ceva, me chama de mana né? Eu boto fé nisso de um lugar onde várias minas tão fazendo coisas juntas e várias vezes tô em rolês assim, mas acho que poderia tá nesses lugares sem ser exatamente essa mina, essa mana. Porque penso que posso tá construindo coisas com essas pessoas, que quero tá construindo com elas, só que esse reforçar da mulheridade me incomoda.*

Para algumas pessoas que se identificam como sapatão, a experiência relacionada a essa categoria diz somente a uma questão de sexualidade. Mas para outras, está associada à potência de se construir um outro corpo, de explorar outros lugares de gênero, outro modo de estar no mundo, que possivelmente afeta todas as dimensões de nossas relações sociais. Há quem compreenda que existem diferenças entre a lesbianidade, que estaria mais associada à mulheridade e à experiência de sexualidade entre mulheres, ou seja, a uma identificação como mulher lésbica, que se relaciona sexo-afetivamente com outras mulheres lésbicas ou bissexuais, enquanto a sapatonic representaria, em potencial, uma ruptura nesse auto



reconhecimento enquanto mulher ou, ao menos, com as feminilidades mais próximas ao padrão cisnormativo – o que aproximaria essa experiência de questões ligadas ao âmbito da identificação de gênero, algo além da sexualidade. A ruptura com esse padrão traz efeitos e interpelações coercitivas bastante recorrentes, como enunciações que afirmam que “para ser lésbica, você não precisa parecer um homem/vestir-se como homem/ comportar-se como homem”, inclusive partindo de pessoas que se autoidentificam como lésbicas mas sinalizam o cruzar dos limites socialmente aceitáveis da masculinidade que um corpo designado compulsoriamente como mulher poderia atingir.

*[Pez] Depois, em Porto Alegre, me apaixonei muito por uma mina, uma caminhão, daí tá, me apaixonei, a gente deu uns beijos e primeiro era isso “como eu amo mulheres!” e por um tempo isso foi muito massa até que conheci outras pessoas e no meu rolê começou a aparecer muita gente falando sobre como éramos mulheres, como amávamos outras mulheres e eu fui vendo que eu não era essa pessoa, que nem todas as pessoas que eu amava eram mulheres. E percebi que esse discurso lésbico não contemplava nem a mim e nem as pessoas que eu amava. É isso, do mesmo jeito que o rolê sapatão, sapatrans existe como uma coisa que me atravessa em tudo, esse era o nome do que me atravessava em tudo, o ser lésbica. E do nada tu perde um lugar que era seguro, né? Mas não foi tão horrível, foi pesado, foi trash mas tinham outras pessoas já tomando essa mesma ruim e daí no meio disso começou “ahh, sapatão!” e teve uma quebra pra mim, ver que falar sobre ser sapatão não tava existindo no mesmo lugar de falar sobre ser lésbica e foi muito massa porque foi quando eu comecei a criar discursos sobre quem eu era,(...) e foi massa porque encontrei um monte de galera que também tava nesse corre.*

xxx

*[Sofia] aí não sei, eu queria até saber o que você acha dessa separação assim [entre lésbica e sapatão]. Mas aí, sei lá, eu vi na sapatonic assim, no ser sapatão, no estar sapatão assim, uma possibilidade de explorar outros lugares de gênero também, sabe? De corporalidade assim. Então pra mim, diferencia muito nisso, assim. Teve um momento que eu construí a sapatonic como um outro lugar de gênero mesmo, que não era mulher, mulher pra mim era uma outra coisa que eu não era, nem nunca fui e eu era sapatão, sabe? E eu falei “velho isso é um outro lugar” e conheci outras sapatão que também tavam mais ou menos nesse corre...*

xxx

*[Nilton] entendo, concordo demais [com a separação entre as experiências lésbica e sapatão], já estive nesse lugar. Até a palavra sapatão terminando com ‘o’ ajuda.*

*[S] sim, porque é uma coisa mais masculina, da masculinidade mesmo.*

*[N] exatamente. Lésbica é uma palavra... falar assim, falar assim “nós somos duas”. “Ah, eu e ela, nós somos duas”... é porque são duas mulheres, isso me incomodava.*

*[S] é tipo isso, eu acho que...*

*[N] mas eu percebi que isso incomoda outras amigas sapatão que eu tenho que não são homens trans.*

*[S] é isso tipo, a coisa do lugar da sapatão assim é um lugar muito ambíguo também. Porque ao mesmo tempo que ele tem esse lugar de quebrar com a mulheridade e lesbianidade, ele tem isso também [em função da interpelação social, e da identificação de algumas sapatão com o ser mulher], ao mesmo tempo assim... então varia muito de acordo com as pessoas, com os rolês...*

*[N] bem parecido com o que acontece com as travestis né?*

*[S] e aí eu fico pensando muito nisso, justamente nisso. Na coisa do lugar da sapatão tipo, meio pareado com o lugar da travesti assim sabe?<sup>32</sup> E aí foi meio esse meu processo, sabe? E aí depois tipo, comecei a me aproximar desse rolê trans, mais especificamente e tal e com a pesquisa mas não só com a pesquisa assim, sei lá, vários amigos tipo tavam nesse trânsito sapatão, sapatrans, homem trans, não-binário e tal, e eu acompanhando isso de perto de pessoas que eram meus amigos já de... sabe? E aí d’eu virar e falar “pode creeer, da pra ser outras coisas” dá pra continuar transformando assim, sabe? Então meu rolê foi meio esse caminho assim, de ir descobrindo mas essa coisa do lugar de sapatão foi um lugar que pra mim abriu muitas portas e foi um lugar de conforto pra mim durante um tempo que... eu, sei lá tinha uma trajetória de anos de me sentir desconfortável em todos os lugares, assim sabe?*

Essa forma de identificação pode ter constituído um caminho, uma ruptura que proporcionou a abertura de outras possibilidades como, por exemplo, a identificação como

---

<sup>32</sup> Esse ponto de similaridade entre a experiência sapatão e a experiência travesti de forma alguma diz respeito a todos os aspectos de ambas as experiências, que seguramente têm suas especificidades em termos de trajetórias de identificação, e existência e vulnerabilidade social. Trata-se de uma equiparação no que diz respeito a se tratarem de formas de identificação que corpos e subjetividades que não se adequam ao sexo-gênero imposto ao nascimento e que tampouco identificam-se plenamente com o outro sexo-gênero considerado oposto pela cis-heteronorma, identificando-se como mulher trans ou homem trans.

homem trans, não-binário, ou outras transgeneridades. Mas também pode ser interpretada como algo em si, como uma forma ou lugar de identificação em si mesmo, independente do período de tempo durante o qual nos reconhecemos nesse lugar. Esse corpo, designado como um corpo “de mulher” que se recusa a corresponder a essa mulheridade, negando as performatividades hegemônicas de feminilidade e apropriando-se de códigos da masculinidade, dá vida e materialidade a outras masculinidades, representa outras expressões de gênero que não se adequam nem à noção hegemônica de homem e tampouco à de mulher, e muitas vezes não deseja estar em nenhum desses lugares. Nem homem, nem mulher: ser e existir sapatão.

*[Pez] Entendi que era sapatão primeiramente porque não era. Primeiro não era uma mina, depois não era um cara. E antes de tudo eu não era hétero, depois não era lésbica também. Sempre curti pensar em não ser, afirmar que não sou essas coisas que tão aí e acho que esse é um lugar massa de construir as coisas que sou.*

*[S] Fico pensando nessa coisa do ser sapatão que ao mesmo tempo que não é uma coisa nem outra, é uma coisa e outra né? O tanto que, ao mesmo tempo que é difícil esse lugar, porque acaba que você fica em um monte de não lugares (...)Tava pensando na categoria de sapatrans, essa identificação da sapatonicidade com a lesbianidade te coloca num limbo, eu sinto que a gente tá num rolê construindo identidades no limbo mesmo, na corda bamba, tentando no meio de um monte de não sou criar alguma coisa pra ser. Acho isso muito lindo e muito difícil, é foda, muita crise, muita noia, muita situação difícil em vários espaços mas ao mesmo tempo é um lugar de uma potência incrível.*

Como já mencionei anteriormente, para alguns transmasculinos a identificação como sapatão pode deixar de fazer sentido em algum momento de nossas vidas, seja em função de interpelações sociais e os efeitos por estas produzidos, ou por compreendermos que já não dá conta de nossas vivências em função das transformações de nossos corpos, ou mesmo por apenas encontrarmos ou criarmos outra forma de identificação que nos contemple melhor. Essa categoria, como todas as outras, tem suas limitações, e embora possamos nos reapropriar e dar novos sentidos e materialidades a essas palavras, muitas vezes nos parece mais interessante transitar entre as formas de auto-identificação. Todos os processos são igualmente legítimos e têm suas especificidades conforme as corporalidades e caminhos percorridos por cada um de nós.

[Rubens] *Eu não consigo mais o sapatão, só ele assim. Ele, ele eu já vi que não dá mais, não é só mesmo. (...) [Na] minha cabeça o sapatão seria uma coisa tipo desse envolvimento, tipo eu só fico, eu só me relaciono com mulheres cis assim... e ao mesmo tempo eu me apaixonei por uma pessoa que é uma bicha e aí eu não sou mais sapatão? O que é isso assim? Algumas escolhas e alguns momentos assim na minha vida me fazem questionar isso, sei lá... (...) Mas pra ti como é, assim? Como é pra ti essa coisa da identificação como sapatão? essa coisa da não identificação mais assim, como ele não cabe mais em ti? A partir de que né?*

[S] *É, eu não sei o meu rolê assim é... dessa coisa com a sapatonicé tipo, é isso, por exemplo, não me incomoda que as pessoas me identifiquem como sapatão e me tratem como sapatão, pensando assim, é porque aí depende, né? Tipo... entre as minhas amigas assim principalmente, porque sei lá... acho que grande parte delas já entendeu que é uma sapatonicé não cis assim, sabe? Tipo assim a galera... consegue, que consegue catar[entender] a dimensão trans da sapatonicé e eu acho que quando rola isso eu fico confortável assim, eu fico bem. Mas quando... o que me incomoda, eu acho, é quando rola a associação da sapatonicé com a lesbianidade assim, que eu acho que a coisa da lesbianidade tem mais a ver com essa coisa de ser mulher e de ser mulher que se relaciona com mulheres assim, sabe? Mas realmente é isso... é muito complicado também não tem como você desvincular a sapatonicé disso...*

[R] *É, eu acho que eu entendo a sapatonicé mais perto disso da lesbianidade mas é isso né? desconstruir também esse lugar de sapatão.*

[S] *E aí não sei tipo, eu tenho, eu tenho... é isso ao mesmo tempo em que alguns momentos ou em alguns espaços eu me sinto mais disposta a ... questionar essa associação cisgênera da sapatonicé com a mulheridade taratarara, tem momentos que eu não tô com disposição ou não sei enfim, que não rola muito sabe? E aí isso acaba que tá me afastando também um pouco dessa coisa da sapatonicé por causa desse, desse rolê como que em grande parte dos espaços você se dizer assim as pessoas vão te entender como uma lésbica. (...) Aí tipo comecei a usar mais o sapatrans assim... é... como uma, como uma alternativa tipo... não sei meio que pra marcar o lado trans da sapatonicé, mas eu acho que é um termo também que muita gente não entende, mas assim f\*\*\*-se, né? Porque eu acho também que as pessoas vão começando a entender os termos na medida em que eles são usados. Se eles não forem usados, ninguém nunca vai entender nada mesmo. Então.. comecei a usar mais isso, porque é isso, eu também... eu também tenho muito essa dificuldade assim de lidar com, com*

*as grandes aproximações assim, com a masculinidade hegemônica. Então é isso, eu não consigo me identificar como homem trans, assim, sabe? Eu não consigo... não sei pra mim não faz muito sentido essa categoria, sabe? Porque é isso, eu não quero ser um homem assim, não quero construir um corpo de um homem assim, não é esse (...) o meu desejo... Então, eu acho que essa categoria também não me serve muito, não cabe muito pro que eu tô vivendo e pro que eu quero viver assim. E aí não-binário às vezes sim, às vezes não, e aí fica meio vrraaannn, aí esse limbo assim.*

A categoria de identificação “sapatrans” é, para alguns, um recurso criativo e apropriativo que busca nomear algumas experiências que habitam entre-lugares. Integrando aspectos, por vezes tidos como contraditórios, existentes entre as identificações possíveis no espectro “sapatão – homem trans”, diluindo a polarização construída na relação entre essas experiências. Esse recurso desestabiliza ambas as categorias, permitindo que nos apropriemos com um pouco mais de fluidez e liberdade de alguns aspectos de ambas identificações. Marcar a diferença da identificação apenas como sapatão surge da necessidade de se diferenciar essa experiência da lesbianidade cisgênera, seja no que diz respeito à identificação com a mulheridade cisgênera como a respeito da leitura dessa categoria como um delimitador da sexualidade e de nossas práticas sexuais. Práticas essas que não necessariamente direciona-se somente a envolvimento com mulheres cisgêneras lésbicas ou bissexuais, mas que também potencialmente se direciona a mulheres trans, travestis, homens trans, outros sapatrans, trans não binários, etc. Em alguns casos, a expressão da identificação sapatrans passa também por uma aproximação com masculinidades bichas e outras expressões de masculinidades muitas vezes consideradas afeminadas.

*[Rubens] (...) e você também [tem que] se enquadrar num tipo de sapatão né? que não pinta a unha, não usa maquiagem, cabelo tipo tal, roupa x... Todas essas caixinhas rolou super... já fui vários tipos de sapatão na minha vida. Enfim e o trans, o sapatrans já dá uma melhorada nessas nóias assim, nessas nóias sei lá, pintar a unha foi uma coisa muito louca..*

*[S] eu sinto muito que a coisa trans veio pra me libertar assim com várias coisas inclusive com a feminilidade, inclusive de acessar códigos da feminilidade porque eu quero, eu posso porque são meus, não porque eu tenho buceta, mas porque eu quero, entendeu? Tipo e é muito louco tem dado muito bug na minha cabeça assim porque eu tenho sentido várias cobranças assim... às vezes mais explícitas, às vezes mais implícitas, desse, de assumir um determinado tipo de vivência trans assim, sabe? Tipo assim... e enfim que vem de várias pessoas, vem de pessoas cis, vem de pessoas trans, vem de todo mundo assim... tipo uma*

*cobrança de coerências assim, com alguma coisa; e pra mim o rolê é justamente poder viver as coisas sem ter que ser coerente. Sabe? Tipo assim... sei lá. É isso, sabe? Eu sinto que as pessoas às vezes me vêem como menos trans porque eu acesso e gosto de acessar alguns códigos de feminilidade, ou porque eu não quero me expressar de um determinado jeito masculino, com a masculinidade, tipo assim... É isso velho eu não quero ser o boy maromba tal...*

*[R] É porque aí já te coloca no lugar do, sei lá você trans automaticamente então você é um homem trans assim... pera aí... ainda não sei se é isso né? Assim, não é, não existe só essa figura né? E normalmente vem muito da galera cis isso assim, não é nem das manas trans que vem esse papo, é muito da galera que não tem vivência nenhuma e acha que é isso porque sei lá... e é muito doido, foda... isso também tava... tem rolado comigo também.*

As investigações realizadas através do trabalho de campo e das entrevistas, assim como de questionamentos a partir de minha própria experiência pessoal de trânsitos entre gêneros e sexualidades, apontam que as relações entre esses dois campos – gênero e sexualidade – se dá de forma bem mais complexa do que uma divisão fixa e rígida sugere. Muitas vezes nos valemos desse recurso, de diferenciar processos de identificação de gênero de processos de identificação a partir da sexualidade, para fins pedagógicos que buscam explicitar diferenças entre experiências cisgêneras e transgêneras que integram as comunidades LGBTQ+. Entretanto, em muitas trajetórias, observamos que esses âmbitos se integram e se diferenciam, influenciando-se mutuamente. A reivindicação do termo “sapatão” como algo que informa sobre um trânsito de gênero, que diz algo além da sexualidade de uma pessoa, exemplifica esse movimento. Embora certamente apresente limites, como alguns sinalizados pelos interlocutores, é uma estratégia que rearticula fluxos e relações entre esses corpos e subjetividades, entre gêneros e sexualidades.

O campo sugere que são múltiplos os movimentos, formas de apropriação e de corporificação criados pelas experiências que materializam masculinidades não cisgêneras. Minha ideia aqui foi sinalizar algumas perspectivas de aproximações e distanciamentos desses processos ruidosos de criação de si e do exercício de nomear a própria experiência, que muitas vezes nos convidam a tensionar e a rearticular limites de categorias e modelos identitários de sexualidade e gênero. E de construção, manutenção e ruptura de vínculos comunitários entre pessoas LGBTQ+, especialmente entre comunidades lésbicas e transmasculinas, pensando relações de diálogos, controvérsias e disputas que se estabelecem ou não entre essas multiplicidades e seus trânsitos.

#### 2.4 “MULHERIDADES ESTRATÉGICAS”: SOBRE AMBIGUIDADES E ACESSOS A PERFORMATIVIDADES E PASSABILIDADES FEMININAS ENTRE PESSOAS TRANSMASCULINAS.

Muitos de nós nos encontramos em um lugar de corporalidades que podem ser lidas como ambíguas, andróginas, ou mesmo como mais femininas que masculinas. A leitura social de nossos corpos ou mesmo a forma com que nos identificamos e nos apresentamos, podem gerar uma série de interpelações que nos fazem a todo momento, ou em muitas situações, ter de negociar com a norma e decidir em que lugar tentaremos nos posicionar para lidar com determinada situação. Muitos de nós vivemos em constante negociação e balanceamento de riscos, e buscando criar possibilidades de transitarmos socialmente com o mínimo de conforto e segurança. A corporalidade nos permite acessar aspectos, modos e performatividades associados à mulheridade, de forma intencional ou não, o que pode nos causar uma série de desconfortos e sensações ruins associadas à leitura social divergente da forma com a qual nos identificamos. Trata-se de uma maleabilidade que nos é violentamente sugerida ou imposta. Mas também podemos, em alguns casos, fazer usos estratégicos desse acesso à performatividade e à leitura social que nos permitem transitar como mulheres cisgêneras masculinizadas.

Seja em situações constrangedoras ou arriscadas em banheiros ou “batidas” policiais, por exemplo, como em outras situações como encontros familiares, no ambiente de trabalho, ou em outros meios que frequentamos ou por onde eventualmente passamos, em alguns momentos optamos por, mesmo contra nossas vontades, expressar uma performance que nos permita sermos lidos como mulheres, ou optar por não corrigir o outro quando somos lidos inadequadamente. O que pode acontecer tanto com a intenção de garantir alguma possibilidade de acessar certos espaços ou mesmo evitar constrangimentos sociais ou exposições a situações de violência mais graves. A lida com esses acontecimentos se dá de muitas formas; para alguns é algo mais tranquilo, enquanto para outros são processos bastante violentos, e podemos sentir que estamos traindo a nós mesmos, ou passando por cima do que somos e de como nos entendemos. Para uma mesma pessoa isso pode ser mais ou menos possível ou aceitável em diferentes ocasiões. Entretanto, de certa forma, a possibilidade de acesso ou negociação com essa “mulheridade” é algo que alguns de nós deixamos de ter, em função da masculinização de nossos corpos, por mais que possamos nos esforçar para acessar,

o que pode nos acarretar uma série de situações sociais igualmente difíceis, embaraçosas e dolorosas:

*[Rubens] [Acontecia] de tentar fazer algum movimento feminino no banheiro, tipo olhar no espelho, não sei pegar... alguma coisa que me identificasse como mulher pras pessoas também não ficarem muito em pânico comigo assim naquele ambiente né? E aí dá um bug assim na hora, porque eu me sentia muito mal de fazer isso assim porque não era uma coisa minha, desse movimento feminino... só que enfim... e eu também não gosto de usar o banheiro masculino nem quero assim, não é isso eu acho, pra mim pelo menos.*

xxx

*[Ronei] Eu acho que eu tinha uma, um corpo bem de mulher hegemônico: branco, simétrico, o corpo feminino né? tipo. Mas sei lá eu sempre tive uma estética que não era feminina, né? Tipo cabelo raspado, visu mais punk, não sei o que... então... então meio que eu queria fazer né? pra mim isso tem, a correspondência tem muito a ver com um, com o capitalismo, né? essas correspondências de gênero, saca? com o que tu vai fazer da tua vida, que vai casar, que vai ter dinheiro, que vai comprar propriedade, ter família, sei lá, saca? isso já ia tudo atravessado assim com coisas que não faziam sentido pra mim e minha estética não era uma estética de uma feminilidade assim, não era uma performance né? dessas feminilidades assim, das mulheres. Nunca me identifiquei assim com mulheres, né? Já fiz ativismo de mulher, tal, aborto nanana nanana, mas sempre me separei muito assim, de saber que não era de mim que eu tava falando, sabe? Importante, tal, mas tipo o meu rolê era... eu nunca me vi como mulheres, sabe? Tipo... então isso vem né? Teve a escola assim, tudo isso. Ao mesmo tempo que, pô, vários privilégios de cis saca? De tá lá mexendo nas coisas com um controle, de quando eu quiser ser lida. Quando eu quiser pertencer, eu faço o rostinho, eu faço a voz, eu faço o gesto e tá tudo bem, entendeu? Dá pra passar de mulheres e dá pra conseguir as coisas, sacou? Mas é, a transição mudou muito isso. Que as coisas não tavam tão sob controle nesse sentido de poder aceder a essas mulheridades estratégicas, que a gente chama né?*

xxx

*[Pez] É difícil o lugar de explicar que não sou um cara nem uma mina, no nosso rolê é fácil mas existem outros lugares onde é difícil falar sobre, por exemplo, banheiro de festa cara! Tu tem que escolher, né? Gestão de risco pra ti e pras outras pessoas, se tu vai entrar*



*no banheiro masculino e tomar uma ruim ou entrar no banheiro feminino e assustar as minas; daí tu cria uma performance pra entrar no feminino: tira o boné, fica sorrindo, de preferência tá com alguém pra poder tá falando pra ouvirem minha voz... isso é muito doido, esses lugares de como explicar pras pessoas o que é isso.*

## 2.5 NOSSOS CORPOS EM TRÂNSITOS – SOBRE TRANSIÇÕES E ALGUNS ASPECTOS DE NOSSAS RELAÇÕES COM NOSSOS CORPOS

Assim como nossas trajetórias de identificação de gênero, as formas com que podemos materializar esses trânsitos em nossos corpos podem acontecer de incontáveis formas. Não existe uma forma que seja mais válida ou mais correta que outra, são vários os caminhos que podemos trilhar. A experimentação de códigos de masculinidade, de modificações corporais, de performatividades de gênero são parte importante das trajetórias de muitas pessoas transmasculinas. Aqui a errância, a possibilidade de, através de um caminhar curioso, experimentarmos conosco, com nossos corpos e nossas relações sociais, assume um caráter fundamental que possibilita a criação de novos lugares por onde podemos transitar. Errância na qual testamos, degustamos e saboreamos novas formas de ser e estar no mundo, que podem se adequar mais ou menos aos nossos desejos e expectativas em um determinado momento da vida. A ideia de transição de gênero muitas vezes vem carregada de uma noção de travessia de um determinado ponto a outro, pré estabelecido. De que existe uma rota comum, com determinados passos a serem seguidos, e um ponto de chegada, como se um fim de uma jornada.

As interlocuções feitas no decorrer da construção dessa pesquisa trazem trajetórias e perspectivas que mostram que as experiências de transições de gênero podem ou não ter um início bem demarcado. Que os caminhos percorridos são tão diversos quanto a singularidade de cada pessoa trans, apesar de existirem sim pontos de convergência e algumas rotas similares. E que dificilmente apresentam um fim, um ponto de chegada estático, imutável e previsível. As narrativas sobre esses trânsitos sinalizam um processo constante de autoconhecimento, de investigação de si e de seus desejos, e de constantes (des)construções de corporalidades e subjetividades. De acertos e equívocos que integram e impulsionam esses processos com igual importância.

As trocas de informações e experiências entre pessoas transmasculinas é um traço marcante dessas comunidades, de suas formas de estabelecer vínculos e de acessar e construir

conhecimentos sobre essas vivências. São constantes os fluxos de informações a respeito de, por exemplo, serviços de saúde, de técnicas de masculinização do corpo, e a respeito de dilemas e conflitos no campo das relações sociais, sejam no campo do trabalho, família ou das relações sexuais e afetivas. Buscar informar-se sobre possibilidades e estratégias pode ajudar bastante na tomada de decisão a respeito de quais caminhos trilhar. Conhecer diferentes perspectivas pode colaborar com a elaboração de estratégias particulares, mas é importante ter em vista que não temos que seguir exatamente os mesmos passos de outras pessoas. À medida que caminhamos surgem novas questões – algumas previstas, outras inesperadas, novas alegrias e novos percalços sobre os quais cada um avalia quais são as melhores ou possíveis formas de lidar.

É bastante comum entre nós a prática de nos compararmos em nossos processos de transição, ou mesmo criarmos idealizações de nossas transições a partir dos processos de outras pessoas e/ou de nossos próprios anseios. Nas redes sociais online, em diversas páginas e grupos voltados para pessoas transmasculinas, observamos com muita frequência a circulação de postagens com fotografias e vídeos que apresentam processos de transição em curso, ou apresentadas numa chave de pré-transição e pós-transição. Assim como diversas interações através de comentários em que avalia-se corpos e resultados de intervenções corporais uns dos outros. E é em meio a esse cenário que criamos, mais ou menos conscientemente, uma série de projeções e metas que gostaríamos de atingir. Entretanto, é importante sabermos que cada corpo tem sua forma de reagir e se transformar com os estímulos e intervenções que realizamos. É muito difícil prever como ou em quanto tempo essa ou aquela mudança irá acontecer, ou mesmo se irá acontecer da forma que desejamos ou não. Outros de nós preferimos ou acabamos por realizar transições de maneira mais experimental, no sentido de não estabelecermos metas a serem atingidas, o que pode evitar decepções ou quebras de expectativas sobre como nossos corpos irão se transformar.

*[Ronei] Pra mim foi muito questão de descoberta assim, eu comecei a tomar hormônio, foi um jeito que eu achei que foi bem legal de começar a tomar hormônio. Que é um jeito que eu vejo que hoje a galera trans como tem mais imagem, tem mais rolê hoje em dia assim, de um ano pra cá assim; tem mais galera trans e a gente se olha. Tem grupo de trans, antes e depois, tem muito isso, galera cria muita expectativa de construir um corpo. A pessoa constrói um ideal pra chegar. E mesmo... faz um projeto de corpo, entendeu? E mesmo todo o acompanhamento quem faz pelo SUS tem toda uma parada que é racional, né?*

*Que é racionalizada. Primeiro você pensa o que você quer ser, você projeta o que você quer ser, depois vem as mudanças no corpo. O meu não foi nada disso, sacou?*

xxx

*[Nilton] Uma coisa que eu considero que foi vantagem a minha transição é que como não tinha muita coisa na internet, não tinha muitos caras trans, não tinha nada disso, eu não ficava ansioso com coisa que eu não conhecia, entende. Então, por exemplo, eu vejo que muito cara trans fica ansioso pra redistribuição de gordura acontecer rápido pra sair gordura do quadril, porque mesmo ele com calça larga o quadril marca, sabe? E eu sempre tive o quadril... e hoje eu não tenho mais. Mas isso, eu não reparava isso assim. Quando eu fui perceber, passou os anos e eu não tinha quadril. Mas imagina se você ficasse pensando, “nossa eu tenho quadril... que paia assim...” mais dor de cabeça, né? então essas coisas aconteceram sem perceber assim. É... a voz foi uma coisa assim... a voz é muito marcante, o semblante é muito marcante. O, o... eu acho que meu pé cresceu um número. Tenho certeza que eu calçava 38, não era 39. essas coisas vão acontecendo e ainda acontece assim. Porque o que que acontece, existe uma... há uma mudança física na adolescência ate os 28 anos do cara [cis]. Adolescência tem um bigodinho, uma barbinha e tal, mas entre os 23 e os 28 que a barba enche e tal. É uma coisa meio que programada numa, nas mudanças cronológicas de um corpo masculino papapá... a minha eu não sei sabe? a nossa a gente não sabe. (...) [V]ai rolar todos os processos...é muito interessante, e essas coisas vão acontecendo, essas mudanças não param né? porque o corpo vai acontecendo.*

São diversos tipos de intervenções corporais que podemos realizar, seja com o intuito de nos adequarmos melhor a como desejamos ser lidos socialmente e/ou para nos sentirmos mais confortáveis com nós mesmos, em mais harmonia com nossa auto-identificação. Parte desse bem estar muitas vezes envolve as negociações com o olhar do outro e a forma com que somos lidos socialmente, e podemos realizar intervenções também com o intuito de que esta leitura mude e não sejamos mais vistos como corpos femininos, ou também para possibilitar certos trânsitos e interações sociais com mais conforto e menos constrangimento. Por exemplo, a realização de uma mamoplastia masculinizadora pode garantir certa tranquilidade ao frequentarmos clubes ou praias sem camisa. Embora alguns façamos também sem realizarmos a cirurgia, mas com a consciência da possibilidade de sofrermos algum tipo de retaliação, discriminação, e reações violentas provocadas por uma inadequação de nossos corpos à normatividade cisgênera.

Algumas das intervenções mais comuns, que podemos realizar em diferentes momentos de nossas vidas, estão relacionadas a cortes de cabelo, presenças ou ausências de pelos corporais, modos e expressões corporais, uso de determinados tipos de roupas, assim como uso de *binder* ou outros métodos de compressão dos seios, hormonização, práticas de exercícios, uso de minoxidil para estimular crescimento dos pelos faciais e corporais, e intervenções cirúrgicas como a mamoplastia masculinizadora, metoidioplastia e a neofaloplastia.

*[Taylor] Meu sonho, literalmente meu sonho, era quando eu tivesse 18 anos eu conseguir mudar meu armário inteiro pr'eu ter só ter roupas masculinas. Não deu pra fazer aos 18 mas eu fui fazendo aos pouquinhos depois. E isso me deixou mais confiante, assim. É... eu me sinto melhor em relação a mim mesmo. É... eu não me sentia... confortável usando roupas femininas, eu não me sentia bem sabe? Eu não me sentia eu. Não era eu, sabe? Não era... não fazia parte de mim. Então, a medida que eu fui conseguindo é... chegar no ponto onde eu queria chegar; que é a forma como eu tô hoje, eu fui me sentindo mais confiante, mais... até mais bonita. Ajudou muito, assim. Afetou diretamente a minha autoestima.*

xxx

*[Pez] Meu rolê de roupa e de coisa sempre foi muito foda, quando comecei a ter que comprar roupa e coisa era muito foda. Aqui no interior as minas saem muito arrumadas e tal e até minha mãe fala sobre isso, sobre como era ruim ir comigo em lojas porque ela se sentia mal tendo que comprar roupa comigo pq ela sabia que eu não tava confortável, e ela não sabia o que fazer... daí quando fui pra Porto Alegre comecei a comprar minhas roupas e esteticamente o que sempre me agradou foi essa pira, roupa de boy... sei lá, não lembro de me olhar no espelho e achar massa quando usando uma roupa feminina, sempre tava muito desconfortável. Quando fui pra porto alegre eu trabalhava e daí comprava roupa pela internet pra não ter que passar pelo provador e tal... mas não teve um dia que decidi comprar tais roupas, não teve um dia que decidi trocar todo guarda roupa, eu nem percebi.*

xxx

*[Francisco] [M]inhas roupas mudaram também mas eu sinto que as minhas roupas são neutras, eu não sinto assim que uso roupas ditas masculinas ou ditas femininas, eu uso roupas de pessoas assim, mais básicas mesmo.. e tem situações que a gente tá mais com vontade de usar uma roupa mais masculina ou tem dias que eu quero assim colocar uma saia, passar uma maquiagem, não tenho problema com isso.*

Muitas vezes essas intervenções podem a curto ou longo prazo trazer efeitos inesperados em nossos corpos. Alguns entrevistados relataram diversas surpresas ao longo desses processos como, por exemplo, a quantidade de pelos que surgem em lugares inesperados, com a forma que a gordura de nosso corpo é redistribuída, com as transformações de nossos genitais, ou com alterações de odores e texturas de nossos corpos e fluidos corporais. A hormonização pode trazer outras mudanças tais como a interrupção do ciclo menstrual, o aumento da libido, mudanças no tom de nossas vozes, alteração do semblante e traços de nossos rostos, o aumento da oleosidade da pele e o aparecimento ou intensificação de acne e espinhas, aumento de massa muscular e, a longo prazo, a queda de cabelo. Isso não significa que todas essas mudanças irão acontecer com todas as pessoas transmasculinas que se hormonizam, tampouco que as mudanças ocorrem da mesma forma ou com a mesma temporalidade, e podemos também experimentar outras alterações não consideradas aqui.

O uso regular de testosterona pode trazer outros efeitos para nossa aparência e também para nossa saúde mental, emocional e fisiológica. No Brasil ainda são raras as pesquisas a respeito da saúde da população transmasculina. Não existem ainda estudos longitudinais que permitam uma análise de variáveis através de acompanhamentos e investigações a longo prazo, o que revela a limitação do conhecimento a respeito dos efeitos da hormonização ou de determinadas intervenções cirúrgicas em nossa saúde integral.

É importante ressaltarmos que não há uma lista determinada de intervenções corporais que devemos cumprir para que sejamos reconhecidos enquanto trans ou para que nossa auto-identificação seja validada e respeitada. Estas mudanças não precisam ser realizadas de forma coercitiva ou compulsória, mas sim, preferencialmente, como artifícios para que nos adequemos às nossas próprias necessidades e desejos a respeito de nossa autoimagem. A padronização de experiências trans é também uma consequência do modelo de transexualidade construído pelo saber psiquiátrico, que criou instrumentos de verificação e validação dessas experiências de forma arbitrária e orientada por um olhar cisnormativo. Que termina por produzir um modelo de transgeneridade fortemente modulado a parâmetros artificialmente estabelecidos por esse campo de saber-poder.

*[Pez] Pra além das minhas roupas não sei se fiz muitas coisas conscientemente tentando alcançar uma masculinidade, sei lá... eu uso binder há muito tempo porque essa é a pior relação que tenho dentre todas as coisas que existem no meu corpo, desde sempre... pq... quando menstruei já logo comecei a tomar anticoncepcional e meus peitos cresceram muito e*

*daí foi isso, do nada, de um dia pro outro eu virei uma mina e antes eu era uma piá, tipo, já tinha passado por uma fase trash de tá tentando diretamente ser um boy mas ainda antes do anticoncepcional eu era uma criança mesmo que já tivessem me feito entender que não podia ser um boy... eu era uma criança, tava na rua, jogando bola, andando de skate, zoando com os moleques e daí teve um dia que virei uma mina, meus peitos cresceram muito rápido e daí foi muito cedo, passei um tempo vivendo com meus peitos mas a primeira coisa que acho que fiz nesse sentido foi começar a usar o binder.*

xxx

*[Júlio] É... eu vou fazer um ano de testosterona em breve. É... eu fiz uso de minoxidil pra ver se ajuda a crescer a barba... meu cabelo já era curto. E roupa, também não foi um baque muito grande... e por enquanto é só... Eu não consigo usar binder porque tenho problema nas costas... dói pra caramba. Por enquanto eu pretendo fazer cirurgia, a mamoplastia mesmo, não penso em outras coisas... até porque o acesso né? precário, então não tô nem pensando. [As intervenções]Fizeram bastante diferença...ah.. eu tô me sentindo mais confortável e a leitura social muda completamente. É bizarro! (Risos)*

xxx

*[Francisco] Olha, quando eu comecei a minha transição eu não pensei em harmonizar, mas depois eu quis experimentar, porque eu acho que tem esse lugar que é uma coisa de ver o seu físico se transformando... Eu acho que é importante pra mim no meu caso que reivindico uma transgeneralidade... é uma questão que também me apetece, poder ver mudanças mais bruscas e aí eu comecei a me harmonizar. Tem um ano que eu faço uso de testosterona regularmente, eu aplico de 21 em 21 dias e de testosteron e agora há dois meses atrás eu diminui o tempo de aplicação de 15 em 15 que começou a me dar muita ansiedade também, que eu queria... quero que eu possa ver mais pelos, quero engordar mais um pouco, me sinto um pouco mal com o meu peso... e fora isso, cirurgia eu não fiz ainda nenhuma, não é uma prioridade na minha vida mas se eu tiver condições eu faria uma mastectomia, porque eu não sei explicar o motivo mas de alguma forma ele me incomoda... Aí cortei cabelo (...) Eu faço uso de minoxidil também pra ajudar no crescimento dos pelos... Acho que tatuagem é uma coisa que dá uma ajudada e tenho feito uns exercícios de correr, abdominal, puxar uns pesos, por essa questão de querer mais massas. Usei o binder por um tempo, mas hoje eu já me libertei dele. Tava assim, tipo saindo de uma prisão e entrando em outra; e com dor e*

*ficando assado, e eu falei quer saber? é isso que tá aqui por enquanto, vou me adaptar e é isso aí.*

Conforme nossos desejos e identificações nós podemos acionar diferentes códigos de gênero, tanto de masculinidade quanto de feminilidade. Não são todos os transmasculinos que se sentem confortáveis em expressar ou acionar códigos, características ou elementos associados a expressões de gênero femininas, pois em geral nos despertam sentimentos e sensações ruins como desconforto, em descompasso entre nossa autoidentificação e nossos corpos. Já outros nos sentimos confortáveis em acioná-las.

*[Sofi em entrevista com Rubens] [A] minha vivência com a masculinidade teve totalmente a ver com a sapatonicidade assim, e também com o feminismo... a coisa de não me depilar mais, não tirar meu bigode, foram as primeiras experimentações com a ideia de parar de feminilizar o meu corpo, tornando-me socialmente lida como mais masculina, em função dos pelos nas pernas, no axila e do bigode, que começaram também a abalar certas estruturas familiares e outros vínculos de amizade e tais. Com isso meu corpo se tornou um corpo mais masculinizado e se intensificaram as vivências nesse sentido. As interações sociais se balizaram e foram se reconfigurando também na medida em que esse corpo se permitia existir. Com... num primeiro momento a experiência lésbica e num outro momento a experiência sapatão assim... mas... tipo, desde que surgiu uma identificação trans assim, mesmo, é isso dentro dessa masculinidade que já existia algumas coisas mudaram, sabe? (...) [E]nfim, não sei tipo, é... porque essa minha coisa, a minha identificação trans é muito marcada também pela identificação com a viadagem assim, mesmo. É... por exemplo uma coisa(...) assim [que] eu acho que representa bem o rolê, tipo... na minha adolescência sapatão assim, e durante grande parte da minha vivência de sapatonicidade por exemplo, eu não curti usar esmalte, porque eu achava que era uma coisa tipo... sabe? que ia me colocar num lugar de feminilidade e de mulher que não sei o que e tipo assim, depois que começou a rolar uma identificação trans, eu comecei a explorar o feminino, a feminilidade tipo, me permitir tipo isso entendeu? (...) Ah... e é muito louco isso de como que eu me permiti e comecei a me interessar mais pela feminilidade e por expressar feminilidades através do rolê trans assim.*

Para muitos de nós certos códigos de feminilidade, como determinadas roupas ou acessórios, podem nos desencadear sentimentos ruins e acionar memórias difíceis de momentos de nossas vidas, especialmente durante a infância e adolescência, em que fomos forçados a usá-los contra nossas vontades. Acima está um trecho de um relato meu em que falo sobre o processo que tenho vivido de me reaproximar de alguns aspectos da feminilidade

dos quais antes eu sentia repulsa. Alguns deles ainda hoje me acionam memórias e sensações terríveis, como pode exemplo peças de roupas como saias e vestidos, já outros tenho me aproximado e reapropriado a partir de uma leitura bicha ou transviada, que se apropria e reterritorializa códigos da feminilidade desde uma perspectiva transmasculina. Para mim, particularmente, a minha experiência trans passa por desassociar masculino e feminino de corpos e performatividades de gênero de homens e mulheres cisgêneros. Ou melhor, passa pela possibilidade de acionar códigos e performatividades de masculinidade e feminilidade a partir de referenciais trans e gênero dissidentes, descolando-os daqueles corpos com os quais apresentam-se em coerência, segundo a cisnorma. Vejo em meu corpo-subjetividade e performatividades a possibilidade de integrá-los segundo minhas possibilidades e interesses. Obviamente não somos obrigados a nos relacionar bem ou mal com nenhum código de feminilidade ou masculinidade em específico, mas é também importante considerar que nossas relações com tais códigos podem mudar, às vezes surpreendentemente, ao longo de nossas vidas, e isso não nos torna mais ou menos trans, mais ou menos masculinos ou femininos.

## 2.6 NÓS E OS OUTROS – ALGUNS ASPECTOS SOCIAIS DA TRANSMASCULINIZAÇÃO

Transicionar em um mundo no qual a cisnormatividade atravessa basicamente todas as esferas e relações sociais traz, em geral, uma série de dificuldades e desafios para nossa vida cotidiana. Além das questões que precisamos ou buscamos compreender e/ou resolver internamente, entre nós e nós mesmos, há também uma infinidade de demandas e adversidades advindas de nossas relações sociais. Sejam elas relações sexo-afetivas, familiares, de trabalho, de amizade ou mesmo aquelas relações menos carregadas de vínculos e pessoalidade com pessoas que não conhecemos ou não temos trocas profundas ou íntimas, além de mediadores da burocracia estatal.

Lidar com a mudança de pronomes para que estes se adequem ao gênero com o qual nos identificamos e nos apresentamos – com as divergências no pronome de tratamento por parte daqueles que estão à nossa volta, sejam elas intencionais ou não – a escolha de um novo nome, mudanças de aparência e características corporais como voz, traços de nossos rostos, pelos corporais, roupas, e os novos trânsitos sociais que passamos a ter em função de tais modificações são processos bastante delicados e cheios de realizações, alegrias, satisfações e



também percalços e desafios. Nesses momentos em especial, para muitos de nós, tende a ser bastante positivo e importante buscar pessoas específicas ou redes de apoio formadas por pessoas trans que possam nos ajudar a compreender e lidar com as derivações desses processos. Ter com quem conversar, tirar dúvidas, desabafar sobre situações específicas que nos passam, sobre nossas inseguranças, temores e dificuldades pode ajudar a tornar os aspectos desagradáveis dessas experiências um pouco mais palatáveis. Assim como muitas vezes nos é importante também celebrar e compartilhar nossas conquistas e alegrias que surgem a cada momento de nossas transições com nossos amigos e companheiros.

Alguns dentre nós buscamos viver esses momentos de forma mais privada e particular, já outros não sentem essa necessidade, ou não têm a possibilidade de realizar nossas transições dessa forma. Lidar com o fenômeno da transição como um processo público é algo bem difícil pois esbarramos recorrentemente em situações constrangedoras e violentas – física, psicológica e materialmente. Esses processos de violência podem ter diversas faces, desde a transfobia vestida de amor familiar àqueles que veem em nossos processos uma atração estilo *freakshow*, realizando um leque enorme de abordagens extremamente agressivas, nos tratando como seres exóticos ou aberrações sociais.

*Ontem estava com amigues em um bloco de carnaval, debaixo de chuva, no centro de BH, quando me aparece a Roberta<sup>33</sup>. Nos cumprimentamos e imediatamente em seguida, ela diz “A pergunta que não quer calar! Sofia é sapatão ou é homem trans?”. Me senti pego de surpresa por essa ação de controle, vigilância e busca por enquadrar minha existência e corporalidades em algum local inteligível nos termos dessa pessoa, que é também uma psicóloga e militante LGBT que atende a várias pessoas trans. Respondi que não sou uma coisa nem outra e um tanto de cada ao mesmo tempo. A despedida foi seca e o semblante que se formou em seu rosto interpretei como resultado de insatisfação e incompreensão com a resposta dada. No dia anterior, estava vendendo sanduíches veganos em outro bloco de carnaval quando uma outra pessoa conhecida, porém nada próxima, me questionou, após alguns segundos de uma conversa genérica, se eu estava me hormonizando. A sensação que tenho é de que por apresentar corporalidade e performatividade de gênero em inconformidade com a norma estou sempre sujeito a ser solicitado a prestar contas ou satisfações a respeito de como me identifico e/ou do que faço ou deixo de fazer com meu corpo, para qualquer pessoa. Ando pelas ruas de BH sentindo que eu e meu corpo estamos sendo constantemente regulados, observados e interrogados. Algumas pessoas fazem de*

---

<sup>33</sup> Nome fictício.

*minha vivência um espetáculo público, e muito confuso, que precisa assumir algum lugar de inteligibilidade para que estas fiquem tranquilas e saibam como me categorizar. Às vezes acho impressionante o quanto as ambiguidades e os entre lugares deixam as pessoas transtornadas e obcecadas por um enquadramento que ponha fim à confusão. (Caderno de campo. Belo Horizonte, 27 de fevereiro de 2017.)*

*[Rubens] Não, é muito doido, as pessoas não se permitem a viver essa não binaridade né, e acaba colocando isso pra você né, você também, “se você não quer mas você tem que me responder alguma coisa me diga alguma coisa, não posso ficar na dúvida, não posso....” Pode sim, bicha! Fica na dúvida...*

*[S] Sim! Eu posso ficar e você não pode?*

Quando decidimos viver e expressar em nossos corpos o(s) gênero(s) com o(s) qual(is) nos identificamos, no mais das vezes, passamos por uma série de mudanças em nossas relações sociais. Essas mudanças, ordinariamente, têm a ver com reações orientadas por perspectivas e visões de corpos e gêneros orientadas por parâmetros cisnormativos, que muitas vezes buscam nos enquadrar, “consertar o erro”, e fazer com que nos adequemos ao gênero que nos foi atribuído ao nascimento. Mas também podem acontecer no sentido de buscarem produzir uma adequação e coerência de nossos corpos e experiências de acordo com interpretações e expectativas sociais a respeito do gênero com o qual nos identificamos, e isso pode corresponder ou não aos nossos desejos.

Em diversos momentos, passamos a experienciar certo acesso a prestígios e privilégios relacionados a à masculinidade cisgênera nas relações sociais em situações em que nossa condição trans não é revelada. Mas, simultaneamente, lidamos sempre com os riscos e a tensão de sermos descobertos e a partir daí sermos colocados em situações de risco para nossa integridade física e mental. A passabilidade cis, ao passo que pode nos conferir certos confortos e acesso que antes não tínhamos quando éramos lidxs como mulheres ou sapatonas, está sempre acompanhada da preocupação e apreensão de que de alguma forma sejamos expostos, de que algo de alguma forma delate que não somos homens cisgêneros.

*[Celestino] Então, é... de... socialmente, é... agora eu estou... tô lutando muito com uma passabilidade... jóia. É... então é um pouco assustador pra mim (risos). Porque eu sou um rapazinho, um rapaz muito educado né? simpático, não sei o que. Muito louco porque de repente uma coisa que eu nunca tive na vida era tipo ter um cara na rua e falar “ô mano”, a*

abordagem muda completamente. O respeito, né? quando você tá falando, enfim... isso foi tipo, “caraca, será que... eu não sou homem né?” Mas será que ser homem é ser isso? É ser escutado. Ou tipo... a sua opinião. Você pode tá falando qualquer merda, sua opinião é levada em conta tipo... é levada em conta né? porque senão não é. Mas assim eu morro de medo né? É tipo... essa é a minha maldição da passabilidade: o medo de ser descoberto. Então as vezes eu entro numa tipo “porra eu tenho que achatar meu peito” porque... e assim por mais que existam milhões de homens no mundo que são peitudos, tipo né? desde a ginecomastia até até... é... eu acho que se eu não achatar o peito isso vai ser a grande denúncia... A galera não tá nem aí porque olha pra minha cara e tipo vai embora, entendeu? E... então isso... uma coisa bem básica né? eu na rua, entendeu? vou lá, vou comprar um... um verniz... pra passar na madeira. “ah fosco ou brilhante?” “ah fosco” “então tá, pega aí 14 reais”, tá paguei. E antes eu ia comprar um spray, “ahhh você quer comprar mas sabe passar? Tem que ser assim você tem que passar.” Mudou só porque minha cara mudou... só porque tem pelo na minha cara... aloka! [grifo meu]

xxx

[Celestino] E, e... e num outro aspecto assim que eu acredito que tenham as nossas bolhas né? Você sabe do que eu estou falando, bolha do rolê, eu me sinto que eu tô... eu circulo muito bem nos espaços né? que, que é... e que nesses espaços existe também essa exotização mas eu não sei se é também um negócio de cartilha de, de, né? não se permite homofobia, transfobia, lesbofobia, racismo, pararaparara pararara, isso não é permitido e as pessoas velam, não falam sobre isso, vira os tabus... mas eu acho que nesses contextos assim de bolha as coisas fluem muito bem, graças a Jah, né? existem esses espaços que é tipo espaço de acolhimento né? então, sei lá é... agora... é... é um espaço de, de, tipo pra mim mais difícil são as coisas básicas socialmente tipo de ir no médico, conseguir um trampo formal e tal... ir pra praia... né? moro aqui na praia e basicamente gostaria de poder sair um dia, entendeu? Porra to afim de ir pra praia e não precisar convocar um bonde e mesmo com um bonde sentir que eu sou um alien ali né? ou que corro risco de vida inclusive. Fui algumas vezes pra praia e sempre foram situações constrangedoras assim que eu tive que me preparar muito, assim, muito mesmo, antes de poder tirar a blusa... porque se eu fico de blusa pô, vou ficar com um tabaré horrroso é... se ficar de biquíni vai ser, né? Pesado... se eu tiro a blusa também é pesado então tipo eu não consigo... aí eu fico “pô será que eu vou ter que fazer essa intervenção cirúrgica mesmo pra poder só ficar em paz e poder fazer uma coisa que eu adoro que é poder ir pra praia?” Então rola tipo é impossível você tá. Tipo... pessoa

*trans é impossível você estar... em sociedade tipo... é impossível vê, sem pagar um preço muito grande por isso que é ou as intervenções ou se esconder né? Fica sempre nessa margem de não acessar coisas que são básicas... praia... trampo... trampo assim mesmo de... a não ser que eu tivesse uma formação acadêmica né? um prestígio né? tipo de... mas é isso né? tem que correr atrás das minhas coisas agora pra fazer isso sem o peso de ter que prestar contas ao grande público.*

Outros de nós, por termos, ou termos tido em algum momento de nossas trajetórias, uma corporalidade mais andrógina, ambígua ou ausente de traços e características marcantes da masculinidade, como pelos faciais, ou com seios de alguma forma visíveis, somos constantemente interpelados direta ou indiretamente pela dúvida que causamos nas pessoas. A dificuldade em se classificar uma pessoa como corpo “de homem” ou corpo “de mulher” causa bastante incômodo e perturbação social, provocando reações diversas nas pessoas afetadas por esses corpos, aos seus olhos, ininteligível.

Cotidianamente encontramos relatos de experiências de agressões físicas ou verbais em espaços públicos, bem como situações constrangedoras causadas por olhares e/ou comentários depreciativos, que expressem de alguma forma o incômodo das outras pessoas com nossas presenças, ou juízos e especulações a respeito de nossos gêneros. Como se os corpos trans e outras corporalidades dissidentes da cis-heteronorma estivessem aí para serem publicamente analisados e julgados constantemente, sempre a mercê da avaliação alheia e de intervenções que busquem corrigir ou eliminar nossas existências do mundo, essa “cisheterolândia” em que vivemos.

*[Rubens] É... acho que na rua, no rolê, no momento eu acho que, como... as pessoas acabam me confundindo assim como um boy cis branco mesmo assim... (...) rola assim... tu olha, ou tô com a galera e começam a sacar que eu tenho peito ou não tenho barba e tal... acaba rolando já essa coisa da encarada. Mas eu nunca fui agredido fisicamente, em função de briga assim.. mas enfim, é porque aqui é uma coisa muito dos caras encararem mesmo pesado assim, supermercado, na rua, na vida... coisas cotidianas assim rola muito encaradas assim, mais dos caras. E das mulheres mais velhas, talvez tem uma coisa muito machista mulher também, eu sinto ainda...(..) Essa coisa de descobrem, entre aspas, que “não é um cara”, que tem um peito e tal, sempre rola uma coisa de tentar... as pessoas tentarem tipo... analisar esse corpo né? assim, na rua... tipo fui comprar um sapato na loja e aí eu fiquei escutando assim os vendedores, tipo ficaram os quatro vendedores assim tipo olhando pra mim aí eles tavam conversando entre si e eu tava escutando tudo. Eu tava fingindo que não*

tava escutando... “será que é homem ou é não sei o que?”, “Ai não mas tem peito né, ah não mas esse cabelo não sei o que”, aí o outro falava “não, não, mas, acho que não, acho que é mulher mesmo”, aí outro “acho que não...”. Né? rola um bug muito doido, carai uma fritação. Aí eu sai, nem comprei a parada, sai fora logo, tem alguns lances que eu saio assim invés de tentar... eu nunca converso muito com as pessoas sobre isso assim, sempre prefiro sair fora, não sei assim... porque sempre é uma coisa bem binária né? dá uma aflição e eu vou embora...

[S] E no geral as pessoas não vem conversar com a gente, né? tipo assim elas ficam conversando entre elas sobre você. Você pode tá ali na frente delas...

[R] É, você é só uma coisa que tá sendo julgada total, a todo momento né? não tem uma conversa mesmo... totalmente descrição né, descrição a partir de sei lá... uma coisa do corpo mesmo.

xxx

[Pez] Uma vez entrei num banheiro de uma festa que a gente foi e uma mina chamou o segurança... nem tenho toda essa passabilidade de boyzão, no máximo uma bixa mas sei lá, fico pensando, esses dias tava pirando de pintar o cabelo por achar que a minha aparência tava muito agressiva e é isso, essa associação de masculinidade com agressividade, perigo, enfim e eu boto fé na galera que tá fazendo isso, tá se protegendo e é por isso que machuca tanto, de saber que é foda, não é que nem o velho do mercado que sente nojo de mim só porque sente nojo, é medo cara, medo de uma parada que também sinto medo. Mas é isso, tá no rolê, tá disposto a trocar ideia que nem sempre a parada é trash e tá aí pra quebrar com as verdades absolutas sobre coisas mas respeitar o espaço das pessoas de ter uma vivencia e acabar relacionando coisas com outras mas tem que tá disposto, sei lá achar que eu sou uma pessoa que poderia dividir o banheiro com uma mina cis e trocar essa ideia com ela mas nem sempre tô no grau de fazer isso as vezes só quero mijar. Mas sinto que tenho que tá sempre negociando os espaços e sendo muito sensível em relação a sensibilidade das pessoas, sempre no grau... às vezes não tô afim de dizer que “sou uma mana também”... tenho que tá sempre muito disposta, e perceber que uma pinta que tá comigo e tá vestida de outro jeito, por exemplo, precisa menos do que eu se afirmar enquanto alguém que não apresenta riscos mesmo que eu não tenha nenhum histórico escroto, é só a cara mesmo. e eu tenho que mostrar que não apresento risco ao mesmo tempo que tô sempre correndo riscos também né? Por causa do mesmo motivo, por causa desse corpo, dessa cara. Tem lugares em que isso não

*existe, pq né? No lance do banheiro ou eu corro o risco ou eu sou o risco, ou explicar que não sou um perigo ou entrar num lugar perigoso... é foda mas sei lá, sem deslegitimar o rolê das pintas de se assustar quando tô no banheiro delas, eu boto fé nisso também... mas dói um pouco.*

A forma com que somos interpelados socialmente pode coincidir ou não com a forma com que nos auto-identificamos. Muitas vezes não sabemos bem como somos ou como seremos lidos pelas outras pessoas, e esses encontros podem nos trazer surpresas, tanto positivas quanto negativas, e às vezes ambos, simultaneamente. Eventualmente passamos por situações com as quais, num primeiro momento, não sabemos muito bem como lidar até conseguirmos reorganizar as coisas em nossas cabeças e compreendermos melhor como operam certos códigos e lugares que antes não acessávamos.

*[Taylor] Só que uma coisa que eu não, que eu não estava esperando vir junto com as masculinidade era pessoas me confundirem com, me lerem como um homem na rua. E sendo negra, isso tem uma outra implicação. É... começaram, começou a acontecer de eu entrar em banheiros femininos e eu ser barrada, ou eu entrando no vestiário feminino e não me permitirem e aí eu tento ir num vestiário masculino e também não deixam e aí eu não tenho um lugar pra ir; pra provar uma roupa se eu quiser comprar. E aí eu comecei a usar banheiros masculinos quando... é... mais, quando estavam vazios, pra não ter que passar pelo constrangimento de ir num banheiro feminino e alguém perguntar “você tá no banheiro certo?” Ou de falarem que eu to no banheiro errado. É... e agora que eu to usando cabelo muito curto tá acontecendo muito de me chamarem no masculino. Na rua...é...me chamarem de moço, garoto, de homem, ele...é... e... perguntarem se eu sou ele ou se eu sou ela. E aí eu to começando a falar ok, eu sou ele. Assim era uma coisa que eu tinha medo de fazer, com medo de descobrir que eu era realmente isso que eu era e que eu to me permitindo usar banheiros masculinos, usar pronomes masculinos e adjetivos no masculinos.*

Taylor menciona que, por ser negra, ser identificade como um homem em espaços públicos traz outras consequências para seu cotidiano. Assim como a transfobia e o cissexismo, o racismo configura uma forma de opressão estrutural que atravessa todas as relações sociais de uma pessoa negra, especialmente no Brasil onde vivemos processos de criminalização, encarceramento e genocídio da população negra, em especial dos homens negros. Essas implicações as quais Taylor se refere, dizem de um aumento das possibilidades de que, a partir do momento em que haja uma leitura social dos corpos transmasculinos como de homens negros, sejam expostos a situações de violência e discriminação racial.

*[Taylor][E] por eu ser negra, tipo, tá rolando muito mais racismo, entendeu? Porque agora eu não sou a sapatão negra, eu sou o cara negro. E... tipo, isso implica entrar numa loja e me seguirem como já seguiam antes, mas agora eu sou o cara negro de mochila, então.... Não sentarem do meu lado no ônibus, é... aconteceu uma vez de, e essa foi o episódio mais... mais tenso de todos, que foi quando eu tava no ponto de ônibus com a minha namorada na [av]Contorno, no alto da Contorno, e... e eu tava de mochila, tava de costas e tinham duas mulheres sentadas entre a gente e aí parou um carro do meu lado, do nosso lado assim, e eu tava de costas, eu não vi, e o cara do carro perguntou pra mulher se era um assalto. E aí.... E aí... eu fiquei tipo porra velho... se... sei lá e se, se minha namorada não tivesse lá comigo, e se aquelas mulheres não tivessem lá, se só tivesse assumido que era uma assalto saca? O que esse cara poderia ter feito comigo? Então... é... tipo, tá sendo mais tenso ainda por causa disso, porque o racismo tá pegando pesado, então eu... estou lidando com isso.*

## 2.7 FEMININO E MASCULINO – NEGOCIAÇÕES COM CÓDIGOS E PERFORMATIVIDADES DE GÊNERO

As normas de gênero nos informam constantemente sobre quais objetos, modos, características e corpos são classificados e lidos como masculinos ou femininos. Processos de atribuição de gênero a objetos, a gestos, modos de se expressar, roupas, cabelos, profissões, partes do corpo, expressões de sexualidade, práticas sexuais, etc, são arbitrariamente definidos, de forma a dividir e categorizar o mundo segundo uma ordem binária. Um dos grandes problemas desse modo normativo de organização reside na compreensão desses dois âmbitos como pólos mutuamente excludentes, sendo assim, se algo é atribuído ao masculino não pode ser ou conter simultaneamente o feminino, e vice-versa. Seguindo tais prescrições, os elementos, símbolos, códigos e características devem combinar-se coerentemente masculinos com masculinos, e femininos com femininos. O trânsito entre gêneros femininos e masculinos envolve o aprendizado de novas regras e códigos associados ao gênero masculino que passamos a acessar. Esses códigos em geral mediam e organizam aquilo que se entende como comportamentos e práticas masculinas (e também femininas). A apreensão desses códigos, junto às nossas mudanças físicas, podem ou não nos permitir conduzir, em certa medida, a forma com que seremos percebidos. Podemos em diferentes situações buscar sermos lidos de diferentes formas, acionando assim diferentes símbolos, sinais, linguagens, expressões corporais, etc, que produzirão determinados tipos de performatividade de gênero,

embora dificilmente saibamos como por fim seremos interpretados. Nem sempre existe uma continuidade entre como nos vemos e como somos percebidos. É algo que foge ao nosso controle.

*[Ronei] Como tá no mundo e ver que porra! mudou não posso usar mais essa palavra, tal pessoa tá me vendo de um jeito, ao mesmo tempo que assim, por exemplo: todas as senhoras, mulheres velhas me veem como mulher. É impressionaaaante véi! Sério! Isso é um estudo impressionante, véi, tenho várias histórias assim de boné, barba, nananã, todo, e elas enxergam “a verdade”, elas veem assim, e me tratam no feminino em vários lugares assim. Muito esquisito, saca? Então eu não sei... eu entro num lugar, eu não sei o que que eu tô representando, entendeu? Eu não tenho controle disso, entendeu?*

Muitos de nós desassociamos certas práticas, formas de ser e agir, objetos, das obrigações de pertencimento coerente a masculinidade ou feminilidade. Nós podemos combinar e recombinaar esses elementos organizando-os da forma que desejarmos, inclusive em nossos corpos. Quando o fazemos de modo a produzir coerência, segundo as prescrições normativas, há uma tendência a se obter recompensas, reconhecimento, legitimidade, inteligibilidade e, conseqüentemente, algum grau de conforto. Enquanto que as combinações que não produzem coerência, que desestabilizam as cadeias de associações atribuídas ao masculino ou ao feminino, compreendidos como extremidades opostas e auto-excludentes, tendem a gerar desconforto, vulnerabilidade, sentimentos de inadequação, confusão, ininteligibilidade e, conseqüentemente, maior exposição a situações de violência. De todo modo, a partir do momento em que decidimos romper as prescrições cisnormativas para expressar o gênero com o qual nos identificamos, lidamos com certo grau de precarização da vida, que pode variar se nos enquadrarmos mais ou menos às prescrições de masculinidade, mas dificilmente será algo que poderá ser completamente contornável.

Permanecer de acordo com a inteligibilidade tem certas vantagens, entende-se a inteligibilidade como aquilo que se produz como consequência do reconhecimento de acordo com as normas sociais vigentes. Certamente, se minhas opções são repugnantes e não desejo ser reconhecido dentro de um certo tipo de normas, então resulta que meu senso de sobrevivência depende da possibilidade de escapar das garras de ditas normas através das quais se confere o reconhecimento. Pode ser que meu senso de pertencimento social se veja prejudicado por minha distância com relação à norma, mas seguramente referido estranhamento é preferível a conseguir um senso de inteligibilidade em virtude de normas que só me sacrificarão desde outra direção. A capacidade de desenvolver uma relação crítica com essas normas pressupõe distanciar-se delas, possuir a habilidade de suspender ou diferir a necessidade delas, ainda quando se desejem normas que permitam a vida. (Butler, 2012, p.15-16. Tradução minha)



As características e performances de gênero atribuídas ao masculino ou ao feminino foram socialmente instituídas, constituindo regras do jogo com as quais temos que lidar, independente de nossas formas de identificação de gênero. Somos constantemente interpelados, direta ou indiretamente, pelas diretrizes que dividem e organizam o nosso mundo social conforme essas atribuições generizadas. Estas, apesar de seguirem certo padrão, apresentam variações conforme os contextos a que se referem. Não se tratam, portanto, de atribuições fixas, rígidas e universais, posto que apresentam variações a partir de diferentes leituras culturais, regionais, socioeconômicas, étnicas, etc. Mas de alguma forma ou outra organizam e definem como devem se comportar e se apresentar sujeitos masculinos e sujeitos femininos.

(...)[C]ompreender o gênero como uma categoria histórica é aceitar que o gênero, entendido como uma forma cultural de configurar o corpo, está aberto a sua contínua reformulação, e que a “anatomia” e o “sexo” não existem sem um marco cultural (como o movimento intersexo demonstrou claramente). A própria atribuição da feminilidade aos corpos femininos como se fosse uma propriedade natural ou necessária tem lugar dentro de um marco normativo no qual a designação da feminilidade ao feminino é um mecanismo para a própria produção do gênero. Termos tais como “masculino” ou “feminino” são notoriamente intercambiáveis; cada termo tem sua história social; seus significados variam de forma radical dependendo de limites geopolíticos e de restrições culturais sobre quem imagina a quem, e com que propósito. Que os termos sejam recorrentes é bastante interessante, mas a recorrência não indica uma igualdade, mas sim a maneira pela qual a articulação social do termo depende de sua repetição, o que constitui uma dimensão da estrutura performativa de gênero. Os termos para designar o gênero nunca se estabelecem de uma vez por todas, mas estão sempre em processo de estar sendo refeitos. (Butler, 2012, p. 25. tradução minha)

Os estereótipos de gênero que se derivam dessas prescrições são cotidianamente associados e projetados sobre nós, tanto por nós mesmos quanto por outros. Todos nós negociamos constantemente com o olhar do outro. Vez ou outra, buscamos readequar nossos corpos de forma a sermos reconhecidos como nos compreendemos, seja como homens ou pessoas masculinas de maneira geral. Quando existe uma coerência entre a forma com que nos identificamos, as características de nossos corpos e de nossas performatividade de gênero, geralmente as pessoas nos leem como enquanto tal – sujeitos masculinos, e nos tratam utilizando os pronomes corretos e notamos que nossos corpos são inteligíveis ao olhar do outro, gerando pouco ou nenhum desconforto, a menos que nossa condição trans seja revelada.

*[Celestino] [A]s pessoas não botavam muita fé, né? Tipo “ah, tá pode crer...” eu acho né? Não botava muita fé eu acho que porque é isso né? tem muito a questão da passabilidade né? enquanto você, não tá na sua cara, a galera fala “ah pode crer....legal...”*

*mas eu acho que eu insistia muito no assunto assim. Mas assim demorou muuuuuuito tempo pras pessoas é... me tratarem por ele, que era o que eu pedia, a não ser quando eu já chegava e as pessoas já me apresentavam... eu nunca corrigia ninguém, tipo, as vezes eu jogava uma piadinha né... (...)depois do hormônio é muito louco né? Porque ninguém nunca mais questionou o pronome né?*

Para outros de nós, a forma com que seremos lidos, apesar de não deixar de ser uma questão em nossos cotidianos, não se configura como algo que nos desperte vontade ou necessidade de nos adequarmos mais ou menos a certos padrões de gênero. Algumas corporalidades e expressões de gênero geram dúvidas e suspeitas no olhar do outro, que diante de uma série de incoerências performativas se vê incapaz de nos compreender e enquadrar como homens ou mulheres. Podemos lidar de diversas formas com essa questão. Para alguns, essa ambiguidade nos resulta como algo incômodo, podendo nos entristecer e nos afetar apenas negativamente como nos sentimos com nós mesmos. Muitas vezes podemos compreender que as normatizações de gênero são algo externo a nós e nossos corpos, mas às vezes estas podem afetar a forma com que nos vemos a nós mesmos, despertando sensações ou autoleituras de que somos anormais ou de que nossos corpos são demasiadamente inadequados.

*[Nilton] [E]u tive um problema só, uma vez, um dia de fazer minha cirurgia, o médico falou assim, “fique 24 horas sem usar faixa” eu fiquei sem usar faixa, tava indo, é, é, marquei com minha ex num lugar certinho pra poder a gente encontrar e ir pra clínica fazer cirurgia, só que como ela ia dormir lá comigo eu tinha que comprar coisa pra ela comer, e eu não tinha comprado nada, pra ela passar a noite comigo. Aí eu fui no [nome do supermercado] lá perto de casa, parei o carro no estacionamento, subi, só que eu subi barbado, sem faixa. E assim, foi do caminho do carro até lá no [nome do supermercado], passar no caixa, até voltar no carro com todo mundo me olhando de cima embaixo, porque eu tinha o peito grande. Cara, foi pior dia da minha vida, véi. Foi o pior dia da minha vida, foi tão paia, mas tão paia. Eu voltei pra dentro do carro e chorei, joguei as sacolas dentro do carro e chorei, chorei, chorei, eu falei assim “respira que é hoje que cê vai tirar essa porra.” E fui e tirei. (...) [A] coisa da androginia sempre me, me... incomodou. Isso a androginia, até a minha transição sempre me incomodou.(...) [M]as o local pra onde fui caminhando foi um lugar que não trazia constrangimento pra quem tava do meu lado. E que pra você não acontece, sabe?*

*[S] Sei demais...*

*[N] O quanto seria mais fácil pra você se você virasse pra sua mãe e falasse “eu sou um cara trans e vou encaixar todo encaixotadinho”, né? agora se você fala que não vai, entende? Então assim, isso, é lógico que isso... a minha mãe andar comigo na rua e não receber olhares, minha mãe andar comigo alinhadinho e... ah, saca? Ela só saiu de uma filha bonita pra um filho bonito, constrangimento ela não tá sofrendo nenhum não. Agora... tem um, problema com isso? Tem. Até quando é assim, quando a pessoa que tá com a minha mãe descobre que eu sou trans... a imagem estética colabora muito com as coisas... isso é muito complicado. Por exemplo, minha mãe trabalha num lugar em que as pessoas sabem que eu sou um cara trans. Mas eu sou um cara trans, muito, muito, muito enquadrado, sabe? No estereótipo, nas manias, no meu trabalho, com a companheira que eu tenho... tudo, tudo alinhadinho, sabe? Então mesmo sabendo que eu sou um cara trans... ela não é de ouvir muita bobagem não, sabe? Porque assim... uma coisa que me enerva assim.. parece que de alguma forma quando eu ajo dessa maneira é como se eu tivesse dizendo assim vocês tão certos, é um ou outro. Eu não encaixava no outro, mas eu encaixo no outro perfeitamente, porque é um ou outro. Então me dá uma coisa ruim como se eu tivesse comprovando. Como se a minha experiência tivesse legitimando o discurso desse binarismo saca? tá. Não é, mas passou a ser, exatamente o que deve ser, porque ou deve ser assim ou deve ser assim. Se saiu daqui, tem que vir certinho pro de cá, não pode ficar aqui no meio não, sacou? Então eu tô atendendo de alguma forma, da mesma forma. Não quis atender no rosa, mas tô atendendo no azul. Mas tem que atender o azul ou o rosa, não pode não atender nenhum dos dois. Né, então assim, até quando a pessoa sabe, então assim o fato da pessoa sabe? o fato deu tá atendendo essa “naturalidade”, do que eles entendem como natural. O discurso tá certo, e eu que tô atendendo a regra. Do jeito que isso tem que ser. E é lógico que isso me incomoda. Isso me incomoda. No meu caso foi uma cagada, eu tô confortável aqui, casou.*

Outros de nós nos sentimos confortáveis em habitar o lugar da dúvida, do impreciso e da ambivalência, e alguns sentimos inclusive certo prazer e satisfação em desestabilizar as certezas e os lugares comuns de gênero sustentados pelas outras pessoas. Isso não significa que seja algo fácil ou que também não seja, em muitos momentos, doloroso. Somos lidos como corpos-pessoas confusas e que causam confusão. Esse mar de incertezas geralmente desperta nas pessoas olhares especulativos e reprovativos, que como policiais da cis-heteronorma nos interpelam violentamente enquanto elucubram sobre o que somos nós, o que são esses corpos incoerentes. Em função desse policiamento normalizador passamos

diariamente por situações muito difíceis e dolorosas. E assim nos cobram que assumamos um lugar onde se produza a coerência e inteligibilidade, se não for com a feminilidade que nos foi determinada ao nascer, que seja com a masculinidade, desde que se produza coerência.

*[Pez] Agora me relaciono com pessoas no interior, né? É louco. Tem dois tipos de rolê que dou aqui: ou as pessoas completamente me ignoram porque tem muito nojo ou completamente me ignoram porque não querem descobrir que não sou um cara. Lá na lancheria onde trabalho ninguém me olha na cara, sério, não me olham. Eu penso que sim, que tô dando um corre que não é pra galera gostar mesmo, quando gostam eu não gosto mas as vezes fica pesado, às vezes só queria ir no mercado sem perceber que todo mundo tá olhando, que não tão curtindo minha presença, acho foda.*

O olhar do outro, na maior parte das vezes, não é apenas um olhar curioso ou despido de intencionalidade. Muito pelo contrário, trata-se de um olhar fiscalizador e regulador, que nos comunica, junto a expressões de nojo, espanto e desaprovação que nossos corpos não podem existir dessa forma, que não podem habitar os lugares de fronteira, do indefinível e inominável, que não podemos lhes causar dúvidas. Habitar as fronteiras e as frestas da indeterminação de gênero molesta o outro e seu olhar policial por lhe causar essa impotência classificatória, por desestabilizar o poder de definir e categorizar nossas existências e a materialidade de nossos corpos. Desse modo, nossa autonomia com relação a como desejamos expressar nossas identificações de gênero estão sempre de algum modo atreladas ao olhar do outro e a suas reações imprevisíveis a como nossas corporalidades se apresentam. As perseguições às incoerências dos códigos de gênero constituem formas de violência que no mais das vezes nem são consideradas enquanto tal. E a nós nos cabe calcular, constantemente, os riscos que corremos em cada situação ou espaço social por onde circulamos, considerando sempre certo grau de imprevisibilidade sobre como afetaremos as outras pessoas.

[É] através do corpo que o gênero e a sexualidade se expõem a outros, que se implicam em processos sociais, que são inscritos pelas normas culturais e apreendidos em seus significados sociais. Em certo sentido, ser um corpo é ser entregue a outros ainda que o corpo seja, de forma profunda, “o meu próprio”, aquilo sobre o qual devemos reclamar direitos ou autonomia. (...) O corpo implica mortalidade, vulnerabilidade, agência: a pele e a carne nos expõem ao olhar dos outros mas também ao contato e a violência. O corpo também pode ser a agência e o instrumento de tudo isso, ou o lugar onde “o fazer” e “o ser feito” se tornam equívocos. Ainda que lutemos pelos direitos sobre nossos próprios corpos, os mesmos corpos pelos que lutamos nunca são totalmente nossos. O corpo tem invariavelmente uma dimensão pública; constituído como fenômeno social na esfera pública, meu corpo é e não é meu. Desde o princípio é dado ao mundo dos outros, leva sua marca, é formado molde da vida social; só posteriormente o corpo é, com uma inegável incerteza, aquilo que reclamo como meu. Mas se busco negar o fato de

que meu corpo me relaciona – contra minha vontade e desde o princípio – com outros aos quais não escolhi para que estejam próximos a mim (o metrô é um exemplo excelente dessa dimensão da socialidade), e se construo uma noção de “autonomia” baseando-me na negação dessa esfera ou de uma primária e indesejada proximidade física com outros, estou então precisamente negando as condições sociais e políticas de minha encarnação em nome da autonomia? Se luto *a favor* da autonomia, não devo lutar também por algo mais, por um conceito de mim mesma como ser que vive invariavelmente em comunidade, baixo a marca dos outros, e que deixa também uma marca neles de formas que não sempre são claramente delineáveis, de formas que não são totalmente previsíveis? (Butler, 2012, p.39-41)

Os corpos incoerentes, ininteligíveis à norma, são constantemente destituídos de suas potências e possibilidades de vida, sendo julgados e condenados à precarização e à morte, seja ela social, em função de processos de exclusão em que se nega acesso a trabalho, emprego e renda, à família, à sociabilidade, à circulação em espaços públicos, ou seja, a própria aniquilação da existência, da morte prematura e violenta do sujeito e seu corpo desobediente. Quantos de nós já perdemos e ainda perderemos? Quantas vidas já nos foram tiradas? Quantas vezes já mataram a nós, que seguimos vivos, mas que perdemos um pouco de nós a cada vez que algo nos é negado em função da transgeneridade, ou que tiram de um de nós a possibilidade de viver? Mas seguimos, e seguiremos sempre, ainda que nos matem outros de nós sempre virão, assim como existiram os que nos antecederam. Seguimos existindo e resistindo, apesar dos olhares, das censuras e de infinitos processos perpetuadores de violência e poder opressores. Nos apoiando e multiplicando nossas existências, nossas redes de apoio e resistência, lutando por nossas vidas e pela possibilidade e potência de habitarmos os lugares que desejamos habitar, mesmo que causem dúvidas, que desestabilizem as normas e códigos de gênero e sexualidade fundados e reiterados na violência.

*[Nilton] Porque a gente não consegue encarar o mundo do jeito que ele diz que a gente tem que encarar. E acaba sendo excluído também por causa disso, porque a gente não aceita as normas e não faz conforme. E não é, não é nem confrontar de forma contrária, não é a norma diz que tem que ser assim, você faz o contrário, até de você dizer que não quer fazer assim não fazendo o contrário já é um problema, né? (...)*

xxx

*[Rubens] Acho que hoje eu tenho mais medo de andar sozinha do que antes. Isso é meio estranho assim, mas ainda tenho esse medinho de apanhar e tal... mas não é medo assim, tento mais colocar no lugar de resistência que do medo assim, não sei... mas... enfim... mas é bom assim né? quando você vai ficando mais à vontade com o seu corpo né, é muito importante, assim, chegar nesse momento. De uma liberdade maior mesmo, assim.*

xxx



### 3 SEXUALIDADES TRANSMASCULINAS

As pessoas transmasculinas podem sentir atração por pessoas que apresentam performatividades femininas, ou então por pessoas que tenham performatividades masculinas, ou mesmo por ambos, ou ainda somente por algumas expressões de feminilidades e/ou masculinidades específicas. Há também aqueles que sentimos atração por pessoas de modo geral, independentemente de sua expressão de gênero. E também aqueles que não sentimos interesse ou necessidade de nos envolvermos sexualmente. Nós, enquanto transmasculinos, podemos também acionar algumas categorias de identificação sexual e nos definirmos como gays, bissexuais, heterossexuais, assexuais, pansexuais, ou mesmo compreender que nenhuma dessas categorias faz sentido para denominar nossos desejos e práticas sexuais. Estas práticas e desejos, independentemente de suas direções, não anulam, invalidam ou diminuem nossas identificações com as masculinidades.

Neste capítulo, abordaremos alguns aspectos relacionados às nossas expressões e práticas sexuais, marcadas pelo atravessamento da transmasculinidade. As discussões aqui abordadas surgiram a partir das análises de dados etnográficos obtidos por meio de entrevistas semi-estruturadas, e outras reflexões que surgiram tanto partir de conversas informais, como de vivências e experimentações pessoais, registradas parcialmente em diário de campo; da participação em uma roda de conversa sobre transmasculinidades, relacionamentos e sexualidades, ocorrida no mês de agosto de 2016, na cidade de São Paulo; uma outra roda de conversa sobre vivências transmasculinas ocorrida no mês de novembro de 2016, na cidade de Belo Horizonte; e do diálogo com algumas produções trans a respeito do tema. Essa produções se tratam de zines, em especial o *Sexualidad Trans – un guía de sexo seguro para personas trans y sus parejas* ; *El ofensivo trans – zine de transmasculinidades mariconas*; *Tudo sempre termina com perguntas, mas elas também podem iniciar*; e também do capítulo 17 “*Sexuality*” que integra o livro *Trans bodies, trans selves: A resource for the transgender community*. (Erickson-Schroth, 2014). Em função de limitações de tempo e recursos dos quais dispunha, que influem diretamente nas possibilidades de produção de uma pesquisa, priorizei sistematizar e trazer os dados etnográficos como principal fundamentação das discussões aqui abordadas, em detrimento de um aprofundamento em questões teóricas. Certamente estes trazem um potencial analítico e de cruzamentos e diálogos com outras produções teóricas muito além do que fui capaz de desenvolver aqui, mas diante das limitações anteriormente mencionadas precisei fazer certas escolhas que impossibilitaram o desenvolvimento desses aprofundamentos no momento, que podem ser melhor trabalhados em outras oportunidades.

Pensar a sexualidade e as práticas sexuais como formas de obtermos prazer, explorar e conhecer as sensações que nossos corpos nos podem oferecer, independentemente de como certas práticas são lidas e classificadas socialmente como femininas ou masculinas pode permitir que nos sintamos livres para agir e interagir com outros e com nós mesmos da forma com que desejamos. As vivências de trânsito ou readequação de gênero podem nos afetar de diversas formas, inclusive no nosso desejo sexual e afetivo, tanto no sentido de práticas sexuais, formas de obter prazer sexual, quanto também nos elementos e características de pessoas que nos despertam atração afetiva e/ou sexual.

A respeito das interações sexo-afetivas com outras pessoas, na maioria das vezes, ocorrem processos de mão dupla, em que mudanças se dão tanto na forma com que nós nos relacionamos com outras pessoas como na forma com que essas se relacionam conosco. Estas formas de se relacionar mutuamente passam muitas vezes por expectativas e estereótipos de comportamentos associados ao gênero masculino que outros projetam ou esperam de nós, e/ou também que nós projetamos sobre nós mesmos. Podemos em algumas ocasiões corresponder às nossas próprias expectativas e, em outras, não. Por exemplo, podemos acreditar que certo tipo de interação sexual nos vá ser satisfatória e quando acontece, ou mesmo antes de acontecer, notamos que não é bem assim. Há também uma série de expectativas, tanto nossas quanto das pessoas com quem nos relacionamos, sobre como essas interações devem ocorrer. Corresponder ou quebrar tais expectativas de performatividade pressupostas em função de estereótipos a respeito da masculinidade pode influenciar fortemente o caminhar de nossas interações interpessoais. As quebras de expectativas podem gerar situações difíceis de lidar, muitas vezes constrangedoras e potencialmente violentas para nós. Muitas vezes o diálogo aberto, por mais difícil que possa parecer em alguns momentos, pode ser uma boa forma de balizar e equacionar essas expectativas, evitando complicar as situações decorrentes disso.

Podemos nos sentir impelidos, coagidos ou forçados a lidar com certas situações ou atuar de determinadas maneiras que não nos agradam e com as quais não nos identificamos, e isso em geral nos afeta negativamente. É importante que, na medida do possível, busquemos nos conhecer, entender nossos limites, compreender nossos desejos e interesses, e principalmente, sermos cuidadosos e fiéis a nós mesmos. Assim como é igualmente importante buscar conhecer, compreender e respeitar os limites e desejos das outras pessoas com quem interagimos e nos relacionamos sexo-afetivamente. Muitos de nós já passamos por situações ruins no que diz respeito à sexualidade e às relações sexo-afetivas, seja em função



de nossa relação com nossos corpos, ou por termos vivido relacionamentos abusivos, ou por sermos sobreviventes de abusos sexuais, o que faz desse tema algo muito delicado e até difícil para muitos de nós.

### 3.1 NOSSO CORPO, NOSSA MORADA

As relações que temos com nossos próprios corpos são tão importantes quanto, se não mais, que as relações que estabelecemos com outras pessoas, e exercem grande influência na forma com que estabelecemos essas relações interpessoais. De acordo com o que pude observar a partir das entrevistas, de participação em rodas de conversa e em outras trocas e prosas informais, a identificação trans tende a afetar as configurações e maneiras de nos relacionarmos com as pessoas, seja em relacionamentos que se estabeleceram antes, durante ou após a transição. Essas reconfigurações podem acontecer de formas mais ou menos intensas e tocar diferentes aspectos de nossas interações sexo-afetivas.

*[Nilton] Até que eu parei assim, eu não vou negar que existe, que existem na... como Aristóteles fala, no mais das vezes dois corpos, dois corpos. Beleza. Dois corpos que tem genitais, beleza, e que esses genitais além de servirem pra procriar elas tem sensibilidade e rola prazer a partir dessas genitais. Eu entendo que essas genitais foram feitas pra ambos sentirem um tanto bom de prazer. E se hoje em dia a gente detecta que uma sente mais prazer que a outra o problema não tá na genital. Tá em como a coisa tá se dando. Mas a genital funciona, certo? Funciona, então a minha funciona pra me dar prazer, independente do formato, né? Agora... eu tenho que esquecer o formato e pensar só no prazer que eu vou conseguir dela. Mas isso foi meeses, cara. Até chegar nisso, aí beleza. É só uma genital, eu só quero na verdade o prazer que ela pode me dar dela. E uma coisa que tenho certeza, eu tenho certeza que ao longo da minha vida não aconteceu nada que pudesse inviabilizar o prazer dessa genital, fisicamente, sensibilidade, ao longo da minha vida não aconteceu nenhum acidente, nada. Eu creio que eu tenho uma genital que funciona perfeitamente, beleza. Se eu conseguisse uma grana agora, fizesse uma, uma metoidioplastia, uma faloplastia... Tá, eu vou ter um falo, vou ter... Mas assim como aconteceu no meu peito eu vou perder sensibilidade. E será que essa perda é significativa ao ponto d'eu não conseguir alcançar algum tipo de prazer? Pode ser, se eu fizer cirurgia. Mas é muito difícil acontecer se eu não fizer cirurgia. Então vamo ver se essa porra sente alguma coisa mesmo, saca? Mas foi assim... sabe, processo do negócio? E aí eu conversei né? com a minha parceira e tal e ela*

“vamo, quando você se sentir à vontade vamo.” E assim, primeiro processo, então vamo numa posição que eu sinta que eu não to perdendo nenhuma masculinidade nessa posição, sabe? Entende? Foi um trabalho mesmo. Hoje eu faço de qualquer posição, foda-se mas foi um processo mesmo. E aí foi a primeira vez que eu consegui sentir prazer sem eu provocar ele. Que foi uma coisa maravilhosa, sabe? Mas assim, é um processo que ninguém é obrigado a conseguir fazer. É a mesma coisa assim... a pessoa pode entender que olha, eu tenho uma aversão tão grande que não adianta, é bem mais provável que eu vá sentir prazer com a pouca sensibilidade que eu tenha com a cirurgia do que com essa genital, é válido. Não é obrigado a dar conta não. Eu é porque eu sou muito atrevido mesmo, não é porque eu sou melhor não, porque assim, é... eu sou meio pra umas coisas eu sou meio perturbado pra outras eu sou péssimo... Pra lidar comigo, por trombar com tanto profissional bosta a única pessoa que vai lidar comigo sou eu mesmo então vamo lá, paciência né? Mas uma coisa que poderia às vezes ter se dado em um mês vai ter que se dar em um ano. Eu falo assim, eu passei 5 anos da minha transição esperando a minha ficha cair que eu era homem. Eu pensava assim: aconteceu o bigode, aconteceu barba, aconteceu semblante, aconteceu corpo, aconteceu cirurgia, mas eu vou ser realmente homem no dia que eu respirar e eu sentir aquela energia que os caras tem quando eles dizem “mas eu sou homem, porra.” Porque eu não sentia aquilo, faltava alguma coisa, faltava alguma coisa até eu ver que até hoje falta, saca? E vai faltar pro resto da vida, saca? E o que constitui essa força no cara não é uma coisa natural, é uma coisa produzida pelo machismo mesmo que não tá em mim e eu não quero que esteja, então eu não vou ter essa força nunca. Então é isso! Só que foram cinco anos pra ficha cair. Talvez com um acompanhamento não seria cinco anos né. Esse que é o B.O., é isso que eu fico puto assim, eu tenho que dar conta sozinho e eu ainda tive a sorte de conseguir com cinco anos, né? porque tem uma galera aí que não vai conseguir, saca? Fica assim... e não é porque eu sou não. É porque teve vários fatores na minha trajetória que colaboraram com aquilo. Então o trem é meio punk mesmo.

As relações com nossos corpos se constituem por diversos caminhos e âmbitos, que passam por nossas limitações e potencialidades físicas e subjetivas, por como compreendemos, nos relacionamos e agenciamos as marcações de gênero que atravessam e compõem nossos corpos, pelas relações que as outras pessoas estabelecem conosco a partir da leitura e das projeções que fazem sobre nós, etc. Existe todo um emaranhado de desejos e expectativas, correspondências e incongruências entre como nos vemos e nos compreendemos em termos de corporalidade e expressão de gênero e a forma com que se dão as leituras e

interpelações sociais, a partir de nossos corpos e performatividades, ou seja, de como somos interpretados pelo olhar dos outros e dos efeitos dessas interações em nossas vidas e agenciamentos.

### 3.2 EXOTIZAÇÃO DOS CORPOS TRANS

A exotização de nossos corpos é uma questão com a qual lidamos recorrentemente, geralmente associados a uma percepção de que nesses casos as pessoas buscam se relacionar conosco em função de nosso status trans, como forma de saciar algum tipo de curiosidade sobre nossos corpos ou sobre como praticamos sexo. Nesse processo, ocorrem a reificação (objetificação) e a despessoalização de nossos corpos, no sentido de que nossa subjetividade e tudo aquilo que faz de nós pessoas únicas é desconsiderado e desassociado de nossos corpos em função de desejos ou projeções exotizadoras de nossa corporalidade. Isso pode nos despertar sentimentos sobre estarmos sendo usados como objetos curiosos, e facilmente descartados após o uso. O que pode se dar de formas mais ou menos explícitas. Muitos de nós relatamos também ter experienciado esse tipo de situação, não da mesma forma, mas com lógica similar, quando éramos lidos ou nos identificávamos enquanto lésbicas por parte de mulheres cis heterossexuais, curiosas em experimentar de alguma forma a experiência lésbica, mas em geral mantendo todos os privilégios assegurados pela heterossexualidade.

Essas interações revelam, de certa forma, os modos cisnormativos pelos quais operam as formas de pensar, conceber, representar e agir de muitas pessoas. Modos que se materializam de formas diversas que comumente variam entre o desrespeito aos pronomes e as nossas identificações de gênero e a como compreendemos nossos corpos “ah, mas então você tem corpo de mulher!?”; perguntas e comentários constrangedores sobre nossos corpos e o que fazemos ou deixamos de fazer com eles, como, por exemplo, a pergunta “e você fez cirurgia?”, tentativas de enquadramento de nossos corpos e experiências em categorias mais inteligíveis à cisnormatividade, e toda uma sorte de preconceitos e julgamentos de nossos corpos. Muitas vezes essas posturas se articulam como um arsenal de sutilezas que algumas vezes não chegam a ser expressados verbalmente mas que percebemos através de olhares e toques examinadores de nossos corpos inconformes com a cisheteronorma.

Ao nos apresentarmos, percebemos que como homens ou pessoas masculinas, a possibilidade de acesso a interações sexuais se torna mais fácil, em termos de quantidade de oportunidades, mas junto a isso observamos também que estas, na maioria das vezes, estão

mediadas por interesses que fetichizam nossos corpos sem nosso consentimento, e/ou por meio de dinâmicas exotizadoras. Esse tipo de fetichização faz com que muitos de nós não nos sintamos mais tão à vontade para nos envolvermos com pessoas de modo geral, pois sabemos que possivelmente estaremos nos expondo a situações violentas e acionadoras de sentimentos negativos para nós. Pode ser que busquemos espaços mais, digamos, trans-amigáveis, mas o que tampouco garante que esse tipo de interação não acontecerá. E muitas vezes parece mais tranquilo buscarmos envolvimento com outras pessoas trans, o que reduziria consideravelmente a chance de que esses tipos de abordagens e interações orientadas por olhares e dinâmicas cisnormativas aconteçam.

*[Celestino] Essa parte pra mim de ser uma coisa, né ?algo a ser... exotificado é... é... o que mais me impactou. E as minhas inseguranças, né? Porque é isso, como é que eu vou ficar com com... num rolê das bichas, fazer um role viado mas tipo véi... tipo se é tudo necacentrado<sup>34</sup>. (...) [Q]ue poucas pessoas também são desprendidas né, então tipo, tem as próprias inseguranças que alimentam essas nóias assim. (...) [C]omo eu falei teve essa mudança também que eu comecei a me sentir muito mais bicha e muito mais atraída por viados, mas que esse é um meio extremamente misógino e tipo... e genitalizado também né? (...) [E]ntão assim acabou fechando muito prum círculo de... pra círculos de rolê trans, que também é tipo muito escasso e de pessoas que entre aspas “aceitam”, mas que fetichizam muito né? Eu senti muito mais exotificado, [o] que me barrou muito. Porque tipo você vai lá pode paquerar as bichas mas pode rolar aquele momento que as bichas vão descobrir que você tem buceta e peitinho, e que isso vai quebrar totalmente o negócio ou vai virar um “pô, pode crer...” um fetiche, né? E a mesma coisa com sapas e com, com...o que seja. (...) [Q]ue ao mesmo tempo é difícil pra mim, como que eu... as vezes sinto que tipo rola “ah você é trans parará, mas tipo, você é uma lésbica né? Nunca deixou de ser...” Sinto que é muito difícil encontrar momentos, pessoas mas que realmente respeitem e que tratem, e que tratem, que manjem, né? o que que é o corpo trans e se envolver com ele... (...) Então impactou no sentido que ficou bem mais difícil. Na real a minha, a minha é... vontade de fazer as coisas tipo aumentou muito tipo, mudou mas barrou muito porque tipo também dói muito você se envolver com a transfobia nesse nível né? que não é tipo... ai, transfobia não é tipo te dar um tiro na cara. É um pronome, um comentário, um... um... comentário qualquer coisa assim.*

xxx

---

<sup>34</sup> O termo *neca* tem origem no Pajubá, refere-se à genital tradicionalmente nomeada como pênis.

*[Rubens] E hoje eu tenho me atraído muito pelas bichas assim. Mas é um role muito... que eu tenho um certo cuidado ainda, porque as vezes eu ainda acho que rola um fetiche em alguma parte, ah em relação a mim. Eu acho que não chega a ser um fetiche mas talvez um, sei lá, uma curiosidade mesmo... só que às vezes eu acho que com as bicha é muito mais por eu ser trans e tem uma curiosidade deles também. Mas acho que não rola uma coisa deles terem um tesão no meu corpo, não sei... é o que eu tenho sentido assim... é mais um tesão meu, um tesão meu no corpo das bicha do que o contrário, né?*

Em ambos os trechos, Celestino e Rubens mencionam as dinâmicas de interações sexuais com homens cis gays. Estes, na maioria das vezes, apresentam uma leitura da corporalidade masculina, e da corporalidade do homem, muito atrelada à presença do pênis, ou da *neca*, ao que Celestino se refere quando diz da dinâmica “necacentrada” das bichas cis. São muitos os relatos que dizem de que quando as bichas cis se dão conta ou são informadas sobre sermos pessoas trans o interesse sexual antes manifestado parece desaparecer em um passe de mágica; é a varinha da cisnormatividade entrando em ação, mostrando seu poder de atuação na dimensão da construção do desejo. É como se, para a maioria dos homens cis gays a masculinidade se resumisse a presença do pênis, uma leitura cisnormativa por excelência. O que para aqueles de nós, que nos interessamos e/ou nos envolvemos com os gays cis, torna-se mais um dispositivo de cisnormatividade que pode fazer com que nos sintamos corpos menos desejáveis que outros, podendo acionar também sentimentos de incompletude, falta, inadequação, ou mesmo de incapacidade de despertarmos desejo e interesse nessas pessoas.

### 3.3 ISOLAMENTO, SOLIDÃO E AUTOESTIMA

Em diversos momentos, nós transmasculinos sentimos que não somos atraentes ou bonitos, em função de termos corporalidades que não correspondem a padrões hegemônicos de beleza e estética, seja em função de nossos corpos não corresponderem ao padrão cisnormativo de corpos ou por outros motivos fundamentados em noções estéticas com padrões racistas, capacitistas, gordofóbicas, etc. Quando se somam esses marcadores que hierarquizam nossos corpos, podemos sentir nossa autoestima ainda mais abalada. E muitas vezes acreditamos que não somos ou que dificilmente seremos capazes de despertar desejo e atração em outras pessoas. Inclusive, quando isso ocorre, às vezes nos questionamos sobre o que levou a essa ou aquela pessoa a desejar estar ou se envolver conosco, buscando motivações diferentes de nossa corporalidade. É importante salientar que nem todas as

peessoas se sentem atraídas por, ou somente por, aquelas pessoas que correspondem aos padrões de beleza branco, magro, cisgênero, etc. Existem pessoas que sentem atração e desejo por todos os tipos de corpos existentes, nem todos são/somos guiados por padrões de corpos racistas, cisheteronormativos, classistas, capacitistas e muitas vezes higienistas. As belezas físicas possuem múltiplos aspectos e possibilidades que não se limitam a esses moldes.

*[Taylor] É... e na questão da autoestima o tanto que isso afeta também nessas relações, tipo afetivas. (...) E... sei lá e o quanto que eu não me sentia desejável nem, é... sei lá nem muito parte do grupo, eu era, sei lá... a pessoa amiga, entendeu? e... e tanto que eu não esperava um dia tá namorando alguém e o quanto que ainda é difícil pra mim, é... acreditar que essa pessoa tá namorando comigo porque ... ela gosta de mim e tals, mas também porque ela me acha bonita. Tipo eu não sou só a pessoa legal da relação, não sou só a pessoa fofo, ela não tá comigo só porque eu sou fofo. Ela tá comigo porque ela gosta de mim, porque ela realmente acha bonito. E o quanto que isso é difícil ainda de assimilar. É... é... eu penso bem por aí... o quanto que a questão da raça acaba afetando... muitas as nossas relações sociais, é... nossas afetividades e... e a forma como a gente se enxerga também, que consequentemente afeta nossa relação com o mundo.*

Nós, pessoas que temos corporalidades consideradas fora dos padrões hegemônicos e midiáticos de beleza, em função de múltiplos atravessamentos, comumente temos dificuldades para construir nossa autoestima e nosso amor próprio. Muitas vezes, isso se dá também em função de termos que lidar com características ou partes de nossos corpos que não reconhecemos, não desejamos e/ou não nos identificamos. Além disso, temos que lidar com uma série de preconceitos, interpretações negativas e depreciações de nossos corpos, por estes estarem em desacordo com o padrão normativo de gênero. Essas leituras de nossos corpos podem nos ser apresentadas tanto por nossos familiares e amigos, por veículos midiáticos, por nossos companheiros e podem muitas vezes ser inconscientemente introjetados por nós mesmos, o que muitas vezes nos levam a ver e sentir nossos corpos ou parte de nossos corpos como algo ruim, feio, inconveniente, nos inferiorizando e diminuindo nossa autoestima e amor próprio.

*[Caderno de campo, sem data]*

*Hoje, mais uma vez, [nome da pessoa] me abordou grosseiramente dizendo o quanto o meu bigode é horroroso, nojento, grotesco, etc. Que “com isso aí” eu não vou conseguir um emprego, nem quem me ame, nem quem me ache ‘bonita’”, nem nada. Foram tantos anos*

*para primeiro aceitar esses pelos da minha cara, que apareceram aqui sem me perguntar se eu gostaria ou não, muito antes que a vivência trans se apresentasse como uma possibilidade para minha vida. Por muitos anos foram arrancados, depilados, pinçados, navalhados por vergonha, por fazer com que eu me sentisse uma pessoa feia, inadequada... até que depois de muito tempo fui conseguindo fazer as pazes com ele, permitir que ele habitasse meu rosto. E com o tempo fui tomando gosto, achando cada vez mais lindo e mais interessante. Aprendi a me ver com uma sapatão – com seu bigode de gata. Cada vez mais foi crescendo o desejo de que ele crescesse, que os pelos se multiplicassem em meu rosto. A gata virou gate e em meio a isso os pelos foram se tornando cada vez mais vistosos, e agora começam a aparecer na parte inferior do meu queixo. Junto com o aumento da vistosidade desses pelos cresceu também o incômodo de familiares, e muitas outras pessoas que se afetam negativamente com as incongruências e inconformidades do meu corpo. Mesmo quando controlam as palavras dificilmente conseguem controlar o olhar – desconfortável e com ares de nojo – que trepida sem parar entre minha boca bigoduda e os meus olhos, que inevitavelmente também analisam a análise alheia. Meu bigode é lindo e será cada vez mais. E repito, já cansade, para mim mesmo mais uma vez: o problema não está no meu corpo, está na cabeça de vocês.*

Tentar criar outras leituras e narrativas sobre nossos corpos, buscar as belezas de nossas especificidades, embora muitas vezes seja muito difícil – difícil mesmo, para alguns beira até impossível, e não há que se julgar isso – pode ser uma tática paliativa, enquanto buscamos formas de realizar as mudanças físicas que desejamos para adequar nossos corpos ao que desejamos. Às vezes pode ser muito difícil, mas buscar ter uma autoimagem positiva, buscar compreender os limites que muitas vezes encontramos e tentar respeitar nossos corpos, vê-los e senti-los para além das partes que associamos ao gênero com o qual não nos identificamos, e além dos julgamentos alheios sobre nós, assim como estar com pessoas, sejam amigos parceiros sexuais e/ou afetivos, que reconheçam a legitimidade de nossos corpos e vivências, que nos amem e desejem nossos corpos e nossas presenças como somos, ou como podemos ser no momento, são algumas estratégias que encontramos para vivermos ambientes com sociabilidades mais saudáveis e fortalecedores de nossa autoestima. Isso potencialmente influencia positivamente em nossas relações interpessoais, assim como em nossa relação com nós mesmos e nossos corpos.

*[Taylor] Tipo, acho que o primeiro impacto foi saber que eu não tava sozinha, tipo, saber que tem pessoas que vivenciam sua identidade de gênero de formas parecidas com a minha e que.... Sabe, que eu não sou uma pessoa estranha. É... tem pessoas como eu e... isso*

*não torna a gente menos humano nem nada. O primeiro impacto foi esse de, de... ter um lugar no mundo. Eu também me senti mais livre pra me expressar, assim quanto ao meu gênero e tals, e... questões de vestuário e... estética e tals.*

Quando nossa autoestima e o respeito a nós e nossos corpos estão presentes de maneira positiva em nossas vidas e práticas, tendemos a nos entender melhor e a compreender e respeitar nossos limites, anseios, desejos e sentimentos (ERICKSON-SCHROTH, 2014). As estratégias que traçamos para atingir esses objetivos são variadas, e não são auto-excludentes, podem se tratar tanto de intervenções físicas que nos ajudem a nos sentirmos melhor, mais felizes e mais confortáveis com nossos corpos, como de participações em grupos de apoio, rodas de conversa, processos terapêuticos junto a profissionais em que confiemos, trocas de ideias e relatos em grupos na internet, conversas com amigos e parceiros...

Nossas experiências de relações interpessoais têm, em geral, outro atravessamento significativo de como a cisheteronormatividade influi nas dinâmicas relacionais, segundo a qual muitas pessoas que não consideram ou desejam estabelecer relacionamentos afetivos-amorosos, com algum grau de estabilidade, com pessoas trans e outras identificações dissidentes da cisheteronormatividade, ou que muitas vezes o fazem de forma escondida, não nos assumindo socialmente enquanto parceiros. Esse tipo de postura pode nos machucar muito, e/ou fazer com que nos sintamos inferiores as pessoas cisgêneras, ou até menos dignas de amor e afeto.

*[Celestino] Eu não sei porque isso é uma coisa que eu já trago desde antes da minha transição né? que é... pra mim essa parte é um tópico muito difícil assim... é... por mais que eu tenha me relacionado com algumas pessoas, não muitas é... eu tenho essa noia, uma noia muito grande por que eu nunca estive absolutamente com nenhuma pessoa que tenha assumido uma relação comigo. Seja porque quando eu era sapatão não podia assumir, né? Aquela coisa você sabe bem do que eu estou falando... é... e... é, mesmo que isso seja tipo imprescindível porque enfim as pessoas se relacionam assim mas era um peso né? Você está à margem dentro de um lugar que seria aquele lugar de acolhimento e carinho né? Então, tipo, ter que se esconder dentro de uma relação... foda né... (...) então assim eu nunca tive... um companheiro, uma companheira, um companheiro, no fundo... tive amantes, tive amigas, mas eu nunca tive uma relação é... quer dizer tive essas relações... mas acho que isso é um ponto muito doloroso na minha trajetória... nem, nem namoradina né?*



Entretanto muitos de nós encontramos em algum momento parceiros que nos respeitam, nos desejam, nos acham bonitos e atraentes, e que não fazem de nossa condição trans um impedimento para estabelecer um relacionamento saudável e que funcione conforme os acordos estabelecidos entre as partes envolvidas, embora obviamente não sejam relacionamentos a prova de problemas, dificuldades ou questões de convivência como nenhum outro. Há também aqueles de nós que não buscamos estar em um relacionamento nesses termos, ou simplesmente preferimos estar só, em nossa própria companhia, e criamos outras formas de agenciar nossos afetos e nossas sexualidades, assim como a forma com que nos relacionamos com outras pessoas.

Parte dos entrevistados não manifestou interesse ou mesmo muita disposição para socializarmos, o que pode se dar em função de diversos fatores. Para alguns transmasculinos, é muito custoso estarmos nos relacionando com pessoas e preferimos, na maior parte do tempo, estarmos sozinhos e/ou com algumas poucas pessoas com quem gostamos de nos relacionar. Isso pode acontecer tanto em função de não nos sentirmos compreendidos em termos de nossa identificação de gênero, como pode ter outras motivações que nada ou pouco tenham a ver com essa questão. Em algumas situações, quando ficamos doentes, ou quando nos submetemos a alguma intervenção cirúrgica, por exemplo, podemos nos sentir mais vulnerabilizados ou receosos por estarmos mais sozinhos ou reservados. Dentre os entrevistados, boa parte considera interessante termos por perto o contato de alguma amiga ou conhece de confiança a quem possamos recorrer em determinadas situações em que necessitemos de ajuda ou de cuidados.

#### 3.4 CORPO MARCADO – COMO NORMATIZAÇÕES DE GÊNERO ATRAVESSAM NOSSOS CORPOS

As normatizações e atribuições de gênero são estabelecidas a partir de uma leitura compartimentada de nossos corpos, em que um determinado órgão ou aparelho se faz como determinador do gênero de todo um corpo/pessoa (PRECIADO, 2014). Outras partes de nossos corpos também sofrem um processo de marcação de gênero, tais como os seios, a presença ou ausência de pelos em determinadas partes de nossos corpos, os formatos e características de outras, etc. Uma série de características são arbitrariamente organizadas como características femininas ou masculinas, e estas devem apresentar-se em coerência harmônica. Caso contrário, sofreram constantes sanções e coerções sociais evidenciando a

existência da incoerência, compreendida como um erro, e para que busquem adequar-se ao que determinam as prescrições de gênero cisnormativas. Ao passo que, quando há coerência identificamos uma série de reforços positivos e até mesmo celebrativos das conformidades com as normas. Entretanto, existe uma grande variedade de corporalidades, tanto no que diz respeito a genitais e aparelhos reprodutores, quanto com relação a outras partes e características corporais, que mesmo sem intervenções intencionais e independente de se tratar de pessoas cis ou trans, não se adequam a tais prescrições de coerência.

Muitas vezes as sensações e sentimentos ruins que temos com relação a nossos corpos, ou certas partes dele, têm a ver com o fato de estas serem socialmente lidas e atribuídas ao gênero com o qual não nos identificamos, tornando-se uma marca desse para nós e/ou para es outros. Isso nos leva a acreditar que são essas partes de nossos corpos as responsáveis por não sermos reconhecidos da forma com que nos identificamos. Esse efeito perverso da normatização dos corpos segundo prescrições binárias que atribuem significado de gênero a certas partes dos corpos desloca a incongruência e falha do [c]istema normativo em dar conta das potencialidades dos corpos humanos em configurar diferentes conformações de gênero para os indivíduos, causando assim em nós a sensação de que nossos corpos é que estão equivocados, e não o [c]istema normalizador que nos regula. A construção que impõe aos corpos uma divisão binária e compartimentada recorre a mecanismos de atribuição de gênero à partes dos corpos humanos de maneira falha e insuficiente, incapaz de dar conta das reais possibilidades de configuração do gênero, e faz com que acreditemos que o problema, o erro, o defeito está em nós. Muitos de nós nos sentimos bem, internamente, com nossos seios, por exemplo, mas consideramos realizar a cirurgia de mamoplastia masculinizadora para podermos ter um trânsito social mais tranquilo, ou para nos livrarmos dos *binders* e faixas compressoras. Já outros não nos sentimos bem com os seios; isso acontece em geral, em função do fato de estes serem lidos socialmente e/ou por nós mesmos como atributos exclusivamente femininos, embora haja homens cisgêneros com mamas grandes e aparentes.

Para mediar esse descompasso entre a leitura sociocultural de certas partes de nossos corpos e o gênero com o qual nos identificamos, nós pessoas trans acionamos a estratégia de renomeá-las. Assim, substituímos os nomes que possuem tradicionalmente e que remetem ao gênero com o qual não nos identificamos por outros, masculinos ou neutros. Reterritorializar nossos corpos através da linguagem nos permite muitas vezes ressignificar certas partes que nos despertam incômodos, e pode ajudar a nos reapropriarmos delas e transformar em algo que se aproxime mais daquilo que nos traz conforto e comodidade. Certamente não é algo que

tenha que funcionar para todos nós. Mas a linguagem é, potencialmente, um instrumento muito forte e importante para nós, a começar pelos usos de pronomes adequados a nossa identificação, e pode também ser incorporado como uma forma de criar novas possibilidades de leitura e de relação com nossos corpos, associando-os a outros símbolos e significados que nos soem mais próximos de como nos vemos e desejamos ser vistos. Parte das pessoas que relataram usar essas estratégias consideram importante que nossos companheiros e parceiros sexo-afetivos também incorporem essas novas palavras a seus vocabulários, e também as utilizem para se referir à partes de nossos corpos renomeadas, o que pode nos evitar certos desconfortos durante as interações sexuais.

### 3.5 DESCONEXÃO E RECONEXÃO COM NOSSOS CORPOS – O QUE A SEXUALIDADE TEM A VER COM ISSO?

Muitos de nós experimentamos frequentemente, ou já experimentamos anteriormente, a sensação de não nos sentirmos conectados a nossos corpos. São frequentes os relatos de que nos sentimos fora de nossos corpos ou mesmo que não temos um corpo que seja de fato nosso, do qual nos distanciamos intencionalmente ou não. Essa dissociação (Erickson-Schroth, 2014,p.482) está muitas vezes associadas a desidentificação com os corpos que habitamos, o que pode nos causar sentimentos negativos a respeito dos mesmos ou a determinadas partes dele, em geral aquelas que são socialmente associadas ao gênero com o qual não nos identificamos.

*[Ronei] Tipo, de não... que é, eu acho que é um bagulho muito cabuloso assim, que que era a minha imagem de mim, a imagem que eu queria ter de mim, e a imagem correspondente assim, que que meu corpo era “de verdade” sabe assim? Como que as pessoas me viam. Eu sempre tive muito problema com minha auto-imagem, tipo... de não gostar do meu corpo, de me olhar super pouco, de não ter relação, eu sinto que eu não tinha corpo assim por muito tempo... que eu não tinha corpo, não olhava pra mim, não, sei lá... não tinha essa dimensão na minha vida do corpo... isso é muito louco afeta várias coisas. Afeta sexualidade, prática sexual, enfim, várias coisas... eee, uhmm... e também de ter essa, uma auto-imagem que eu me achava muito mais masculina do que eu era, que eu me via muito mais longe do que eu realmente tava daquele corpo.*

Esses sentimentos e sensações podem surgir tanto quando estamos sozinhos quanto em situações em que estamos nos relacionando com outras pessoas. Podemos experimentar esses

sentimentos, por exemplo, quando tiramos o *binder* ou a faixa, ou quando tocamos nossos corpos durante o banho ou em outras ocasiões. Pode acontecer também quando alguém se refere a nós ou fala conosco utilizando pronomes e/ou marcas do gênero com o qual não nos identificamos na linguagem; quando somos tocados de uma maneira e/ou em lugares que não nos agradam; quando somos chamados pelo nome com o qual não nos identificamos etc. Em geral, esses sentimentos negativos surgem em função de nos vermos habitando ou sendo colocados em um lugar de gênero diferente daquele com que nos identificamos. E, em função disso, podemos nos sentir mal com nossos próprios corpos, entendendo que esses não correspondem a como nos vemos e nos compreendemos internamente, que o corpo não é/ou não condiz com o que somos. Isso pode impactar nossas vidas de diversas formas, inclusive em nossas dinâmicas e relacionamentos afetivos e sexuais. Podemos sentir que estamos constantemente lutando contra nossos próprios corpos, e assim buscar nos distanciarmos dele intencionalmente ou mesmo involuntária e inconscientemente, como forma de anestesiarmos sentimentos difíceis de lidar, ou nos distanciarmos daquilo que nos causa dor e mal estar. Esse contexto pode nos trazer uma série de complicações, como por exemplo, quadros depressivos e/ou suicidas, crises crônicas de ansiedade, o uso excessivo de substâncias psicoativas, isolamento social, ou mesmo gerar uma predisposição a dinâmicas de relacionamentos abusivos e/ou a nos colocarmos em outras situações que potencialmente podem nos prejudicar e causar danos ainda maiores a nossa integridade física e mental. Para muitos de nós resultam positivos os investimentos – em geral de longo prazo – em buscarmos compreender o que nos leva a ter esses sentimentos negativos, o que faz com que nos sintamos desconectados de nossos corpos, não para que nos sintamos mal ou culpados por experienciamos isso, mas para que possamos buscar maneiras de intervir positivamente, buscar ajuda quando sentirmos necessidade, e evitarmos, na medida do possível, situações que nos acionem sensações e sentimentos dolorosos.

A ideia de nos reconectarmos e nos reaproximarmos de nossos corpos parece algo muito difícil ou até mesmo impossível para muitos de nós, dependendo do momento de nossas vidas em que nos encontramos. Em muitos momentos nos questionamos se é realmente possível fazermos as pazes com nossos corpos, se há algo que podemos fazer com relação a isso e como tornaremos viáveis esses processos. As trajetórias de muitos de nós nos mostram que, em geral, são processos longos e que demandam de nós certas doses de paciência, pois dificilmente conseguiremos resolver tudo de uma só vez. São caminhos que envolvem busca de autoconhecimento, para que consigamos compreender o que nos causa incômodo, quais as

causas desses incômodos, até chegarmos às reflexões sobre o que podemos fazer com relação a tudo isso para que nos sintamos melhor e mais felizes com nós mesmos. Muitas vezes também precisamos pesquisar, com nossos amigos, em vídeos publicados por homens trans e outros transmasculinos na internet, em grupos e fóruns de debate em redes sociais, etc... sobre quais as possíveis intervenções que podemos realizar em nossos corpos, e elaborar meios de realizá-las. O que em alguns casos envolve busca de profissionais, ou outras formas de se conseguir acesso a hormônios, levantamento de fundos para realização de cirurgias, etc... Esses caminhos então podem envolver a realização de intervenções físicas diversas que nos permitam adequar nossos corpos àquilo que nos traz conforto e identificação, bem como outras estratégias que envolvem processos de reinterpretação de nossos corpos e dos signos marcados pelo gênero que são nele inscritos. São muitas vezes processos longos e em alguns momentos dolorosos, pois envolvem uma série de desaprendizados e reaprendizados sobre nós mesmos e nossos corpos, suas potencialidades, seus limites; e de muito trabalho a respeito de como compreendemos e sentimos tudo isso. Nós estamos em permanente transformação e em permanente processo de descoberta e busca de compreensão de nós mesmos, alcançando a cada dia novas possibilidades.

Compreender nossos desejos, possibilidades e nossos limites, pode ser muito importante e positivo para nós. A partir daí podemos buscar caminhos e estratégias que nos permitam alcançar aquilo que desejamos. Independente do momento em que estejamos com relação a nossos trânsitos de gênero, é fundamental e desejável que nossos sentimentos sobre nós e sobre nossas identificações de gênero sejam reconhecidos, respeitados e valorizados por nós mesmos e por aqueles com quem nos relacionamos (Erickson-Schroth, 2014). Se nos permitimos de fato sentir e viver o que sentimos, possivelmente trilharemos caminhos mais sinceros, ficando menos angustiados e presos a algo que não somos nós e/ou não nos pertence. Inclusive, caso percebamos que a experiência da transmasculinidade não é o que realmente buscávamos, e optarmos por “destransicionar”. Tratam-se de caminhos e escolhas muito pessoais, e tanto a escolha de transacionar como a de destransicionar são igualmente válidas e dignas de respeito por parte das comunidades LGBTQI+, quanto de nós mesmos e de todas as outras pessoas que fazem parte de nosso mundo social.

### 3.6 ATRAVESSAMENTOS SOCIAIS E DINÂMICAS RELACIONAIS

#### 3.6.1 Consenso e consentimento sexuais – é preciso pensar e falar sobre limites

É bastante comum que relatemos dificuldades de falar sobre nossos desejos, sobre nossos limites, sobre o que nos interessa sexualmente e o que não. O momento do sexo, inclusive, é uma ocasião em que muitos de nós comumente nos sentimos desconectados de nossos corpos. Podemos nos sentir demasiadamente expostos e/ou vulneráveis durante tais práticas que envolvem contato corporal direto. Pode ser um momento em que tenhamos sentimentos muito intensos de incômodo e/ou mesmo de inadequação de nossos corpos. Isso se configura como mais um dificultador para que possamos conversar e estabelecer nossos limites, demarcando quais práticas sexuais nos interessam e nos agradam e quais não. Se não nos sentimos de fato presentes e envolvidos naquela situação, dificilmente seremos capazes de consentir ou não, o que pode aumentar ainda mais nossos sentimentos e percepções de exposição e vulnerabilidade (Erickson-Schroth, 2014).

Vivemos em meios sociais em que grande parte das relações, se não todas, são hierarquizadas através de processos de opressão, normatização e violências de diversas ordens. Deste modo, somos constantemente agredidos, nos sentimos violentados, emocionalmente e fisicamente abusados e muitas vezes também somos nós mesmos os agentes perpetuadores de diferentes formas de violência e abuso. Muitos de nós já vivemos ou estamos vivendo relações afetivas e/ou sexuais que nos machucam, constroem e perturbam. E não são raras as vezes em que, infelizmente, nos acostumamos e nos relacionar nesses moldes, passando a naturalizar diversas situações de violência e subjugação. Alguns também acreditamos, com base em nossas trajetórias, ser normal e inevitável que nossos limites e preferências sexuais sejam ultrapassados ou desconsiderados – proposital ou acidentalmente. Para aqueles de nós que identificam estar vivendo esse tipo de relação, pode ser interessante buscarmos estratégias para mudar essas dinâmicas e, caso não haja nenhuma transformação possível, pode ser importante reconsiderarmos se realmente desejamos estar engatados nessa relação. Rompimentos e término de relação são em geral muito difíceis, mas em alguns momentos percebemos que de fato é o melhor a ser feito para preservarmos ou recuperarmos nossa saúde física, mental, e nossa autoestima. É possível viver relações saudáveis, construídas com dinâmicas de apoio e respeito mútuos, e que não estejam presas a ciclos de violência, abusos e opressão.

Somos constantemente informados sobre como devem ser as práticas sexuais e raramente encontramos referências de práticas sexuais que envolvam diálogo aberto antes, durante e depois do sexo. Somos muitas vezes constrangidos por uma noção de que falar durante o sexo não é legal, quebra o clima, gera desconfortos. Em geral, conversas sobre consento, consentimento e limites não fazem parte de nosso imaginário quando pensamos em práticas sexuais. E sentir-se inseguros ou incomodados com alguma prática sexual ou a forma com que as coisas são conduzidas é bastante comum em nossos relatos. Muitos de nós já passamos por experiências de abusos sexuais e/ou tivemos nossos limites ultrapassados, e possivelmente podemos ter ultrapassado limites de outras pessoas. Isso pode acontecer tanto em relações fixas e duradouras como em interações sexuais casuais. Muitas vezes fazemos algo durante o sexo que não nos agrada e não conversamos sobre isso com nossos parceiros nem interrompemos a prática que nos causa incômodo.

Os entrevistados relataram que uma forma que experimentamos para evitar ou ao menos minimizar as chances de que experimentemos desconfortos durante o sexo é conversar abertamente sobre nossas vontades, necessidades, limites e restrições. Muitos não estamos acostumados a ter diálogos honestos e diretos sobre esses temas, e das primeiras vezes pode nos parecer difícil, e talvez um tanto constrangedor, mas na medida em que torna-se um hábito, tendemos a ficar cada vez mais desinibidos e confortáveis em abordar esses temas. Aqueles de nós que nos habituamos a conversar sobre consento e consentimento sexual vemos nisso algo bastante positivo e recompensador, tornando-se para muitos uma parte indispensável das dinâmicas e interações sexuais. Alguns relatos consideram que essa prática nos permite criar ambientes e relações em que nos sentimos mais confortáveis para sermos nós mesmos e não nos sentir obrigados ou coagidos a apresentar determinada performatividade sexual, ou a corresponder a expectativas e projeções de masculinidade e comportamentos que não tenham a ver com nossas compreensões e sentimentos a respeito disso. Muitas vezes essas expectativas equivocadas e estereotipadas podem ser contornadas ou desconstruídas com uma boa conversa prévia, podendo evitar uma série de constrangimentos e desconfortos.

Podemos também, através do diálogo, sinalizar como desejamos ser tratados, quais pronomes devem ser utilizados, como certas partes de nossos corpos devem ser chamadas, como desejamos ser tocados, quais partes de nossos corpos preferimos que não sejam tocadas, se desejamos tirar toda roupa ou se preferimos permanecer vestidos, etc. Deste modo podemos informar e ser informados sobre nossos interesses, o que nos faz bem, e o que não

nos faz bem e o que não desejamos realizar. Potencialmente serão relações em que, sendo respeitados os limites colocados, estaremos mais cômodos com nossos corpos e mais confiantes em nós mesmos e com nossos parceiros, e deste modo possivelmente desfrutaremos mais dos envolvimento sexuais.

Quanto mais abertos ao diálogo nos fazemos, mais conhecemos a nós mesmos e à nossos parceiros, e assim tornam-se maiores as chances de que a dinâmica sexual nos proporcione muito prazer e satisfação e menores são as chances de que violemos ou sejamos violados. A ideia de que devemos deduzir ou pressupor o que agrada ou desagrade as outras pessoas – e elas conosco – é completamente equivocada, pois cada pessoa tem suas especificidades, suas preferências, suas restrições e limitações que devem ser reconhecidas e respeitadas. O que é muito difícil de acontecer somente através de sinais corporais, que podem variar muito de pessoa para pessoa tanto em suas formas de manifestação quanto de interpretação por parte de(s) pessoa(s) envolvida(s). Conversar sobre como nossos corpos reagem quando estamos desfrutando e sobre como reagem quando não estamos gostando ou desejamos interromper determinada prática é também muito importante, pois em algumas situações podemos não conseguir expressar isso verbalmente. Precisamos desconstruir a ideia de que o silêncio é constituidor de uma dinâmica sexual positiva e sexy, ou de que ele irá nos proteger de alguma forma.

As práticas de consento e consentimento não são importantes somente para as relações sexo-afetivas, mas para repensarmos toda a maneira pela qual nos relacionamos com as pessoas, sobre colocarmos nossos limites e respeitarmos os limites dos outros. É importante também ressaltar que a hormonização com testosterona ou a construção da masculinidade de modo geral não devem ser acionados como desculpas ou estratégia de legitimação de práticas de reprodução ou perpetuação de violências. Convencer ou chantagear alguém a realizar uma prática sobre a qual a pessoa hesitou ou demonstrou explicitamente que não tem interesse é uma forma de abuso. A forma com que nos vestimos ou nos apresentamos, assim como outras pessoas, tampouco são convites para comentários ou interações sexuais não consensuais. Não devemos ser tocados em partes de nossos corpos que não desejamos, tampouco de maneiras que não nos agradam ou não nos são pertinentes naquela situação. E não está bem nos vermos pressionados a exercer qualquer comportamento de gênero com o qual não nos identificamos, ou utilizar nossos genitais ou qualquer outra parte de nossos corpos de maneiras que não nos agradem ou nos acionam sensações ruins. São também violências fazer usos negativos de aspectos e situações emocionais para humilhar, depreciar, menosprezar, desvalorizar as



peessoas. Intimidações verbais ou físicas; fazer coisas com as quais não concordamos, assim como forçar outra pessoa a fazer aquilo que ela não quer através de tentativas de coação ou ameaças. Controlar a vida do outro, ou seus bens, ou formas de acesso a trabalho, dinheiro, amizades, familiares, outros relacionamentos sexo-afetivos, etc.

Dinâmicas sexuais envolvem falar sobre limites e respeitar limites, estar disposto a aceitar e compreender o outro, tendo em conta também nossos próprios limites e desejos, de forma a não gerar sobreposições entre ambos. Praticar consentimento sexual tem a ver com a busca de compreender se temos e o que temos como interesses em comum, quais nossas especificidades, quais nossos limites, criar situações em que nossemos parceiros e nós nos sintamos à vontade para compartilhar tudo isso; respeitar e ser respeitados sem realizar julgamentos ou juízos de valor a respeito de nossas práticas e opiniões; buscar estabelecer relações de honestidade e confiança, compreender que somos responsáveis pelo que dizemos e fazemos com as outras pessoas assim como elas o são pelo que dizem e fazem conosco.

### **3.6.2 Estereótipos de gênero – correspondências e quebras de expectativas.**

Muitas vezes, durante interações afetivas e sexuais, notamos que diversos estereótipos de gênero são acionados, tanto por nós mesmos quanto pelas pessoas com quem nos relacionamos. É bastante comum que as pessoas projetem em nós uma série de expectativas baseadas em suas concepções, muitas vezes cisheteronormativas, de masculinidade, do que é ser um homem, do que é ser um transmasculino; nós podemos corresponder a algumas dessas expectativas e a outras não, e algumas vezes não correspondemos a nenhuma delas.

*[Rubens] [Q]uando eu mudei o meu nome por exemplo, tirei uma, uma letra do meu nome e isso mudou tudo, socialmente, todo mundo hoje me trata como um homem, em termos de gramática pelo menos, só que aí é isso assim, é... eu não me sinto confortável ainda nisso assim, nessa... e também não sei como é que eu vou questionar isso com as pessoas porque é uma pergunta muito cotidiana, é a pergunta mais cotidiana se é ele ou ela e você ter que escolher isso porque você tem que assumir naquele momento alguma coisa! Socorro!! ahhhh!!!*

Muitos de nós já fomos surpreendidos por expectativas de que, por exemplo, nos comportássemos de forma rude e grosseira, ou de que tivéssemos posturas que compreendemos como machistas, e uma série de outras atitudes e performances de gênero associadas ao que se entende comumente como relativas à masculinidade. É bastante comum

que suponham, por exemplo, que todos nós nos identificamos como heterossexuais; ou que todos nós não gostamos de ser tocados em nossos genitais, e/ou somos exclusivamente “ativos”, etc. Para alguns de nós, isso é algo tão recorrente que muitas vezes nós mesmos introjetamos que deveríamos corresponder a essas expectativas, ou acabamos criando em nossas cabeças uma ideia de que as interações sexo-afetivas sempre irão se dar nesses moldes. Entretanto, existem muitas pessoas que são mais abertas e menos ligadas às prescrições normativas de gênero e seus estereótipos, e podem interagir conosco de outra forma, buscando conhecer e compreender nossas especificidades com mais cuidado e atenção.

*[Nilton] [U]ma vez, uma ex, que tava na banda mole, e um cara mexeu com ela, alguma coisa aconteceu com ela que ela me cobrou atitude “cê tinha que peitar, porque homem age assim, homem age assado”. Ela começou a descrever como homem age, e eu nunca tinha parado pra pensar nisso, eu só sei que na hora eu chorei e falei com ela assim: “eu não tenho vergonha de tá chorando, e se ser homem é ser isso que você falou que é, que tem que fazer, então eu não vou ser homem nunca.” E aí naquele dia eu não entendi que eu não vou ser homem nunca, e nem queria, e nem queria... sabe porque... você não tem a masculinidade, você sustenta ela, e você pode perder ela em qualquer momento da vida, até com 70 anos, você pode perder ela, sabe? Então... eu não quero correr o risco de perder uma coisa que eu nunca tive... então pra que que eu vou querer essa bosta? (Risos) Vou querer isso não, uai. Vou jogar essa resposta toda pra cima de mim?*

Quando não nos hormonizamos, ou antes de nos hormonizarmos, também é bastante comum que as pessoas não nos reconheçam como pessoas trans, e se neguem ou tenham dificuldade de se referirem a nós utilizando os pronomes masculinos, por exemplo. Muitos de nós observamos que, à medida em que nos hormonizamos e certas características masculinas se tornam mais visíveis em nossos corpos como, por exemplo, o surgimento de barba e/ou o engrossar de nossas vozes, essas abordagens desaparecem ou tornam-se bem menos frequentes. Muitos de nós não desejamos ou não podemos, por questões fisiológicas, financeiras, etc, nos hormonizar, e independente disso devemos ser tratados conforme a maneira que desejarmos. Muitas vezes precisamos fazer exercícios de paciência com as pessoas, que se equivocam ou levam certo tempo para se acostumarem com nossos novos nomes. Muitas vezes estão bem intencionadas, mas têm dificuldades, e em geral percebemos essa diferença com relação a pessoas que se recusam a nos reconhecer e nos tratar conforme o gênero com que nos identificamos. Tudo isso costuma ser bastante incômodo e doloroso para nós, e em algumas situações buscar conversar com as pessoas que estão mais próximas sobre

a importância disso para nós pode ajudar a sensibilizá-las e a se tornarem mais atentas com relação à maneira de nos tratar.

*[Nilton] Conte pra ela [ex namorada] e... o próximo passo que era, que eu percebi que era essencial, é que quando a minha ex se referia no masculino, todos que estavam a volta acompanhavam ela, porque eu não me trato com as mesmas palavras que o outro me trata, entende? Então a pessoa não me segue pra me tratar, a pessoa segue o outro que me trata igual ele irá tratar. Então a minha ex falando ele, o Nilton, o fulano. Mas quando ela falava "ela" e falava o nome feminino as pessoas acompanhavam ela, entende? Então eu acho que quando você tem um parceiro ou uma parceira, o mais importante é que a parceira não erre, entende? É muito, é essencial que o parceiro não erre, porque as pessoas vão acompanhar, entende? E aí eu fui percebendo isso, quando ela errava a galera errava e aí um dia, é, eu pedi pra ela pra se policiar pra tentar e tal. E aí ela "é difícil porque eu tô acostumada"; eu sei que é difícil mas fui pedindo e ela foi adaptando, adaptando até que ela não errava mais.*

Para muitas pessoas, as relações sexuais têm lugares, papéis e práticas bem demarcados, em geral com base em uma dinâmica cis-heterossexual padrão, onde o masculino é associado a ser ativo, condutor, penetrador, viril, mais interessado por sexo, e que pratica sexo sem ter envolvimento emocional/sentimental; enquanto o feminino é associado a passivo, conduzido, penetrado, afeminado (no sentido de frágil), menos interessado por sexo, e que pratica sexo somente com, ou preferencialmente com, envolvimento emocional/sentimental. Mas as coisas não funcionam bem assim, inclusive para muitas pessoas cisgêneras e/ou heterossexuais. Essas cadeias de associação causal entre os gêneros e uma série de performatividades, características e comportamentos, na prática, pode assumir e diversas outras configurações. Alguns de nós, transmasculinos, relataram preferir ter envolvimento sexual somente quando existem outros tipos de vínculos sentimentais e afetivos, outros separamos esses vínculos da prática sexual, por exemplo.

Alguns afirmaram que preferem ser conduzidos durante as atividades sexuais, enquanto outros preferimos ser mais condutores; alguns em geral tomamos iniciativas, e outros de nós nos sentimos mais inseguros e/ou preferimos que a outra pessoa dê os primeiros passos, etc. Tudo isso pode se transformar e assumir novas posições ao longo de nossas vidas, seja em função de nossos trânsitos de gênero como também de outros fatores. Ter conversas abertas sobre nossas preferências pode ser uma forma de evitar projeções equivocadas a respeito de nossos comportamentos e performances sexuais, mas em alguns momentos isso

não nos parece possível ou mesmo podemos ter dificuldade de conversar sobre. Muitas vezes também ficamos cansados de ter de nos explicar o tempo todo, sobre pronomes, ou como nos entendemos em termos de identificação de gênero, etc. Para muitos de nós, nos parece interessante que as outras pessoas com que nos relacionamos também se façam cargo dessas questões, para que a responsabilidade de localizar e explicar todas as coisas não esteja sempre em nossas mãos. Muitas vezes pode ser muito confortável estar no lugar da “normalidade”, e somente projetar ideias e expectativas sobre as outras pessoas, como se cada um, seja cis ou trans, não tivesse suas especificidades, demandas e cuidados desejados.

*[Pez](...) [A]s vezes eu não sei exatamente como contar isso que sou [em termos de identificação de gênero] e o rolê de sexo escancara várias coisas, escancara os papéis de gênero. Pra mim sempre foi foda, antes de me entender no rolê trans já era foda. (...) [N]o meu rolê lésbico isso acontecia, mas mesmo que eu ainda não estivesse tomando T [testosterona] eu era mais masculina do que as pessoas com quem me relacionava e daí várias vezes tava nesse lugar de tá transando com pessoas que mesmo não sendo ht [heterossexuais] tinham papéis muito demarcados pra cada pessoa. Sempre foi foda porque sempre fui muito insegura e noiada, o rolê de sexo é muito sensível pra mim, tô sempre “ai meu deus o que faço agora?” e ter que tá nesse lugar que me davam, de ter que tomar iniciativa, por exemplo, era muito ruim. (...) [A]inda assim rolaram com pessoas com quem dava pra dialogar, só que às vezes sinto, me sinto muito responsável por mim, por tá tendo que explicar muito e muito bem inúmeras coisas e as vezes fico com preguiça ou sem vontade. Porque é isso, como criar essa narrativa do que não existe? Porque eu existo mas sinto que ser a única pessoa responsável por criar essa narrativa é cansativo.*

xxx

*[Julio] É, nos últimos, nos meus relacionamentos anteriores eu tive alguns problemas... é... é irônico, quando eu ficava com lésbicas eu tive mais problemas com que mulheres cis só passivas sexualmente do que eu tenho hoje em dia... mas porque essa definição de passivo e ativo não faz muito sentido na minha cabeça, e acaba que a minha namorada pensa parecido comigo. Porque... eu tava discutindo isso com um cara gay cis, que pras sapatão a pessoa que está fazendo sexo oral é ativa e quem tá recebendo é passiva, mas pros caras gays é o contrário tipo, que que é ativo que que é passivo né? Qual que é o vetor, né? E aí acabou que eu tive problemas porque as meninas não encostavam em mim... é... aí essas coisas tão diferentes mesmo. E aí eu acho que, como é que eu tô é em relação a pessoa que eu estou me relacionando. É um encontro de... acontecimentos.*

A forma com que nos identificamos em termos de expressão e performatividade de gênero não determina a forma com que lidamos, reagimos ou negociamos com qualquer situação. Tampouco as formas com que nos relacionamos em termos sexuais e/ou afetivos. Alguns correspondemos mais e outros menos a certos estereótipos associados ao gênero masculino, e nossas identificações com a masculinidade devem ser respeitadas independente desses graus de correspondências.

### 3.6.3 Relacionamentos sexuais e afetivos

São múltiplas as formas com que podemos estabelecer relacionamentos (afetivos, sexuais, sexo-afetivos) com as pessoas. Alguns têm relacionamentos monogâmicos, outros preferimos ter relacionamentos não monogâmicos; alguns relataram ter parceiros sexuais regulares, ou mesmos amigos com quem eventualmente há envolvimento sexual, e com os quais não estabelecemos vínculos de casal; outros, temos relacionamentos afetivos que não envolvem práticas sexuais... Junto a nossos respectivos parceiros, estabelecemos acordos e combinados que buscam organizar a relação. Por vezes, costumamos cumpri-los, em outras não... Existimos também aqueles que preferimos exercer nossas sexualidades sozinhos e criamos outros tipos de vínculos de relacionamentos com outras pessoas. E outros que ainda não estivemos em um relacionamento fixo ou longo, ou mesmo relacionamentos de ordem nenhuma. As dinâmicas de relacionamentos são muito diversas e nos trazem uma série de questões e experiências, e muitos de nós experimentamos formas de nos relacionar diferentes ao longo do tempo ou dependendo de com quem nos relacionamos.

*[Rubens]E ser monogâmica e isso ainda é um pouco absurdo... e ao mesmo tempo é doido porque hoje eu entendo assim, que não é uma caretice minha, com os anos eu fui entendendo qual é, né? Assim, namorei aberto várias pessoas mas nunca, eu sempre sacava que não era muito meu rolê mas eu entendia de boa e também aproveitava. Mas também me respeitei assim hoje eu acho que eu me respeito mais, sou bem tranquilo com isso assim. Não me acho mais caretinha como eu me achava, sei lá... não se cobrar tanto, sei lá... não sei.*

xxx

*[Nilton] Então assim, é... então a gente... a gente já fez ménage sabe. E foi uma coisa, um barato bem assim. Ela me perguntou assim, numa conversa que a gente teve bem no início do relacionamento assim, “ah, o que que você topa em sexo e tal?”, falei “olha, tem*

*coisas que eu topo tipo assim, se rolar uma mina tal eu fico com a mina, eu não vou querer que a mina faça comigo o que eu não quero que façam comigo, saca? É... eu vou fazer com a menina o que ela quiser que faz com ela.” “ah e se for um cara?”, “Se for um cara, tipo se você quiser que o cara faz isso com você, beleza, mas eu não quero que o cara faça isso comigo, mas eu faria isso nele, sabe?” Então assim... colocando as coisas no lugar. Hoje meu leque abriu muito mais, nesse sentido assim. Tanto em relação a mulher como em relação a homem, são práticas que a gente já teve assim, muito poucas vezes, duas vezes eu acho, duas vezes assim, é... “olha amor, fulana, encontrei fulana, a gente tá afim de ficar, vamo ficar aqui em casa, tá afim também?” “Fulana falou que se cê tiver afim, tá afim.” “Ah, então beleza, então vamo então.”*

Nossas vivências trans podem afetar nossas experiências de relacionamentos de muitas maneiras. Pode acontecer de realizarmos nossos trânsitos de gênero durante uma relação que já existia antes de nos questionarmos sobre nosso gênero, ou então antes de considerarmos o trânsito de gênero como uma possibilidade para nós. Muitas vezes, nossos parceiros se mostram compreensivos e acolhedores quando compartilhamos nossos desejos de materializar esse trânsito. Assim, podem se tornar uma importante fonte de apoio e suporte para nós durante os momentos difíceis que enfrentamos, e também alguém com quem gostamos de compartilhar e celebrar as conquistas de cada dia.

Entretanto, para algumas pessoas pode ser uma revelação difícil, e elas podem não conseguir ou não desejar nos apoiar. Isso pode acarretar em uma série de situações que podem ser muito difíceis e violentas para nós. Algumas pessoas buscam informar-se, buscam rever seus posicionamentos e depois de algum tempo podem passar a nos apoiar. Outras, podem tentar fazer com que mudemos de ideia, se opor a nossos desejos de realizar intervenções corporais, ou mesmo fazer ameaças de terminar a relação ou mesmo de nos expor para familiares, amigos ou em nossos empregos, desrespeitar nossos nomes e pronomes, etc. Essas táticas muitas vezes objetivam nos precarizar e vulnerabilizar, diminuir nossa autoestima, e podemos nos ver então envolvidos em uma relação abusiva, onde não há respeito à autonomia e a nosso direito e capacidade de decidirmos sobre o que é melhor para nós e nossas vidas. Esse tipo de relação pode nos fazer muito mal e tornar mais difícil um momento que já é bastante delicado para nós, podendo desencadear em nós processos depressivos, sensação de nunca sermos desejados ou amados por outra pessoa, de que somos demasiadamente inconformes com os padrões de normalidade e beleza, etc.

*[Taylor] Como... a principal crise que eu tive foi no meu relacionamento passado. É... é... porque eu estava com uma pessoa que não... não aceitava minha transexualidade. Era uma pessoa que já tinha colocado bem claro mais de uma vez de que se eu fosse um homem trans ela terminaria comigo, e se eu fizesse cirurgia ela terminaria comigo... e... ela fazia pressão, é... sobre, falando que “ah... em algum momento você vai querer usar hormônio, essas coisas...” e essa que pegou mais pesado pra mim porque era um relacionamento muito abusivo, então... eu tinha necessidade da pessoa, então pensar em perder a pessoa pra mim era muito difícil. E... e pensando também que tipo, se a pessoa que eu gosto falou que ficaria comigo, que eu era a pessoa da vida dela, não vai ficar comigo por causa disso então ninguém vai ficar comigo por causa disso, porque eu sou uma pessoa muito estranha, sabe? Freak mesmo... eu sou um ser estranho e ninguém vai querer ficar comigo assim... (...) E aí... sei lá juntou... porque era um momento que eu tava também assumindo meu cabelo, e... mudando as minhas roupas todas e aí eu ficava meio que eu sou uma pessoa muito estranha, eu... tipo, como é que cê falou? Biopoliticamente mulher, sou biopoliticamente mulher e eu uso roupas masculinas e eu tenho cabelo crespo, e eu não me identifico como mulher... nossa, eu sou muito estranha, eu sou muita coisa, tipo eu carrego muita coisa, sabe? Não bastava eu só ser sapatão, tem que ser sapatão masculina... cabelo crespo e... tipo eu achava que isso era muita coisa e que dificilmente eu encontraria alguém pra lidar com esse monte de coisa junto comigo.*

Relacionamentos abusivos, em que as dinâmicas de poder entre as partes envolvidas se tornam complicadas e negativas para nós e/ou nossos companheiros; esses abusos podem estar relacionados, ou não, a nossa condição enquanto pessoas trans. Em alguns casos isso não chega a ser uma fonte de problemas, discórdia ou desrespeito entre as pessoas. É importante que reconheçamos até onde vão nossas compatibilidades e possibilidades de estarmos junto de alguém com respeito, companheirismo e afeto, estabelecendo relações que sejam positivas e saudáveis. Apesar de muitas vezes ser difícil, romper com relações abusivas e ciclos de abusos e agressões, pode nos ser muito positivo e gratificante.

É possível encontrarmos pessoas com quem estabeleçamos relações saudáveis, onde há respeito mútuo a acordos, limites, autonomia e integridade mental e física de cada pessoa. Acordos sempre são passíveis de mudanças e readaptações conforme nossas necessidades, e é importante que reconheçamos que mudanças acontecem e muitas vezes podem ser positivas.

*[Pez] E agora esse rolê que tô vivendo... ele é o mais próximo de juntar teoria, as coisas que penso sobre relações com a prática, com a relação em si. A relação que tenho*

*agora é muito da hora, tá muito construída em cima das coisas que acredito. E quais são essas coisas que acredito? Sei lá, eu tenho um corre, a pinta tem um corre. A gente compartilha muitas coisas massa, a gente não tem planos a longo prazo pq eu não quero ter planos a longo prazo com ninguém agora e sinto que outra parte importante é que essa pessoa também não quer ter planos a longo prazo. Sei lá, quando a gente decide que não quer ter coisas eu não tô decidindo sozinha isso e quando decidimos que queremos alguma coisa também é uma decisão coletiva. E essa outra pessoa tem outras relações e eu também e a gente compartilha espaços com essas pessoas e tem relações com essas pessoas, tipo, eu consigo ser amiga de pessoas com quem essa pessoa se relaciona. Não digo que seja fácil, quando a gente não é várias coisas... acho que existe uma brecha nisso... tipo “e se a gente não é essas coisas o que a gente é?” mas sinto que agora tem sido um período bem massa de investigar tipo como são minhas relações se elas não são como a da novela. E converso bastante com as pessoas sobre como são as relações, é algo que me importa. Quer dizer, não tá dado, a maneira como a gente quer se relacionar ela não existe, a gente tá criando. Eu acho muito massa ficar trocando ideia com várias pintas do rolê sobre como estão nossas relações.*

xxx

*[Júlio] Eu tô... com uma namorada, a gente tá num relacionamento aberto. Só que a gente tá ficando com menos gente do que muita gente monogâmica por aí (risos) porque a gente é uma negação pra flertar com as pessoas. É... a gente tá muito bem. Nesse sentido, a gente... é uma pessoa que eu me sinto muito confortável com o meu corpo.*

Em alguns momentos o apoio de nossas companheires nos é fundamental, em outros, somos nós que damos algum tipo de apoio ou suporte para a pessoa com quem nos relacionamos. Muitos de nós optamos por não revelarmos a família de nossas companheires e a outras pessoas que não nos conheceram quando vivíamos ou éramos lidos de acordo com o gênero feminino, que somos pessoas trans. Isso em geral se torna viável quando atingimos certo grau de passabilidade corporal, e/ou quando retificamos nossos documentos; resumidamente, quando nos readequamos ao gênero masculino com algum grau de passabilidade que nos permita certa invisibilidade – o que muitas vezes se constitui como uma estratégia de autoproteção e sobrevivência no contexto em que vivemos. Já outros de nós ainda não atingimos esse grau de passabilidade ou readequação de gênero, e muitos tampouco o desejamos, e dificilmente seremos lidos como homens cis. Assim é possível que nossas



companheiros também enfrentem dificuldades com seus familiares e/ou amigos, e podem precisar de nosso apoio.

É comum identificarmos em vários momentos de nossas trajetórias – seja quando nos identificamos ou éramos lidos como mulheres (lésbicas, bissexuais ou hétero), ou após passarmos a nos expressar e identificar com o gênero masculino – diversas atitudes, posturas, posicionamentos e situações que compreendemos como machistas. Para alguns, essas atitudes se configuravam como formas de afirmarmos nossa masculinidade, para outros, era algo de certo modo inconsciente, que não compreendíamos como machismo, mas que em algum momento passamos a senti-las e identificá-las enquanto tal. Identificar essas formas de ser, pensar e agir pode ser o primeiro passo para que possamos evitar e desconstruir esse modo de ação, que reforça estruturas de opressão que muitas vezes já nos subjugaram em outros momentos de nossas vidas, e continuam nos subjugando, embora muitas vezes operando de diferentes formas. Esse é um tema que demanda bastante tempo e dedicação, no qual infelizmente não me estenderei nesse trabalho, mas que pretendo abordar em uma ocasião futura. Gostaria apenas de destacar que muitos de nós, transmasculinos, com quem tive contato durante a construção dessa pesquisa, nos mostramos preocupados e comprometidos em reduzir ao máximo nossas participações e contribuições que alimentam esquemas opressores. Para muitos de nós, a masculinidade não está necessariamente vinculada ao sexismo, à misoginia, ao machismo, e à homofobia, que certamente configuram alguns dos pilares da masculinidade cisgênera hegemônica.

Aqueles que estamos comprometidos também em construir relações sexo-afetivas que não reproduzam os moldes e esquemas que se baseiam e perpetuam dinâmicas desiguais de hierarquia e poder. Sejam essas atravessadas por questões de gênero, classe, identificação e pertencimento étnico racial, capacidades físicas, etc.

*[Pez](...)[D]a primeira vez que namorei, que comecei a existir afetivamente fora do campo da heterossexualidade, isso não existia muito, tipo tava namorando com uma mina e era completamente desigual vários rolês, a gente não se relacionava do jeito que penso que queria me relacionar. E isso é um negócio que até hoje marca muito meu rolê, tipo, entender que esse meu primeiro rolê, meu namoro onde eu era lésbica e minha namorada era lésbica e a gente era monogâmica... é isso, dei um rolê fora do rolê ht que tava dentro do rolê ht. Tipo, meu! Tem toda a pira de que a gente, eu tô contra várias paradas – por isso falei que ser sapatão não é só o sexo que faço, os beijos que dou, tá ligad? É bater de frente com várias paradas que tão aí, pensar em estratégias pra se relacionar com as pessoas por fora dessas*

*coisas que a gente combate, é meu corre. Tipo, como vou construir minhas relações de um jeito massa? Que seja massa pra mim, que seja massa pras pessoas, que a gente consiga construir coisas massa. Essa é uma das coisas mais importantes do meu corre sapatão, do meu corre anarquista.*

Muitos de nós temos uma série de dificuldades e inseguranças a respeito das possibilidades de relacionamentos das outras pessoas com quem nos relacionamos, seja durante ou após uma relação conosco. Para muitos de nós é bastante difícil vivenciar ou suportar situações em que somos preteridos em detrimento de uma pessoa cis, por exemplo. Isso pode acontecer por nos sentirmos menos desejáveis ou dignos de amor e afeto que outras pessoas que tem sua existência mais enquadrada dentro de esquemas estruturais que hierarquizam corpos e instituem e organizam as economias de desejo, afeto e beleza em que certos corpos sejam tidos como mais desejáveis que outros. Se, por exemplo, sentimos que somos trocados ou preteridos em favor de um homem cis, isso pode nos acionar tanto sensações e pensamentos de que nossos corpos não são adequados a nossa forma de identificação de gênero, ou de que nos falta algo, ou mesmo de que para a pessoa com quem nos relacionamos faltou algo, ou ainda que somos demasiadamente complicados e que se relacionar conosco se configura como uma tarefa árdua e difícil para outras pessoas. Isso é um tema bastante delicado, e pode ser que em determinada situação não tenha nada a ver com nada disso, mas em função da forma com que são construídos certos padrões e a recorrência de certas situações em nossas vidas, podemos nos sentir [cis]tematicamente mais vulnerabilizados ou em desvantagem nas dinâmicas relacionais.

*[Pez] Depois que terminei um namoro de dois anos com minha ex namorada... foi a única vez que namorei depois de namorar um cara, a única vez que namorei depois disso, um relacionamento monogâmico, foi com essa pinta que se entendia como um mulher lésbica, que era uma pessoa que era bem diferente de mim, tinha muita grana e era muito... sei lá, acho que a parte principal é essa de ter muita grana e de ser uma mulher cis tipo, entendida como muito gata, muito padrão assim. E uma coisa que existe muito, ainda existe muito, as vezes vem mesmo depois da relação é que ela reclamava muito que eu era muito sapatão e daí ficou muito pesado pra mim isso, sempre que tô me relacionando com alguém tenho muito esse teto de ter medo de rolar preterimento, é esse o nome da palavra? De que a pessoa que eu tô me relacionando comece a se relacionar com uma pessoa cis, e não que eu não queira que isso aconteça mas isso sempre é difícil pra mim, que essa pinta comece a se relacionar com uma mina, mas isso, sei lá, não é que eu não queira me relacionar com pessoas que se*

*relacionem com uma mina cis, eu só acho difícil. Mas isso é talvez a única dificuldade que tenho nas relações pq não sinto muito ciúme, não sou muito da treta mas sei lá isso não é algo assim né? Dizer isso de que não sinto ciúmes... é que não sou muito da treta, nunca tive treta em relacionamento, a maior treta que tive foi essa desse namoro e depois todas relações que tive foram muito massa, me relaciono até hoje com todas as pessoas, todas as pessoas com quem me relacionei sexo-afetivamente ainda são minhas amigas e pelo que elas me dizem, as ideias que a gente troca, parece que foi massa.*

xxx

*[Taylor] É... meu relacionamento com a pessoa que eu tô agora e a forma de me relacionar no geral é... são relações monogâmicas. Nunca tive é... sei lá eu não consigo me relacionar de outra forma que não seja monogamicamente... ahm... sei lá eu sou o tipo de pessoa que gosta de tá perto então... geralmente o meu relacionamento é muito... tem muitos encontros e a gente sai muito juntos, sempre tá muito juntos. É... e.. e a gente tem uma vida sexual intensa, bastante intensa. É... transar sei lá, três vezes num dia e tals... a gente faz terapia de casal, porque a gente quer morar juntas então... a gente tá fazendo isso pra lidar com os problemas de agora... e... ahm... sei lá eu tendo a ser a pessoa que cede mais, e... tenho dificuldade de me impor e tô trabalhando essa parte também. E... sei lá, é... a gente é muito companheira uma da outra, a gente se ajuda muito e se apoia muito nas nossas coisas de trabalhos, estudo e família. Ela... frequenta bastante minha casa, conhece meus pais, e gosta dos meus pais, meus pais gostam dela. Os pais dela não gostam muito de mim, os pais dela são homofóbicos e o pai dela é racista também. É... tipo, no começo rolava alguns olhares porque ela é branca e eu sou negra. Então rolava uns olhares tipo, é, de pessoas negras e de pessoas do movimento negro. De olharem pra mim ou pra gente de um modo diferente. De palmitagem<sup>35</sup> mesmo. É... isso.*

Muitos de nós experienciamos términos de relacionamentos em função de nossa identificação de gênero, ou em função de outras dinâmicas desiguais de poder. São muitas vezes processos dolorosos e difíceis, que podem nos afetar negativamente em diversos âmbitos de nossas vidas, mas muitos de nós, passado certo tempo, consideramos que o término tenha tido também seus efeitos positivos, pois nos vemos desimpedidos para realizar os trânsitos ou readequações de gênero que desejamos.

---

<sup>35</sup> Segundo nosso interlocutores este é um termo criado por pessoas negras utilizado por alguns para referir-se aos homens cis negros que se relacionam majoritariamente ou preferencialmente com mulheres cis brancas. Para outros, refere-se a relações interracialis tanto de homens como de mulheres.

*[Taylor] Mas até chegar nesse ponto eu tive muitos momentos de crise, de... é... de achar que eu era um homem trans, e... é... de ser confrontado por essa pessoa que era minha namorada na época, eee... dela fazer pressão pra... falando que se eu fosse homem trans ela terminaria comigo... foi um relacionamento abusivo. E aí... eu fiquei meio que nesse meio do caminho desse... ok eu só uso roupas masculinas, e... e me identifico como pessoa e... depois eu terminei esse relacionamento, comecei a me relacionar com outra pessoa, aí eu comecei a me explorar um pouco mais a minha masculinidade. Poder falar que, ok, provavelmente eu quero retirar as minhas mamas e que... sei lá, testar um nome diferente, que contemple a forma como me identifico e pronomes masculinos e adjetivos masculinos e essas coisas. Mas foi, foi um processo muito longo assim... e... e de aceitação também. De que é... tipo, ok eu posso ser um homem trans mas isso não seria, isso não é um problema. Eu sou uma pessoa, então... é... como qualquer outra pessoa eu vou e devo ser amado da forma como eu sou. Então... foi um processo longo mas que agora tá melhor. Eu ainda tô me conhecendo melhor e ainda tô explorando essas... fronteiras... tô me permitindo mais.*

Muitos de nós passamos por momentos em que não nos sentimos à vontade ou com vontade de engatarmos em um relacionamento sexo-afetivo ou mesmo de ter relações sexuais casuais com outras pessoas. Isso pode acontecer por vários motivos. Muitas vezes acreditamos que as pessoas não saberão lidar adequadamente conosco e com nossos corpos, e preferimos nos resguardar. Podemos também nos sentir inseguros ou incômodos com certas partes de nossos corpos marcadas pelo gênero, e preferimos então não nos relacionarmos intimamente até que consigamos fazer as mudanças desejadas para que nos sintamos mais confortáveis em nossos corpos.

Estabelecer contatos sexuais pode ser algo delicado para muitos de nós, e nos despertar sentimentos de ansiedade, ou ainda nos sentirmos intimidados ou acuados. Talvez isso já acontecesse com muitos de nós mesmo antes de nossa identificação como pessoas trans. Mas o fato de nossos corpos às vezes não corresponderem às imagens que temos de nós mesmos e/ou com a forma com que nos identificamos pode tornar a situação ainda mais delicada. Podemos sentir medo ou inseguranças diversas, seja por sermos desejados ou tocados de uma forma que nos faça sentir demasiadamente aproximados da feminilidade; por sentirmos que estamos sendo fetichizados ou exotizados; ou que de alguma outra forma nossa identificação de gênero seja negada ou desrespeitada por outras pessoas. Mas muitos de nós também temos experiências positivas, de encontrarmos pessoas que são sensíveis e cuidadosas conosco, que respeitam nossos nomes e pronomes, que procuram compreender

aquilo que nos faz bem e nos dá prazer e aquilo que nos faz mal e potencialmente pode trazer a tona sentimentos ruins a respeito de nossos corpos. Essas pessoas podem se tornar, para muitos de nós, figuras importantes e que nos ajudam a construir e reforçar nossa identificação de gênero da maneira que entendemos, nos ajudar a criar ambientes em que nos sintamos seguros e mais confortáveis com nossos corpos, e assim mais confiantes para experimentar e explorar possibilidades de práticas sexuais que nos tragam prazer, autoconhecimento, com quem provamos diversas sensações positivas e satisfatórias (ERICKSON-SCHROTH, 2014, p.498).

O reconhecimento, apoio e respeito de nossos companheiros são de fundamental importância para nós; esse comportamento estimula que outras pessoas de nosso entorno social ajam da mesma maneira. Além disso, sermos valorizados e amados como somos e/ou como desejamos ser pode colaborar muito com nossa construção e manutenção de autoestima, nos ajudar a nos sentirmos bem ou ao menos mais confortáveis com nossos corpos, e de que existem continuidades entre nosso corpo e a forma com que nos identificamos em termos de gênero, e que estas são e podem ser reconhecidas por outras pessoas além de nós.

*[Ronei] E... mas com os caras trans eu me sinto, que assim tira um peso, um alívio assim que você tá assim, tudo bem... sabe? Não preciso ficar o tempo todo autoconsciente pra não... parece que tudo bem, saca? Então eu tenho, tenho assim esses lugares que mudou muito, né? Onde que a gente vai se sentindo mais confortável, o que que a gente vai vendo, é a gente não tem controle. Não é existencialismo que eu sou os meus desejos, o que que eu faço, sou livre, naaada véi... é muito complicado. Enfim...*

Para muitos de nós se torna bastante difícil nos relacionarmos com pessoas cis, e passamos a preferir nos relacionarmos com outras pessoas trans. Isso não garante que não possa haver questões delicadas, desencontros em termos de compreensões sobre a experiência e corporalidade trans, ou mesmo dificuldades de interações sexuais. Mas muitos de nós compreendemos e atestamos que a incidência desse tipo de questão tende a ser bem menor do que quando estamos em um relacionamento com pessoas cis. Muitos de nós encontramos em relacionamentos com pessoas trans maior facilidade de compreensão, possibilidades de compartilhar diversos aspectos das vivências trans com mais intensidade e assimilação, experimentamos sensações de estarmos mais confortáveis e seguros com relação a nossos corpos, etc.

### 3.7 IMPACTOS DOS TRÂNSITOS DE GÊNERO EM NOSSAS VIDAS SEXUAIS

Quando decidimos materializar um trânsito de gênero, com um destino diferente daquele imposto ao nascermos, realizamos uma série de mudanças físicas e subjetivas que afetam amplamente nossas vidas, podendo modificar os mais diversos aspectos de nossas existências, inclusive no que diz respeito a nossas sexualidades e práticas sexuais. Passamos a nos localizar no mundo desde outros lugares, tanto em termos corporais quanto subjetivos. Ao longo desses processos passamos a aprender e acessar outros códigos de masculinidade – e feminilidade – e as intervenções físicas que realizamos em nossos corpos, sejam elas através do uso de hormônios e/ou realizações de procedimentos cirúrgicos, ou não – cada qual com suas especificidades. Esses podem alterar tanto a percepção que temos de nós mesmos quanto a forma com que as outras pessoas nos percebem e interagem conosco.

Deste modo, podem haver impactos tanto nas interações sexo-afetivas que temos com nós mesmos, por meio da masturbação, quanto com terceiros. Alguns relatam mudanças em nossos desejos sexuais, tanto no que diz respeito a práticas quanto com relação a quais gêneros e corporalidades nos despertam algum tipo de atração. Por exemplo, pessoas que antes nos relacionávamos somente com mulheres cis, podemos passar a ter interesse em outras corporalidades como homens cis, pessoas transmasculinas, mulheres trans, travestis, etc... O que pode também não acontecer, e seguimos mais ou menos os mesmos padrões de envolvimento que tínhamos antes da trans-identificação. Esses processos podem nos trazer novos questionamentos e situações que antes não existiam, e podem surgir também novas inseguranças assim como novos aprendizados, outros interesses, prazeres e alegrias.

*[Júlio] É uma coisa que elas funcionam separado mas até certo ponto né... porque é... eu não, não, pelo menos eu não entendo, eu não sentia, eu não explorava a atração por homens. E foi uma coisa que veio junto com a minha identificação como trans, porque... quando eu, primeiro que não me atraio por homem hétero. O conjunto homem hétero não me atrai. E... o... as vezes que eu tive algum contato com homem antes, os caras tavam me lendo como mulher e me tratar como mulher... mas era, resumindo era tipo isso, me tratavam como mulher e... não era esse, eu não me sentia confortável. Ai os... encontros que eu tive com caras depois foi diferente... então pra mim reflete nesse ponto mesmo, de... experiência, de eu explorar... uma diferença. Mas aí... até onde que vai né? Porque é uma questão só de conforto, que eu não me sentia confortável. A situação toda...*

*[Celestino] [T]eve uma marca muito engraçada porque eu virei uma bixona.(...)Virei, fiquei assim, sempre fui né? meio viada, mas depois da testo eu fiquei aquelas gay viciada em rola mesmo, era uma coisa que eu nunca...(...) e aí e era tipo eu me sentia assim véi, parecia que eu tinha assim essa parada assim tipo puberdade, né? tô aqui, vou deitar, vou assistir umas putaria tipo do, dos filme de viado, vou sair ficar com as bicha, uma coisa bem louca... tipo... (risos) Como é que pode, eu era uma sapatão com estrela dourada<sup>36</sup>, entendeu? De repente.... De repente... enviadou. Isso já tava rolando antes né? antes da testo... essa nova, nova... é... essa parada mais viado assim, mas tipo, a, chutar o pau da barraca mesmo foi depois de uns, de ter começado com a testo né?*

xxx

*[Nilton] É.. depois do meu relacionamento com a [nome da companheira] isso mudou completamente sabe? Mudou assim, o prazer de dar prazer pra ela e o prazer de saber que ela tá sentindo prazer com alguma outra coisa. Eu tô assim “ah deixa eu passar a mão nocê, ahh deixa eu fazer a posição tal”, coisa que eu nunca faria antes eu passei a fazer, só de saber que ela tava curtindo, ai gente! Aí isso me levou a práticas e posições que além de nunca ter feito antes eu passei a fazer e gostar. E relacionamento com homens, assim me levava a essas práticas e posições, e como hoje são pra mim relações possíveis e elas não são problemas, pelo contrário, eu comecei a não ter problemas em imaginar práticas com homens, mas eu nunca tive. E nunca senti desejo... nenhum até hoje, sabe? Eu costumo fazer o seguinte, eu costumo dizer o seguinte, fulano eu beijaria na boca, o meu marco assim... e beijei, no meu aniversário eu beijei... mas essas coisas vão mudando e eu sei que vão mudar mais. Então assim, é... eu acho que hoje eu me envolveria com um leque enorme de pessoas que eu nunca considerei antes. Mas no momento eu não consigo, eu consigo pensar em beijar na boca de pessoas. Mas envolver assim intimamente, sexualmente assim, eu só consigo imaginar com a [nome da companheira] mesmo, só com ela mesmo.*

À medida em que nossos corpos passam a corresponder melhor a forma com que nos identificamos, muitos de nós passamos a experimentar com maior frequência as sensações de conforto, conexão, autorreconhecimento, segurança e bem-estar, o que tende a influenciar positivamente em nossas interações interpessoais e em nossas práticas sexuais, inclusive quando essas ocorrem quando estamos a sós. São diversas as intervenções físicas que podemos realizar que podem nos proporcionar essas sensações e satisfações. O respeito a

---

<sup>36</sup> Termo utilizado por lésbicas e sapatões que diz respeito àqueles que se identificam enquanto tal e nunca se relacionaram sexualmente com homens cis.

nossos nomes e pronomes com os quais nos identificamos também é algo de extrema importância para nós, e que pode também produzir ambientes e situações de maior relaxamento, conforto e confiança, muitas vezes fundamentais para uma interação sexual positiva.

*[Júlio] É... acho que foi uma... uma coisa foi consequência... foram coisas paralelas mas que... é... e na época que eu comecei a perceber a transgeneridade eu comecei a namorar uma menina bissexual, que tinha um tipo majoritariamente de relacionar com homens, tinha pouco contato com mulheres. Então foi uma coisa ao mesmo tempo, eu tinha me relacionado só com pessoas que se relacionavam majoritariamente só com mulher, então tipo ao mesmo tempo que eu tava querendo mudar as práticas, mudar meu jeito de experimentar as coisas, eu encontrei essa parceira que queria experimentar com as coisas, que eu não sei se teria tido essa liberdade com parceiras anteriores... de sei lá usar strap on<sup>37</sup>, que eu não sei se ia me sentir à vontade... mas, mas é isso... não teve nada muito, até que eu não tive uma rotatividade muito grande de pessoas assim pra comparar... acho que é isso. E... a testosterona que eu tive umas mudanças que eu não sei explicar mas aconteceram... eu fiquei mais sensível com algumas coisas... eu... acho que eu tive, é como se eu tivesse sentindo mais mesmo... tipo... reação mais forte ao estímulo sexual. Eu acho que é uma questão hormonal, de excitação em situação não sexual. Hoje até que passou um pouco, antes era tipo, “que?!” é... e ficar mais confortável comigo mesmo, que eu imagino que isso deve ter ajudado a tirar barreiras que eu tinha da minha cabeça. De impacto foi isso mesmo... Ainda não consegui fisgar um boy. (...) teve uma época que eu fiquei sem saber, isso é uma narrativa que eu já ouvi mais de uma vez, o cara ficar sem saber se ele tava realmente sentindo atração num homem ou se ele tava prestando atenção porque ele tava com inveja. Mas aí eu acho que não... é atração mesmo. (Risos)*

xxx

*[Nilton] Então assim, esse, esse... a libido tava lá em cima nessa época, numa época que eu ainda tinha emprego. E o que que gritou. Quando eu tava com essa ex minha. Eu queria gozar porque eu tava com ela, tava fervendo, o trem pulsando o trem pulsando... e eu quero gozar como é que faz... mas eu vou me atrever porque agora eu tenho coragem de me atrever, porque eu tenho certeza que ela tá me vendo e ela tá me vendo um cara, sabe? Tá vendo um cara. Eu comecei a ter coragem de arriscar e me atrever, e comecei a me abrir mais. Me envolver e tal. Agora eu podia tirar a roupa, sabe? então assim... então essas*

---

<sup>37</sup> Cinta na qual se acopla um dildo ou vibrador, em geral utilizada para práticas de penetração.



*coisas foram, ficou começando a... a... fui começando a me adaptar, como eu me masturbava, sabe? E ela me ajudava muito, “não, vamo tentar assim...” foi uma coisa bem devagar essa coisa do corpo assim, descobrir o corpo. Sem contar que, mas não foi nessa época que foi a descoberta fatal do corpo não. Porque ainda tinha buceta ainda na roda, sabe? Que era uma coisa que era complicado e tal.*

A nossa relação com o sexo e as maneiras de praticá-lo envolvem diversos atravessamentos. Esses podem estar relacionados a construções socioculturais a respeito das práticas sexuais, da marcação de gênero em certas partes de nossos corpos, e com as informações que acessamos sobre como interagir e “utilizar” nossos corpos e as diversas partes que o integram; com as formas com que as relações de poder se constituem e se reproduzem no âmbito da sexualidade; com as maneiras com que lidamos com nossos corpos e os graus de conforto e desconforto que temos com eles; com a forma com que outras pessoas lidam e interagem conosco, nos atribuindo ou não certos lugares e papéis relacionados ao gênero que nos atribuem; com nossas experiências passadas, positivas e negativas, a respeito de envolvimento sexuais ou abusos pelos quais alguns dentre nós passamos, etc.

Aqueles que nos hormonizamos, seja com ou sem orientação e acompanhamento médico, notamos uma série de mudanças tanto em nossos corpos quanto em nossos desejos, comportamentos e subjetividades. É bastante comum que relatem um significativo aumento de libido e interesse sexual, cujas intensidades variam de pessoa para pessoa. Para alguns transmasculinos, é um desafio lidar com essa nova configuração do interesse e apetite sexual, que pode tornar-se muito mais intensa que antes. É importante ressaltar que isso não deve ser um motivo ou justificativa para que violemos os limites e os corpos das pessoas com quem nos relacionamos. Cabe a nós buscar encontrar estratégias para lidar com isso de maneira saudável tanto para nós quanto para as pessoas com quem nos envolvemos. Dentre os entrevistados, alguns apontaram passar a ter mais interesse em práticas sexuais, e que nossos corpos passam a reagir a estímulos – sejam eles de toque ou mesmo visuais – de maneira diferente, em geral mais intensa. A hormonização pode ser um dos elementos desses processos, mas em geral estão acompanhados também de outros componentes, como a possibilidade de estarmos mais conectados com nossos corpos, de sermos reconhecidos de acordo com a nossa identificação de gênero, de nos sentirmos mais cómodos nessas situações. Muitos passamos a sentir mais necessidade de nos masturbarmos ou de realizar outras atividades que canalizem essa energia sexual.

*[Pez] O que rolou com a T pra mim foi muito doido, comecei a sentir muito tesão e foi a primeira vez que isso aconteceu e rolou uma pira de que tava ficando com uma pinta e comecei a sentir muito tesão, vontade de transar mesmo, e foi a primeira vez que isso aconteceu e eu pirei muito. Porque a primeira vez que senti vontade afú [bastante] de transar com uma pessoa tava muito relacionado com a T, que querendo ou não me aproxima de uma masculinidade que ok, eu tô tentando hackear mas as vezes fica difícil. E essa vez ficou muito difícil porque sei lá, eu tava deitada do lado da pinta [pessoa] querendo transar e eu fiquei sem saber se precisava contar, sem saber se era ok a gente dormir abraçadas mesmo eu estando com vontade de transar. Foi muito difícil gerenciar isso, a gente conversou e tals mas é isso, foi a primeira vez que senti muita vontade de transar e tava junto com outra pessoa mas agora tá tudo bem. Tomei minha dose a dois dias atrás, tô no interior, sozinha, não posso nem sentar com as pernas cruzadas (risos). Acho que pensar sobre essas coisas é bom porque sempre achei que consentimento era algo fácil, e acho que um dos motivos pra achar isso é porque meus rolês não tavam atravessados por tesão e quando não tem isso é muito mais fácil, eu consigo ler muito melhor as pessoas quando não tô querendo transar. Eu sempre fui muito noiada, insegura, então tomava muito pouca iniciativa ainda mais porque não sentia tesão então era bem de boa gerenciar essas coisas, depois da T que comecei a sentir mais tesão começou a ficar difícil e acho muito massa e importante tá pensando sobre isso. quando comecei a tomar T queria me aproximar de algumas coisas, me aproximar do meu corpo de outras formas e uma das linhas que atravessa isso é a do sexo então tá massa.*

Em geral notamos modificações também em nossos líquidos e secreções corporais, que tendem a tornar-se mais viscosos e com odores mais fortes. Nossos genitais também sofrem uma série de alterações de textura, cores e tamanho dos tecidos que os compõem. Muitas vezes sentimos também alterações de sensibilidade, e é possível que certos estímulos que antes nos agradavam passem a não funcionar mais, o que muitas vezes demanda que busquemos outros para acionar. Com todas essas mudanças muitos de nós nos sentimos em processo de redescoberta de nossos próprios corpos e das formas de obtermos prazer sexual através deles. Não há uma única forma de experienciar nossas sexualidades de maneira satisfatória, cada um de nós encontra sua maneira de vivenciá-la da forma que lhe pareça mais adequada.

Alguns transmasculinos que antes realizavam penetração frontal com facilidade passamos a sentir certa dificuldade, ou mesmo tornam-se inviável, em função da diminuição da lubrificação ou mesmo por redução do diâmetro e elasticidade do canal. Alguns

solucionamos essa questão através do uso de lubrificantes, outros buscamos explorar outras práticas que nos tragam prazer, seja através de outros estímulos na mesma região ou da penetração anal, por exemplo. Outra mudança comumente experimentada por aqueles de nós que nos hormonizamos com testosterona é o prolongamento externo do tradicionalmente chamado clitóris – que muitas vezes nomeamos de diversas outras formas como *plitóris*, *pinto*, *pauceta*, *neca trans*, *clinto*, *clines*, *pintoneca*, *grelo*, *pintocloris*, *bucinto*, *pinceta*, *pau*, *clinto*, *piroceta*, etc. Além desse prolongamento muitos notamos que quando excitados este pode, em função da maior circulação sanguínea no tecido, inchar-se e se colocar visivelmente ereto e endurecido. Muitos de nós também sentimos diferenças com relação ao orgasmo, para alguns torna-se mais fácil ou rápido atingi-lo, outros passamos a encontrar algumas dificuldades em função de nossos corpos não apresentarem as mesmas respostas a estímulos que apresentavam antes. Isso pode demandar de nós certa paciência e um trabalho de investigação a respeito das formas de provocarmos certas sensações em nossos corpos. Algumas pessoas passaram também a experimentar a ejaculação, que pode acontecer independente da administração de testosterona. Alguns relataram conseguir ejacular antes, durante ou depois do orgasmo, e isso pode tornar-se mais fácil/recorrente ou mesmo mais difícil após o início da hormonização com testosterona.

*[Ronei] E... também tenho vivido, também como ah, várias experiências que eu acho que eu não tinha assim, tipo de conseguir gozar comendo uma pessoa com um dildo, não precisar ter o contato no genital, frotção genital pra conseguir gozar. Isso é uma coisa que eu acho que é nova assim pra mim. E uma coisa que é a novidade mesmo é a questão da ejaculação, que é uma coisa que assim não existia na minha vida, não existia. Eu sabia que existia. Cara, muito louco.. e tem as oficinas, tem tudo né? Eu sabia disso, que existia, mas o meu corpo não produzia isso. Entendeu. Não produzia...*

Todas essas mudanças podem nos trazer um pouco de dificuldade de readaptação das práticas sexuais. É comum relatos de maior sensibilidade ao toque, e passamos a sentir mais incômodos ou mesmo dores do que antes. Isso demanda que busquemos novas estratégias, sozinhos/es e/ou com nossos parceiros, para obtermos prazer e relações sexuais satisfatórias. Configura-se, então, um processo de reconhecimento de um corpo que se transforma, reterritorializando os toques, afetos, tornando-se necessário que busquemos reaprender certas práticas que já havíamos aprendido antes, o que para muitos de nós torna-se um processo de reconexão com nossos corpos. Tudo isso funciona de formas muito diferentes para cada pessoa, sendo assim, o que funciona para alguns pode não funcionar para outros e vice-versa.

Trocar informações e experiências com outras pessoas trans sempre pode ser ótimo, nos trazer novas perspectivas, ampliar nossos leques de práticas; mas é importante, também, que não criemos expectativas de que nossos corpos irão reagir sempre da mesma forma que outros, pois isso pode não acontecer e nos gerar frustrações difíceis de lidar.

A forma com que lidamos com a relação entre práticas sexuais e afetos/amor é outra mudança que nós notamos em nossas trajetórias. Para muitas pessoas, as práticas sexuais estão intimamente relacionadas a envolvimento afetivos e/ou amorosos. Alguns dos entrevistados apontam que quando nos identificávamos ou éramos lidos como lésbicas apresentávamos esse padrão de envolvimento; isso não significa que as lésbicas tenham um único padrão de relacionamentos ou que todas desejam envolver-se afetivamente e, com a transidentificação, isso também se reconfigura, de modo que os envolvimento sexuais passam a não necessariamente estar vinculados a envolvimento afetivos. Isso certamente não é uma regra geral, também há aqueles de nós que mantemos os vínculos entre essas relações, ou mesmo mudamos na direção contrária.

*[Ronei] E como que foi procê o rolê assim, foi uma grande mudança, né? Sim, fisiológica assim... Não importa, bagulho veio... fazia muitos anos que eu não me masturbava, não me tocava, não tava em relação comigo, sacou? Aí veio... a questão da masturbação também que foi todo um processo de, de voltar a ter esse tipo de prazer, de buscar esse tipo de prazer. É... a minha prática sexual também não tá vinculada aos afetos, eu separo muito isso, assim... relação de sexo é uma parada que eu ficou assim, ficou meio estranho. Também comecei a fazer outras práticas que não são... eu me envolvi muito com o BDSM<sup>38</sup> e tem várias categorias que me contemplam no BDSM. Tem vários rolês que eu dou, que, que contemplam esses desejos, né? Então, e aí o afetivo/sexual fica mais fragmentado também, entendeu?*

Compreendemos que algumas dessas mudanças em nossas formas de nos relacionarmos com outras pessoas se dão ao passo que a nossa relação com nós mesmas também muda. Na medida em que passamos a nos sentir mais identificados e mais felizes com nós mesmos e nossos corpos, muitas notamos uma mudança significativa em relação à nossa autoestima e auto amor. Dessa forma, muitos de nós passamos a nos sentir bem e completos em nossa própria companhia, sentindo menos necessidade de buscarmos nos relacionar com alguém em busca de um afeto nem sempre recebido nessas relações. Muitos

---

<sup>38</sup> Para um aprofundamento a respeito das dinâmicas e práticas de BDSM ver ÁLVAREZ CASTILLO, Constanza. La cerda Punk: Ensayos desde un feminismo gordo, lésbico, antikapitalista y antiespecista. 2014.

relatamos que, na medida em que nossa relação com nós mesmos se intensifica, nos sentimos menos dependentes de estabelecermos certos vínculos de relacionamentos com outras pessoas, e assim reconfiguramos nossas maneiras de nos envolvermos sexual e afetivamente.

Aqueles de nós que realizamos intervenções cirúrgicas em nossos corpos também sentimos uma série de mudanças, tanto fisiológicas quanto em nossas auto percepções mais subjetivas, e também em nossas relações interpessoais. A opção por realizar ou não uma intervenção cirúrgica, assim como qualquer outro tipo de intervenção física, é algo pessoal e varia de acordo com os desejos e necessidades de cada pessoa. A realização, ou não, dessas intervenções não faz de nós mais ou menos transmasculinos. Aqueles que optamos por realizar a mamoplastia masculinizadora – as motivações que nos movem a realizar essas intervenções também são diversas e podem variar muito de pessoa para pessoa; alguns de nós o fazemos por não nos identificarmos ou nos sentirmos bem com os seios, outros por desejarmos nos livrar dos *binders* e/ou ter um trânsito social mais tranquilo, etc – podemos nos sentir muito mais confortáveis e identificados com nossos corpos. É comum também que sintamos bastante diferença a respeito da sensibilidade nessa região, o que tem importância diferente para cada um de nós. Fazemos diferentes agenciamentos a respeito das possíveis consequências dessas intervenções em nossos corpos. Alguns consideramos que o conforto obtido com a realização destas é mais importante que a sensibilidade que existe sem a intervenção, e vice versa.

### 3.8 PRÁTICAS SEXUAIS

Existem formas incalculáveis de estimularmos nossos corpos e as sensações que ele nos proporciona para obtermos prazer, estejamos nós sozinhos ou acompanhados de uma ou mais pessoas. Dentre os entrevistados, há aqueles que acreditam que em função de nos identificarmos como homens ou com a masculinidade de modo geral, certas práticas tornam-se indesejáveis ou mesmo inconcebíveis para nós. Os padrões de performatividade de gêneros que se criam segundo as prescrições cisnormativas do que representa a masculinidade e do que representa a feminilidade também atravessam o âmbito sexual de nossas vidas. Somos constantemente informados pela mídia, pelo cinema, pela pornografia e outros meios e instituições do que se configuram como práticas masculinas e práticas femininas, e como estas devem ser desempenhadas. Com isso, podemos criar ou querer responder a uma série de cobranças ou exigências atreladas ao gênero masculino de como deveríamos nos comportar, e

muitas vezes somos cobrados por outras pessoas a corresponder a esses estereótipos e performatividades de gênero hegemonicamente masculinos. O fato de nos identificarmos como homens, rapazes, garotos, transgêneros, sapatrans, bichas etc, não determina quais práticas devemos fazer e tampouco existem práticas que não devem ser feitas (desde que estejam envolvidas pessoas conscientes da situação, cientes dos atos, e que com eles consentam). Trocando em miúdos, não é porque me identifico como um homem que devo ser exclusivamente “ativo”, ou porque sou um homem trans gay devo ser “passivo” ou gostar de ser penetrado, ou que por qualquer motivo gostar de ser penetrado frontalmente e/ou goste de estímulos ou penetração anal que sou mais ou menos homem, mais ou menos masculino que outros transmasculinos.

*[Rubens] [I]a dizer da passividade também, mas da passividade assim: tipo, eu sou o boy e não vou ser passivo, sempre vou ser ativo na parada... isso rola muito com as mina aqui, assim, maioria de ficar, sei lá... por favor, eu sou bem passiva, não é porque eu sou boy. Não é por causa disso que a gente ocupa uma posição já a priori né? Isso rola muito também*

*[S] É, comigo rola muito também, tipo assim da galera colocar a masculinidade, associar isso com... enfim, papéis sociais e sexuais assim tipo.. sem nem te perguntar de qual é que é seu rolê assim.*

Essas percepções estão muitas vezes associadas a concepções que dividem certas práticas sexuais como masculinas ou femininas, são construções socioculturais, muitas delas com raízes sexistas, machistas e homofóbicas (RUBIN, 2012). Nossos desejos sexuais muitas vezes não são contemplados por essas construções, que em muito limitam as potencialidades de nossos corpos e a diversidade de estímulos que podem nos trazer prazer e permitir que desfrutemos das atividades sexuais de maneira mais livre. Assim, muitos de nós construímos e buscamos realizar outras práticas que nos tragam prazer, comodidade e satisfação sexual, independente de estas serem valorizadas ou depreciadas segundo os parâmetros de masculinidade hegemônicos. O que fazemos ou deixamos de fazer no sexo, ou como fazemos, não nos torna superiores ou inferiores a ninguém.

Muitos de nós acreditamos que buscar conhecer nossos corpos e experimentar estímulos novos tem sido algo bastante positivo em nossas vidas, e proporcionando atividades sexuais mais proveitosas e satisfatórias, independentemente do que as regras ou convenções cisheteronormativas definem. As nossas identificações e expressões de gênero não são limitadores para essas práticas, e do mesmo modo, nossas práticas sexuais não são definidoras

de nossas identificações de gênero. Não existe, então, algo, além de nós mesmos, nosso consentimento e das demais pessoas envolvidas, que determine quais práticas devemos ou não fazer, desde que respeitemos os nossos limites e desejos, como já discutimos anteriormente. Essas práticas usualmente também variam ao longo do tempo para uma mesma pessoa. Em um momento, ou com determinada parceira, podemos desfrutar e desejar certas práticas, e em outros não, ou mesmo fazer determinada coisa de uma maneira diferente.

Alguns dos entrevistados acionam recursos como vibradores, dildos (“pinto de borracha”), cintas em que se acoplam dildos e/ou *packers*, lubrificantes, óleos e géis, roupas e fantasias, lingerie, bombas de pressão genitais, legumes, algemas, cordas, chicotes, vendas, itens esportivos ou de cozinha, etc, além toda uma sorte de itens de fabricação própria. Esses itens podem ser encontrados em diversos formatos, cores, modelos, com ou sem aromas e sabores. Podemos também improvisar brinquedos e jogos sexuais seguros com outros itens que não foram criados exatamente para tais fins.<sup>39</sup> Esses recursos podem ser utilizados com fins diversos, desde práticas cotidianas, como proporcionar novas práticas, e descobertas sexuais. Podem ser também utilizados como formas tanto de reafirmar e reforçar os lugares de gênero que desejamos ocupar durante o sexo, como também para desconstruir ou desestabilizar alguns aspectos desses lugares da masculinidade que podem nos gerar algum tipo de incômodo ou desconforto.

*[Ronei] É... depende, hoje em dia, depende muito de com quem eu tô, né? Não tem muito um padrão assim, cada pessoa me inspira uma coisa diferente, né? E ver que cada desejo encontra e vê o que que rola. Acho que eu sou uma pessoa bem aberta assim, nesse sentido. E... e é isso, depende muito qual é a proposta, né? Tipo, não tenho só um tesão bruto ali que quer ser chupado, ser penetrado, ser, sei lá, flagelado... é... vai muito da proposta, bem difícil de definir assim pra te dar um, uma caixinha assim é isso que eu gosto. (...) Tá. E aí é isso assim, tem também. Até tem, tem pessoas que te inspiram mais a uma coisa, ah não sei... é uma coisa tão, cada pessoa é tão diferente, né? um universo... e... ultimamente assim com minhas amantes mulheres né? ou lésbicas, né? Acho que não tem muitas mulheres na minha vida. Lésbicas cis ééé... pra quebrar um pouco essa coisa da minha cabeça de ser, ai to por cima, ai sou ativa e é um homem e aí não sei o que, eu as vezes gosto de tá numa posição mais vulnerável assim, mais passivona assim, sacou? Ser penetradoooo, de ser penetrado com dildo, não sei o que, com cinta pinta, caralho a quatro, saca? Porque aí tu*

---

<sup>39</sup> É importante que nos certifiquemos de que esses objetos sejam minimamente seguros e não causem intoxicações, reações alérgicas ou lesões indesejadas em nossos corpos e nos de nossas companheiras. Quanto utilizados para penetração e são compartilhados recomenda-se fortemente o uso de preservativos.

*quebra aquela aí, aquela coisa que automaticamente tu acha que tá reproduzindo, que aí dá um ruim, né? Então aí a gente, eu acho legal assim, fazer esses papéis ficarem mais esquisitos né? Eu tenho feito isso. Com, agora né... não tenho, que é isso, esse ano eu transei com duas, dos últimos dois anos, eu transei com duas, três pessoas. Não tenho uma vida sexual, sabe? Não busco isso... minha vida sexual é comigo.*

Alguns podem também recorrer a estímulos visuais através de materiais pornográficos. Não pretendo me estender a respeito desse tema, tampouco analisar conteúdos pornográficos ou suas implicações políticas e socioculturais. Gostaria apenas de mencionar a crescente produção de materiais classificados como pós-pornografia e outros, que buscam produzir outras narrativas e discursos sobre práticas sexuais, como uma contraproposta a pornografia convencional. Muitas dessas produções buscam também trazer para a cena corpos que não se encontram nos padrões hegemônicos, e podemos encontrar materiais produzidos por e para essas pessoas.<sup>40</sup> Alguns desses materiais podem ser encontrados em endereços online, protegidos por senha, com o intuito de preservar o conteúdo contra apropriações indevidas. Existem também uma série de canais online, em sua maioria internacionais e pagos, que podem ser assinados e que disponibilizam esses conteúdos.

Muitos de nós compreendemos que as práticas sexuais não se limitam somente a estímulos genitais, e vemos todo o corpo como potencial provedor de prazer. O que pode ampliar significativamente o nosso leque de possibilidades de atividades sexuais. Muitos de nós erotizamos e estimulamos diversas partes de nossos corpos, como por exemplo, orelhas, pescoço, nuca, axilas, pés, mãos, barriga, pernas, conforme nossos desejos e sensibilidades, não somente como “preliminares”, mas entendendo isso como estímulos e atos sexuais em si. Esses estímulos podem ser feitos com as mãos, boca, língua, outras partes do corpo e também com objetos diversos. Alguns de nós preferimos estímulos como, por exemplo, toques, carícias, massagens, lambidas, mordidas e sucções, feitos com leveza e delicadeza. Outros preferimos que sejam feitos com mais vigor e/ou até certa brutalidade; e alguns gostamos de ambas as formas em diferentes ocasiões. As práticas sexuais não se limitam apenas a contatos e estímulos genitais. A sexualidade humana abrange possibilidades infinitas, que independem de gênero ou orientação sexual. (RUBIN, 2012) Muitos de nós desfrutamos de prazeres

---

<sup>40</sup> Para um maior aprofundamento a respeito do tema ver: LOBO, Taís Ribeiro. ANTROPOFAGIA ICAMIABA: Contra-sexualidade e contra-cinema: a auto-pornografia como ferramenta de subversão política. **Rascunho**, v. 6, n. 10-11, 2014. Trabalho completo disponível em <https://pt.scribd.com/document/271863689/Antropofagia-Icamiaba> e/ou site <http://cargocollective.com/antropofagia-icamiaba>; e NUNES, Hariagi Borba. “O Corpo histórico: meu dildo goza terrorismo” Pós-pornografia e pornoterrorismo na contemporaneidade: uma analítica de ruptura. 2016.



sexuais por meio de outros estímulos e interações, seja através de toque, carícias, beijos, lambidas, sugadas, etc. como também alguns de nós buscamos estímulos visuais; jogos de poder consensuais; práticas de BDSM;

*[S] E como que é assim esse rolê do BDSM?*

*[Ronei] Ah é um rolê que eu, é... me aproximei mais com umas amigas. Fiz umas oficinas nos rolês que eu dei da Argentina, no Chile, fui numas festas de BDSM.*

*[S] Ai, nunca fui nesses rolês assim...*

*[R] É uns rolês bem babado, bem massa, aprendi umas coisas, tem uns livros, tal... e...*

*[S] E é uma galera massa, assim?*

*[R] Assim, que eu aprendi isso muito no rolê, né? Então é uma galera bem massa. Mas assim, aí quando tu vai buscar esse universo é muito hétero assim, muito difícil, ainda mais pra galera trans. Cê vai entrar num site e buscar, entendeu? Assim, quero isso. Que eu já fiz isso, não rola assim... não tem muito. Mas tem uma categoria que eu me enquadro assim, nas categoria dos BDSM, que é o BOI, B-O-I, que é um passivão submisso, é... de apanhar, de... que é o que eu tô curtindo fazer ultimamente, de explorar esse lugar. Não sou muito do, dominatrix, sou mais esse outro lugar. E aí que tem a ver também com não genitalização. Gosto muito de apanhar, não tanto spanking, mas de apanhar assim de porrada mesmo, sufocar. Não gosto muito do rolê de queimar, não gosto muito de coisa no peito também não, de agulha, não curto... cortar as vezes também, humilhação gosto, gosto desse role humilhação psicológica, nanana, todo um universo aí também né? Que eu trabalho minhas coisas, umas terapia louca né, risos... que tu vai trabalhando. E... tô aprendendo umas coisas aí, babado. É aí tem essa categoria BOI né, que me contempla.*

*[S] que é especificamente pra pessoas trans assim?*

*[R] Que é uma masculinidade outra, né? Uma masculinidade que não é dos homens. Que é do BOI, que aí pode ser trans, pode ser uma masculinidade lésbica também, né? Não é tão estrito. É uma categoria aí que eu acho que me contempla.*

xxx

*[Celestino] [E]u faço qualquer coisa, véi... tipo, rola assim... mas... durante um tempo eu não curtia muito sexo tipo esse rolê, enfim, sexo né? o que a gente entende por sexo, aquele rolê pornozão assim... hoje em dia eu adoro! Isso aí... tipo um amasso, penetração,*

*parará... antes eu não era muito disso não, hoje em dia eu me divirto. Mas a grande descoberta assim, a parada que eu achava que mudou muito minha forma de encarar trepar foi o BDSM né? que de uns anos pra cá eu descobri tipo uma maneira de... uma terapia radical do sexo né? Porque... E óbvio que a gente também infelizmente, as pessoas tão volta e meia, a gente tá se metendo numas ciladas? como no sexo também né a gente... nesse sentido que eu tava falando antes. E... e... enfim essa é, tipo, tem sido algo que é sempre uma descoberta nova, tipo de questão de limites mas também de... de... enfim de tipo deslocamento tipo, que que é, que que é... trepar né? Eu lembro que uma vez eu, eu tava com uma pessoa aí... trepando/querendo dormir. Aí a pessoa “não, cê não vai dormir aí” ... eu estiquei uma caminha e dormi junto com o cachorro (risos). E eu fiquei pirando nisso depois porque foi tipo “cara...” e foi uma experiência super prazerosa, super erótica e tudo mais... que... e eu só fui dormir no chão com o cachorro entendeu? E aí... por outro lado também eu tenho muito, é... preguiça assim, eu acho era até por isso que a gente tava falando antes, é... né? desse rolê... eu tenho preguiça da aqueção também... eu tenho preguiça também... então às vezes a minha prática sexual as vezes é tomar um chimarrão, entendeu? Mas assim a punheta e a siririca é religiosamente marcada assim. É uma prática importantíssima, assim inevitável que necessita ser diária. É uma oração (risos). Não funciona sem. Isso mudou completamente na minha vida, se não tiver o dia não funciona.*

xxx

*[Júlio] As pessoas são bizarramente de boas com eu ser um cara trans, mas acaba que eles são muito cis hétero, no fim das contas... mas estranhamente bem recebido... as pessoas me conheciam antes. Eu não tive que explicar muita coisa, no máximo faziam perguntas, eu respondia e continuou seguindo a vida. Eu frequentei um pouco os rolês, e aí eu conheci um pessoal antes, incluso antes... me tratam normal mais do que muita gente, que muito cis gay. Aí acaba que eles não são exclusivos, eles não excluem, mas eu acabo sentindo falta. E eu tô sentindo falta o contrário também. Eu tenho frequentado grupos, virtuais, que são majoritariamente homens cis gays e eu percebo que faltam umas noções do que o BDSM tem, esses rolês de consentimento e tal... eu fico “gente, cês tão loucos? que que vocês tão fazendo?” E aí eu queria puxar esse rolê nesse sentido também, de conscientização... o pessoal fica com uns fetiches muito esquisitos... aí rola umas coisa tipo assim “Ai, eu quero que o boy faça isso isso e isso” “Ah, você pediu pra ele?” “Não, eu quero que ele leia minha mente” “Migue, cê vai morrer.”*

Alguns de nós não gostamos de ser tocados em certas partes de nossos corpos, e encontramos diferentes formas de lidar com isso. Alguns relatamos ter dificuldade para conversar abertamente sobre isso com nossos parceiros ou potenciais parceiros sexuais, e preferimos criar estratégias não-verbais para demonstrar isso. Outros conseguimos ou preferimos colocar os limites verbalmente. Podemos também dizer sobre quais estímulos nos agradam e em quais partes do corpo. Existem também diversas possibilidades de jogos eróticos que consideramos extremamente excitantes e prazerosos mesmo sem envolver contato ou estímulos diretos em nossos genitais ou mesmo outras partes de nossos corpos.

São múltiplos os fatores que podem influenciar nas nossas escolhas de práticas que realizamos ou não durante nossas atividades sexuais. A forma com que nos sentimos com relação a nossos corpos, o momento em que nos encontramos na vida ou mesmo em um determinado dia, a(s) pessoa(s) com quem estamos, o tipo de envolvimento – relacionando ou não aspectos afetivos ou vínculos sentimentais, os nossos desejos e limites e também o daquels com quem nos relacionamos sexualmente, etc. Podemos geralmente gostar de realizar determinada prática mas em qualquer situação não nos sentirmos à vontade ou com desejo de realizá-la. Em geral podemos nos sentir mais cómodos com algumas pessoas para realizar determinada prática e menos com outras. Existem várias formas de experienciar e desfrutarmos dos prazeres sexuais. Cada pessoa tem suas preferências sexuais, que podem inclusive variar muito ao longo de nossas vidas. Algo que nos agradava ontem pode não nos agradar hoje, e algo que não nos agrada hoje pode nos agradar no futuro.

Para alguns de nós, o sexo está relacionado a sentimentos e envolvimento de intimidade mais profundos, para outros de nós as práticas sexuais não tem de necessariamente estarem vinculadas a envolvimento afetivos; alguns notamos que isso mudou com nossos trânsitos de gênero, e muitos passamos a separar mais esses tipos de envolvimento.

*[Nilton] Eu desconstruí muita coisa em relação às práticas também, sabe? Práticas sexuais, depois da minha transição que eu fui explorar mais, que eu fui ter mais liberdade, que eu fui aceitar mais o meu corpo, que eu fui mais me envolver, saca? Até orgasmo eu nunca tinha tido na vida, fui aprender depois. Então assim, e não só isso... eu fui aprender que... eu fui aprender separar prazer de amor, separar sexo de amor, sabe? Foi a coisa mais maravilhosa que aconteceu na minha vida. Então é... como é que você vai me definir? Se eu fico com cara, como é que você vai me definir? Se eu fico com mulher, como é que você vai me definir? Ai se eu fico com, com sei lá, com pessoas trans como é que... então sei lá se*

*misturasse tudo num balaio... o que que eu sou? Eu não consigo. Que eu sou um, um tantinho de cada coisa assim... e isso que é o mais emocionante.*

*[Ronei] A questão dos envolvimento afetivos, o que que... e sexuais também, foi transposta pra outro lugar, tipo assim, se eu antes enquanto lésbica namorava, me apaixonava, me abria, tinha relações de casamento, de cumplicidade, de dividir tudo, isso não é uma coisa que existe mais na minha vida. É uma vida bem mais solitária, e ao mesmo tempo que é uma vida mais realizada em relação de eu me bastar né? De eu tá feliz comigo, é... mas... o campo dos afetos mudou muito assim, sabe? E o campo do, vamo falar assim, do meu desejo pelo menos, mudou muito meu desejo, mudou muito é, quem me deseja também, né?*

Alguns de nós sentimos incômodos ou desidentificação com nossas genitais. Outros de nós não o sentimos. Isso também pode mudar ao longo de nossas trajetórias. Alguns de nós sentíamos esse tipo de incômodo, mas com o tempo aprendemos a nos relacionar de outras formas com nossos corpos, e construímos caminhos de retomada de contato e conexão com nossos genitais, passando a nos tocarmos e/ou a permitir que outras pessoas nos toquem. Nenhuma pessoa é obrigada a se sentir bem com todas as partes e características de seus corpos. Esse processo de reconexão pode acontecer ou não, e seus caminhos variam muito de pessoa para pessoa. Para outros de nós, os nossos genitais e/ou outras partes de nossos corpos marcadas pelo gênero não nos causam incômodo ou sensações de inconformidade, pois compreendemos que nossas identificações de gênero não tem a ver com nossos genitais e/ou seios, por exemplo.

Alguns de nós usamos *packer*, *dildos* e cintas, que podem ser utilizados tanto para penetrarmos parceiros que gostem dessas práticas, quanto para sermos penetrades quando (e se) desejamos. Alguns de nós nos compreendemos somente como predominantemente ativos, outros como predominantemente passivos, e outros de nós não nos identificamos com uma forma ou outra. Isso pode variar conforme nossas vontades, disposições, com os parceiros que estamos. Às vezes podemos gostar de realizar certas práticas com algumas pessoas e não com outras, podemos desfrutar de certas práticas em algum momento e em outros não. Em outras palavras, o desejo também é contextual e relacional.

*[Taylor] As minhas relações sexuais com a minha namorada... é... geralmente eu, sou eu a pessoa que conduz e que sei lá... se for colocar em termos eu sou a pessoa ativa na maior parte do tempo, e às vezes durante todo o tempo. É... sei lá, a gente não tem restrição*

*não. Só quanto a bater e... o sado... e o masoquismo que são coisas que a gente não faz. Tirando isso eu gosto... de oral, de anal, de penetrar. Gosto de explorar o corpo dela e gosto de morder, de chupar, essas coisas e a gente também usa brinquedos, a gente tem um strap-on e um dildo, a gente usa um... um vibrador, estimulador, de estimular o clítoris e tal, a gente tem um vibrador de ponto G. E a gente gosta de fazer massagens sensuais, e de usar óleos, excitantes e tal. É... isso. Lubrificante também. E às vezes a gente usa camisinha também... dependendo. Pra sexo anal e tals... é... Tipo o que eu, eu gosto, eu gosto de... de... eu gosto muito de comer ela, mas eu gostaria que ela me comesse mais. Eu entendo que isso é uma trava dela também, então... é... gosto de preliminares e gosto de provocar e... arranhar, essas coisas.*

*[Nilton] Quando eu comecei a minha transição eu tinha um amigo, um babaca, que ele... a sorte que eu já tinha tido vários relacionamentos, já tinha feito várias práticas usando ou não o cabeça rosa[dildo], usando ou não o junin... um dia ele falou assim “ah, cara cê pode até usar mas não é de carne, não é quente.” Na hora eu fiquei impactado assim, mas depois eu dei uma risada e falei com ele assim “eu concordo com você que não é de carne e não é quente, eu tô querendo entender o quanto que isso é relevante. Porque eu já tive várias mulheres nessa minha vida e você sabe, muito mais que você e isso nunca foi um pré-requisito pra nada. Então eu acho que isso é uma coisa que é mérito mas, é considerado como mérito pra você que tem, não pra quem tá usando com você.” Porque é. O cara realmente acha que ele é o gostosão, que ele tem um pau de carne quente e quando ele faz ele leva a mulher nas nuvens... só ele que vai e acha que ela tá indo no bonde... tá não, ele tá indo sozinho né... Como eu tive essa neura, eu tive vários relacionamentos com mulheres em que elas tavam desencantadas com os caras, assim, desde os primeiros relacionamentos já trombavam com B.O., uns caras babacas e já foram generalizando caras como caras babacas.*

Para alguns de nós praticar sexo com mais de uma pessoa é algo recorrente, outros de nós nunca o fizemos, ou por falta de oportunidades ou porque não desejamos. Outros de nós o fazemos ou já fizemos, mas essa prática não se configura como algo recorrente em nosso dia a dia. Para muitos de nós não existe nenhum problema em praticarmos sexo ou vivermos relacionamentos sexo-afetivos com mais de uma pessoa simultaneamente, desde que haja acordos entre as partes envolvidas estejam cientes e consentam com isso na configuração que for.

*[Rubens] É... com alguém... eu, eu nunca... não, já... já trepei com mais pessoas assim. Mas não chega a ser um hábito.*

Alguns de nós sentimos incômodos ou desidentificações com nossos genitais. Outros de nós não o sentimos assim. Isso também pode mudar ao longo de nossas trajetórias. Alguns de nós não gostamos ou não desejamos que nossos genitais e/ou outras partes de nossos corpos sejam tocados. Os motivos podem ser os mais diversos, e certamente são todos válidos e devem ser respeitados. Em geral, estão relacionados ao fato de que potencialmente nos acionam sentimentos dolorosos ou de desconforto relacionados à inadequação de nossos corpos aos padrões cisnormativos. Alguns de nós, que sentíamos esse tipo de incômodo em algum momento de nossas trajetórias, passamos a nos relacionar de outra forma com nossos corpos. Essa mudança em geral se configura como algo processual e que demanda certo tempo para que encontremos caminhos de retomada de contato e conexão positiva com nossos genitais, passando a nos tocarmos e/ou a permitir que outras pessoas nos toquem também. Nenhuma pessoa é obrigada a se sentir bem com todas as partes e características de seu corpo. Esse processo de reconexão pode acontecer ou não, e seus caminhos variam muito de pessoa para pessoa. Para outros de nós os nossos genitais e/ou outras partes de nossos corpos, marcadas pelo gênero, não nos causam incômodo ou sensações de inconformidade, pois compreendemos que nossas identificações de gênero não têm a ver com nossos genitais e/ou seios, por exemplo.

A penetração frontal costuma configurar-se como um tema bastante delicado para muitos de nós. Desde o princípio de nossos contatos com a sexualidade somos em geral, ao menos em primeiro momento, informados sobre isso desde perspectivas heterossexuais, cisgêneras e muitas vezes sexistas e machistas, e/ou que veem o sexo somente como algo ligado à reprodução da espécie humana, e extremamente centrado nas genitálias. Esses discursos informam também quais são as maneiras consideradas “saudáveis”<sup>41</sup> de usarmos nossos corpos para desempenhar tais atividades, e somos informados também mais direta ou indiretamente sobre os tabus relacionados ao sexo e as restrições que esses tabus nos colocam. Seja através de livros didáticos, as antigas enciclopédias e enciclopédias de sexo, as aulas de biologia ou mesmo por meio da pornografia *mainstream*, somos informados sobre o que é o sexo, e como praticá-lo a partir dessas visões distorcidas da “normalidade”. Esses processos de construção tendem a determinar também certas práticas como práticas femininas ou feminilizadoras dos corpos, e outras como práticas masculinas ou masculinizadoras. A penetração é uma dessas práticas que é comumente associada a um movimento de feminilização, e a toda uma cadeia de significados sexistas e misóginos que inferiorizam a

---

<sup>41</sup> A partir de um discurso médico-científico higienizado e heteronormativo que associa quase que diretamente o que é correto – moralmente – ao que é concebido, por esse mesmo discurso, como saudável.

feminilidade para enaltecer a masculinidade. Segundo essa lógica, aqueles corpos que “podem” ser penetrados e que desfrutam ou deveriam desfrutar dessa prática são os corpos femininos ou que serão por tal prática feminilizados. Muitos de nós somos afetados por esses discursos e a penetração torna-se um tabu, sentimos e acreditamos que é uma prática incoerente com nossa identificação de gênero e que necessariamente abala ou diminui nossa masculinidade, o que não é verdade. Entretanto, são diversos os fatores que podem nos levar a não desejarmos ou não considerarmos essa prática como parte de nossas interações sexuais, e não há problema nisso, cada um de nós define seus interesses e limites com relação às práticas sexuais. Para alguns de nós, ao penetrarmos outra pessoa com nossos corpos ou utilizando *dildos* e cintas, podemos nos sentir habitando um âmbito da masculinidade que nos pareça demasiado agressivo ou que represente uma masculinidade com a qual não nos identificamos. Para outros essa é uma forma de reafirmarmos para nós mesmos e/ou para outras pessoas a nossa identificação e expressão de masculinidade.

É recorrente entre nós que alguns não tenhamos interesse ou desejo de sermos penetrados porque nos sentimos colocados em um lugar que não corresponde a maneira com que identificamos nosso gênero. Outros apenas não sentimos prazer com essa prática e preferimos não fazê-la. Para outros, ainda, essa prática pode acionar memórias de situações ruins pelas quais passamos em algum momento de nossas vidas e por isso preferimos não fazê-la. Também há aqueles de nós que desfrutamos da penetração sem nenhuma associação com determinada performatividade de gênero, e aqueles que a acionamos também como uma estratégia de equalizar o poder nas relações sexuais. Existimos também, homens trans e outros transmasculinos, que gostamos de ser penetrados de diversas formas. Muitos homens cis também desfrutam dessa prática, independente de suas identificações em termos de sexualidade. Existem também muitas mulheres cis que não gostam e/ou não sentem prazer com a prática de penetração. Ou seja, não existe de fato uma regra que determine quais corpos praticam e desfrutam ou não desta prática, assim como de todas as outras. Isso varia de pessoa para pessoa independente de sua identificação de gênero ou sexualidade. Certamente, as normatizações do sexo podem influenciar ou determinar as leituras e práticas sexuais de muitas pessoas, mas não se configuram como regras absolutas. Muito pelo contrário, podemos rearranjar as práticas, desterritorializá-las ou reterritorializá-las. Não se trata, portanto, de fingir de que estas organizações do sexo e das práticas sexuais existem e nos são colocadas como algo natural e normal, mas sim identificar o processo de construção das mesmas e perceber que podemos agenciá-las conforme nossos interesses, desejos e possibilidades.

*[Rubens] Que mais? eu ia falar que eu sou uma pessoa que não faz coisas tão, tão... eu faço sempre a mesma coisa, eu acho... eu gosto das mesmas coisas talvez... Não sou uma pessoa que faz coisas muito loucas trepando, talvez... mas gosto de, enfim... partes, tem algumas partes que eu gosto mais assim... peitos, sei lá, chupar e tal... Piranha tímida, né? Sou estilo piranha tímida né (risos). Quer pegar todo mundo mas não pega....*

xxx

*[Júlio] Sexo oral, penetração*

*[S] Tanto penetrar quanto ser penetrado?*

*[J] Então infelizmente não mas por questões fisiológicas, a testosterona tá atrapalhando meus rolês... tá fechando... não tá rolando, infelizmente... é... e eu acabo fazendo algumas coisas de BDSM também.*

Alguns desfrutamos ser penetrados com frequência, outros de nós o fazemos eventualmente, e outros não desejamos ou não consideramos essa prática como parte de nossas possibilidades de interações sexuais. A penetração pode acontecer de diversas formas. Pode-se utilizar os próprios dedos, a mão, os pés, dildos acoplados a cintas ou não, vibradores, língua, etc. Alguns de nós conseguimos usar nossos próprios genitais para penetrar outras pessoas. Alguns de nós lançamos mão do uso de lubrificantes para facilitar a penetração, ou mesmo torná-la possível. Cada forma de penetração pode promover diferentes sensações, variando também de acordo com a direção, forma e intensidade dos movimentos. Pode ser feita com suavidade através de movimentos leves, ou de maneira mais intensa. Muitos de nós notamos que após a administração de testosterona há significativa redução da lubrificação ou mesmo um fechamento do canal, dificultando ou inviabilizando a penetração.

*[Nilton] Eu... como eu sempre tive aversão, não quis nem tocar minha genital, então penetração é uma coisa que nunca passou pela minha cabeça e assim. Quando pensava em querer passar eu já excluía rapidão... porque é aquela parte escura que eu não quero mexer de jeito nenhum. Uma vez que uma parceira ela insistiu tanto, que eu fui tentar fazer penetração com, com... como é que chama... é dildo que fala? O nome técnico?*

*[S] É dildo sei lá... pinto de borracha..*

*[N] Pinto de plástico... ela quis fazer com aquele duplo, uma ponta pra lá outra pra cá, uma ponta pequenininha... outra ponta é maior “a pequenininha é minha, a maior é sua.” Mas eu não.. não consegui não, eu não... tava ruim desde o início, então pra que que eu vou*



*continuar uma coisa que tá ruim desde o início? Se a coisa não tá boa, continua não. Né...? Então não consegui, nessa época não consegui e tal. Anal de jeito nenhum... nem passa pela minha cabeça, nunca passou pela minha cabeça.*

xxx

*[Ronei] É... enfim, esses, aí a coisa da prática sexual que mudou muito é a questão da penetração. Que o hormônio pra mim fechou muito o canal vaginal, que não rola, tipo nenhuma penetração assim nem de um dedinho, sacou? Não rola assim que o corpo não rola, dói, sacou? E também que às vezes não é uma coisa que eu quero fazer por outros motivos, por outras... Tô com uma mina lésbica, tal, não quero ser penetrado, sei lá que me ponham nesse lugar de vulnerabilidade de uma feminilidade, sei lá... às vezes a gente come a cabeça com isso. Não tem ninguém lá cagando regra mas a minha própria cabeça tá ali... ridículo né mas não vou dizer que não acontece... ridículo mas tá lá... e... e agora que eu to, tem uns três meses sem a testo, aí tá rolando penetração de novo por exemplo, tá rolando... essa semana rolou penetração (risos). Rolou uns dildos, tal... que aí o corpo permite né? É isso também, tem a ver né? é tudo, não é só a cabeça, o que que eu quero, eu to numa relação mais holística vamo dizer né? o que que o meu corpo tá pedindo, que que ele pode, o que que me dá prazer, o que que não me dá. Enfim, é isso... tá melhor agora.*

Nossos peitos costumam ser áreas de nossos corpos que dividem muito nossas opiniões e práticas sexuais. Os seios são acionadores de incômodos e mal estar para grande parte das pessoas transmasculinadas, e preferimos que não sejam tocados ou mesmo que sejam despídos de *binder*, top ou camiseta durante as práticas sexuais. Outros apreciamos e desfrutamos de toques e/ou interações orais com nossos seios, configurando-se como uma zona erógena importante em nossas práticas. A sensibilidade dos mamilos é considerada como algo muito importante para alguns de nós, tornando-se inclusive um fator que nos faz pensar bastante e/ou mesmo hesitar em realizarmos a mamoplastia masculinizadora, que em geral, é acompanhada de significativa redução de sensibilidade na área. O que para outros é um fator muito positivo, pois essa sensibilidade pode remeter a uma feminilidade com a qual não nos identificamos. Como sabemos são muitas as possibilidades de interpretarmos e interagirmos com nossos corpos. Aqueles de nós que realizamos a mamoplastia masculinizadora muitas vezes encontramos frutos muito positivos dessa intervenção para a forma com que nos vemos e nos relacionamos com nossos corpos, proporcionando que nos sintamos mais cômodos, confortáveis e identificados com o corpo que vemos. Isso tende a trazer reflexos bastante positivos em nossas vidas sexuais pois passamos a estar mais

presentes e mais despreocupados, permitindo que experienciemos essas interações de maneira mais livre e satisfatória.

*[Nilton] Porque assim, o meu conflito com o espelho, eu tinha um conflito com o espelho e eu tive uma sexualidade durante a minha vida ali e uma coisa da norma também me moldando, que eu não quis, eu não quis mostrar meus peitos, eu não deixava ninguém botar a mão e tal. Hoje, hoje nas relações íntimas assim... hoje eu topo várias coisas que eu não topava, saca? Eu topo muita coisa que eu não topava, mas eu só fui topar depois que hoje... eu tenho assim a tranquilidade de saber que se, se tá me chupando como um homem, antes eu não conseguia ver me chupando como um homem. Não é nem como um homem, não conseguia ver me chupando como não diminuindo minha masculinidade. É isso saca? E como é que... e se ela levanta a mão e pegar no meu peito e tem um peito assim. Ela pode dizer “eu não pego no seu peito como se fosse um peito de mulher”, mas eu não consigo sentir isso, então eu tenho que tirar ele fora pra sentir isso. Agora, se cê consegue lidar com isso, saca? Aí cê consegue lidar com isso, não existe um gen, um trem assim que é o âmago sei lá, do ser homem ou ser trans sabe? Porque se eu falar que “ah, não, mas é porque se você conseguir lidar com o seu corpo você não precisa fazer transição então”... não, mas ... então entende? É muito complicado isso, isso é muito complicado*

*[S] E tipo, eu acho que é uma outra coisa também de entender que as coisas não são permanentes né? Num momento da sua vida você tá sentindo as coisas de um jeito e em outro você sente de outro, e as suas necessidades vão se transformando também.*

xxx

*[Rubens] Mas... é... eu gosto muito de chupar, as vezes eu gosto e não gosto que me chupem, mas isso depende muito. Depende muito de como eu vou tá. Mas é porque eu tive uma época que eu namorei uma mina que não gostava de me chupar, aí eu fiquei muito tempo sem ninguém me chupar e eu me acostumei assim. Aí depois eu fiquei assim... gente que coisa estranha... e depois com outra pessoa aí foi “nossa, como isso era bom...” mas enfim, não era coisa do cotidiano. Que mais, gente? Nossa, que tem posições bem boas assim, sei nem dizer assim, aloka né? (risos) É, mas eu sou muito certinho, certinha que eu digo assim, eu não sou dessas pessoas que fazem coisas loucas, eu acho... sou bem repetitiva. Mas gosto de... é... de estar em cima, geralmente gosto. Ah enfim não sei o que mais, eu sou muito de aceitar coisas assim, propostas. Mas eu tenho uma coisa de oral muito forte, gosto muito. Ah,*

*e peitos também! Peitos, peitos, peitos... nossa gente... Amo bastante. Tem uma coisa também com... que mais, gente... tô com vergonha agora também (risos)*

Alguns de nós preferimos ser conduzidos durante o sexo, nos resulta como algo atraente, sensual e proveitoso que sejamos guiados durante a prática. Outros de nós preferimos conduzir a interação. Já para outros de nós costumamos alternar essas possibilidades durante uma mesma interação ou dependendo do dia e/ou de parceire com quem estamos envolvidos. Isso não quer dizer que sejamos “ativos” ou “passivos”, ou que gostemos ou não de penetrar ou ser penetrados.

### **3.8.1 Masturbação**

Nós podemos ter relações muito diversas com a prática da masturbação. Para alguns de nós é uma prática que faz parte de nosso dia a dia, independente de estarmos em um relacionamento ou não. Para outros é algo que deixamos de praticar ou praticamos com menor frequência quando estamos envolvidos com outra(s) pessoa(s). A frequência com que nos masturbamos também varia de pessoa para pessoa. Alguns de nós nos masturbamos diariamente, uma ou mais vezes por dia, outros nos masturbamos eventualmente, e outros ainda não têm o hábito de se masturbar.

É recorrente entre nós que para alguns a relação com a região genital seja algo delicado e algumas vezes difícil. Pode nos acionar mal-estares relacionados à desidentificação com o que essa parte do corpo pode representar socialmente e/ou para nós mesmos. Podemos sentir dificuldades ou não sentimos vontade de tocar essa região. Outros de nós sentimos também esses incômodos mas, mesmo assim, nos masturbamos com contato direto; outros encontramos formas de nos masturbarmos sem termos contato direto com essa região. Há também aqueles que compreendemos que nossos genitais não dizem nada a respeito de nosso gênero, que não estão intimamente relacionados, e nos relacionamos de maneira tranquila e sem maiores problemas com essa parte de nossos corpos. Muitos de nós encontramos na masturbação uma boa forma de nos conectarmos com nossos corpos, de conhecê-los melhor – tanto com relação a aspectos físicos e fisiológicos como a aspectos mais sensoriais e subjetivos das sensações que nos provocam; e também acompanhar as mudanças que ocorrem quando estamos nos hormonizando – descobrir potencialidades, experimentar estímulos e sensações, descobrindo o que nos agrada e o que não gostamos.

*[Celestino] Faz dois anos que eu me masturbo sem parar véi... todos os dias... mas... eu falava “não vou conseguir sair da cama sem me masturbar... não vou conseguir...” e aí,*

*eu, é tipo véi... é louco isso... mas é isso assim, eu acho que eu sou uma pessoa muito comportada também. Comportada, eu transo bem menos do que as oportunidades que apareceram assim. Não consigo, acho que é muita energia também... e aí eu não dou conta não... (...)Eu acho que eu finalmente estou em bons tempos com as... porque... é... eu não acho que sexo seja uma coisa tão imprescindível. Que é gostoso quando rola mas que também tipo justamente por esse mecanismo maravilhoso que existe [masturbação] não vira tanto uma prioridade com outras pessoas... mas no, eu lembro que nos primeiros meses era tipo incontrolável, olhava pras pessoas assim e... pelo amoor de deus... agora acho que já foi... assentou... mas quando era muito novo véeei, não tinha condição, impossível... e também porque dá pra canalizar essas energias sexuais pra outras coisas também porque como também era uma parada que tipo era meio desconhecida porque tipo eu não entendia porque então era tipo vamo direto pro tesão... mas depois eu descobri que isso pode ser canalizado pra outras coisas pra outras atividades né? Tipo... aloka né? Agora eu vou ficar sapatona mesmo... fazer de outras experiências, uma experiência erótica também né? Tipo sei lá, cozinhar um rango, etc... atividades físicas, sei lá... tipo... acho que to em outros tempos com isso agora, não totalmente uhm... comigo sim, não totalmente com outras pessoas, porque com outras pessoas sempre rola aquela nóia do exótico né? será que... será que... meu corpo tá... às vezes eu tenho a sensação de que falta um entendimento, né? desse corpo que está aqui.*

xxx

*[Taylor] Eu fui uma criança muito precoce, então quando eu tinha sei lá... nove anos eu brincava com a minha prima. Inclusive, teoricamente ela foi o meu primeiro beijo. E a gente brincava de transar e tals... mas... me masturbar, masturbar mesmo eu comecei com uns 11 anos eu acho, uns 12 anos... é... e só com a mão também. Quando eu tive esse relacionamento a distância, eu comecei a explorar mais porque a gente fazia sexo pelo telefone, então... explorei outras coisas tipo, descobrir o travesseiro. Esfregar e tals e me tocava mais. É... é.. hoje eu me toco menos assim... é... me toco menos, tipo, como agora tô tendo relações sexuais isso meio que supriu assim. Às vezes ainda eu me toco mas não com tanta frequência. E continuo só com as mãos, muito mais legal! Risos! Ainda não entendi o rolê dos vegetais assim, chuveirinho... é legal mas...*

*[S] gasta muita água...*

*[T] (Risos) Exatamente.*

xxx

*[Pez] Até tava conversando com as gurias esses tempos e as pessoas com quem tava conversando tem um monte de memórias de quando eram pequenas, pequenos e eu não tenho nenhuma recordação disso, até pensei em perguntar pra minha mãe se ela sabia mas fiquei meio assim (risos) mas não tenho nenhuma recordação e eu não me masturbo, então nenhuma recordação, nem recente nem antiga. A galera sempre quando troco essa ideia dizem que é porque eu não tentei direito, ou sei lá, sou recatada (risos) mas já tinha te dado essa ideia, eu não penso em sexo no meu dia a dia, é uma coisa que não ativo, não tenho o teto de me masturbar mas depois da T comecei a sentir muito tesão do nada, sem nem precisar de algum disparador. Agora deve fazer um mês que comecei a me masturbar de vez em quando, são poucas vezes. Antes até tentava mas achava palha e ia fumar um cigarro. Mas agora teve umas três vezes que foram maneiras. E agora as vezes nem dou conta de fazer o que tenho que fazer no dia, tipo, não consigo me concentrar num livro porque to com muito tesão, então tem rolado.*

xxx

*[Júlio] Foi tranquila [a relação com a masturbação]... descobri sozinho, criança, não sabia o que eu tava fazendo mas era massa, era bem bacana. Aí eu, depois que eu descobri o que que era eu continuei fazendo, eu não tive aquele momento, muita gente que eu conheço teve um momento de alguém falar que era errado. Eu acho que eu tive azar/sorte. Minha família era tão fechada que eles não falaram nem pro bem nem pro mal. A gente não tinha internet, né? então não tinha essa facilidade... porque tinha um computador que todo mundo podia entrar, que ficava na sala né? aí, eu tive um período, quando eu comecei testosterona, que eu comecei a me masturbar uma vez por dia, aí deu uma baixada, quietei o facho um pouco. Eu tive problemas com mudança de anatomia, que tive umas épocas que eu não sabia o que fazer, tipo, não está funcionando, help! Aí eu tive que reaprender a me masturbar. Agora tá rolando. E eu comprei um vibrador, que é tipo um vibrador com uma coisa enorme, eu não comprei o original não que ele é uma fortuna, mas eu comprei um genérico. E aí eu uso ele pras costas também! (Risos)*

xxx

*[Nilton] Porque... essa coisa é interessante é porque eu sempre, eu falo porque isso foi uma sorte, eu fui abençoado pela fada madrinha quando eu tinha seis anos de idade. Porque*

*um dia eu cruzei a perna e comecei a movimentar e eu senti prazer e funcionou e eu gozei. Então eu aprendi a me masturbar só cruzando a perna, então isso foi uma dádiva das deusas pra mim, pra minha vida. Então quando eu queria sentir prazer eu só fazia isso comigo mesmo e tal. E não era uma coisa que eu precisava de colocar a mão, porque eu tinha pavor de colocar a mão, sabe? Era uma coisa que assim, eu não aceitava mesmo. Eu passei a ter aversão e assim, essa aversão pra mim é o seguinte, porque é aquilo que faz com que eu não possa viver plenamente aquilo que eu queria viver, saca? Então assim... uma associação, foi associação a vida inteira, associações, associações então assim quando eu queria fazer era isso que eu fazia quando não tinha ninguém em casa tirava as minhas lá e era maravilhoso, maravilhoso, é maravilhoso até hoje. (...)Fui iluminado pelas deusas quando era criança, conseguia me masturbar só cruzando as pernas. E é uma coisa que eu faço até hoje que eu gosto. Faz pouco. É só depois que eu comecei a me permitir que eu consegui, que a minha parceira fizesse sexo oral e comecei a sentir prazer com isso. Que eu comecei a querer me masturbar me tocando assim. Fiz isso algumas vezes, as vezes faço, mas eu gosto mais desse jeito que eu faço desde pequenininho. Masturbação é vida. É igual tomar um sorvete.*

Os relatos sobre como nos masturbamos abrangem várias técnicas das quais podemos nos valer para provocarmos auto estímulos de prazer sexual, seja utilizando nossas mãos ou outras partes de nossos corpos, ou então utilizando outros objetos, como brinquedos sexuais, legumes, travesseiros e almofadas, chuveirinho de água, etc... Não existem maneiras mais ou menos corretas de nos masturbarmos, e certamente não há nenhuma maneira que seja errada ou ruim, desde que não estejamos causando danos indesejados a nossos corpos. Cada pessoa tem suas formas e técnicas preferidas de masturbação. Alguns estimulamos somente as áreas genitais, frontal ou anal – com ou sem penetração em ambos os casos, e outros preferimos estimular também ou somente, outras partes do corpo. Muitos de nós na medida em que nos hormonizamos, notamos uma necessidade de mudarmos as técnicas que geralmente utilizávamos para nos masturbar de maneira satisfatória, para outros isso não acontece e mantemos as técnicas que já utilizávamos anteriormente. Nossos genitais podem mudar bastante em função da testosterona, e assim podem mudar também as nossas maneiras de nos relacionarmos com essa região de nossos corpos, tanto no que diz respeito à obtenção de prazer sexual como também no que diz respeito à higienização e outros cuidados.

### 3.9 IDENTIFICAÇÕES SEXUAIS

#### 3.9.1 Notas sobre algumas possíveis configurações interesse sexual e relacionamentos

Muitos de nós encontramos algum termo para dizer de nossas identificações e práticas relativas à sexualidade. Outros muitos acreditamos que não existe um termo que nos contemple com relação a nossas práticas e interesses sexo-afetivos. As nossas identificações em termos de gênero não são invalidadas ou tampouco devem ser consideradas como menos ou mais legítimas em função de como nos identificamos em termos de sexualidade, ou do gênero das pessoas com quem nos relacionamos sexo-afetivamente e, tampouco, das práticas sexuais que realizamos ou não. Da mesma forma que nossas identificações de gênero não determinam padrões ou normas que regulem ou restrinjam nossas sexualidades. Nós não temos que corresponder a nenhum tipo de coerência determinada por prerrogativas cisheteronormativas que buscam regular nossas experiências e traçar caminhos específicos para nossas relações com nossos e outros corpos.

*[Celestino] E aí em termos de ai por quem... tipo, chutei o balde assim, descobri também que eu não posso, tipo, que eu não conseguia... foi importante também porque eu acho que eu tinha uma coisa muito genitalizada, e... e... e as minhas práticas eram extremamente genitalizadas, e depois acessei outros pontos de prazer no meu corpo... e outros tipos de, de putaria, que meio que tipo quebraram essa, e era uma coisa minha também, tipo cara, não gosto, e tal... e depois descobri que tem outras mil coisas pra fazer né? e aí tipo meio que... Não consigo dizer tipo ah, sou... gay, viado, sapatona, bi, pan porque é... porque eu não consigo, eu não consigo também, como é que eu vou dizer ah to aqui com uma pessoa que vai se dizer, de repente conheço uma pessoa e ela diz que é não binária e aí velho? Em qual caixinha da sexualidade eu vou dizer que estou me encaixando? E o que que vai dizer que eu tenho atração por essa pessoa ou não? Então eu to começando a achar que todas essas... Acho que eu sou tão pós moderna mesmo! (Risos) É isso mas que teve essa, pra mim teve essa marcação... teve essa... foi um baque assim na verdade, sai com uma, uma mina que seja na rua e tipo... dói entendeu? Porque tipo ser tratado como hétero... até que eu abro a boca aí as pessoas acham que é a amiga viada né?*

xxx

*[Nilton] E aí o que que acontece? Ficar com homem de jeeito nenhum, de jeito nenhum. Porque se eu ficar com um cara eu vou tá dizendo que eu aceito esse corpo, aceito tudo e tal, então assim, eu era assim, formatadinho mesmo. Então uma coisa que eu, que a*

*transição me ajudou muito, porque assim, a transição, a minha transição acabou me levando pra lugares de debates que eu não conhecia. Então assim essa roda dos homens trans que tinha aquilo me ajudou demais. Eu conheci homens trans que não tinham transicionado e namoravam com homens, e conheci vários homens trans.*

Muitas pessoas, independente de suas identificações de gênero e afetividade, se identificam como assexuais. Essa forma de identificação e de vivência da sexualidade também é acionada por muitos de nós transmasculinos. Alguns de nós experienciamos períodos determinados em que nos identificamos como assexuais, para outros essa identificação é algo mais constante em nossas vidas. Alguns de nós não desejamos estar em relações sexo-afetivas, e preferimos estar sozinhos e/ou estabelecendo outros tipos de vínculos relacionais com as pessoas, como por exemplo vínculos de amizade. Outro de nós gostamos ou desejamos constituir relações afetivas, mas a dimensão sexual das relações não é algo que nos desperta interesse. Desse modo, constituímos outras formas de relações afetivas que se baseiam em outros termos, trocas, interesses e atividades. A identificação enquanto assexual não significa que necessariamente não tenhamos ou não nos interessemos em trocar contatos físicos íntimos e afetivos, como carícias, beijos, massagens, dormir ou banhar-se junto a alguém, por exemplo. Podemos configurar diversos tipos de relações íntimas e afetivas satisfatórias com as pessoas, independente de estas se identificarem como assexuais ou não.

Ter relações afetivas com pessoas que não se identificam como assexuais pode tanto funcionar tranquilamente, quanto trazer algumas questões específicas, tratando-se de uma relação monogâmica ou não. Caso não seja uma relação monogâmica, podemos nos sentir vulnerabilizados ou de certa forma ameaçados, acreditando que o fato de não nos interessarmos por práticas sexuais pode nos colocar em desvantagem com relação a outras relações que nosso companheiro possa ter. Caso a relação seja monogâmica, algumas questões podem girar em torno da gestão dos interesses e necessidades de cada pessoa nessa relação.

Alguns de nós, ainda que nos identifiquemos como assexuais, vez ou outra praticamos sexo. Mas nos identificamos enquanto tal, pois os envolvimento sexuais não se configuram como algo que habite nossas mentes, que nos desperte interesse, ou mesmo que não faça parte de nossa vida cotidiana. Essa identificação sexual é tão válida quanto outras e, assim como nenhuma outra, não interfere necessariamente em nada que diga respeito à forma com que nos identificamos e expressamos em termos de gênero. A transição ou readequação de gênero pode ou não modificar a relação que temos com o sexo e a sexualidade, não existe uma



conexão causal entre esses âmbitos, sendo assim, esses processos podem se dar de forma diferente para cada pessoa.

*[Ronei] Fui muito tempo assexual e eu acho que isso, como toda privação, a gente aprende muito. Quando você, seja assim, deixar de comer carne, por ex, ou deixar de beber né? Sou uma pessoa que também não bebe. Tu vê de fora né? Aí tu vê como todos os espaços que você vai todo mundo bebe, ou que todo mundo come carne, e tu vê de fora aí tu vê onde que tá tudo aquilo, o que que gera tudo aquilo, pra onde que leva, saca? O lance com o sexo foi muito assim pra mim. De parar de transar e ver de fora né. Muitos anos que eu vivi sem masturbar, sem relação comigo mesmo, sexo não existia. Aí bom, libido, testosterona, libido, sexo, ponto. (Risos) Pronto, tem tesão fisiológico. Precisa comer, precisa dormir, precisa cagar, precisa trepar, é fisiológico, sacou? Isso é outra coisa né, que aí cê vai fazer o que?*

*[Ronei] [C]omo que eu me relaciono agora, eu quase não me relaciono, quase não busco isso, aprendi a não buscar isso, parou de ser tão importante na medida que parou de eu precisar disso pra mim e passou a eu querer tá com as pessoas que eu admiro e querer construir outras coisas, querer construir projetos junto. Ah, vamo fazer uma viagem junto, vamo fazer um fanzine junto, vamo dar um rolê, vamo se encontrar, assim momentos, né? Sabe? Viver mais assim. Minhas relações mudaram nesse sentido também.*

xxx

*[Pez] Eu não tenho muito essa pira de sexo. É por isso também que quando tu pergunta, as duas primeiras perguntas... a primeira era sobre orientação sexual e a segunda sobre desejo, não sei muito como responder porque é uma coisa que atravessa minha vida muito pouco e eu sei que existem possibilidades de resposta a partir disso pra essas duas perguntas, mas sei lá... Eu não sinto vontade de transar na minha vida, e daí o rolê de sexo sempre foi muito fazer o que as pessoas queriam fazer. E isso não é necessariamente uma coisa horrível, me sinto muito mal quando comento isso com as pessoas e elas ficam “nossa, coitada! Não consegue investigar os seus desejos” sei lá, existe uma possibilidade aí... existem inúmeras coisas que não curto mas ao mesmo tempo não tenho um discurso sobre o que curto. Acho que falta falar sobre isso porque acho talvez que não tenha mesmo investigado suficiente... Essas coisas parecem meio difíceis de responder. E não é que não goste de transar, só não é uma coisa que me importe tanto. Esse rolê, eu não me masturbo, então isso não existe muito na minha vida pra além das pessoas com quem eu tô, sabe? Então, depende muito delas e isso não me parece – por mais que as pessoas achem ou digam*

– não me parece ruim gostar de fazer o que as pessoas gostam de fazer. É que eu tenho outras piras, coisas que nem vão contribuir pro teu trampo mas (risos), eu sempre tô numa pira de tá filmando as coisas com os olhos, quando tô transando tenho esse teto, prestar atenção na maneira como a pinta tá mexendo a mão, a maneira como a luz tá no quarto e isso talvez não seja uma resposta sobre as coisas que gosto de fazer

[S] Claro que é, viado!

[P] E é muito massa, as pessoas com quem me relacionei mais de perto é uma pira que compartilho, não é só eu transar do jeito que a pessoa gosta mas também tem uma parte minha de gostar disso que não tá no meu clitóris mas que tá em outro lugar e existe pra mim. É um teto falar sobre isso, eu não falo muito sobre isso, não sei como falar... sempre que as pessoas tão conversando sobre sexo não é desse jeito que tão falando e daí eu não falo.

### 3.9.2 Por quem nos atraímos

É bastante comum que, ao realizarmos nossos trânsitos de gênero em direção a experiências de transmasculinidades, notemos que se sucedem uma série de mudanças e rearranjos de diversas ordens. Esses processos nos levam a muitas descobertas sobre nós mesmos e sobre novas possibilidades que se abrem para nós, e muitas vezes nossos interesses sexuais e afetivos também se transformam. A respeito da sexualidade, é comum que passemos a considerar certas práticas que antes não nos despertavam interesse, e/ou que pensávamos que jamais faríamos, assim como novas possibilidades de direcionamentos de desejos por pessoas pelas quais não nos interessávamos anteriormente. As transformações que atravessam nossos corpos e subjetividades também mudam de lugar a forma como somos interpretados por outres (e como somos reinterpretados por nós mesmas), nossos trânsitos no mundo regulado pela cisheteronorma, trazendo implicações diretas para nossas vidas. De modo que, se antes éramos lidos como lésbicas em uma relação lésbica, por exemplo, podemos passar a ser lidos como homens em uma relação heterossexual. Ou se nos relacionamos com homens e éramos lidos como mulheres em uma relação heterossexual, passaremos possivelmente a ser lidos como homens em uma relação homossexual.

[Celestino] Não consigo mais, esse negócio estragou tudo, não consigo mais [definir uma categoria de identificação sexual](...) Eu achava, é... e também como eu te falei, esse corpo né da sapatão, da pessoa que tá sempre fugindo à norma, como tava era muito marcado, né? Cê sai na rua e leva o xingão né? “Ah, sapatão, que não sei o que!” E...

*acabou virando também muito importante pra mim... me..me afirmar politicamente né, como lésbica, na época. E como a gente falou ontem, da estrelinha dourada [risos], é isso mesmo, eu tinha... eu acredito que... eu tinha atração por sapatona né? quase nunca ficava com sapatona né? porque tipo... ou com mulheres heterossexuais geralmente que foram os... os drama da vida né? e aí... tinha... e aí... hoje em dia eu chutei o balde assim de. (...) Se eu estou com um boy é aquele lugar do viado que eu nunca tinha, é... realmente estado, é... não recebia essa marcação né? É tipo como se tivesse saído do caminhão pra bicha... e quando eu estou com, com pessoas que tem uma apresentação também cis mulher é uma sensação, é uma coisa muito louca porque o que rola o privilégio muito que eu nunca tive, de poder andar ou tipo demonstrar afeto publicamente sem nenhum problema né? e isso pra mim tá muito louco porque no fundo só não tem nenhum problema porque tá... tá passando.*

xxx

*[Rubens] [O desejo] era bem [por] mina cis mesmo, bem feminino mesmo, (...) bem minas mais... Aí passou o tempo, uma coisa de, mais um role sapatão caminhoneira, boy, que era mais como eu tava, então rolava um espelhamento muito estranho assim... e ao mesmo tempo eu acho que meio isso também. E ao mesmo tempo passei um tempo, tipo... fiquei um tempo com uma trans daqui, que era uma amiga, que é uma amiga mas hoje em dia distanciou um pouco, mas um role bem rápido assim... a gente nem chegou a trepar nem nada assim, foi bem suave, foi mais ficar, era só de leve assim. Mas.... E hoje eu tenho me atraído muito pelas bichas assim. (...)Mas enfim, todos os meus relacionamentos, namoros foram com sapatão mesmo, cis...E é o que eu ainda tenho ficado mesmo assim, com as minas... mas hoje tem, vários corre assim... mais, mais boy talvez, não sei, tem uma certa masculinidade assim que tem me atraído mais, principalmente quando é um trans e sei lá... mulheres trans que ainda, não, que ainda, mas que tem uma certa masculinidade*

*[Sofi em entrevista com Rubens] Mas tipo... eu não tenho muita, muita... eu não fico com boy cis hétero assim, não é o meu role. Tipo é uma galera que definitivamente não me interessa assim, não faz parte do meu (...) do meu leque de possibilidades, não faz parte do meu, assim. Mas... tipo, é isso eu não tenho nenhuma restrição de gênero, sexualidade, além dessa assim. Mas... é isso eu acho que eu não me interesso assim por minas muito femininas assim... tipo, tipo... lésbicas assim... as lésbicas não são meu rolê. Tipo, as sapatonas femininas sim, mas tem diferença das sapatão femininas pras lésbicas assim... rola meio tipo é isso, eu não tenho em geral, não me interesso muito assim. Mas... é isso eu tenho uma coisa mais forte assim com... com... masculinidades bichas, transviadas assim, masculinidades*

*sapatonas, são tipo rolês que eu gosto muito assim de investigar, me relacionar, enfim... sei lá...*

xxx

Muitos de nós, seja quando nos identificávamos ou éramos lidos como sapatão masculino ou após a transidentificação, sentimos atração por outras pessoas que expressam performances de gênero em um espectro de masculinidades não cisgêneras e se identificam como lésbicas masculinas, sapatões, caminhoneiros, etc. Muitas vezes, nossos interesses são correspondidos, mas é também bastante comum que tenhamos experienciado uma espécie de rejeição ou recusa que muitas vezes se baseiam em uma construção de que relações entre duas pessoas masculinas não é algo desejável, e muitas vezes essas pessoas interessam-se apenas por lésbicas e bissexuais femininas. A ideia de que a construção do desejo deve acontecer de maneira a reiterar a complementaridade entre masculinidade e feminilidade, ou entre os papéis de ativo e passivo – normalmente associados a expressões de gênero, é algo que faz parte das dinâmicas de interação e produção de desejo entre lésbicas e sapatões e/ou transmasculinos.

*[Pez] [E]u tenho o teto de que... eu gosto de caminhão e é um teto porque essas pessoas nunca se sentem atraídas por mim (risos) mas eu tento fazer muito esse trampo de ir soltando essas durezas do desejo...*

xxx

*[Julio] [N]ormalmente me atraio por pessoas com outras expressões de gênero [diferentes do padrão binário] e pessoas femininas. Tanto homens quanto mulheres. Os caras muito masculinões assim não me atraem muito. E... as meninas até que eu gosto, das meninas menos... mais fora da norma assim. Aí acaba rolando uma coisa contrária assim... As sapatão geralmente não gostam de homem trans, não gostam de mim. Mas, os caras particularmente eu prefiro os que tão mais afastados do padrão hétero assim...*

xxx

*[Taylor] Sim... eu... sei lá eu sou uma pessoa que se ajusta, entendeu? Eu tenho uma tendência a me... a ceder... então se... sei lá, já... deixei de fazer coisas por causa de, da pessoa com quem eu tava. Coisas relacionadas a minha... minha identificação, tipo, no começo eu... eu tive muita resistência em me identificar como pessoa não binária,*

*transmasculina, porque a pessoa com quem eu me relacionava não me aceitava dessa forma, então eu... é... neguei isso e.. ignorei, lutei contra isso por muito tempo, porque... ela me colocou num ponto de que ou você é do jeito que eu quero que você seja ou não vai existir a gente, entendeu? Então me afeta. Mas eu acho que isso também tá relacionado a auto estima... e tal. É... Acho que não, mas tipo, é... é acho que não. Eu tô pensando aqui tipo, antes eu tinha na cabeça que a minha masculinidade tava diretamente relacionada a eu ser ativa, todo o tempo. Então eu tô nesse processo de... tipo de me permitir vivenciar minhas relações sexuais de outras formas. Pra além de ser ativa. Talvez isso tenha, isso tenha a transexualidade tenha impactado de alguma forma porque... é... sei lá, eu vi que as relações eram pra além disso, ou de ser ativo ou de ser só passivo.*

*[S] Como que foi esse negócio, desse giro assim que cê deu?*

*[T] Porque eu... tinha essa coisa de que tipo, sei lá, entre as lésbicas masculinas tinha uma, sei lá rolava muito isso, pelo menos no meu ciclo de amizade de... ser ativona e tals. E... e aí eu só fui ter a minha primeira relação ano passado, e.. com a minha namorada. Eu me relacionei só com ela, sexualmente. E... e ela também tinha isso de só... ser passiva. Então... porque as outras parceiras dela só colocavam ela nessa posição. Então... foi uma coisa, tem sido uma coisa de aprendizado das duas, de tipo, de se permitir outras coisas, outras posições, outras formas de relacionar. É... é... tipo de, de, de sair dessa pira de “nossa, hoje eu fui muito passiva.” É... porque é questão é só a parte de ser passiva né, porque se eu for ativa o tempo inteiro não tem essa pira. Mas se eu for só passiva, nossa fui só passiva hoje... mas tá sendo... legal. Tá sendo tranquilo. Mas é uma desconstrução.*

xxx

*[Ronei] Falando dos meus desejos assim, eu sinto interesse sexual pela, por corpos lésbicos, por corpos dissidentes de uma forma geral, pelos meninos trans que tem esse alívio né? que eu tinha te falado. E... aí do plano de quem me deseja, eu vejo que tem, cara uma coisa muito louca assim, que as meninas hétero né? começam com esse desejo, que é uma coisa assim que não existia, não existia assim. Eu não era uma pessoa que chamava atenção de minas hétero saca? E aí vem com já várias expectativas, várias projeções, que todo mundo tá sempre projetando coisas nos outros né? A gente tá sempre fazendo isso... Que é uma parada que eu também não me envolvi, nunca fui, não me interessa né? essa, esse padrão, tem corpos que não me interessam. Os corpos das meninas hétero não me interessam, não me geram nada, saca? Nunca aconteceu pelo menos deu falar “nooossa, essa mina, tal...” E*

*também e dos corpos que me desejam também que supera, que foi uma surpresa, é as bicha, né? Que é um universo véeei, que eu não manejo esse universo, que é muito louco. Assim, vejo muito pornô de bicha, acho bafo, masturbo, tá tudo bem, agora assim, não sinto prazer, não sinto desejo pelas bicha, sacou? Não sinto vontade de beijar uma bicha, de chegar numa bicha, e elas tem chegado muito e é... aquele universo delas né? Que é o oposto do das sapas, é oposto! oposto radical quase né? (Risos)*

.xxx

No dia em que me encontrei com Ronei e realizamos nossa entrevista, fomos antes dar uma volta na praia, onde conversamos, dentre outros assuntos, sobre nossas vidas e processos trans. Nessa ocasião, comentei com ele que eu não entendia muito e que me gerava certo incômodo a necessidade de muitos homens trans se apresentarem enquanto heterossexuais. Eu entendia isso apenas como uma forma de afirmação de uma masculinidade, e muitas vezes com traços de homofobia. Ronei então me disse de uma dimensão para a qual eu ainda não havia me atentado: de que identificar-se como homem trans heterossexual configuraria como uma estratégia para diferenciar essa posição de uma possível leitura enquanto lésbica masculina em uma relação lésbica. Ou seja, como uma estratégia que busca marcar e reforçar e, em certa medida legitimar, a identificação de gênero da pessoa, muitas vezes socialmente desrespeitada. Trata-se então de uma estratégia que muitas vezes busca dizer mais do local de gênero no qual esse corpo se localiza do que propriamente da identificação em termos de sexualidade, ou da reivindicação da heterossexualidade como algo definidor daquela experiência. As categorias de identificação sexual que acionamos, quando acionamos, podem muitas das vezes associadas a outras questões. É recorrente que muitos de nós acionemos a categoria de heterossexual, por exemplo, como uma forma estratégica de demarcarmos nossa identificação de gênero, para que não sejamos lidos como uma lésbica masculina e/ou como um casal lésbico em contextos em que nossas identificações são [cis]tematicamente negadas.

Alguns de nós definimos nossas práticas como heterossexuais, por estarmos envolvidos no momento com mulheres cis ou trans, entendendo que isso pode mudar caso não estejamos mais com estas parceiras; outros nos valem dessa categoria como forma de identificação sexual e nos orientamos a partir dela, compreendendo que nosso desejo de envolvimentos sexuais-afetivos só se direcionam a mulheres trans ou cis. Há também aqueles de nós que eventualmente utilizamos essa categoria como recurso estratégico para evitarmos maiores dificuldades para obtenção de laudos e/ou consultas médicas. Muitas vezes nos

parece que, se correspondermos a essa expectativa normativa, embora tenhamos outras práticas de fato, encontraremos menos percalços para atingirmos nossos objetivos.

*[Nilton] Se for considerar... práticas, no momento estou hétero. Se considerar práticas, né? Mas se for considerar possibilidades eu prefiro dizer que sou neutro (...) senão eu vou ter que dizer categorias aqui então prefiro dizer que sou neutro que abrange todas.*

xxx

*[Ronei] Uma coisa que eu sei que eu não sou é hétero, né? Isso eu sempre soube que eu não sou. Nunca falei essa frase. Falei uma vez essa frase numa endocrinologista que eu achei que precisava falar isso, que ela me perguntou. Endocrinologista cê vê, eu com o laudo lá não tem nada que ficar perguntando (...) tinha que me perguntar dos meus hormônios, do meu hemograma, dos meus órgãos, aí me perguntou se eu era transexual. Porque eu tava vestido, porque eu não passo muito de homem, eu achei que não tava passando de homem eu não falava muito no masculino então eu dei um deslize lá... falei no feminino aí ela me perguntou isso aí eu falei, não, agora eu preciso comprovar que sou homem trans, preciso falar que eu sou hétero. Foi a única vez na minha vida que falei “ah, sou hétero”. Saiu tudo torto da minha boca.... E depois ela ainda falou assim que tem uns meninos trans que são homossexuais, eu falei “puta, se eu soubesse que eu podia responder isso, preferia” saca? (Risos)*

Quando conversamos ou somos questionados sobre nossas identificações sexuais, é recorrente que consideremos que nossos desejos sexo-afetivos a respeito de outras pessoas não se adequam a nenhuma categoria que conhecemos. Algumas vezes acionamos diferentes categorias e/ou combinações de categorias, simultaneamente ou com alguma variabilidade conforme a ocasião. Alguns de nós acionamos as categorias de bissexualidade e pansexualidade como termos guarda-chuva, que para muitos diz respeito à atração e desejo por pessoas independentemente de sua identificação e performatividade de gênero, ou por um amplo espectro de pessoas masculinas e femininas. Muitos de nós observamos também que nossas práticas sexuais, envolvimento sexo-afetivos, e formas de identificação de sexualidade passaram por diferentes caminhos e configurações. E essas mudanças podem continuar acontecendo ao longo de nossas vidas. Faz parte desse processo correspondermos a nossos desejos e afetos, que podem nos levar a diferentes configurações e experiências de sexualidade.

*[Francisco] Assim, eu tive essa experiência lésbica, totalmente lésbica a minha vivência, aí eu tive uma fase que eu me considerava bissexual, apesar de ficar mais com mulheres do que com homens mas eu ficava com homens também e gostava. só que aí, quando eu cheguei nessa questão da identidade trans... quê que eu percebo? Enquanto eu tava nessa reivindicação do homem trans eu tava sendo heterossexual em grande parte, e aí tive duas experiências gays nesse momento. Só que quando eu me percebi pessoa, igual ao que eu tava falando no início, eu acho que essa coisa da sexualidade, desses rótulos também da sexualidade, pra mim todos eles caíram. Porque não faz sentido dizer que eu sou ou lésbica ou gay, ou bi ou hétero... talvez o pansexual é o que mais me contemple... mas não faz sentido você quebrar um binarismo enquanto a sua identidade e perceber a outra pessoa que você sente desejo nesse binarismo. Então, hoje as minhas relações também eu percebo que são construídas mais nesse lugar de atração pela pessoa, independente da identidade de gênero, independente também de tudo dela. Não faço recorte do órgão sexual, até porque seria bem contraditório. Já tive experiências com homens trans, travestis, mulheres e homens cis, apesar de eu ter minhas preferências também. Não vou negar que enquanto aquela primeira olhada o meu desejo grita mais nas feminilidades do que masculinidades, mas quando chega nesse lugar de conhecer a pessoa e poder trocar uma ideia, de uma troca de energia né? de gostos e aí... eu acho que isso também não importa, e o meu desejo surge mais dessa empatia pela pessoa, pelo que ela é, pelo que ela fala, pelo que ela faz do que por qualquer outra coisa. mas a minha experiência enquanto sapatão também foi muito importante pra minha percepção chegar nesse lugar que ela tá hoje, acho que ela não estaria se eu não tivesse passado por isso. Mas eu não consigo ter uma associação tão concreta pra te dizer..acho que foi tudo apenas a minha caminhada até chegar agora e que pode mudar muito também porque amanhã eu não sei.*

xxx

*[Júlio] Ultimamente eu to me identificando como bi/pan. Bissexual que eu considero como um termo guarda chuva também. E porque, ah porque eu me identifico como pan, eu acho que precisa de visibilidade mas também gosto de lembrar as pessoas... e tem a definição também de atrair, de apesar do gênero, que eu me identifico também. Tem uma, uma das definições de pansexualidade é que você interessa apesar do gênero, você interessa pelas pessoas e não faz tanta diferença o gênero. Por exemplo, gosto de femininas mas não faz diferença o gênero. E aí eu me identifico com essa pansexualidade.*

xxx



*[Ronei] Que até porque também não tem muita categoria né? Uma coisa que eu converso muito com meus amigos trans, né? Que muitos amigos trans se dizem bissexuais, a maioria eu acho dos meus amigos, se dizem bissexuais. Eu sou bissexual porque se eu sou trans, aí eu não sou lésbica, e eu não sou viado, só posso ser bissexual, se eu fico com mina trans, se eu fico com lésbica...*

A respeito das interações sexo-afetivas com homens gays cis muitos de nós relatamos que essas experiências sofrem um forte atravessamento de uma cultura falocêntrica destes. São recorrentes os relatos de que ao saberem de nosso status trans somos rejeitados ou exotizados, conforme discutido no tópico sobre exotização dos corpos trans. Muitas vezes as rejeições vêm acompanhadas de comentários como “procuro/me relaciono somente com homens de verdade”, ou “eu gosto de homem com pau”, dentre outros. Entretanto alguns de nós já experienciamos relações com homens gays cis positivas, em que nossos corpos e identificações foram respeitados e nos sentimos desejados como somos. Esses relatos são expressivamente menos recorrentes que aqueles que apontam dinâmicas abusivas, misóginas, cisnormativas e falocêntricas destes com relação a nós.

Já uma parte nós relatamos que as dinâmicas de interações sexo-afetivas entre pessoas transmasculinas tendem a ser menos violentas. Aqueles de nós que nos identificamos como gays, viados, transviados, pansexuais, etc, e produzimos desde nossos corpos e especificidades da experiência transmasculina outros lugares de existência bicha, com dinâmicas próprias que passam muitas vezes pela masculinidade afeminada, mas que, em geral, são expressivamente menos marcadas por aquelas dinâmicas perpetuadoras de opressões [cis]têmicas e machistas anteriormente citadas.

*[Ronei] As bicha chega, passa a mão, que eu não, passa a mão já bem agarrando não sei o que, que é uma invasão escrota... esse universo aí, não, não... não me sinto bem, não vou em balada de bicha. Que você sabe que Florianópolis é lugar de turismo gay, né? Então tem muito viado, o tempo todo os viado tão dando em cima, tão passando a mão, perseguindo. De bike no meu bairro, parou uma bicha, no meu bairro tem as travestis também, que são amigas minhas, já falaram muito disso que a galera fica muito em cima, muito assédio assim né? Aí uma vez parou um carro pra mim assim um cara me perguntando qualquer merda assim... onde é que fica tal rua, com um sorriso na cara, quando eu olhei ele tá com o pinto de fora se masturbando, sacou? Me convidando pra ir ficar com ele, sacou? Assim, bi-zar-ro, bicha. Isso quando eu era mulher não acontecia comigo, os homens não me olhavam na rua, não falavam comigo, sacou? Tinha uma repulsa, que repelia assim, era tipo*

*fantasmas, que tu sabe que tá lá aquelas presenças, são fantasmas, cês tão habitando o mesmo espaço físico mas o bicho não tá lá, sacou? E aí esse encontro é muito bizarro, véi... esse mundo dos homens assim essa coisa das bichas, não me atrai, me sinto bem incomodado, não gosto... Que é bem diferente dos homens trans, que é outro approach, sacou? Que é uma viadagem outra, sacou? Não é uma lesbiandade, não é uma viadagem, é uma outra coisa (risos). Muito esquisito. Mas é isso assim os meus desejos, quem me deseja, de onde que eu tô. Não sou mais aquela lésbica que eu era, que aí podia sim, que chegava tudo bem e as mina ficava afim, não é esse corpo também (risos) é bem outro lugar.*

xxx

As relações entre as transmasculinidades e as lesbianidades em geral envolvem processos de rupturas de continuidades e tensão de limites entre essas duas experiências. Muitos de nós fomos lidos como lésbicas ou nos identificamos enquanto tal durante certo período de nossas vidas, certamente isso não é uma regra geral ou tampouco uma condição da experiência trans. Alguns de nós nunca nos identificamos enquanto tal e não passamos por essa experiência antes da transidentificação. Mas para aqueles de nós que tivemos trajetórias que de alguma forma passaram pela lesbianidade, as rupturas com esses ciclos de sociabilidade, articulação política e envolvimento sexo-afetivos muitas vezes constituem-se como quebras violentas que nos afetam/afetaram de diversas formas. Conforme já tratado no capítulo anterior, a identificação com a masculinidade é lida por muitas lésbicas (bem como por algumas perspectivas feministas) como necessariamente uma identificação com as masculinidades hegemônicas cisgêneras, sendo interpretada por muitas como uma forma de traição e/ou apropriação ilegítima de algo que é visto somente como um mecanismo opressor. Nossos trânsitos nesses espaços geralmente passam a ser censurados e deslegitimados, nossos corpos e presenças tornam-se indesejáveis. E quando acontece algum tipo de “aceitabilidade”, os argumentos que a sustentam em geral se baseiam em uma leitura de nossos corpos e existências como lésbicas extremamente masculinizadas, ou como pessoas que foram socializadas como mulheres. Essa perspectiva cisnormativa advinda de lésbicas que se identificam como mulheres e, na maioria das vezes, desconhecem completamente os processos de socialização que experienciamos como pessoas não cisgêneras, que tivemos nossas vidas e trajetórias marcadas por processos violentos de normatização de nossos corpos e subjetividades. Esse desconhecimento e as pressuposições, que nos são constantemente projetados, ignoram os dispositivos de poder produtores da cisnormatividade, seus impactos em nossas trajetórias de vida, e nossas estratégias de resistência a esses enquadramentos e

subversão daquilo que tentaram fazer conosco. Trocando em miúdos, ignoram ou reiteram os processos de deslegitimação e retirada de autonomia de nós sobre nós mesmas e nossos corpos, assim como nossos processos de retomada de nossas vidas e corpos, e o que fazemos e como resistimos ao que tentaram fazer de nós a partir de prescrições cisheteronormativas.

*[Ronei] É.... eu não sou mais um corpo lésbico. Um corpo que inspira desejo em lésbicas, eu sou um corpo que se inspira desejo em lésbica é muito complexo e é muito problemático, é muito difícil a relação com as lésbicas. Aquela coisa que eu tava te falando já né? Do que que você representa, né? Que você, sei lá, eu acho que esse separatismo lésbico que vem do separatismo não queremos homens, os homens nanana, os homens são uma bosta nananananana, né? Eu era muito desse rolê. Que afeta as relações políticas e afetivas com as mulheres trans e com os homens trans. Só que aí (...) em alguns roles separatistas, Argentina, Brasil, querem ser mais inclusivos com os homens trans, no sentido que foi socializado como mulher que, que meu cu! que pessoa cis sabe como pessoa trans foi socializada, né? Meu cu! Porque assim muito menino trans, de criança com cinco anos na escola pensavam que era um menino, um viado, um menino perto da mãe com o tênis da barbie é um viado. Então imagina uma “menina” de cinco, uma menina entre aspas, cinco anos que todo mundo na sala xinga ele de viado. Isso não é uma socialização de mulher, sacou? Então meu cu pras cis que acham que sabem como todo mundo foi criado nesse mundo. [...] O que acontece é que as nossas histórias não foram contadas em lugar nenhum então ninguém sabe como que a gente viveu, como que a gente cresceu, é... ninguém sabe, e é por isso que tem que contar mais, fazer mais coisa, produzir mais coisa, né?*

*[Ronei] Mas... essas rupturas assim, tem, tem super despertencimento e uma super dificuldade assim, de tá nos roles lésbicos por causa disso assim, que minha voz representa coisas que são opressoras. Aí as palavras que eu uso, que eu usava quando lésbica, éé, aquela que eu tava te falando de falar sobre sexo que a gente sempre quer fazer piada de sexo, entre as lésbicas é muito né? Se afetar pela prática sexual de um jeito mais leve até né? Não tem essa carga até, um amor, nanana, é tipo poder falar mais sobre masturbação por exemplo. Que a partir do momento que você sai um pouco, que você entra um pouco na matriz do, de que parece, no repertório imagético vamos dizer assim, da masculinidade aí fica, aí fica tosco, fica vulgar, fica escroto. É um macho falando do pinto dele, sei lá, saca? Uma coisa assim... isso aí sua experiência tem em todo lugar ninguém, não é pra você falar de sexo não, só pode, sabe? Tudo entra naquele registro do macho que só quer trepar, e aí fudeu, aí não tem lugar pra falar também, sobre isso. Ou pra praticar até, saca? Como muito*

*a minha cabeça com isso, eu inclusive conversando com meus amigos tal eu, uma coisa que eu tenho sentido muita dificuldade de ficar com lésbica saca? Tipo, porque eu sinto que ou elas me veem como lésbica e não veem a diferença brutal, o abismo mesmo que existe entre a gente né, que a gente é diferente, tudo bem...por mim tudo bem, saca? [risos] Só que não tem ninguém mais reconhecendo isso né? Ou então que é tipo, meu cê é um macho de merda, já era, aí tu tem que ficar frito. Aí muitas vezes eu me vejo muito auto consciente o tempo todo. Vou ficar com uma mina, véi, aí se encostar nela e ela não sei o que e ela não quiser e não sei que vai ser muito mega invasivo que eu sou opressor o caralho a quatro. Aí tipo assim na cama, se eu tô, se eu tô sei lá, se eu fico em cima da mina aí eu já começo, nossa isso pode, né...significar várias merdas, meu, porque a gente tá numa cultura...quem sou eu pra falar que, né, que esse repertório que foi criado 500 anos atrás não existe. Vou desconstruir. Eu não tenho esse poder, eu não sou deus [risos]. Meninas já passaram estupro, nanana, um roçar de pele de pelo facial de rosto na barba já é um trigger de estupro sacou? Quem sou eu pra falar não, não sinta isso, porque eu sou trans, saca? Eu não acho que eu tenho esse poder, mesmo... adoraria... As pessoas que estão mais abertas a ver essa diferença são poucas, a sentir essa diferença, saca? São poucas. E eu não tou muito disposto a ficar vendo o que que vai dar, saca? Então assim, tenho preferido me envolver afetivamente com pessoas trans.*

*[Nilton] Olha o lance é o seguinte, é muito claro que esse desconforto que a gente tem, essa coisa toda, vem dessa demarcação, vem dela. Essa proibição, esse encaixotamento, vem disso. Mas a partir do momento que veio, a partir do momento que gera, a gente não pode condenar uma pessoa que quer passar pela transição. Saca? Tipo assim, tá, é muito válido, tem que esparrar isso mesmo, são normas, são demarcações, são violências, fazem isso sim, mas, mas eu quero transitar, pronto, vai.*

### **3.10 Sexo Seguro**

A saúde e segurança sexual de pessoas transmasculinas, sapatões e lésbicas, é um tema cercado de muita desinformação, falta de interesse e investimentos tanto dos setores de saúde pública, como de médicos, e boa parte de militantes e movimentos sociais. É muito difícil, para não dizer impossível, encontrar informações qualificadas sobre o tema, e mais ainda informar-se a respeito de técnicas e formas de prevenção de ISTs (infecções sexualmente transmissíveis) e HIV/AIDS específicas para essa parte da população. O acesso à algumas informações básicas podem reduzir os riscos de contágio de ISTs, e também os riscos de gravidez indesejada. Com relação à gravidez, observamos também uma séria invisibilização

dos corpos transmasculinos como corpos engravidáveis, seja essa gravidez desejada ou não. No caso de gravidez indesejada, existe um outro fator de invisibilidade que diz respeito à produção de material informativo sobre prevenção e/ou aborto, que são sempre feitos por e para mulheres cis, ignorando completamente a possibilidade de pessoas que não somos mulheres, engravidarem. O que seguramente dificulta, e em muitos casos impede, que essas informações atinjam a todos os corpos que têm a possibilidade de engravidar.

Muitos de nós temos dificuldades ou nos negamos a buscar atendimento médico mesmo quando sentimos que seria necessário em função de uma série de violações às quais nos expõem nessas situações. O acesso à saúde sexual e integral é algo extremamente precarizado no contexto brasileiro, tanto em função do desinteresse e da não capacitação da maioria dos profissionais da área de saúde como de uma série de transfobias institucionais às quais precisamos nos sujeitar para acessar um atendimento médico.<sup>42</sup>

Por sexo seguro podemos compreender que sejam aquelas práticas sexuais em que minimizamos os riscos, sejam eles de contágio de ISTs e HIV/AIDS, de que tenhamos uma gravidez indesejada, ou de quaisquer possíveis danos a nossa integridade física e mental. Nós devemos decidir como, o quanto e a quais tipos de riscos estamos dispostos a nos expor e a nossos parceiros. Isso pode variar em função do momento em que nos encontramos, da situação e/ou dos parceiros com quem nos envolveremos nas práticas sexuais. Para tanto é importante que nos informemos sobre esses riscos e sobre as possibilidades existentes de minimizá-los, para assim tomarmos decisões mais conscientes sobre nossos atos e suas possíveis derivações. Deste modo podemos cuidar de nossa saúde e da saúde das pessoas com quem nos envolvemos sexo-afetivamente. (Erickson-Schroth, 2014, p.501)

*[Rubens] Não... nunca... só com uma bicha, que a gente tentou trepar uma vez mas aí rolou camisinha mas nem rolou assim, mesmo nada assim... mas eu nunca usei. Eu sou bem desleixada assim nesse lugar... não sei também, nunca tive esse hábito mas de vez em quando eu faço exame, né? Mas preventivo não. E tu?*

*[S] E eu... é tipo, eu uso assim tipo nos brinquedos assim, nos vibradores.*

*[R] ah sim, camisinha sim.*

---

<sup>42</sup> Para um maior detalhamento analítico a respeito do acesso à saúde por homens trans e pessoas transmasculinas ver Relatório de pesquisa do projeto Transexualidade e saúde pública no Brasil: Entre a invisibilidade e a demanda por políticas públicas para Homens Trans, publicado em 2015, realizado por uma parceria entre Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (NUH-UFMG) Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA-UFMG). Disponível em: <http://www.nuhufmg.com.br/homens-trans-relatorio2.pdf>

[S] *É. uso sempre, tanto quando eu uso só comigo como quando eu uso com outras pessoas assim. Mas, é... tipo em algumas situações assim, meio tipo... experimentais assim já usei algumas coisas, mas... no geral assim eu não uso não. Tipo quando rola algum rolê com o uma mina trans ou uma bicha cis aí sim eu uso camisinha assim. Mas tipo no geral, com as pessoas com buceta, eu não costumo usar nada assim. Rola isso... já peguei várias bucetites, né?*

xxx

[Taylor] *Eu uso camisinha com frequência. Quando eu vou fazer sexo anal e às vezes penetração vaginal. E... quando eu uso o dildo também eu uso camisinha. E... é de proteção assim é isso. Eu não faço.. eu não uso anticoncepcional nem nada... minha namorada usa, não pra não engravidar. É... por questões pra regular menstruação mesmo. É... e como eu comecei minha vida sexual ano passado. Quando, antes de começar eu fui na ginecologista e conversei com ela e aí ela me instruiu a voltar lá esse ano pra fazer os exames de prevenção, de câncer de colo de útero. Então... eu... fevereiro vou na ginecologista pra fazer esses exames de prevenção. Isso.*

xxx

[Júlio] *Eu uso camisinha com com os, com os dildos que eu tenho, acaba que mais por questão de higiene que por outras coisas. Eu uso com minha namorada e a gente não tá trepando com outras pessoas no momento. E só ultimamente. É... quando se a gente for se envolver com outras pessoas eu e minha namorada vamos discutir proteção, e como vão ser as regras... pra gravidez eu nunca usei porque eu não precisei.*

[S] *Mas é isso comigo começou a rolar essa coisa de começar a me relacionar mais com a bichas mas eu também acho muito difícil por causa desse rolê do pintocentrismo assim das bicha, que é muito uó. Mas eu comecei a ter essa nóia, sabe? de trepar com os boy e engravidar e não é uma coisa que fazia parte do meu universo, sabe? Essa preocupação.*

[J] *Quando caiu a ficha eu tava super conversando com um boy, essas conversinha, aí eu tava com um, com a minha ex na casa dela aí eu parei. Eu tava andando pelo quarto dela aí eu parei “meu deus, eu vou ter que pensar em camisinha, eu vou ter que pensar nisso.” Aí ela riu demais da minha cara e disse “bem vindo ao meu mundo.” E eu fiquei “nossa eu nunca tinha pensado nisso...”*

xxx

*[Nilton] Gravidez nada, não acontece nada porque as situações que eu, das minhas práticas não permite isso. A gente não usa nenhum método é... contraceptivo não, é método de proteção né? Não nós não usamos nada. Agora, mas quando eu tiver que fazer uma prática com pessoa, fazer sexo oral em outras mulheres por exemplo, que eu não conheço, que não são a minha parceira. Eu tenho muita dificuldade com isso. Eu não consigo... existe aquela técnica de pegar a camisinha rasgar ela e lamber, mas eu não consigo lidar com isso. Só que eu tenho medo de DST então eu não faço.*

O uso de barreiras, como camisinha, luvas de látex (seja para as mãos ou para realizarmos sexo oral frontal ou anal), de plástico filme, são alguns dos métodos que conhecemos para reduzir certos riscos. Através das entrevistas e outras situações em que esses temas foram debatidos durante o trabalho de campo, nós, geralmente, usamos métodos de barreira, sendo camisinha a mais comumente acionada, quando compartilhamos vibradores e/ou dildos, ou quando nos relacionamos sexualmente com pessoas que têm pênis/*neca*. Quando nos relacionamos com mulheres cis, sapatões ou transmasculinos, não é comum que usemos algum tipo de método para reduzir riscos de contágios; a estratégia mais recorrente nesse sentido para alguns é deixar de fazer determinadas práticas que avaliamos como mais arriscadas quando não nos sentimos suficientemente seguros ou dispostes a nos expormos a tais riscos.

*[Celestino] Sim. E não. Isso é... eu... acho que isso é sempre a combinar né? Quando eu tô assim só com uma pessoa tipo... de brinquedinho sempre, né? Mas as luvas e os plásticos todos fica meio que de lado. Mas geralmente quando é uma coisa assim... é muito louco porque assim, quando eu tava na gringa isso era tipo, regra né? luva tal parara sempre uma parada que... e aqui eu sinto que não tem muito essa cultura não, principalmente entre... assim né? Tipo... rala tcheca. Não rola tanto essa, essa... é uma barreira muito grande né assim tipo... desconheci... não sei se é desconhecimento ou se é tipo a crença de que é, de que não pega nada aí... e aí tipo acaba não rolando tanto assim. Então tipo, é muito louco, é tipo uma questão de separação de, dos espaços né? Tipo... com os dildos e com as rolas sempre tem camisinha, mas quando é mãozinha aqui, mãozinha ali quase nunca rola luvas, não. O que eu acho uma pena... eu acho o látex uma coisa babadíssima. Mas aí os acordos existem pra isso também. Mas acho importante recriar essa cultura de se proteger assim, de que não é só né, que tipo, pra evitar dor de cabeça... Mas eu sinto que... eu não tomei vacina de*

*hepatite B ainda, eu preciso tomar. Se proteger tá aí, né? não só proteção... mas rola essa crença né? tipo ah tô de boa... não... é importante.*

O uso desses métodos de barreiras demandam que conversemos e estabeleçamos acordos sobre o que utilizaremos ou não, e quais práticas faremos ou não. Muitas vezes podemos encontrar parceiros que se recusem a utilizar determinado tipo de barreira durante o sexo, o que demanda de nós um cálculo sobre quais práticas sexuais faremos ou não e os riscos aos quais desejamos ou não nos expor.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

### **SOBRE VIVÊNCIAS, ALEGRIAS, REDES E AFETOS TRANSMASCULINES.**

Ao longo dos dois anos e meio de construção dessa pesquisa, bem como dos caminhos que já trilhava antes dessa proposta existir em minha vida, uma das coisas que mais me chamava a atenção era a potência com que os vínculos comunitários, as trocas, as convivências e os afetos que se produzem; a partir daí, criam narrativas sobre a transição de gênero como algo que nos é positivo. Como uma experiência que pode ser desejada, e não como uma fatalidade incontornável que nos coloca um caminho somente marcado pela dor e pelo sofrimento, como as tradições retóricas cisnormativas se constroem sobre nossas vidas e escolhas. Encerramos as entrevistas com uma pergunta sobre o que cada pessoa identificava como aspectos positivos seus processos de transição/transidentificação, que compõem também essas considerações finais.

Para mim, esse trabalho se constituiu cada vez mais como um desafio, ao mesmo tempo pessoal e coletivo, permeado de acontecimentos que, no decorrer desse tempo, atravessaram minha caminhada, transformaram não somente meus olhares como todo o meu corpo, e também meus caminhos e meu caminhar. Alguns desses processos de afetamentos tiveram lugar entre essas páginas, outros me habitam em outros lugares, assim como habitam outros espaços, conversas, pensamentos, pessoas e materiais. Foi minha preocupação durante o



trabalho de campo buscar mapear algumas de nossas necessidades e temas que mais recorrentemente nos despertam atenção, interesse e necessidade de trocas e conversas, para definir, a partir daí, os caminhos dessa pesquisa. Certamente, como já mencionado anteriormente, há infinitas lacunas, brechas, falhas e assuntos a serem abordados, melhor discutidos, mais aprofundados.

Os dados etnográficos obtidos em campo, como já mencionado, contrapõem-se muito ao que o senso comum e os discursos médico-psiquiátricos patologizantes criam a respeito de como vivemos as transgeneridades, e aqui, em especial, as transmasculinidades. Estas, em geral, tendem a nos responsabilizar, a localizar nas pessoas os aspectos e derivações negativos da escolha de materializar um trânsito de gênero diferente daquele que nos foi imposto ao nascermos. As perspectivas que argumentam em favor da despatologização das identidades trans sugerem esta mudança de paradigma, passando a localizar na norma(tização) a origem dos embates e inconformidades experienciados pelas pessoas. Propondo localizar na própria dinâmica sociocultural que institui normatividades cisgêneras e heterossexuais [coloniais, classistas e embranquecedoras] que nos excluem e tornam nossas existências ininteligíveis e muitas vezes inviáveis, segundo seus termos.

Os processos de interlocução que compuseram essa pesquisa nos mostram também que as possibilidades de existências, nossos desejos e as materialidades de nossos corpos não cabem, assim como muitos não couberam antes de nós, nas prescrições normativas que instituem a existência de apenas duas possibilidades de existências marcadas pelo gênero. A normatividade e os discursos que patologizam as experiências como estas “inconformes”, produzem efeito de invisibilização e negação das diversidades socioculturais existentes, que são constantemente criadas e recriadas ao longo de gerações, e em diversos contextos temporais, regionais e socioculturais. Nossas corporalidades, os processos criativos com que criamos nossos corpos, apropriamo-nos, experienciamos os códigos de gênero e vivenciamos nossas sexualidades são muito mais ricas e diversificadas do que a proposta binária cisheteronormativa que busca padronizar corpos e subjetividades.

Observa-se que esses mecanismos estruturais de padronização e opressão, em geral, atuam sobre nós como dispositivos produtores de dor, sofrimento, e precarização da vida, à medida que regulam nossos corpos e nos cerceiam a autonomia e possibilidade de autodeterminação. Mas nestes se encontram, em contrapartida, brechas que possibilitam que nos apropriemos de códigos marcados pelo gênero, da forma com que achamos mais adequado a nós mesmos e da forma com que nos identificamos. Isso se coloca para muitos de nós como um alívio, como possibilidade e potência de vida, como um libertar-se de

aprisionamentos que nos são impostos socioculturalmente desde antes de nascermos. Deste modo, somos cotidianamente desafiados a lidar com dificuldades que enfrentamos, para que possamos existir em um corpo, que possamos amá-lo e reconhecê-lo como nosso, no qual buscamos construir uma morada que nos seja acolhedora e agradável para nossa existência, tanto nas dimensões individuais como sociais.

Outra de minhas propostas foi refletir sobre os atravessamentos cisnormativos em nossos corpos, processos de identificação, práticas e identificações sexuais. Busquei traçar alguns dos caminhos e estratégias de resistência que acionamos para agenciarmos nossos desejos, corpos, e potências de vida, que encontram-se em permanente diálogo e conflito com as normas reguladoras. Na maior parte dos espaços e debates por onde passei, era recorrente a demanda, o desejo e o reconhecimento da importância de que nós, cada vez mais, produzamos registros sobre nossas vidas e histórias desde nossas perspectivas, posto que, há séculos, vêm sendo contadas desde os olhares e percepções de pessoas cisgêneras. E que se estimulem também a produção de registros de caminhos e memórias a respeito de como vivemos e enfrentamos as barreiras colocadas pela cisheteronormatividade.

Há muitos anos viemos sendo estudados, analisados, diagnosticados, e assim foi construída nossa imagem enquanto seres desviantes, patologizados e que padecem de transtornos mentais, por não nos contermos dentro daquilo que a proposta colonial, masculinista, branca e cisheterossexual constituem como verdade e natureza. A instituição dessas normas se deu a partir de políticas de produção do outro e de sua inferiorização, justificando o extermínio e perseguição de outras formas de existir, pensar e viver no mundo; que quando não conseguem exterminar todos os nossos corpos, buscam exterminar nossas potências de vida e gozo. As cartografias de nossos modos de vida são apenas alguns passos, alguns tijolos de uma proposta ampla de construção de nossos registros; de como vivemos e como podemos criar possibilidades de vida em um mundo que não nos quer vivos e, ainda menos, felizes. Assim como muitos de nós não desejamos e recusamos esse mundo e seus termos, que instituem algumas possibilidades de vida como possíveis e desejáveis, enquanto exclui e elimina [c]istematicamente aquelas que não servem para seus propósitos.

Foi possível observar e experimentar também a potência dos afetos que produzimos na medida em que compartilhamos nossas histórias, nossas trajetórias de vida, nossas raivas, as violências pelas quais passamos e as formas de reagir a elas, em que compartilhamos relatos e escutas, críticas, alguns conflitos, alegrias, celebrações e apoio. A potência desses afetos muitas vezes é que torna possível as nossas vivências, quando nós mesmos não acreditamos nessa possibilidade. Fazer com que a transição, em meio a todos os enfrentamos, seja também

um lugar de força, alegria e resistência. Falar e registrar aquilo que nos traz de bom, de potência e vontade de viver. A maior parte das pessoas transmasculinas com quem tive a oportunidade de conversar e de compartilhar histórias e percepções, seja coletiva ou individualmente, tem como marca da transição e/ou da identificação da possibilidade de existir como transmasculino, processos de reconexão e de retomada de seus corpos e suas vidas. São recorrentes os relatos sobre as experiências de descobertas de si e de formas de vida que nos fazem mais sentido e nos trazem mais alegrias que a vida que vivíamos antes da transidentificação. O surgimento ou fortalecimento de nosso amor próprio e autoestima também são marcas recorrentes nas trajetórias de transidentificação de muitos de nós, que se dão a partir desses processos de reconexão e de descobertas de nós mesmos, de nossos corpos, e de novos caminhos e mundos que também se abrem, ao passo que outros se fecham.

Para muitos de nós, a partir da transidentificação, criamos e/ou passamos a fazer parte de redes de apoio e afeto que podem nos permitir encontrar amparo quando necessitamos, e nos possibilitam também seguir abrindo possibilidades, conhecendo diferentes formas de ser e se compreender trans, compartilhando outros afetos e aspectos de nossas vidas cotidianas, marcadas por particularidades de cada pessoa e sua trajetória, assim como celebrar com alegria as nossas transformações e conquistas de nós mesmos.

Em muitos dos espaços coletivos de debate e troca sobre as vivências transmasculinas, os desafios e necessidades a respeito da construção de comunidades trans que se apoiem interseccionalmente são constantemente colocados. Muitas vezes, as diferenças de nossas perspectivas, corporalidades, trajetórias e compreensões a respeito do “ser trans” se sobrepuseram umas às outras, como em uma disputa que ao fim supostamente apontaria quais destas formas são mais ou menos legítimas ou dignas de atenção. No lugar disso, alguns de nós propomos ou buscamos localizar e compreender nossas diferenças, respeitando-as enquanto existências igualmente importantes e legítimas, buscando estabelecer e fortalecer ciclos de afinidades para que possamos também construir pontes e costurar redes onde estas afinidades acontecem. Podemos proporcionar trocas e vínculos comunitários que seguem nos transformando e nos abrindo possibilidades de nos movermos e existirmos, fazendo das vivências trans lugares permanente criação e criatividade do ser e estar no mundo. E criar estratégias coletivas para lidar com as barreiras da cisheteronorma, de girá-la, retorcê-la, e mesmo de zombar dela; de criar estratégias para que não nos sintamos mal por fracassarmos em corresponder às dinâmicas cisnormativas que se impõem sobre nós como verdade natural e última dos corpos; que nos permitam desnaturalizar e desestabilizar os discursos e práticas (re)produtores das normatividades.

Foram também recorrentes os relatos que explicitaram o desejo de construir amizades, afetos e comunidades que busquem reforçar as autonomias trans, com as quais possamos enfrentar e criar estratégias que supram nossas demandas historicamente negligenciadas, a exotização e negação de nossos corpos e vidas. De construirmos possibilidades de nos encontrarmos, e de sabermos que não estamos sós nos enfrentamentos diários e de que podemos nos fortalecer e nos apoiar coletivamente, assim como produzir materiais e registros sobre nossas existências, sejam elas teóricas, festivas, poéticas, imagéticas, sonoras etc.. Nossas experiências nos dizem muito mais de vida e de construção, da potência de cultivar corpos e existências desde lugares nos quais nos sentimos melhor e mais confortáveis com nós mesmos, possibilitando-nos existências viáveis, mais agradáveis, e que fazem valer a pena os enfrentamentos cotidianos.

As narrativas de meus interlocutores sinalizam marcas, em suas trajetórias, de experiências de discriminação, que privam ou dificultam acessos - à cuidado, acolhimento afetivo, familiar, ao mercado de trabalho. E, também, experiências de apoio e acolhimento, especialmente nas articulações que nomeamos aqui como redes comunitárias de afeto e cuidado, formadas por pessoas que atravessam ou atravessaram questões similares e que contribuem a partir de suas condições e experiências.

O material coletado durante a realização da pesquisa nos permite compreender que os contextos em que se tecem múltiplas relações - sejam familiares, sexo afetivas, laborais, político indentalárias, etc - produzem impactos nas condições de saúde auto percebidas e narradas. Considerando, como ponto de partida, o conceito de saúde definido pela Organização Mundial de Saúde (WHO, 1947) em que é entendida como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções de enfermidades”, a exposição a situações de discriminação em função da identificação e performatividade de gênero que culminam no atravessamento de múltiplas violências (física, psicológica, moral, sexual e patrimonial); as dificuldades ou privações de acesso à educação e mercado de trabalho formais; e o ostracismo social - dentre outras formas de segregação impostos àqueles que tornam-se abjetos perante as prescrições normativas do gênero - levam a uma deterioração do dito estado de saúde integral.

Esse cenário de privação de acessos e afetos aumenta, consideravelmente, o risco de exposição de pessoas trans e travestis à violências, à insegurança alimentar, de moradia, à práticas clandestinas de intervenções corporais - como hormonização, cirurgias e outras, a problemas graves relacionados a sofrimento mental e emocional, como depressão e ideações

suicidas, e a um pior acompanhamento de quadros crônicos e agudos de saúde<sup>43</sup>. (GORTON e GRUBB, 2014) Fenômeno esse frequentemente relatado por meus interlocutores, e que também verifica-se amplamente em outros trabalhos etnográficos que compõem os estudos trans, figurando-se como um traço comum, que se manifesta de formas singulares, mas que compõem ordinariamente as trajetórias de vida daqueles que vivenciamos a experiência da transgeneridade - e que apresentam como possíveis consequências a degradação da saúde e qualidade de vida que, levados às últimas consequências, culmina numa drástica redução da esperança de vida dessa parcela da população, especialmente em contextos socioculturais que se apresentam como altamente violentos e letais para suas corporalidades.

Parece relevante produzir investigações que aprofundem e complexifiquem nossas compreensões a respeito das trajetórias de vida de pessoas transmasculinas desde a perspectiva do acesso a cuidado e saúde. A fim de conhecer que barreiras e desafios enfrentamos, e que estratégias e recursos acionamos para nos mantermos vivos e produzirmos condições de saúde e bem-estar que nos permitam atravessar a vida e, talvez, experimentar uma longevidade expressiva.

---

<sup>43</sup> General, sexual and reproductive health in Trans bodies trans selves (Nick Gorton and Hilary Maia Grubb, pp.215-216 2014) e Souza, Érica. Projeto transexualidades e saúde pública no brasil: entre a invisibilidade e a demanda por políticas públicas para homens trans. Relatório Descritivo. Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (NUH-UFMG)/Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA-UFM), 2015.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Miguel Vale. Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade. 2000.

ALMEIDA, Guilherme. “Homens trans”: novos matizes na aquarela das masculinidades?. In: BENTO, Berenice; PELUCIO, Larissa (orgs.). Dossiê Vivências Trans: Desafios, Dissidências e Conformações. Estudos Feministas, Florianópolis, n.20, v. 2, 2012.

ÁLVAREZ CASTILLO, Constanza. La cerda Punk: Ensayos desde un feminismo gordo, lésbico, antikapitalista y antiespecista. 2014.

AVILA, S.; GROSSI, M.P. . O 'Y' em questão: As transmasculinidades brasileiras. In:Fazendo Gênero 10, 2013, Florianópolis. Fazendo Gênero 10 (anais eletrônicos). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. v. 1. p. 1-12.

ÁVILA, Simone Nunes et al. FTM, transhomem, homem trans, trans, homem: A emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo. 2014.

ANZALDÚA, Gloria. La frontera/Borderlands: The new mestiza. 1999.

ARAN, M; MURTA, D; LIONCO, T. Transexualidade e saúde pública no Brasil. Ciência saúde coletiva, Rio de Janeiro , v. 14, n. 4, Aug. 2009. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.phpscript=sci\\_arttext&pid=S141381232009000400020&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.phpscript=sci_arttext&pid=S141381232009000400020&lng=en&nrm=iso)> . Acessado em 19 Fev. 2014.

BEAUVOIR, Simone de. "O segundo sexo: Tradução: Sérgio Milliet." *Sérgio Milliet. Rio de Janeiro* (2009).

BENTO, B. A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

\_\_\_\_\_, B. O que é transexualidade. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Primeiros Passos).

\_\_\_\_\_, B. Sexualidade e experiências trans: do hospital à alcova. Revista Ciência & Saúde Coletiva, v. 17, n. 10, 2012.

BRAH, A.; PHOENIX, A. Ain't I A Woman? Revisiting Intersectionality. Journal of

BUTLER, Judith. Cuerpos que importan. Sobre los límites materiales y discursivos del sexo. Editorial Paidós, Buenos Aires, 2002.

\_\_\_\_\_, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. \_ . Deshacer el género. Buenos Aires: Paidós, 2006.

\_\_\_\_\_, J. Deshacer el género. Barcelona: Paidós, 2006

\_\_\_\_\_, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Civilização Brasileira, 2010.

CABRAL, M., & Benzur, G. (2005). Cuando digo intersex: un diálogo introductorio a la intersexualidad. *cadernos pagu*, (24), 283-304.

\_\_\_\_\_, M. Transgénero, em Gamba, S. Diccionario de estudios de género y feminismos. 2a. ed. Buenos Aires, Biblios, 2009.

\_\_\_\_\_, M. (2003). Pensar la intersexualidad, hoy. MAFFIA, Diana (Comp.). Sexualidades migrantes: género y transgénero. Buenos Aires: Feminaria, 117-126.

CARRILLO, Jesús. Entrevista com Beatriz Preciado. *cadernos pagu*, n. 28, p. 375-405, 2007.

CASTRO, E. Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ERICKSON-SCHROTH, Laura, ed. *Trans bodies, trans selves: A resource for the transgender community*. Oxford University Press, 2014.

FAVRET-SAADA, Jeanne; CULLEN, Catherine. *Deadly words: Witchcraft in the Bocage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

\_\_\_\_\_. *Ser afetado*. 2012.

FOUCAULT, M. "Friendship as a Way of Life." In *Foucault Live: Collected Interviews, 1961-1984*, edited by S. Lotringer, 204-12, New York: Semiotext(e), 1996.

\_\_\_\_\_. 2002. *Historia de la sexualidad 1. La voluntad de poder*. Siglo XXI. Buenos Aires.

\_\_\_\_\_. "Michel Foucault, una entrevista: sexo, poder y política de la identidad" en *Obras esenciales*. Paidós. Madrid, 2010.

\_\_\_\_\_. *El orden del discurso*. Tusquets. Barcelona. 1999.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir*. Editora Leya, 2014.

FREITAS, Rafaela Vasconcelos de. *Homens com T maiúsculo. Processos de identificação e construção do corpo nas transmasculinidades e a transversalidade da internet*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2014. No prelo.

GOLDMAN, Marcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. *Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia*. *Revista de Antropologia*, v. 46, n. 2, p. 423-444, 2003.

GOLDMAN, Marcio. Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia. *Cadernos de Campo* (São Paulo, 1991), v. 13, n. 13, p. 149-153, 2005.

HERZER, A. *A Queda para o Alto*-Ed. Vozes, Petrópolis, v. 8, 1982.

HEILBORN, Maria Luiza. Sexualidade: o olhar das ciências sociais. In: Sexualidade: o olhar das ciências sociais. Jorge Zahar, 1999. *International Women's Studies*, v. 5, n. 3, p. 75 – 86, Maio 2004.

LOBO, Taís Ribeiro. ANTROPOFAGIA ICAMIABA: Contra-sexualidade e contra-cinema: a auto-pornografia como ferramenta de subversão política. *Rascunho*, v. 6, n. 10-11, 2014.

LOYOLA, Maria Andréa; HEILBORN, Maria Luiza. A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas. Sexualidade: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 31-39, 1999.

MAFFIA, D., Berkins, L., Cabral, M., Fernández-Guadaño, J., Fisher Pfaeffle, A., Giberti, E., ... & Soley-Beltran, P. (2003). *Sexualidades migrantes género y transgénero*. Feminaria Editora.

MACHADO, Paula Sandrine. O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural. *Cadernos Pagu*, n. 24, p. 249-281, 2005.

\_\_\_\_\_. O sexo dos anjos: representações e práticas em torno do gerenciamento sociomédico e cotidiano da intersexualidade. 2008.

MOMBAÇA, Jota. Não vão nos matar agora. Editora Cobogó, coleção Encruzilhada, 2021.

NERY, João W. *Viagem solitária-memórias de um transexual 30 anos depois*. Leya, 2012.

NERY, João W. ; MARANHÃO Fo., Eduardo Meinberg de Albuquerque .Transhomens no ciberespaço: micropolíticas das resistências. *História Agora*, v. 2, p.60-80, 2013.

OLIVEIRA, A. L. G. (2015). “Somos quem podemos ser”: os homens (trans) brasileiros e o discurso pela (des)patologização da transexualidade (Master's thesis, Universidade Federal do Rio Grande do Norte).

PLATERO, Raquel. La masculinidad de las biomujeres: marimachos, chicanos, camioneras y otras disidentes. *Jornadas Estatales Feministas de Granada*, v. 6, 2009.

PRECIADO, Paul Beatriz. "Tecnogénero."

\_\_\_\_\_. Testo Yonqui. Madrid: Editora Espasa Calpe (2008).

\_\_\_\_\_. Manifesto Contrassexual. Políticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RUBIN, Gayle. "Pensando Sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade." 2012.

ROY, Wagner. "A invenção da cultura." *São Paulo: Cosac Naify* (2012).

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2016.



SYCAMORE, M. B., & Sycamore, M. B. (Eds.). (2006). *Nobody passes: Rejecting the rules of gender and conformity*. Seal Press.

TEIXEIRA, Flávia do Bonsucesso. Dispositivos de dor: saberes-poderes que (con)formam as transexualidades. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2013.

TRON, Fabiana. *Chez vos te diste cuenta que sos una mujer?*. La fogata digital, 2003.

Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos pagu*, (5), 7-41.

WITTIG, Monique. "El pensamiento heterosexual." *Monique Wittig, El pensamiento heterosexual y otros ensayos, Egales, Barcelona* (2006).

ZOURABICHVILI, F. (2004). O vocabulário de Deleuze. trad. *André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumará.*

## **ANEXO I - REFLEXÕES SOBRE ASPECTOS POSITIVOS DA TRANSIDENTIFICAÇÃO.**

Encerramos todas as entrevistas com uma pergunta sobre o que cada pessoa identificava como aspectos positivos seus processos de transição/transidentificação, que compõem também considerações finais dessa pesquisa. Estão abaixo as transcrições, algumas parciais e outras integrais, das respostas de todos os interlocutores que tiveram suas entrevistas transcritas.

*[Ronei] Ai, pô, acho muito massa essa pergunta, cara, porque é uma pergunta que nunca tem... eu acho que essa é uma das coisas assim que eu acho muito que nunca tem... essa pergunta... nem em nenhum formulário, ninguém não... que é uma pergunta muito voltada pra comunidade mesmo saca? Cê vai ler as teses e nanana é só desgraça e transfobia, fala quando cê mais sofreu, parece a Globo fazendo entrevista, vai torcendo a pessoa.... Cara, muita coisa massa comigo, acho que foi a melhor coisa que aconteceu e acho muito importante essa pergunta também no sentido que assim (...) E.... ah cara, toda a descoberta, sacou? Comigo mesmo, todo o auto amor, também esse expandir d..., de... fazer essas amizades, de tá não só é na questão do casal, né, isso que eu tava te contando já, eééé, me abriu muitas redes, tudo que eu tenho de troca interna nessa comunidade é muito rico assim, de poder fazer uma amizades pra dar risada, de ouvir história, de poder também essa coisa do fanzine né de pôr as histórias, não sei se você percebeu mas esse fanzine tá muito mais engraçado no sentido de, de to dando risada da cara dos outros do que o primeiro por*

*exemplo que era muito pesado, muito triste, muito situação ruim.... então tipo eu tenho tentado dar essa, dar esse, essa volta esse outro olhar pras coisas que não são legais ou que são estranhas...(..) Olhar com outro olhar...e porra fiz muitos amigos, éé, é...me sinto circulando num ambiente mais afetivo mais carinhoso, éééé, po eu tô muito melhor, eu tô muito mais feliz, saca? De uma forma geral todo mundo percebe, que me conheceu, tô muito mais feliz mais seguro comigo, gosto muito mais de mim, e tipo foda-se tal, fico mais em casa, gostando de mim né... e... cara só me fez bem assim, acho ate perverso né, cê le o laudo, o laudo do... quando cê ganha o laudo, certificado de trans né, que é um laudo falando várias desgraças, cê já deve ter lido esse laudo ne... eu tenho lá no meu nome, falando varias coisas ruins, são palavras que eu jamais usaria pra falar de mim. Nesse contexto, um momento que eu to me reinventando, fiz isso porque eu quero viver, né? Então eu fiz isso. E... jamais usaria sofrimento em capslock, conflito básico, saca? Tipo ódio, rejeição dos órgãos genitais... cara, nãaaa! Isso tudo vem depois, porque o mundo vai te trazendo isso, mas tipo na real mesmo, as palavras que eu tava usando pra me representar são opostas a isso, é prazer sabe? É autoconhecimento, é tá mais próximo de mim, é tá mais conectado, porra é isso, sem duvida assim. Tipo, meu rolê é esse, tipo e acho que muita gente. Acho que ninguém faz uma transição pra se sentir pior. Pra se precarizar, é claro que vem. Mas se a pessoa faz é porque ela tá buscando uma coisa que é boa pra ela, sacou? E nenhuma pesquisa de mestrado e doutorado tem esse enfoque. Sério, só desgraça, até porque é muito voltado pra lei né, instituição, política pública... Aí tem que ser um sofredor pras pessoas te darem as coisas. O governo tem que ter pena de mim, pena de mim, tem que ser morto, assassinado, suicidado, pra você ser alguém que merece alguma coisa dos salvadores, galera cis vir salvar a gente, dá um monte de politica publica, dai dá um golpe no governo, que é o que aconteceu, perde tudo... e tu não tem autonomia nenhuma, porque tu não fez comunidade. Tu não tem nada.*

*[Celestino] Eu acho... que... por mais que eu fale que não às vezes porque rolam essas inseguranças todas, eu tenho sentido muito amor. É... assim e ajudas que elas vem de lugares que não se espera né. (...) Eu recebi apoio muito grande de pessoas desconhecidas né? E isso foi um soco no meu orgulho também... que veio desde gente que era hetero, cis, sabe(...) Por mais que ninguém esteja numa situação ok, é... é... uma ajuda material muito grande mas também espiritual, afetiva também que tem rolado assim. Então... isso é uns goles de esperança. Uns momentos que cê fala caraca...a gente tá aí né. Porque a gente tem essa prática, eu tenho, todo mundo tem, de também julgar muito todo mundo né, e quando na hora do vamo ver assim cê recebe uma mão que cê nem imagina. Foi a maior experiência que eu*

*já tive assim de apoio de lugar que você nem imagina... e mesmo quando você é mesmo e aí mesmo quando você acha que não tá recebendo o apoio de quem você espera que receba na verdade você tá tipo (...). Então minha experiência positiva de aprender a ver as coisas com, com, de maneira mais positiva também sacou? Não um otimismo deslumbrado mas tipo... não ver só o lado ruim das coisas. E tipo saber que ninguém é perfeito então pô como é que você vai né... o que esperar né... eu acho que nesse sentido... o lado positivo da parada é que realmente tem muito, muito amor, muito esforço, de querer tipo, que assim, falar ah... to sendo exotizado, mas porra cara, também to sendo visto e ouvido e respeitado... embora de outras formas. Então não é só isso né. Tem que ver que tipo eu não tô sendo destrutado, não tô sendo... encarado só como freak... tem muito afeto aí também. Muito carinho também. Eu acho foda, eu acho que isso, inclusive politicamente, é uma parada que as pessoas tão aprendendo a se respeitar, se gostar, a acima das... das... tretas... nem todo mundo né... e aí e aí que rola eu tento ver as paradas melhores que tão saindo daí. E isso mudou também porque eu me sinto melhor comigo e com isso eu consigo me sentir melhor com os outros.*

*[Rubens] eu acho que de empoderamento corporal é o mais...talvez seja o mais.. mais massa assim também de você, sei lá, essa coisa de, de ter uma figura de sapatão na cabeça desde nova... disso que a gente tava falando né, de sapatão e desconstruir esse lugar da feminilidade, de você se ver enquanto mulher também é nesse lugar assim, sei lá... é... sei lá desconstruir mesmo esse binarismo, acho que tem sido muito libertador pra mim, tanto a figura da mulher quanto do homem assim, e isso pra mim tem me valido muito na real, me desprender de tudo que a gente já nasce com essas coisas impregnadas na gente assim mesmo. E sinto que é um role de libertação muito foda assim mesmo, tem sido um lugar de conforto e, sei lá...acho que essa coisa da saúde mental, de você viver com menos noia, dessas relações de poder assim...acho que, sei lá...acho que é meio isso, essa desconstrução dos gêneros com o passar dos anos ela vem se intensificando de uma forma muito massa assim, em mim. Tenho me sentido muito mais livre de experimentar coisa, de vestir coisa de usar paradas e... e sei lá... meio que diluindo mesmo essas barreiras que a gente já nasce com elas tanto na família quanto na rua né, nesse meio social assim, e ao mesmo tempo que é um, que eu acho que é uma parada de resistência muito forte, esses corpos trans, corpos sapatão e tal... e com o quanto isso é forte assim, quando você encontra assim. Acho que a nossa conversa contigo pra mim foi muito foda, tem sido muito massa conversar sobre isso com alguém que tem uma vivência parecida tanto com as mana também do coletivo fazendo filme, é sessoes terapêuticas mesmo de contar a vivência e saber que é foda, que tudo é foda,*

*é muito foda, é pesado, são histórias pesadas mas ao mesmo tempo é muito bom assim, é tipo uma sensação de liberdade total assim de tudo assim...sei lá... de...de... sentir que é possível viver dessa forma assim, e que, que é possível né, é difícil mas ao mesmo tempo é muito massa, é muito bom...enfim, não sei..eu acho que já fui uma pessoa mais depressiva talvez em relação a isso assim, em relação a escolhas mesmo assim... não escolhas né, escolhas é né, mas sei lá... escolher ser sapatão mesmo e foda-se e aí isso é lindo maravilhoso e se juntar com galeras que só fortalecem mesmo a gente, que são essas pessoas massa que a gente vai conhecendo na vida mesmo assim...trombando mesmo assim, esbarrando nos rolês. É porque é meio isso isso, que a gente sempre se encontra e fala desses momentos de repressão e de opressão e momentos difíceis mesmo desde sempre, desde criança e tal, mas, mas é um rolê empoderador muito forte assim, sei lá, é muito foda mesmo assim... isso é muito forte. Saber que a gente tem umas às outras assim.*

*S: sim é muito bom...é muito transformador da minha vida assim diariamente*

*[Taylor]É... eu acho que a primeira experiência assim positiva que eu tive em relação a minha transexualidade e tals foi... quando eu tava no, ainda existia o “batatinhas”, grupo no fb e aí eu tava... tipo assim era meu aniversário e eu quando eu fiz 19 anos e eu falei velho...eu já tinha lido tantas pessoas que tinha conseguido comprar cueca usar cueca, ou calcinha e maquiagem e o tanto que elas ficavam felizes com isso. Eu falei vei, eu vou comprar uma cueca pra mim, fraga? (...) Foi um dos momentos mais felizes da minha vida! Passar meu natal, meu aniversário com cueca. Tipo eu tenho essa cueca até hoje. Tipo essa foi a primeira experiência assim que pra mim foi mais, mais feliz assim. Nessa época também eu fazia estágio num lugar que tinha um banheiro neutro e isso pra mim foi sensacional! Foi logo no começo quando eu tava começando a pensar na não binariedade e talz e isso pra mim foi muito importante. É... conhecer pessoas não-binárias também foi um negócio muito importante, tipo...é... o primeiro encontro não-binário que teve aqui em BH que eu fui, (...) foi um negocio muito legal! (...) tipo, conhecer uma pessoa que usa roupas como eu, pra mim também foi muito importante e.. saca? Empoderador. É empoderador porque meu sonho da vida era usar um terno e na hora que eu vi ela com um terno eu falei caralho, velho, isso é possível! Eu posso usar um terno, eu posso usar roupas assim também. Então...isso foi muito importante pra mim mesmo. É... uhm... quando a gente faz esses encontros assim, mesmo que esporádicos, como teve no congresso ano passado...é... quando rolam rodas de conversa e talz... é... pra mim é, é muito importante...e... você sabe que você não tá sozinho ali, fraga? Porque querendo ou não, a gente não fica esbarrando com pessoas não-binárias por aí. Você*

*encontra um ou outra e nem sempre você é amiga dessa pessoa. (...) Então é legal quando rolam essas interações e talz. Ahm...quando eu levei a questão de eu ser não-binária na minha igreja e eles receberam isso de braços abertos também foi muito legal. Porque ... tipo não tanto pela religião, fraga? Mas por serem pessoas que eu gosto e por serem meus amigos. E a forma como eles acolheram o assunto e começaram a fazer rodas de discussão e talz, isso também foi muito legal. Sempre que eu ganho roupas masculinas da família eu fico muito feliz, que eu vejo que eles tão entendendo. (...) Ah, essas coisinhas...pequenas coisinhas que fazem diferença.*

*[Pez] É foda meu, eu faço isso de achar que é tudo uó, tudo ruim... mas é massa! Eu amo ser sapatão, sapatrans, meu rolê! Melhores pessoas que conheci tão nesse corre, tão nessa função. Melhores rolês, melhores lugares que fui, minha vida é massa depois que conheci essa galera. Depois que conheci um monte de galera que tava fodida e a gente pegou e decidi que não tava massa, que tinham coisas que a gente não queria fazer. A figueira é muito esse espaço, onde outro mundo é possível né? Mesmo que seja muito reduzido e que nem tão possível assim pq a gente vai ter que ir pra rua e vai ser foda mas dá pra construir outras relações. Eu boto muita fé no que tem sido construído, no material que a galera produz, em sentar e trocar ideia e ver que as pessoas tão pensando coisas bonitas... desde muito tempo, uma coisa que lembro de ouvir é “isso que nos ensinaram não é amor”, muito no começo do meu corre me contaram isso e agora ver coisas sendo construídas que entendo como amor, de ver relações, espaços e trocas que entendo enquanto amor. Porque no começo só sabia que o que me ensinaram não era amor, então não sabia o que era amor e agora, nossa, eu vejo que eu sei; que é foda, que tá embassado, que a galera vacila, eu vacilo mas tem uma galera no corre de entender o que é amor mas ao mesmo tempo dar seu corre de entender o que é violência, o que é a raiva. Fodida mas muito massa. E é isso, não só como a gente constrói o amor mas sobre como a gente tem aprendido a revidar coisas, e não é ruim isso, é incrível descobrir jeitos de revidar o ruim.*

*[Júlio] Ah, eu acho que...deixa eu pensar. Toda vez que eu mostro documento hoje em dia eu tenho uma sensação boa. Que é tipo, oh minha cara. Que antes era tipo, ‘não’. É... esse movimento de um monte de gente conseguindo por causa dos rolês que tão rolando isso foi muito massa assim, que as faculdades tão oferecendo né, o pessoal conseguindo mudar o nome junto. As minhas primas que me trataram de boas... eu só contei pra elas e elas me trataram no masculino...eu tava achando que ninguém da minha família ia ser positivo. É... a*

*experiência do enath foi muito importante...foi ver aquele monte de cara trans junto, aquilo ali foi muito massa. Acho que é isso.*

*Acho que quando, quando eu comecei a... a ser lido socialmente como Júlio foi bacana, foi interessante. Teve uns momentos nossa...tipo eu com a minha namorada e as pessoas entregando a conta pra mim...tipo ah meu deus não to acreditando que isso tá acontecendo... mas as coisas assim as pessoas me tratarem no masculino... quando... é que teve esses rolês de entrar em loja e comprar roupa masculina tranquilamente, teve essas pequenas coisas, bem massa assim...acho que é isso... e é... fazer a barba! Risos. Foi bem :D gratificante. Nada grandioso assim, mas as pequenas vitórias assim...*

*[Nilton]Uma coisa que eu gosto muito de falar é que existe vida após a transição. Né? Eu até tentei responder uma carta uma vez de uma mãe de um menino trans que lia só bad bad bad e que não sabia o que ia ser do filho. E eu quis escrever que existe vida após a transição. Entende? Agora... é... todas essas bads que você viu influenciam no... no ponto, no momento em que a pessoa trans vai perceber isso, sabe? Pode ser bem tardiamente, pode ser... pode ser nunca, pode ser bem precocemente. Às vezes aquela pessoa de 15 anos que tá se hormonizando vai ficar de boa. E vai ficar legal, sabe? E vai ficar bem, que bom. A gente não consegue dizer assim. Então assim. é.. eu uso essa cena pra apontar sempre várias coisas assim. A maioria das coisas que eu falo com você eu sempre volto nessa cena. Que é: eu continuo levantando, tomando café da manhã, indo na padaria, vivendo minha vida assim. Todo esse tumulto é pra continuar indo na padaria, voltando em casa, almoçando...todo esse tumulto é pra isso. É pra... eu costumo falar o seguinte, todo mundo tem problema. Porque essa porra dessa sociedade não deixa a gente não ter problema. E é muito difícil imaginar alguém que não tem. Porque problema vem de várias formas. O lance é o seguinte. O lance é o direito a partir do mesmo lugar pra enfrentar esses problemas. Então a pessoa trans parte lá de trás. Ela tem os mesmos problemas do dia a dia, com família, com emprego, com escola, com não sei o que não sei o que, tudo os problemas que a galera tem que que a galera vinha percebendo ao longo da vida. Mas tem que partir lá de trás. Você tem esse problema ainda pra resolver, mais isso tudo que tá a minha volta. O problema é não partir do mesmo lugar pra enfrentar ele, sacou? É o direito de partir do mesmo lugar pra enfrentar a vida. Saca? Que a gente chama de direito à vida.*

*[Francisco] Mas é isso ninguém tá querendo esse lugar de “Oh, sou a vítima, Oh estou sofrendo..” A gente quer poder viver igual a todo mundo vive e tipo poder ter essa expressão livre do nosso corpo. Porque também que que adianta a gente não passar tantas merdas,*

*tantas dificuldades ficando preso num corpo que a gente não quer ou numa identidade que a gente não se identifica porque vai ser mais fácil o acesso às coisas a aceitação das pessoas e aí por dentro a gente fica péssimo ou então, eu vejo que essas coisas que a gente passa de dificuldade elas são válidas porque eu tô fazendo uma coisa que é por mim, que é minha mesmo. Aí eu fico bem mentalmente, eu me olho no espelho e gosto mais também, e eu sou muito feliz, eu tenho orgulho de ter essa identidade, de quebrar essa norma cis eu não vejo dor nisso. A dor que existe é o outro que me traz porque ele não compreende não respeita, só.. mas tem muita alegria, nossa, é babadeiro demais, é bom também dar também uma sacudida nessas coisas que tão enraizadas, que tão seguindo uma reta que parece que é imutável e inflexível e não é né.. Nós somos corpos, tantas coisas mudam, tecnologias avançam, ciências, porque nossos corpos também não podem ser questionados, reivindicados, se essa é a nossa vontade, necessidade.*

## ANEXO II – TABELA DE ENTREVISTADES

<b>Nome Fictício</b>	<b>Idade</b>	<b>Cidade / Estado</b>	<b>Autoidentificação étnico-racial</b>	<b>Autoidentificação de gênero</b>
Celestino	28 anos	Rio de Janeiro – RJ	Branco	Transgênero
Francisco	26 anos	Belo Horizonte – MG	Branco	Trans não-binário
Júlio	28 anos	Belo Horizonte – MG	Branco	Pessoa transmasculina
Nilton	36 anos	Belo Horizonte – MG	Pardo	Homem trans
Pez	23 anos	Montenegro – RS	Branco	Sapatrans
Ronei	30 anos	Florianópolis – SC	Branco	Transgênero
Rubens	27 anos	Fortaleza – CE	Branco	Sapatrans não-binário
Sofi	27 anos	Belo Horizonte – MG	Branco	Sapatrans
Taylor	22 anos	Belo Horizonte – MG	Negra	Pessoa transmasculina

### **ANEXO III - FANZINES**

Mapeamento de fanzines com temática relacionada às transmasculinidades e à sexualidade:

El ofensivo trans – zine de transmasculinidades mariconas.

Sexualidad trans – un guia de sexo seguro para personas trans y sus parejas.

Como produzir testosterona de forma natural e anti especista.

Tudo sempre termina com perguntas, mas elas também podem iniciar.